a sweet romantic comedy

FALLING FOR YOUR FAKE FIANCÉ



USA Today Bestselling Author

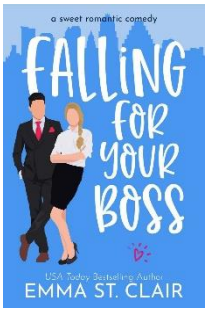
EMMA ST. CLAIR



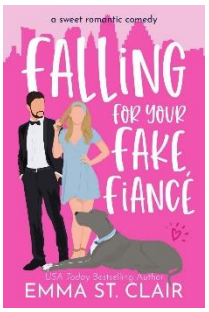
LOVE CLICHÉS



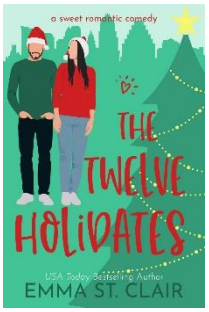
Falling For Your Best Friend's Twin (#1)



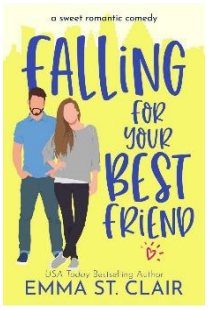
Falling For Your Boss (#2)



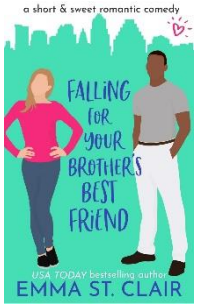
Falling For Your Fake Fiancé (#3)



The Twelve Holidates (#3.5)



Falling For Your Best Friend (#4)



Falling For Your Brother's Best Friend (#4.5)



Falling For Your Enemy (#5)

SINOPSE

O que acontece quando o homem que amo odiar se torna o homem que devo fingir amar?

Não consigo escapar de Thayden Walker e seu charme irritante.

Até a sua mãe e seu Dogue Alemão parecem empenhados a bancarem os cupidos.

Mas estou totalmente imune.

Até que recebo uma oferta que põe à prova minha capacidade de resistir a ele.

Se eu me casar com Thayden, todas as minhas dívidas estudantis vão sumir, e ele vai assumir a empresa da família.

Há muito mais em jogo do que dinheiro ou um emprego, especialmente quando começo a ver o homem sob a máscara.

Brincar de casinha com Thayden é o jogo mais perigoso de todos.

E nós dois estamos preparados para perder mais do que poderíamos ganhar.

A menos que tenhamos estado do mesmo lado o tempo todo.

Tabela de Conteúdos

Love Clichés

Sinopse

Tabela de Conteúdos

Aviso – bwc

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Cara Dra. Love

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Cara Dra. Love

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Cara Dra. Love

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Cara Dra. Love
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Cara Dra. Love
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Cara Dra. Love
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Epílogo
Uma nota de Emma
Agradecimentos

Aviso – BWC

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Bookworm's Cafe. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- **Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);**
- **Não comente com o autor que leu este livro traduzido;**
- **Não distribua este livro como se fosse autoria sua;**
- **Não faça montagens do livro com trechos em português;**
- **Se necessário, finja que leu em inglês;**
- **Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.**

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos exclui-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.

Capítulo Um

Thayden

— Leia mais uma vez — eu exijo, apoiando meus cotovelos na minha enorme mesa de mogno. A superfície de madeira está completamente vazia, já que joguei o conteúdo no chão depois de ler a cláusula que meu pai acrescentou ao seu testamento.

Scott empurra os óculos pretos para cima no seu nariz aquilino, piscando os olhos rapidamente.

— Eu já li duas vezes. A menos que haja uma mensagem em tinta invisível, está escrito o que eu lhe disse: se você quiser manter a empresa, você tem três meses para se casar e deve permanecer casado por pelo menos um ano. Caso contrário...

— A Firma Walker vai para Duke. — Meu lábio se curva quando digo seu nome.

— Sim.

Eu gemo. Sim, isso é o que eu pensei que dizia. Eu só esperava que Scott pudesse ver algo diferente. Tipo, um "É PEGADINHA" escrito em negrito! Em algum lugar no meio. Mas meu pai nunca foi de brincar.

Algum senso de humor? Sem chance. Fazer da minha vida uma piada? Claro.

Sou advogado e não deveria precisar de outro advogado para ler um contrato simples. Mas minha visão ficou vermelha no

momento em que passei pelo segundo parágrafo. Eu estava pronto para colocar fogo na coisa, bem aqui na minha mesa, quando Scott, uma das três pessoas que eu realmente gosto na empresa, entrou. Ele tentou sair, vendo a raiva no meu rosto e o conteúdo da minha mesa no chão, mas eu o forcei a ficar e examinar o testamento do meu pai comigo.

Talvez para a maioria dos caras, este documento não traria com ele o som de uma sentença de morte. Seria indesejável? É claro. Não conheço nenhum cara que queira que seu pai se intrometa em sua vida amorosa, muito menos coloque um contrato sobre seu sustento vinculado à seu estado civil.

Mas eu? Eu sou o último cara do mundo com quem qualquer mulher deveria querer se casar. E eu não tinha nenhuma intenção de me casar. Jamais.

Ah, você quer motivos? Talvez você deva se sentar para isso. Podemos ficar aqui por um tempo.

Esqueça. Vou ser curto e direto, restringindo isso a dois motivos.

Motivos pelos quais Thayden Walker não é alguém casável:

Motivo nº 1: Eu saí com pessoas para cima e para baixo. Ouvi dizer que o tipo de mulher que quer sossegar não gosta muito disso.

Não pense que estou orgulhoso disso também.

Talvez tenha havido um tempo em que eu não pensava muito nos meus encontros casuais. Agora, aos trinta e três anos... acho que amadureci a minha maneira de pensar. Eu

realmente não namorei, beijei ou fiz *qualquer coisa* com uma mulher há mais de um ano. Infelizmente, o passado não desaparece simplesmente. É como um cachorro me perseguindo. Só que eu sou o cachorro nesse cenário.

Garotas querem se casar com príncipes, não com cães.

Motivo nº 2: (e este é o problemão) Eu não quero me casar.

Em parte para salvar as mulheres de um cara como eu (Vê? Eu posso ser atencioso!), mas também porque não consigo imaginar encontrar uma mulher com quem eu gostaria de acordar todas as manhãs. Eu deveria saber.

Nem uma vez me arrependi de dizer adeus a uma mulher. Nunca senti falta de ninguém, nunca desejei algo mais sério, algo como um compromisso. Nenhuma mulher, além de minha mãe e minha governanta, pôs os pés dentro de minha casa. Estou feliz morando sozinho. Bem, sozinho, exceto pelo meu cachorro de quase noventa quilos. Ele é toda a companhia que eu preciso.

O que me deixa na terra de ninguém, em algum lugar entre um playboy e um monge. Eu não quero namorar casualmente do jeito que eu fiz no passado. Mas também não quero sossegar. Isso não vai mudar só porque meu pai falecido diz que eu tenho que mudar.

Isso é como um último truque tirado de seu enorme saco de truques sujos. Quando ele morreu, pensei que poderia haver algum alívio para mim, pelo controle que ele tinha sobre quase todos os aspectos da minha vida. Mas mesmo agora, ele está

metendo o dedo na minha vida. E, claro, ele escreveu sobre Duke como motivação. Papai sabia o quanto eu odiava seu bom amigo, um parceiro que evito sempre que posso.

— E Duke sabe?

Scott suspira.

— Aqui diz que ele foi informado.

— Porque papai sabia que Duke iria lutar contra mim se eu tentasse encontrar uma saída.

Os tribunais odeiam cláusulas de herança como esta. Um juiz poderia rejeitar tudo. Mas Duke poderia lutar comigo por meses. Anos. E ele iria. Mesmo se ele perdesse no final, ele faria isso apenas para drenar meu tempo e recursos.

Aposto que Duke já transformou seu escritório no corredor em uma sala de guerra, reunindo uma equipe para examinar este mesmo documento, planejando como ele vai lutar comigo. Tenho certeza de que ele está salivando com a perspectiva de tirar a Firma Walker de mim. Ele provavelmente nem mudaria o nome, mantendo-o como Walker só para esfregar na minha cara.

— Eu preciso de uma brecha — digo a Scott. — Uma boa. Você é bom nisso. Encontre uma.

Eu dou a Scott meu olhar mais severo. Pena que sou melhor em encantar as pessoas do que assustá-las.

Scott olha para mim, impotente. Eu posso não dirigir este escritório de advocacia – ainda, graças a esta cláusula ridícula – mas ele ainda está abaixo de mim, esperando se tornar sócio um

dia. Então, ele tem que atender aos meus caprichos, por mais impossíveis que sejam.

— Duvido que haja alguma coisa aqui...

— Encontre algo. — Minha voz rouca faz Scott sair correndo pela porta.

Ligo para minha mãe no momento em que ele se vai.

— O que ele estava pensando? — Eu pergunto, em vez de dizer olá.

Mamãe suspira. Suspeitei que ela soubesse, mas aquele som de cansaço confirma isso. A decepção é um sentimento tão feio. É pedir demais que minha própria mãe não estivesse ciente desse plano?

— Ele te amava — diz ela, em tom de súplica, já defendendo o homem que está dando uma boa risada em seu túmulo.

— Isso não é amor — eu consigo dizer com dificuldade, meus dentes cerrando.

Ela suspira.

— O amor tem muitas formas.

— O amor não coloca algo sobre a cabeça das pessoas até que elas obedeçam. O amor não é um mestre de marionetes fazendo seu filho de madeira dançar.

O amor não colocaria uma estipulação em seu testamento forçando alguém a se casar se quisesse assumir a empresa da família. O amor ainda não estaria me assombrando após a morte.

Mas foi exatamente isso que meu pai fez. Durante anos, ele manipulou, orquestrou e fingiu que era o chefe da máfia e eu era seu bairro para controlar.

Eu deveria estar de luto, não sentindo um ressentimento crescente. Faz apenas algumas semanas desde que ele morreu.

Mamãe funga.

— Não diga coisas assim sobre ele, Thayden. Não é certo.

Se você não pode falar mal dos mortos, quando você *pode* falar mal deles? Me parece o momento perfeito. E tudo o que eu disse é verdade. Eu sei que mamãe está sofrendo, mas como ela pode continuar do lado dele? Parece uma afronta.

Mas mamãe segue essa linha partidária. A linha partidária *dele*. Ela sempre seguiu, mesmo agora.

— Muitas pessoas se casam por outras razões que não o amor. Por que você não poderia encontrar uma garota legal e simplesmente decidir se arriscar? Casamento não é tão ruim. — Ela ri um pouco.

— Eu não quero me casar — eu digo. — Nunca. E definitivamente não porque papai mandou.

Sua voz se ilumina. Sempre otimista, a minha mãe.

— Bem, não é convencional, mas você pode encontrar uma mulher para ser sua esposa no papel. Quartos separados, contas bancárias separadas. Quem sabe? Talvez você acabe se apaixonando com o tempo.

Não vou falar sobre essa última parte nem que a vaca tussa. Claro, vou me apaixonar por uma mulher com quem sou forçado a me casar. Parece razoável e realista.

— Esposa apenas no papel. Certo. Eu vou cuidar disso o mais rápido possível. Deve ser fácil encontrar alguém disposto a fingir se casar comigo.

— Você teria que *realmente* se casar com ela, mas não deve ser difícil encontrar alguém disposto. Eu poderia fazer algumas ligações...

— Sério, mãe? Estou surpreso com você, disposta a macular a santidade do casamento. E também parece que você está bastante familiarizada com este documento que papai redigiu. Obrigado pelo alerta.

Ela fica quieta por um momento. Um momento demasiado longo.

— Eu te amo — mamãe diz, finalmente.

Ela soa miserável, e meu estômago se revira. Eu sei que mamãe tem boas intenções. Mas é ruim que eu questione a veracidade dessa afirmação? Porque o amor não parece com ficar parada enquanto seu marido passa a vida aterrorizando seu filho. Veja bem, nunca fisicamente. Acredito firmemente que mamãe teria ido embora ao primeiro sinal de violência.

Ele pode nunca ter me batido, mas as feridas que meu pai deixou estão enterradas muito mais fundo. Tão doloroso quanto, ou talvez mais, já que elas não desaparecem como

hematomas. São invisíveis, a menos que você saiba onde procurar. E mamãe claramente não sabe onde procurar.

Ela sempre foi gentil comigo. Um farol luminoso de alegria. Ao contrário do papai, ela é uma boa pessoa. Mas com uma falha fatal: ele. Achei que talvez pudéssemos ter um relacionamento diferente agora que ele se foi. Eu não deveria me surpreender que, mesmo na morte, ele esteja criando uma barreira entre nós.

— Eu só quero que você seja feliz — mamãe diz. — E sim, eu adoraria que você sossegasse. Talvez possa começar com um acordo e ele possa florescer em algo...

— Eu te amo, mãe.

Minhas palavras são verdadeiras. Mesmo que eu as esteja dizendo para impedi-la de falar besteira sobre fingir um casamento.

Esse é o problema. Eu a *amo*. E, de uma maneira confusa, eu até amava papai. Eu sei que me importava muito mais do que deveria com suas opiniões, mesmo que eu resistisse a elas. Meus olhos queimam com o novo lembrete de que ele se foi. Eu *realmente* o amava, apesar de tudo, embora não esteja convencido de que ele me amou.

Mas eu não tenho tempo a perder ou para analisar esse pensamento. Porque, agora, mamãe está brincando de casamenteira.

— Conheço essa mulher muito doce, filha de um amigo. Ela é uma cozinheira incrível. Tem um pouco de vício em compras

e algumas dívidas. — Ela ri um pouco. — Mas quem não tem dívidas hoje em dia?

— Mm-hm. Quaisquer outras solteiras elegíveis que você queira mandar para mim? Talvez aquelas sem uma pontuação de crédito terrível, procurando lucrar?

Ela hesita.

— Há outra mulher que conheci recentemente. Nenhuma dívida que eu saiba. E tirando a tatuagem no rosto...

— Você está recomendando que eu me case com alguém com uma tatuagem no rosto?

— A aparência é apenas algo superficial.

Eu rio.

— Neste caso, é literalmente.

— Thayden.

— Mamãe.

Por um momento, nós dois ficamos em silêncio. E então, estamos rindo. Nada sobre isso é engraçado. E eu quero dizer, nada.

Papai está morto. Ele está tentando me forçar a me casar em vez de me passar os negócios da família em que trabalhei toda a minha vida. E mamãe está sugerindo que eu finja me casar com alguém com uma tatuagem no rosto. O que tem que ser uma piada.

— É melhor eu ir, mãe. Preciso começar a caçar uma esposa adequada. Você acha que a Craigslist[1] é um bom lugar para começar? Talvez o Facebook Marketplace?

— Thayden James Walker!

— Te amo, mãe!

E com isso, eu desligo essa ligação. Tenho trabalho a fazer e uma esposa para encontrar, uma disposta a casar com um homem que não é casável.

[1] Um site que lista todos os sites internacionais de classificados.

Capítulo Dois

Delilah

EU PISCO PARA O MEU SUPERVISOR – DESCULPE, prestes a ser *ex*-supervisor – esperando que meus grandes olhos azuis possam fazer a diferença. Eles costumavam fazer. Mas estou enferrujada em usar o que mamãe chamava de minhas *artimanhas femininas*.

Odeio que eu ainda estou *tentando*. Quando fugi para Austin aos dezoito anos com o dinheiro da bolsa de estudos que ganhei nos concursos de beleza, eu parei com essa habilidade. Acabei com isso. Abruptamente. Era o começo da minha nova vida e exigia uma nova Delilah Hart.

Não há mais olhares inocentes. Chega de olhar através dos meus cílios e abaixar o queixo timidamente. Sem risadinhas suaves no momento certo. Nada de espelhar a linguagem corporal de outra pessoa.

Nenhuma das mesmas habilidades que compartilho com qualquer vigarista de esquina. Estou fora do jogo. Não há mais jogos. Mas neste momento, quando estou perdendo um emprego do qual *preciso*, estou desesperada o suficiente para usar as coisas que aprendi quando ainda estava no colo da minha mãe. Infelizmente, assim como o dinheiro da bolsa de

estudos, que esgotou anos atrás, meu charme parece ter desaparecido.

— Sinto muito, Delilah — Kevin diz. — Não há tantas pessoas pagando por uma creche canina. Estamos reduzindo nossa equipe.

Entendo. Eu realmente entendo. Para começar, o fato de alguém pagar por uma creche canina me deixa perplexa. Penso nos preços em incrementos das minhas bebidas favoritas da Starbucks. E por mais caras que sejam, um dia no Puppy Palace seriam cerca de sete grandes mochas de menta.

Kevin ainda está falando enquanto eu aceno como se estivesse ouvindo. O que estou realmente fazendo é me mexendo como um ovo em uma frigideira quente. Eu preciso do dinheiro do aluguel. Dinheiro para gasolina. Esqueça o dinheiro do cabelo, unhas e roupas. Esse esgotou há um ano, seguido rapidamente pelo dinheiro de alimentos com algum valor nutricional.

Estou falida, e pior, vagando por um lixão de dívidas estudantis. O dinheiro da bolsa só leva você até certo ponto quando você escolhe uma faculdade fora do estado, como a Universidade do Texas. Minha fuga do meu estacionamento de trailers no Alabama me custou uma grana.

Atualmente, estou a algumas centenas de dólares de ser uma sem-teto. Minhas amigas nunca permitiriam isso, é claro, então elas não podem saber. Vou ter que confessar esta semana, pelo menos um pouco, porque vamos nos encontrar para discutir a

renovação do nosso contrato. Minha situação financeira já era uma complicação. Agora? Estou afundada.

— Fico feliz em dar uma boa recomendação para você em outro lugar — diz Kevin. — Você tem sido uma excelente funcionária.

Certo. Porque retirar cocô de cachorro dos canis é um trabalho muito exigente. Na verdade, gostaria de saber se poderia colocar no meu currículo que tenho experiência em gestão de resíduos. Parece mais chique do que uma recolhedora de cocô e uma passeadora de cães de salário mínimo.

Kevin lambe os lábios, sua língua roçando seu bigode de um jeito que me faz sentir nojo. Mais nojo do que sinto por até mesmo olhar para seu bigode sujo. Não me interprete mal, eu amo pêlos faciais em um homem. Mas é preciso o tipo certo de pelo e o tipo certo de homem.

Dois strikes aí, Kevin. Dois strikes.

— Olha, que tal eu te levar para jantar depois do trabalho? Podemos debater ideias para o seu futuro emprego.

Ah, Kevin. Você tinha que fazer isso, não é? Talvez minhas artimanhas femininas não estejam tão enferrujadas afinal. Mas eu queria manter meu emprego, não conseguir um encontro. Não consigo decidir se ultrapassei com minha beleza ou não.

Kevin deve ver o *não* escrito no meu rosto porque ele recua mais rápido do que um batista entrando em um salão de dança.

— Na verdade, eu esqueci que esta noite não vai funcionar. Mas você tem o meu número se quiser... oh! Meu telefone está tocando! Até logo. — Kevin sai correndo.

Volto para os canis, onde ninguém nunca dá em cima de mim. Babam em mim, sim. Pulam em mim? Também sim. Mas eles não respondem, e eles me amam além do meu rosto.

Eles me amam pelos petiscos para cães que guardo nos bolsos de trás.

— Não é, garoto?

Deixei meu cachorro favorito para o final. Apollo é um dogue alemão que me faz sentir como um chaveirinho, já que seu rosto cinza-escuro e majestoso quase chega ao meu ombro. Ele pode lamber a parte de baixo do meu queixo sem fazer mais do que inclinar a cabeça.

Felizmente, ele mantém seus beijos reservados para essa única área. Eu já vi sua língua inteira saindo, e essa coisa poderia encharcar meu rosto em um deslizar.

— Você está pronto para uma caminhada? Eu também, grandão.

Eu prendo a guia em sua coleira enquanto ele espera como o cachorro bem-educado que ele é.

— Sim, você está. Seu dono fez um bom trabalho com você. Sim, ele fez.

Eu não sei se o dono é um ele, mas é um jogo que eu jogo, adivinhar os donos com base no nome, raça e modos de um cachorro. Eu começo o jogo enquanto ando com Apollo ao

redor da nossa propriedade. Outubro já é outono, não verão, mas a cidade de Austin não recebeu o memorando. Ainda está bastante úmido, e eu amarro meu cabelo em um coque bagunçado enquanto Apollo levanta a perna em um arbusto.

Apollo é o tipo de nome que um cara escolheria. Um cara culto, educado. Ele não escolheu Zeus, um nome mais comum da mitologia. Talvez ele conheça sua mitologia.

Apollo sempre me pareceu um deus de todos os ofícios, sendo associado à música, poesia, arco e flecha, luz e verdade. Ele também foi considerado o mais bonito, o que esse cachorro certamente é.

— Seu dono também é bonito, grandão?

Imagino um homem com cabelo curto e escuro. Talvez uma barba por fazer. Calça cáqui, camisa de botão, aberta no pescoço para mostrar belas clavículas. Eu sou totalmente louca por um bom conjunto de clavículas.

Apollo me cutuca.

— Certo. Desculpe. Eu não deveria estar focada em seu dono, mas em você. Você provavelmente é muito mais bonito. Muito mais comportado. Embora um cachorro bem treinado signifique um bom homem. — Ele puxa a guia um pouco, quase me fazendo tropeçar. — Sem puxar. Não me faça retirar os meus elogios, garotão.

Eu alterno minhas conversas caninas entre conversas efusivas de bebês e conversas humanas reais. Os cães com que ando conhecem todos os meus segredos. Mais até do que

minhas amigas. Não é que eu não confie nas minhas quatro melhores amigas. Elas mudaram muito a minha vida. Mas quando você cresce como eu cresci, você aprende a segurar suas cartas.

— Uau, garoto.

Apollo puxa novamente, e antes que eu possa corrigi-lo, ele sai voando com um latido agudo em direção à cerca e um homem de cabelos escuros do outro lado.

As leis da física que eu mal me lembro do ensino médio de repente entram em jogo quando a coleira de Apollo se estica. Algo sobre força e objetos imóveis definitivamente se aplica, eu acho, quando meu braço se move meio para fora do suporte e meus pés saem do chão.

Por um breve e quase mágico momento, estou no ar. Eu sinto a lei da gravidade distintamente quando eu atinjo o chão com um *puf*, todo o ar saindo dos meus pulmões.

Enquanto Apollo me arrasta, eu literalmente não consigo respirar. Minhas costelas não se movem. Meus pulmões não se expandem ou se contraem. Irei sufocar bem aqui, enquanto Apollo me puxa pela grama seca e cascalho.

Preciso soltar a guia para impedir que o cavalo personificado no corpo de um cachorro me arraste, mas enrolei a ponta em volta do meu pulso. E sem respirar, não consigo pensar direito.

— Apollo! — uma voz grave masculina chama.

Estou ciente do movimento, e o homem a qual Apollo está correndo em direção meio que sobe e meio que salta por cima da cerca.

Eu estava certa, eu penso. *Ele tem cabelo escuro.*

Eu fecho meus olhos enquanto o cascalho cava a minha pele. Felizmente, Apollo para de correr. Mas estou arranhada, uma bagunça e ainda não consigo respirar.

— Por que você simplesmente não largou a coleira?

A voz está próxima, e meus olhos se abrem. Por que ele soa tão bonito, mas tão irritado? Sou eu que quase morri aqui. Se alguém tem que ficar irritada, sou eu. Além disso... por que ele soa *familiar*?

O homem consegue libertar minha mão da coleira no momento em que a pata gigante de Apollo e a força total de seus quase noventa quilos esmaga meu seio direito.

Deus do céu! Eu nunca serei capaz de amamentar uma criança. Meu peito não vai se recuperar disso. Ele vai murchar e cair do meu corpo. Serei uma maravilha de um peito só.

Abro a boca para gritar enquanto envolvo a mão sobre meu seio ferido. Nenhum som sai, mas finalmente sou capaz de respirar ofegantemente.

Eu não estou morrendo! Eu posso respirar novamente! Se vou ter um ou dois seios funcionais ainda não se sabe.

Meu cérebro leva um momento para alcançar a realidade. Estou deitada no chão, minha camisa puxada até a metade do meu torso. Posso sentir os arranhões e raspões do cascalho nas

minhas costas nuas. Tudo dói, mas especialmente a dor forte que irradia do meu peito.

Acho que tem sujeira na minha boca. Estou trabalhando apenas para respirar.

E embora eu não consiga distinguir as feições do homem inclinado sobre mim porque o sol está muito brilhante atrás dele, eu sei que ele é bonito. Eu simplesmente sei. Pelo vislumbre que tive dele sobre a cerca e também pelo timbre profundo de sua voz, que me fez pensar em xarope de bordo pingando lentamente em uma pilha de panquecas.

Há algo incomodando na minha mente, porque, novamente, ele soa familiar. Normalmente, eu nunca conheço os donos, e acho que me lembraria de uma voz tão sexy.

Eu olho de soslaio para ele assim que Apollo decide ajudar enfiando a língua na minha boca.

Quase desejei ter morrido por falta de ar. Porque há poucas coisas tão nojentas quanto a língua de um Dogue Alemão dentro da sua boca. É a maior ação que eu vi em mais de um ano, e eu NÃO estou aqui para isso.

— Apollo, não! Sinto muito, Delilah.

Mãos fortes me puxam para cima com uma gentileza que é destoante em comparação com a pura violência dos últimos dois minutos.

Cuspindo, eu limpo minha boca com as costas da minha mão, tentando desalojar o lodo que Apollo deixou em seu rastro.

— Estou bem. Eu acho. Espere! Como você...

Sentada na minha nova posição, posso ver o rosto do homem, não apenas uma silhueta em forma de homem emoldurada pela luz do sol. E é um rosto que eu definitivamente não esperava ou queria ver por aqui.

— Você!

Thayden Fodido Walker ri, aquela covinha estúpida que eu não dou a mínima aparecendo. Como alguém pode tirar tanto proveito de apenas uma covinha? Adorável, e se ele tivesse DUAS? Eu definitivamente não seria capaz de manter meu desgosto pelo lindo espécime de homem diante de mim.

Eu deveria chamá-lo de Lúcifer. Porque até o diabo se disfarça de anjo de luz. E este homem está definitivamente embrulhado em um lindo pacote.

— Sou eu — Thayden diz, enquanto começa a limpar minha bochecha.

Eu afasto a mão dele. Não tenho certeza se quero saber o que está no meu rosto. Mas eu sei que não preciso de mais do seu toque. Não, senhor, eu não preciso.

Percebo que minha camisa ainda está puxada para cima, expondo um monte de pele que agora está arranhada. Eu puxo a bainha para baixo antes que Thayden dê mais uma olhada.

— Você está bem? Eu sinto muito! Vim buscar Apollo e acho que ele me viu através da cerca.

Esqueça todas as minhas belas fantasias sobre o dono do Apollo. Seu cachorro é certamente mais bem-educado do que

este homem. As primeiras palavras de Thayden quando nos conhecemos há alguns meses foram tão desmedidas que deixei uma bela marca de mão em seu rosto. Não que isso parecesse desencorajá-lo nem um pouco, com base no sorriso que ele está me dando.

— Esse grandalhão é seu? — Recuso-me a pensar coisas melhores de Thayden porque amo seu cachorro. Eu me *recuso*.

Thayden sorri para o enorme animal cinzento, que está deitado ao nosso lado, parecendo sorrir com os olhos, sua língua para fora. Eu estreito meus olhos para ele.

Ah, não, você não, Apollo. Eu vi 101 Dálmatas. E eu não estou prestes a ter um cachorro tentando me juntar com alguém. Não. Atenha-se ao planejamento de qual árvore regar em seguida, amigo. Porque você não está brincando de casamenteiro comigo e com a bunda do jumento do seu humano.

— Delilah?

Esqueci o quão adorável soa quando Thayden diz meu nome. Não que faça tanto tempo desde que eu o vi. Algumas semanas atrás, ele foi meu acompanhante quando seu amigo, Gavin, se casou com minha amiga, Zoey.

Não foi por escolha própria que fui a acompanhante de Thayden. Eu concordei como uma troca de favores para Zoey. Thayden conseguiria um encontro comigo se concordasse em levar Zoey para o rancho de Gavin em seu jato particular. Seu *jato particular*. Como se a covinha não fosse suficiente para lidar, o homem claramente também vem com dinheiro.

Não que eu me importe com dinheiro, por assim dizer. Eu não sou interesseira. Eu apenas quero o suficiente para pagar o meu aluguel, pagar minha montanha de dívidas e talvez para alguém além de mim cortar o meu cabelo.

Quando você tem seu próprio avião, é exagero. O tipo de riqueza que mamãe teria me dito para me agarrar e nunca mais largar. Mais uma razão para ficar longe. Além disso, ele me abandonou no casamento logo após a cerimônia. A cara de pau!!

Eu sei, eu sei. Eu não posso ter as duas coisas. Se eu não queria ir com ele em primeiro lugar, eu deveria ter ficado feliz quando ele foi embora. Mas sou uma mulher complicada, especialmente no que diz respeito a Thayden, e com certeza queria ser dispensada.

— Seu, hum, peito está bem? — ele pergunta.

Percebo que ainda estou segurando meu seio, que felizmente está um pouco menos sensível. Eu vou ter um hematoma e tanto, porém.

— Meu peito está fantástico, muito obrigada.

Bem, isso não soou muito certo. Eu vejo o começo de um sorriso, e os olhos de Thayden piscam. Quase posso ouvi-lo se preparando para fazer algum comentário espertinho sobre o meu decote.

Eu cutuco seu peito com meu dedo.

— Não diga nada.

— O que eu poderia dizer? — Ele está sorrindo totalmente agora, e caramba, seu peito parece bom e firme sob a ponta do meu dedo.

— Uh-hum. Eu te conheço, parceiro.

Eu me levanto, endireitando minha polo do Puppy Palace e limpando as calças cáqui gastas que compõem meu uniforme. Pelo menos por hoje.

O que me lembra de algo. Eu pego a cabeça grande de Apollo em minhas mãos enquanto ele se levanta, balançando e parecendo tão inocente quanto possível.

— Eu vou sentir sua falta, garotão. Mesmo depois dessa façanha. Ninguém filmou, então é como se não tivesse acontecido. Certo? Você está perdoado. Mas você pode tentar fazer com o seu dono sempre que quiser. Na verdade, tente quantas vezes quiser. Bom menino.

Dou um tapinha na cabeça dele, coço suas orelhas caídas e aceito receber mais uma lambida embaixo do meu queixo. Claro que agora, suas maneiras estão impecavelmente restauradas. Quão conveniente.

— Você provavelmente deveria voltar comigo para dar uma olhada nele, mas você pode levá-lo para casa — digo a Thayden, na fronteira entre os níveis friamente profissionais e antárticos de congelamento profundo.

— Ok — Thayden diz, caminhando ao meu lado. — Mas por que você vai sentir falta dele? Ele estará de volta amanhã. A

menos que eles o expulsem por comportamento atroz ao agredir uma mulher inocente.

Eu tenho que rir. Mesmo que pareça o tipo errado de sinal para transmitir. Não quero encorajar o sedutor.

— Hoje é meu último dia — eu digo, tentando me acostumar com minha nova realidade. Que pode incluir viver debaixo de uma ponte.

— Sério? Por quê?

Porque eu fui demitida, seu grande idiota. E talvez eu não queira falar sobre isso.

— Delilah!

Kevin escolhe o pior momento.

— Sim. Eu estava apenas acompanhando o Sr. Walker.

Ele encara, aquele bigode estúpido se contraindo.

— Os donos não são autorizados a irem aos fundos. É uma responsabilidade de seguro — ele diz em um tom cortante, olhando entre mim e Thayden.

— Eu escalei a cerca — diz Thayden. — Não é culpa de Delilah.

Posso dizer que Kevin não gosta da familiaridade com que Thayden diz meu nome. Mesmo que eu já tenha rejeitado Kevin antes com meus olhos. Mas de alguma forma ele está se ofendendo pessoalmente com isso. E quem sempre perde nesse tipo de cenário? A mulher. É claro.

— Se eu já não tivesse te demitido, eu teria que fazer isso agora — diz Kevin, com um olhar de pena que eu gostaria de

dar um soco em seu rosto. Ou talvez eu apenas desse um bom puxão naquele bigode.

— Eu disse que foi minha culpa — Thayden diz, seu tom um pouco mais agudo. — Apollo me viu e correu, derrubando ela. Eu pulei a cerca para ajudar.

— Certo — diz Kevin, finalizando a discussão.

O que eu normalmente apreciaria quando se trata de Thayden, um homem que parece muito acostumado a conseguir o que quer. Mas nesta situação, eu sou a grande perdedora. Demitida, atacada por um cachorro, e agora repreendida por algo que nem fiz.

— Vou acompanhá-la até lá fora, Delilah — Kevin continua. E de repente estou sendo tratada como uma funcionária que foi demitida por justa causa, não apenas demitida por causa do pouco movimento dos negócios.

— Eu não preciso que você me leve a lugar nenhum, Kevin. Além disso, tenho mais uma hora de trabalho.

O olhar de pena de Kevin se aprofunda a ponto de eu quase sentir pena de mim mesma.

— Sinto muito, mas dada a situação, acho melhor você sair agora.

— A situação?! — Minha voz é um grito estridente, nada como o sotaque suave do sul que mamãe me ajudou a aperfeiçoar como mais uma ferramenta na minha caixa de ferramentas. Eu pareço mais como uma banshee.

A mão forte de Thayden envolve meu braço, e eu juro que é a única coisa que me impede de me lançar em cima de Kevin bem aqui.

— *Eu* acompanho você, Delilah — Thayden diz, sua voz sexy firme como aço. — Porque eu adoraria discutir ter você trabalhando em particular para mim. Já que pretendo levar meu negócio para outro lugar depois de hoje. Vamos.

Bem, agora. Posso não *gostar* de Thayden, mas ele com certeza é útil em uma emergência.

A boca de Kevin abre e fecha algumas vezes, mas Thayden já está me levando para as portas dos fundos. Há uma breve pausa na recepção enquanto Thayden verifica Apollo e cancela sua afiliação em voz alta por motivos pessoais. O que ele explica como "há idiotas comandando este lugar".

Eu tenho que morder meu lábio para esconder meu sorriso. Não posso mostrar muito dos meus pensamentos para Thayden. Ele pode ter a ideia errada. Caramba, acho que estou começando a ter uma ideia errada. Várias ideias muito, *muito* erradas.

Espero por Thayden, embora não precise. Em parte porque sua mão em volta do meu braço é agradável, mas também porque Kevin se juntou a nós aqui dentro e parece incrivelmente irritado. Então, processe-me por eu não me importar que ele sofra um pouco.

Saímos juntos pela frente, Apollo trotando ao lado de Thayden. Eu tento me afastar e ir para minha scooter, mas

Thayden não está intimidado e mantém meu braço em seu aperto. Não com força, mas apenas firme o suficiente para fazer meu estômago dar uma cambalhota para trás.

— *Este* é o seu veículo? — ele pergunta, olhando para Annabel Lee como se quisesse enfiá-la em um compactador de lixo. — O que aconteceu com seu carro?

Não vou contar ao Thayden que vendi para conseguir uma grana. Especialmente considerando que mal consegui o suficiente para comprar Annabel Lee, também conhecida como meu novo veículo. Eu coloco o capacete e penteio meu cabelo sobre meus ombros.

— Eu gosto mais dela. — Até eu posso ouvir o meu tom defensivo. Com os motoristas malucos do Texas e o calor insano do Texas, não tenho certeza de como alguém poderia desfrutar mais de uma scooter do que de um carro confiável com ar-condicionado. Especialmente quando meu cabelo parece um ninho de pássaro abandonado toda vez que chego aonde estou indo.

— Dela? — Seus lábios se contraem. — Ela também tem nome?

— Talvez. — E não vou contar a ele. Quem sabe o que Thayden pensaria se eu batizasse minha scooter em homenagem a um poema sombrio e romântico de Edgar Allan Poe.

Felizmente, Thayden muda de assunto.

— Eu não estava brincando — diz ele. — Eu gostaria de contratá-la.

Fecho os olhos por um momento. Desejando que ele tivesse me convidado para um encontro em vez disso. A isso, eu poderia dizer não. Facilmente. Ou... quase facilmente.

Mas oferecer um emprego a uma mulher que não tem nenhum é como segurar um bolo grande na frente de alguém em uma dieta com baixo teor de carboidratos. E eu saberia. Porque mamãe insistia que eu ficasse sem carboidratos a partir do momento em que comecei a desenvolver curvas. Como se remover o açúcar da minha dieta impedisse que meu sutiã tamanho 34 virasse tamanho 38. No caso de você estar se perguntando, não impediu.

— Contratar-me para fazer o quê?

Thayden sorri, e é devastador. Eu tenho que desviar o olhar para não ser transformada em pó pela força dele.

— Eu preciso de alguém para cuidar de Apollo enquanto estou no trabalho. Tendo em vista que acabei de despedir minha creche canina.

— Apollo, hein. Então, eu não teria que ver *você*?

Há uma breve pausa enquanto minhas palavras incrivelmente rudes são absorvidas. Não posso acreditar que as disse.

O rosto de Thayden vai de chocado a divertido, e ele solta uma gargalhada. Até Apollo lhe dá uma olhada.

— Eu deveria estar ofendido, mas de alguma forma, isso parece normal com você.

— Para esclarecer, seria apenas eu e Apollo? Sozinhos?

— A menos que você queira minha companhia. Porque tenho certeza de que poderia fugir para casa nos intervalos do almoço ou...

Eu levanto uma mão, interrompendo-o antes que ele fale o que quer que faça seus olhos brilharem com malícia. Eu juro, é como se a missão desse homem fosse me torturar. E com base nas batidas rápidas do meu coração, a parte mais primitiva e menos lógica de mim adora. Essa parte de mim precisa ter uma reunião com Jesus.

— Eu vou ficar bem apenas com o seu cachorro.

Thayden parece muito satisfeito. Isso deve ser algum tipo de armadilha. Oh, não. Talvez não seja tarde demais para voltar atrás. Mais ou menos como a regra dos cinco segundos, exceto por palavras estúpidas, não a metade de sanduíche que você deixa cair no chão.

— Perfeito. Estou animado por ter você.

Ele diz isso como se eu fosse sua visita, não sua futura funcionária.

Subo em Annabel Lee e a ligo. O que soa um pouco como ligar um carro de controle remoto ou algo assim.

— Como devo entrar em contato com você? — pergunta Thayden.

Dar a ele meu número é como abrir mão de alguma forma. Como se ele tivesse vencido qualquer jogo que estejamos jogando.

— Você pode conseguir com Gavin — digo a ele.

— Você não pode simplesmente me dar agora?

— Não.

— Está se fazendo de difícil?

— Eu não me faço de difícil. Eu *sou* difícil. Tchau, bonitão — eu grito. As sobrancelhas de Thayden se erguem e um sorriso se alarga em seu rosto. — E tchau para você também, Thayden.

Espero até ver a compreensão atingi-lo. Mas não é tão satisfatório quando ele ri, em vez de ficar ofendido por eu ter chamado o cachorro dele, e não ele, de bonito. Na verdade, ambos são bastante espetaculares. Mas prefiro Apollo, mesmo depois do incidente de hoje.

Thayden ainda está rindo, e eu acelero, dando a largada em Annabel Lee e deixando o homem e o cachorro para trás.

Capítulo Três

Delilah

Claro, a primeira pergunta que me fazem quando chego em casa é:

— Como foi no trabalho?

Sam sorri do sofá, onde ela está no seu modo trabalho com seu notebook equilibrado nos joelhos e um saco de balinhas azedas em formato de polvo ao lado dela. Ela levanta os óculos com filtro de luz azul até o topo da cabeça e coloca outro polvo na boca antes de me oferecer o saco.

Não gosto de doces azedos, nem um pouco, mas enfio a coisa na boca de qualquer maneira para me dar um momento para considerar minha resposta. No momento em que consigo engolir, meu olho está se contraindo e formei uma resposta que é meia verdade.

— Fui atacada por um cachorro e resgatada por um belo patife. Então, basicamente, normal. — Eu dou de ombros.

Sam ri, mas não perco o jeito que seus olhos se iluminam. Eu já deveria saber que não deveria sequer mencionar um homem ao seu redor. Erro de principiante.

Ela coloca o notebook de lado e aperta as mãos.

— Conte-me mais sobre esse patife.

— Quem tem um patife? — Abby aparece do nada, pulando por cima do sofá e pegando o saco de polvos. Moluscos? O que quer que seja.

— Ei! — Sam pega o saco. — Esse é o meu estoque de recompensas. Escrevo outro capítulo, recebo outro polvo.

— Como está indo o livro? — Eu pergunto.

Sam estreita os olhos para mim.

— Não. De volta ao patife. Detalhes, por favor.

Agora eu me encurralei. Todas as minhas colegas de quarto podem ser insistentes e intrometidas. Mas nenhuma é mais do quê Sam, que é conhecida publicamente como Dra. Love. Somos todas uma espécie de cobaias de relacionamentos para ela. Qualquer coisa que aconteça conosco tem passe livre para entrar no livro que ela está escrevendo.

— Tudo bem. Houve um incidente no trabalho com um dos donos.

— Amo incidentes — diz Abby, roubando outro polvo de Sam. — Ele era gostoso?

— Como o pecado. E antes que pergunte, não. Eu não dei meu número a ele.

— Boo! — tanto Sam quanto Abby dizem.

Abby levanta um dedo.

— Mas ele pediu?

— Talvez.

— Sua pequena destruidora de corações. Você é como o Fort Knox[2] das mulheres. Quem passar pela sua segurança será um cara de sorte. — Abby enrola a ponta de seu cabelo roxo em um dedo.

Uma imagem mental de Thayden sorrindo com aquela covinha estúpida aparece em minha mente. *Fique longe de mim, Lúcifer!* Eu digo a ele. Mas ele apenas pisca e me sopra um beijo. Mesmo na minha própria mente, o homem faz o que quer.

— Você está bem, D? — Sam pergunta.

— Hum?

— Você tem um olhar engraçado em seu rosto. E você está se abanando.

Realmente, eu estou me abanando. Eu deixo cair minhas mãos no meu colo. Ver Thayden hoje me reduziu a uma confusão superaquecida de nervos fantasiosos. Aquele homem não deveria ter nenhum espaço na minha mente.

Tchau, tchau! Eu o expulso da minha cabeça com o pensamento de eu chutando o seu traseiro. Mas igual ao brincar do jogo "acerte a toupeira", seu rosto sorridente continua aparecendo de volta.

— Delilah? Tem certeza de que está bem?

---

[2] Fort Knox é uma pequena cidade e base do exército dos Estados Unidos, sendo também depósito de ouro do governo do país.

Eu levanto do sofá e forço um alongamento, bocejando para um efeito completo.

— Estou exausta. Vou vegetar por um tempo e ir para a cama. Onde está Harpy?

— Provavelmente jogando um pneu gigante por cima da cabeça ou algo assim — Abby diz com um revirar de olhos.

— Ou fazendo agachamentos com cinco mil quilos. — Sam coloca os óculos de volta no lugar.

— Eca. — Nós três estamos todas na mesma página quando se trata de academia, que é o local de trabalho de Harper e também sua segunda casa. — Até mais.

Estou quase no meu quarto e mentalmente me dando tapinhas nas costas. Passei por essa conversa sem confessar que Thayden era o patife ou soltar a bomba sobre ser demitida. Ponto para mim!

— Não se esqueça! Almoço depois de amanhã para discutir nossa terrível situação de colega de quarto! — Abby chama.

Argh. Esse almoço é como um relógio gigante do dia do juízo final na minha cabeça por vários motivos. Passo pelo antigo quarto de Zoey, o espaço vazio apenas aumentando a minha sensação de pavor.

Nós cinco planejamos morar juntas mais um ano nesta casinha... até Zoey se casar. Abby provavelmente será a próxima, casando-se com o gêmeo de Zoey, Zane. E estamos esperando o namorado de Sam colocar um anel nela há meses.

Não podemos pagar por este lugar sem a ajuda das cinco. Caramba, eu mal posso pagar *com* nós cinco. E minhas colegas de quarto estão caindo como moscas em relacionamentos sérios, o que coloca um sério problema em nossos planejamentos de vida.

Apenas Harper e eu estamos permanentemente solteiras. Vamos, time! Mas ela tem um ótimo trabalho treinando atletas de elite, então sou a única solteira *e* falida.

Enquanto todas elas estão avançando, eu não estou me movendo para nenhum lugar a não ser em círculos em torno de um ralo. E tenho dois dias para descobrir como contar às minhas melhores amigas que não estou apenas falida, mas também desempregada.

A menos que eu aceite a oferta de Thayden. Mas eu realmente preciso dar ao homem mais espaço na minha vida? Eu sinto que tentei bater a porta nele e ele continua enfiando o pé dentro.

Eu caio na minha cama, pronta para me perder no YouTube por um tempo. Só que a preocupação me deixa inquieta e sem foco. Apesar de ter chutado o homem para fora da minha cabeça, meus pensamentos continuam voltando para Thayden.

Eu amo o cachorro dele. Definitivamente não o homem. Ele é um libertino. Um patife. Uma mulher moderna pode se referir a ele como um embuste. Mas vou ficar com as palavras de Shakespeare. Thayden é um canalha e um patife.

Mas trabalhar para ele pode me ajudar. Talvez ele pudesse me recomendar a alguns de seus amigos de alta classe. Isso poderia evitar que eu tivesse de explicar toda a extensão da minha terrível situação financeira para as minhas melhores amigas no mundo. Mulheres que, cada uma à sua maneira, estão conseguindo. Enquanto eu estou simplesmente me debatendo, me equilibrando naquela corda fina esperando que meu sorriso seja o suficiente para me levar para o outro lado.

E o que há do outro lado?, uma voz persistente na minha cabeça quer saber.

Meu emprego dos sonhos está fora de alcance. Ser uma professora exigiria mais escolaridade e mais dívidas. O salário é uma mixaria. Eu estaria enviando cheques para empresas de empréstimo na minha festa de aposentadoria. Sem mencionar o fato de que ninguém em meu departamento nunca me levou a sério. Acho que é o sotaque. Ou a minha aparência, que me serviu bem em concursos, mas não tanto na área acadêmica. Cada passo dessa jornada seria uma batalha.

O trabalho que Thayden ofereceu seria como consertar um pneu furado. Vai me manter por um tempo... mas preciso de uma substituição completa, não de um remendo.

Afastando minhas preocupações e frustrações, eu sintonizo meus vídeos favoritos de booktubers e tutoriais de maquiagem. Me julgue, mas por mais que eu ame ler, às vezes uma boa farra no YouTube faz bem à minha alma.

Trinta ou trezentos minutos depois, estou tão zen quanto consigo estar. Talvez zen DEMAIS, e é por isso que atendo acidentalmente uma ligação de um número desconhecido.

— Olá? — Eu digo, meu dedo pairando sobre a tela no caso de ser um operador de telemarketing.

Pior, é Thayden.

— Você atendeu — diz ele, nem mesmo se incomodando com as gentilezas habituais de chamadas ao telefone.

— Eu não queria — eu digo honestamente. Este homem me faz esquecer todas as minhas maneiras.

Ele ri, e minha boca estúpida pensa que é um sinal para sorrir. *Ah não, não é.* Eu mordo meu lábio, com força. *Isso vai te ensinar algo, boca*.

— Nenhum grande plano esta noite? Parece silencioso.

— E você parece como se estivesse pescando informações pessoais — eu exclamo. — Agora, se você não está ligando para falar sobre o trabalho que você me ofereceu antes, é melhor desligarmos agora.

— Negócios acima do prazer. Ok. Como você gostaria de começar amanhã?

— Vai com calma, amigo. Por que você não me deixa saber um pouco mais sobre o que você espera que eu faça e o que você considera um salário justo. Preciso ter certeza de que você não está planejando me trancar em algum porão.

Agora, por que essa ideia me faz abanar a camisa do pijama para longe do meu corpo? Definitivamente não deveria ter esse efeito.

— Infelizmente para nós dois, eu não tenho um porão.

A risada de Thayden é baixa e sombria, como se meus pensamentos estivessem se projetando direto para ele. Há um monte de borboletas tentando voar na minha barriga sem terem permissão para decolar.

— Venha amanhã de manhã. Vou te dar um café da manhã, mostrar a minha casa, dizer o que espero e quanto vou pagar. Se você não confia em mim para ser um cavalheiro, Gavin vai se responsabilizar por mim. Além disso, Apollo estará lá para supervisionar.

Ele me ganhou no café da manhã, mas não quero que ele saiba disso. Honestamente, por mais que o homem me faça subir pela parede, suspeito que por baixo de todo o charme, há um homem decente. Thayden é o advogado da família de Gavin, tanto dele quanto dos seus queridos pais. Alguém que a mãe de Gavin ama não pode ser tão ruim.

E é isso que me assusta.

O patife? Eu posso lidar. Um cavaleiro de armadura brilhante me faria desmaiar.

— Por que você não me diz o quanto está pagando agora e nos poupa algum tempo? Percebo que a palavra “não” parece ser uma que você não ouve com frequência, mas confie em

mim quando digo que estou mais do que feliz em continuar dizendo-a para você.

Thayden ri novamente. Por que ele continua fazendo isso?

E por que gosto tanto?

— Espero que você continue. Adoro um bom desafio. Mas você não vai dizer não ao que estou oferecendo. Confie em mim. Vou te enviar o endereço. Vejo você pela manhã!

E antes que eu possa dizer outra palavra, ele desligou na minha cara. Meu telefone vibra com uma mensagem. É Thayden, me dando seu endereço.

Sendo curiosa, eu o coloco no Google Maps. E, embora seu bairro não seja na área dos riquinhos que Gavin e Zoey chamam de lar, está em uma localização fabulosa e cara, bem perto do centro da cidade.

Eu abro o Street View do Google – porque para que isso foi inventado se não para stalkear melhor as pessoas? – e meu queixo cai quando vejo o lugar.

Por algum motivo, eu imaginaria Thayden em alguma monstruosidade moderna e elegante que é toda de vidro e aço. Caro, ostensivo e feio para caramba. Mas eu nunca teria esperado o adorável bangalô estilo artesão que é muito parecido com o nosso, só que em melhor estado, mesmo que um pouco menor.

É de uma cor verde menta com guarnição branca e uma ampla varanda frontal. Cestas penduradas ao longo da frente

seguram buganvílias, as pétalas de um rosa profundo caindo em cascata sobre as laterais.

E, espere, aquele é Thayden?

Ele está bem no canto da foto, sem camisa e parecendo bom o suficiente para comer. Apollo está sentado por perto, observando Thayden regar o gramado da frente. É bem a sorte de Thayden estar na frente de casa quando o carrinho passou para fazer as imagens. E bem a minha sorte estar desfocado quando tento dar zoom em seu torso nu.

Eu desligo meu telefone e o aperto no meu peito. Não posso ficar mole como um pedaço de manteiga em uma tarde de verão pela casa do homem. Mas são flores primaveras! Minha flor favorita!

Ele já deve ter uma mulher, e eu odeio esse pensamento. Ódio ardente e furioso. Porque, realmente, que homem pensaria em ter cestas penduradas com essa flor em particular? Nenhum, eu lhe digo.

Exceto o homem dos meus sonhos.

Claro, me chame de volúvel e superficial. Mas acredito que o tecido de uma pessoa pode ser conhecido por sua costura. Ou seja, as pequenas partes ajudando a compor toda a colcha.

Thayden tem um cachorro lindo e incrivelmente bem treinado e minha flor favorita pendurada em sua varanda. Duas boas costuras.

Mas apenas duas!!

Elas não compensam a língua afiada, a reputação de playboy e o orgulho que se estende daqui até meu estado natal, o Alabama – não, *além*. Aposto que o orgulho dele não para até mergulhar os dedos dos pés arrogantes no Oceano Atlântico.

Eu apago a luz e fico deitada acordada, olhando para o teto familiar. Meu estômago ronca, vazio, e minha mente está cheia de coisas nas quais não quero pensar: meu desemprego, minhas dívidas e Thayden.

Só mais uma olhada, eu penso, desbloqueando meu telefone para olhar para a imagem desfocada tirada do Google-mobile de um homem travessamente bonito e seu cachorro não tão bonito, mas quase tão bonito quanto.

Cara Dra. Love

De: NamorandoVovoGosling@DraLove.advice
Para: DraLove@DraLove.advice

Cara Dra. Love,

Estou namorando o cara mais legal que existe. Tão legal que ele é... legal *demais*. É como namorar uma mistura de um bibliotecário de igreja com um avô.

Quero dizer, ele não parece com um vovô. Ele se parece com Ryan Gosling. Mas simplesmente não há faísca. Difícil de imaginar com alguém que se parece com Ryan Gosling. Ele é legal ASSIM. Se ele fosse um sabor, seria baunilha diet. Se ele fosse uma cor, seria bege. Se ele fosse uma temperatura, seria água de banho morna.

Ele é tão legal que não consigo imaginar ter A Conversa. E se ele chorar? Quero dizer, imagine Ryan Gosling chorando por sua causa!

Uau. Na verdade... eu sinto que talvez eu pudesse lidar com isso. De qualquer forma, você pode me dar ideias para desiludi-lo facilmente?

Sinceramente,

Namorando Vovô Gosling

De: DraLove@DrLove.advice
Para: NamorandoVovoGosling@DrLove.advice

Querida Namorando Vovô Gosling,

Uau. Se eu conhecesse um cara que se parecesse com Ryan Gosling e fosse tão legal quanto meu avô, eu colocaria um anel nele TÃO RÁPIDO.

Mas eu entendo, às vezes nós simplesmente não nos conectamos com as pessoas. Entendo.

Meu conselho? Não prolongue por muito tempo. Seja gentil, mas seja honesta, e faça isso antes que as coisas vão longe demais.

E então, você provavelmente deveria me enviar um e-mail sobre um trabalho de redatora. De verdade, você precisa trabalhar com palavras, se já não faz isso.

Me ligue! E sinta-se à vontade para passar meu número para o Vovô Gosling também.

Atenciosamente,

Dra. Love

Capítulo Quatro

Delilah

EU ESPERAVA que a casa de Thayden parecesse pior na vida real. Como se a imagem de baixa qualidade no Google estivesse um passo à frente da coisa real. Mas quando estaciono Annabel Lee no meio-fio e tiro o capacete balançando o meu cabelo, me pego batendo o pé em uma petulante demonstração de irritação.

Parece ainda melhor! Não há duas, mas QUATRO cestas penduradas, cobertas pesadamente com flores rosa-escuras, como se ele tivesse algum tipo de estufa secreta, criando flores primaveras nos fundos.

E se ele fizer isso? Fique quieto, meu coração.

Eu posso ouvir Apollo latindo lá dentro, aquele latido alto que é praticamente de estremecer os ossos.

Eu aceno, embora ainda não possa vê-lo, e grito enquanto caminho pela calçada.

— Acalme-se, doçura! Sou só eu!

A porta azul-escura praticamente se abre e lá está aquele homem. Sorrindo tão presunçosamente que ele praticamente murcha a grama com toda aquela presunção.

E ele está de pijama! Uma camiseta branca colada em seu peito e suas calças de algodão são estampadas com ovelhas. É o

mais informal que já o vi e ele parece frustrantemente adorável. Eu quero cobri-lo com um sobretudo ou algo assim.

— Eu não sabia que já estávamos na fase de usar apelidos carinhosos — diz Thayden. — Mas você pode me chamar de doçura a qualquer hora.

Eu passo rapidamente e entro na casa.

— Oh, me desculpe. Eu estava falando com o cachorro. Não foi, doçura?

Eu deixo Apollo me dar a sua característica lambida educada sob o meu queixo e coço suas orelhas aveludadas, silenciosamente pedindo desculpas. O pobre coitado não sabe que está sendo usado como peão nesse jogo de cabo de guerra que Thayden e eu parecemos querer jogar. Estou determinada a não ser puxada sobre a linha e cair na poça de lama.

Delilah Hart não perde.

Essa é uma frase que mamãe enfiou na minha cabeça, mesmo que não seja verdade. Já perdi muito, mesmo que tenha ganhado muito. E o estado atual da minha vida está definitivamente no lado perdedor.

Mas com Thayden? Não. Não vou deixar ele vencer.

— Vou tentar não ficar muito ofendido — Thayden diz, fechando a porta.

— Bem, você achou que eu estava aqui para ver quem? Você?

— *Quem?*

Dou a ele o que mamãe chamaria de cara de cu.

— Formada em Literatura Inglesa. Posso ter sotaque sulista, mas gosto da minha gramática e da escolha correta das palavras.

E se isso interessa, sou do time da vírgula de Oxford até o fim. Mas duvido que Thayden saiba, use ou se importe com a pontuação a qual sou leal.

Thayden sorri, balançando a cabeça, como se eu fosse algum mistério que ele não consegue decifrar.

— Está bem, então. Farei o meu melhor para ficar atento às regras gramaticais. Agora, estou feliz que você e Apollo se dão bem, mas não é ele que está te prometendo bacon.

— Bacon, você diz?

— E mingau.

— Hum. Branco ou amarelo?

Isso não deveria nem ser uma pergunta. Mas toda vez que eu peço mingau em um restaurante de Austin, eles são amarelos, e não quero dizer com manteiga. Posso não ter o paladar sulista estereotipado, mas tenho um certo padrão quando se trata de café da manhã e, fubá amarelo, também conhecido como polenta, não pertence a um prato de café da manhã.

Thayden zomba, seu lábio curvado de uma forma que atrai meus olhos para onde eu não quero que eles estejam – aquela boca deliciosa dele.

— O que você acha que eu sou? Um gastropub moderno? *Branco*.

Eu tenho que tapar a boca com a mão para parar a risada que estoura de mim. Isso não esconde o som, no entanto, e sou recompensada com o sorriso mais largo e brilhante.

Fracasso! Fracasso total. Controle-se, senhorita Hart!

— Não segure uma risada tão bonita. Não por minha causa. Vamos. Deixe-me alimentá-la.

Ele casualmente se vira e entra mais em sua casa, mas eu não o sigo imediatamente. Meus pés estão firmemente plantados nas madeiras restauradas como se eu estivesse prestes a brotar raízes. Porque seguir esse homem, passar mais tempo com ele, especialmente em uma casa tão perfeita que faz meu coração doer de saudade – bem, parece uma péssima ideia. Especialmente com ele soltando falas sobre minha linda risada e me oferecendo bacon e mingau.

— Não deixe seus biscoitos esfriarem!

Biscoitos?!

Provavelmente de pacote, digo a mim mesma. O pensamento é desesperador. Mesmo que sejam de pacote, nenhum homem jamais me fez biscoitos. Droga, eu não faço biscoitos. Cookies são a única coisa que posso fazer sem queimar.

Apollo cutuca minha mão com seu nariz grande e frio. Eu olho para o cúmplice de Thayden.

— Ele é bom, não é? Diga-me, para quantas mulheres ele fez café da manhã naquela cozinha, hein?

Apollo apenas me cutuca, desta vez com o topo de sua cabeça, como se estivesse tentando se coçar usando meu corpo.

Eu tenho que desviar, o que faz meus pés se moverem em direção à cozinha. Ele realmente é o parceiro de crime de Thayden.

Eu me pergunto se há uma escola de adestramento canina ensinando a arte de usar seu filhote para conquistar as mulheres. Conhecendo este mundo, provavelmente. E se houver, eu apostaria dinheiro que Thayden comparece.

Ando devagar, observando os detalhes da casa de Thayden, que são tão surpreendentes quanto o lado de fora. Em vez de uma reforma, esta casa parece cuidadosamente, amorosamente e dispendiosamente restaurada. Dos pisos originais que notei quando entrei, às estantes embutidas em torno de uma grande lareira, ao revestimento espesso ao redor das janelas e sancas.

A mobília consiste em madeiras escuras e tecidos em tons de azul. Tudo parece caro, mas o tipo de caro que você pode desfrutar. Não como o luxo de um museu. E de alguma forma não pretensioso.

O cheiro de bacon, biscoitos amanteigados e café me atinge enquanto ando pela porta em arco para a sala de jantar e cozinha aberta. Meu estômago vazio ronca, sentindo uma refeição real por perto. Eu pressiono a mão nele, desejando que não me envergonhe.

Fica imediatamente óbvio que Thayden fez os biscoitos porque a farinha está em toda parte. Eu não notei quando ele atendeu a porta, mas ela cobre o peito de sua camisa e há um

pouco em sua bochecha quando ele se vira para sorrir para mim.

— Você gosta da casa?

— Isso é uma pergunta?

Toda essa sedução adicional me faz sentir mal-humorada. Ele tem que saber que a casa é incrível. Assim como ele sabe – ou *acredita* – que ele é um presente de Deus para as mulheres.

— Sim. Estou perguntando se você gosta da casa.

Eu inalo, olhando em volta para a cozinha com seus armários pintados de cinza, grande ilha de mármore e pia funda. Este cômodo, ao contrário do resto, parece ter sido completamente reformado, embora ainda se encaixe no estilo original da casa.

No momento parece que uma padaria explodiu aqui, mas isso só aumenta o charme. A pia está cheia de pratos. E a farinha mencionada acima está por todos os balcões e no chão. Por que isso me faz gostar ainda mais dele, e também me deixa mais irritada, que ele deixou as coisas como estão em vez de tentar limpar o cômodo para mim?

Lar. Essa é a coisa que eu mais amo nesta casa, o que ela diz da varanda ao chão da cozinha polvilhado com farinha. É como um coração pulsante, viva e calorosa.

E está totalmente girando meus pensamentos em círculos porque é outra costura surpreendente no tecido do homem bonito demais na minha frente.

— É agradável — eu digo. Honestamente, é mais como um resmungo.

— Agradável? Tudo beeem. Público difícil. Espero que isso seja mais do que agradável.

Thayden acena para um banquinho na ilha e desliza um prato em minha direção.

Ah, é mais do que agradável. Há bacon, crocante na medida certa e empilhado de forma imprudente, como se um pacote de bacon bom não custasse sete dólares. Mingau, fumegante e cremoso com manteiga no centro. Um biscoito folhado de leitelho do tamanho do meu punho está colocado atrás de ovos mexidos com queijo.

Porque o cara parece empenhado em superar as expectativas, ele empurra uma tigela de frutas fatiadas para mim. Não como a salada de frutas que mamãe costumava servir com maçãs, laranjas e bananas maduras demais, mas frutas *chiques.* Abacaxi. Morangos. Kiwi. Manga.

Meus olhos estão ardendo quando olho para mais comida do que costumo comer em um dia. Estou faminta, mas não apenas pelas calorias e pelo sabor desse luxo. Estou faminta por alguém que vai cuidar de mim assim.

E essa é a coisa mais perigosa de todas. Porque eu não quero que seja Thayden. Por que tem que ser ele?

— Como você toma o seu café? — Thayden pergunta, e eu agradeço que ele esteja de costas para mim para que eu possa enxugar a única lágrima que conseguiu escapar.

— Ou você gosta de chá? Água? Suco? Mimosas?

Ele se vira e me dá um sorriso malicioso, mostrando aquela covinha e, felizmente, eu me recomponho o suficiente para responder.

— Café é perfeito. Creme e açúcar.

— Muito creme? Muito açúcar? Ou apenas um pouco?

— Você não precisa complicar. É café, pelo amor de Deus!

Estou imediatamente envergonhada pela minha reação. O cara me ofereceu um emprego. Me fez um café da manhã que eu não consigo nem comer e estou mordendo a cabeça dele como um Tiranossauro Rex mal-humorado.

Com meu olhar treinado no meu colo, respiro fundo algumas vezes. Thayden não fala, apenas prepara meu café e o coloca na minha frente, como se eu não tivesse gritado com ele sem motivo. Um nariz frio cutuca meus dedos e, em seguida, a cabeça de Apollo se apoia em meu colo, mal cabendo entre minhas coxas e o balcão.

— Acho que é uma coisa boa você pelo menos gostar do meu cachorro — Thayden diz, pegando o banquinho ao lado do meu.

Ele está quieto e eu estou quieta. Ficamos sentados em silêncio por alguns longos momentos, sem comer e sem falar. O que ele deve pensar de mim?

— Desculpe por ter gritado com você — eu digo, finalmente. — Eu só, eu estou...

Não há uma boa explicação para o meu mau comportamento. Eu nem tenho certeza do por que eu sou tão resistente a ele. Talvez porque quando nos conhecemos, eu o classifiquei como um galanteador e um mulherengo. Agora, ele está tentando reescrever essa imagem e meu cérebro não está preparado para aceitar. Ele remexe minhas entranhas com algo feroz. Eu pensei que ele era de um jeito, mas agora estou vendo um homem diferente. Pelo menos, eu acho.

A parte cansada de mim – que, para ser clara, representa oitenta por cento ou mais – suspeita de seu charme. Já vi minha cota de homens como ele entrando e saindo da cama de mamãe. Nenhum podia ser confiável. Nenhum ficava.

— Ei — Thayden diz suavemente, afastando o cabelo do meu ombro com um toque mais leve que uma pena de pássaro. — Apenas coma antes que sua comida esfrie. Você precisa fazer seu julgamento sobre meu mingau enquanto ele está quente.

É o seu tom de provocação que me libera para me mover novamente. Dando um afago final em Apollo, eu levanto meu talher, lembrando-me de usar minhas boas maneiras. Desde a primeira mordida, fico tentada a enfiar tudo o mais rápido possível antes que desapareça como uma espécie de miragem de comida.

— Ele está incomodando você? — Thayden pergunta, acenando para Apollo. — Eu tenho trabalhado com ele para não pedir comida. Ele acha que se ficar quieto e *pequeno*, ele pode se safar disso.

Eu sorrio.

— Ele acha que é um cachorrinho?

— Ah, sim. Eu tento não deixá-lo no sofá. Ou, uh, a cama. Mas como somos apenas eu e ele à noite, geralmente desisto.

Huh. Apenas Thayden e Apollo à noite. Então, ele não é um mulherengo? Ou isso é só o que ele quer que eu pense?

Dou-lhe um olhar de soslaio enquanto mastigo meu biscoito, que é um dos melhores que já comi.

— Eu tinha atrelado você a um homem que não carecia de... companhia noturna. Com a quantidade ridícula de flerte e tudo mais.

Thayden toma um gole de café, não encontrando meus olhos.

— No passado, eu não estive sozinho — ele diz, finalmente, as palavras saindo lentas e cuidadosas.

As palavras, embora vagas, me fazem estremecer. É injusto, realmente, porque esse homem não é meu. E mesmo que fosse, todos nós temos nossos passados. Mas de alguma forma a ideia de Thayden com outra mulher – outras *mulheres*, no plural – me faz sentir magoada e pequena. Lembro-me de como estive surpreendentemente resguardada, do quão inexperiente a tantas experiências. Como ter namorados sérios. Me apaixonar. Ter alguém me fazendo café da manhã.

Thayden gira em seu banquinho, apoiando um antebraço no balcão e se aproximando. O ar da sala foi sugado. Talvez

tudo isso esteja preso na grande respiração que estou segurando.

— As coisas mudaram para mim no ano passado. *Eu* mudei. Não estou dizendo que sou um grande homem, ou que me arrependo de todo o meu passado. Eu nunca enganei ou menti sobre minhas intenções, mas também nunca trouxe uma mulher para minha casa.

Tantas palavras para processar e tão difícil de pensar com a boca cheia de mingau perfeitamente preparado e um homem, que tem um cheiro mais gostoso do que bacon, sentado muito perto de mim.

Eu engulo em seco, medindo minhas palavras. Pela primeira vez em toda a manhã, sou cuidadosa no que digo.

— Você não me deve uma explicação, Thayden. Sobre o seu passado ou seu presente.

Ele não sabe como meu coração se aperta ao saber que eu sou a primeira mulher que esteve nesta cozinha. O que isso *significa* mesmo?

O cara sempre foi um paquerador, mas nunca pareceu real. Tipo, ele não estava me caçando, apenas fazendo o que era natural. Ou perseguindo o inatingível quando eu não me apaixonei por ele na primeira vez que nos encontramos.

— Eu devo isso a você, no entanto. Quando te conheci, te ofendi ao ponto que você me deu um tapa no rosto e um soco no estômago.

— Eu fiz isso, não foi? — Não consigo evitar o sorriso satisfeito que toma conta do meu rosto. Não me arrependo de nada. Thayden fez algum tipo de comentário para mim e Zoey sobre um especial de duas por uma. Eu o esbofetearia novamente. O comentário ainda faz meu sangue ferver. Mas honestamente, eu nunca ouvi nada parecido com isso novamente. Flertar, sim. Nada nem remotamente perto dessa piada grosseira.

— Você fez.

Thayden sorri, e eu tenho que pegar minha caneca de café para ter algum tipo de escudo. Uma pequena proteção cafeinada.

— E então eu forcei você a ser minha acompanhante para o casamento de Gavin.

— Isso você fez. Embora eu não tenha certeza de que os termos eram equivalentes, considerando que você levou Zoey para o rancho de Gavin para ganhar aquele mísero encontro comigo.

— Valeu a pena — diz ele.

Tomo outro gole de café.

— Valeu mesmo? Porque se bem me lembro, você saiu mais cedo. Me deixou largada e sem acompanhante.

Eu sei que não posso me ressentir do homem por me fazer sair com ele, depois ficar brava por ele ter me abandonado. Eu não posso querer odiá-lo e também me deleitar com o fato de

que eu sou a primeira mulher para quem ele fez café da manhã nesta casa.

Se é que dá para acreditar nele.

E essa é a coisa com alguém tão galanteador. Como você *sabe*?

Meus problemas de confiança têm seu próprio CEP. Mas especialmente quando se trata de homens e ainda mais quando se trata de homens galanteadores. Minha mãe usava esse charme para enganar as pessoas e me ensinou a usar meu charme também. Mesmo sendo formada nisso, ela caía em seus próprios truques quando se tratava de homens. Se há uma lição de vida que aprendi desde a infância, é tomar cuidado com um rosto bonito e uma boa lábia.

Thayden? Ele é como o garoto-propaganda para ambos.

— Delilah, sobre o casamento...

Uma porta se fecha, e os olhos de Thayden se arregalam antes que uma mulher chame:

— Olá? Thayden, querido?

Meus olhos se estreitam, mas sua voz e tom não soam como uma namorada. Ela fala como... uma mãe.

— Minha mãe.

Thayden fecha os olhos por um momento, como se estivesse fazendo uma oração silenciosa. Ele os abre um momento depois, um leve pânico visível em seu olhar verde.

— Desculpe. Eu não tinha ideia de que ela estava vindo, e eu só... desculpe.

Em vinte e quatro horas, passei de odiar Thayden minimamente para ser resgatada e contratada por ele. Agora estou comendo seu café da manhã caseiro, tendo conversas profundas e conhecendo sua mãe.

— Está tudo bem — eu digo, mas não tenho certeza se acredito nisso.

Capítulo Cinco

Delilah

SALTOS BATEM pela casa e Apollo sai correndo da cozinha, abanando o rabo. Um momento depois, uma linda mulher com cabelos escuros, suaves e com fios grisalhos aparece na porta larga, então para.

Se ela tivesse pérolas, estaria segurando-as. Em vez disso, seus dedos se fecham em torno de um pingente de diamante que deve ter pelo menos três quilates. Eu tento não olhar para ele.

— Você é linda — ela respira, seus olhos olhando para mim antes de pousar em Thayden, que suspira com profunda resignação. — Thayden, ela é linda.

Quando Thayden se levanta, eu me vejo ficando de pé também, sorrindo e esperando que o rubor em minhas bochechas não seja muito perceptível. Eu aliso minha saia, certificando-me de que ela não está enfiada no short de lycra por baixo. Comecei a usar os shorts quando aprendi da maneira mais difícil o que acontece com as saias em uma scooter.

— Olá, mãe — diz ele, roçando um beijo na bochecha dela. Ela mal parece notar, mas voltou a me estudar com olhos verdes da mesma cor que os dele.

Estou acostumada a estar em exibição, ser examinada e julgada como um bezerro em um show de gado, mas de perto e

pessoalmente pela mãe de Thayden, é um pouco estranho. Principalmente porque suspeito que ela tem uma ideia errada sobre quem eu sou. De repente, também me sinto deslocada, a disparidade entre a minha conta bancária e a deles, minha formação e a deles, entrando em foco. Muitas vezes posso esquecer minhas raízes de estacionamento de trailers e a vergonha que carrego de ser a pequena lacaia de mamãe, mas relembro disso nos piores momentos.

Thayden coloca um braço cuidadoso em volta dos meus ombros, parecendo estar com medo de que eu possa mordê-lo. Homem sensato. Porque eu poderia.

— Mãe, esta é Delilah. Delilah, minha mãe, Elizabeth.

Fixo um sorriso no rosto que é, pelo menos, parcialmente genuíno e estendo a mão.

— É um prazer conhecê-la, senhora.

Ela pega minha mão nas suas, apertando. Uma emoção que parece expressiva demais, dada a nossa situação, enche seus olhos.

Ok, ela definitivamente parece ter a ideia errada. Café da manhã na casa de um homem geralmente implica em uma situação do tipo passar a noite. O que definitivamente não é o caso.

Estou prestes a esclarecer qualquer confusão, quando ela me solta e se vira para Thayden.

— Como você encontrou alguém tão rápido? Quero dizer, sob as circunstâncias. Você não demorou muito.

Huh. Ok, talvez ela *entenda* que eu sou a nova babá de cachorro de Apollo. Thayden acabou de dispensar a creche canina ontem. Isso significa que ele fala com ela diariamente sobre as coisas da sua vida? Porque isso é muito... doce.

— Onde você a conheceu? — sua mãe pergunta, quando nenhum de nós falou ainda.

Thayden olha entre nós, parecendo envergonhado. Talvez porque ele devesse estar envergonhado por seu comportamento quando nos conhecemos.

— Na verdade, hum, nós...

Eu não o deixo terminar.

— Nós nos conhecemos através de amigos em comum, então nos encontramos novamente na creche canina — eu digo.

Seus olhos aquecem e ela desliza em um banco, dando um tapinha no que está próximo a ela.

— Thayden, prepare-me uma xícara de café, por favor.

— Sim, mãe. Mas você deveria saber...

— Silêncio, querido. Delilah estava prestes a me contar sobre o recente encontro de vocês. Sou toda ouvidos.

Com um suspiro, Thayden prepara uma caneca de café e uma pequena tigela de frutas para sua mãe. Acho que isso diz algo sobre o homem, que ele conhece sua mãe o suficiente para saber como ela toma o café.

Apollo coloca sua cabeça pesada no meu colo e olha para mim com profundos olhos castanhos. Eu começo a esfregar suas orelhas macias.

— Então — Elizabeth diz —, me conte tudo. Comece do início.

Olho para Thayden, ainda insegura. Ela mencionou encontrar alguém rapidamente, então ela deve saber por que estou aqui. No entanto, ela parece muito investida na cuidadora do cachorro de Thayden. Algo parece errado, mas ele se desculpou por ela, então, talvez, isso seja normal.

— Tenho que terminar de me arrumar para o trabalho — diz Thayden. — Vocês duas estarão seguras?

Elizabeth ri, dando um tapinha no meu ombro.

— Que tipo de pergunta é essa?

Sim, que tipo de pergunta é essa? A mãe dele parece um pouco emotiva, embora isso seja uma coisa entre mães e filhos, não é? Ser intrometida, superprotetora e perfeitamente normal. Pelo menos, pelo que extrai da TV e dos filmes. Eu tento não usar minha própria experiência como base para a normalidade.

— Está tudo bem — asseguro a Thayden. — Não preocupe a sua cabecinha bonita. Vá em frente e arrume-se.

Os lábios de Thayden se contraem e percebo tarde demais que eu nunca deveria me referir a ele como bonito, mesmo que seja uma expressão. Na verdade, o homem é gostoso, mas gostoso como o pecado, o que quer dizer que está fora dos limites. Ele emite uma energia que é como um sinal de "Aberto

24 Horas", mas tudo que vejo são luzes néon piscando "Não Entre".

Mesmo que ele tenha sido completamente diferente esta manhã. Atencioso. Gentil. Menos paquerador e mais genuíno. Como se ele tivesse tirado a máscara habitual que usa e me deixado espiar por debaixo. Ele precisa colocar essa máscara de volta antes que eu tenha alguma ideia desagradável.

Thayden desaparece no andar de cima e sua mãe pisca para mim, então olha para Apollo, dando-lhe um afago rápido.

— Ele parece realmente apaixonado por você — diz Elizabeth, soando um pouco emocionada.

Eu olho para Apollo. Ele é tipo o seu neto honorário? Ela *tem* netos? Percebo que sei muito pouco sobre Thayden, como se ele tem irmãos ou outra família. Esta é a oportunidade perfeita para obter a sujeira.

Apollo se aconchega mais perto.

— Ele é muito doce. Você tem outros filhos? Netos?

Elizabeth dá um suspiro, e seus grandes olhos verdes encontram os meus.

— Não. Thayden é filho único. O que faz desse grandalhão meu único neto. — Ela ri, mas parece ser mais um disfarce para as emoções contra as quais ela está lutando. — Você já está pensando em crianças? — Ela me dá um olhar de lado sorrateiro.

— Eu? Ah, não. Quer dizer, ainda não. Eu gostaria de me estabelecer primeiro. Mas eu amo crianças.

— Que maravilhoso. — Ela funga.

— Eu adoraria saber mais sobre Thayden, já que não nos conhecemos bem. — Eu dou a ela meu melhor sorriso. — Você sabe, todas as histórias que eu posso usar para provocá-lo. Ele sempre foi tão charmoso?

Ela sorri, rindo um pouco.

— Sempre. O menino podia falar sobre qualquer coisa. Desde castigo na escola a multas de estacionamento.

— Aposto que sim.

— Como ele *te* convenceu a isso? Quero dizer, se você não se importa que eu pergunte.

Dinheiro. Puro e simples. O que me faz sentir, de alguma forma, como se eu fosse uma pessoa terrível.

Olho para Apollo, que parece muito satisfeito com a atenção que estou dando a suas orelhas. Enquanto isso, sou grata pela distração que ele proporciona. Prefiro não entrar em detalhes da minha lamentável situação financeira e profissional.

— Bem, eu tinha acabado de perder meu emprego, na verdade. Eu estava me sentindo um pouco desesperada. Thayden apareceu, um verdadeiro Príncipe Encantado, e aqui estou eu.

Ok, talvez eu tenha embelezado um pouco por causa da mãe dele. Que, claramente, adora seu filho. Isso me deixa um pouco sentimental também, para ser honesta. Não tenho certeza se mamãe já se importou tanto comigo, exceto no que diz respeito à minha capacidade de encher seus bolsos.

— Então, é apenas sobre o dinheiro, nesse caso?

Elizabeth parece estranhamente desapontada, embora eu possa ver o esforço que ela está fazendo para fingir que não está.

Sobre o que mais seria?

— Quero dizer, com certeza, eu preciso do dinheiro. Mas eu realmente gosto dele — eu digo, movendo-me para coçar o pescoço de Apollo. — O ideal é que se transforme em algo mais.

Mais negócios. Mais clientes de alto padrão. Menos preocupações sobre se posso ou não pagar o aluguel.

— Quero dizer, ainda não conversamos sobre os detalhes, então veremos. O momento não poderia ser melhor. Sou grata por Thayden estar me dando a oportunidade.

Estou surpresa com o quão verdadeiras as palavras são. Isso me assusta um pouco, para ser honesta. Minha visão sobre Thayden mudou um pouco demais hoje. Com a casa, o café da manhã que me foi servido, o vínculo dele com a mãe. Se eu não tomar cuidado, esse homem pode me desfazer. Ele já está.

Ele é um galanteador, eu relembro. *É tudo um ato. E você viu o que os homens galanteadores podem fazer. Seja um Fort Knox! Não uma loja de conveniência aberta a noite toda.*

— Parece que é mutuamente benéfico. Diga-me novamente como vocês se conheceram? Através de qual amigo?

— Gavin. Ele se casou com uma das minhas grandes amigas, Zoey. Eu fui a acompanhante de Thayden no casamento. Mesmo que nosso santo não tenha batido bem no início.

Os olhos de Elizabeth suavizam e ela está prestes a fazer outra pergunta quando Thayden volta para a sala. Ele é uma bela visão em um terno.

— O que você quer dizer com nosso santo não ter batido? — ele pergunta, ajustando sua gravata enquanto sorri. — Eu me lembro do nosso santo batendo muito bem. Ênfase no *batendo*.

Eu lanço-lhe um olhar sem calor por detrás. Pelo menos não do tipo raivoso.

— Só porque você estava dando em cima de mim.

— Que galinha — sua mãe adverte. — Mas tudo isso está mudando agora, não é?

Ela funga novamente e eu juro, essa mulher deve ser a pessoa mais emotiva que eu já conheci. Olho entre os dois.

Thayden dá um pigarro.

— Mãe, realmente, nós não precisamos...

— Silêncio. — Elizabeth acena com desdém, então coloca sua mão sobre a minha. — Tem sido tão difícil para ele perder o pai tão de repente. As coisas entre ele e Thayden eram tão complicadas. Mas ele te amava muito — ela diz, voltando-se para Thayden.

Ele perdeu o pai? Deve ter sido recente, o que pode explicar o estado delicado de sua mãe. E há claramente uma história aí. *Complicado* geralmente se traduz em muita dor e mágoa.

Ah, não. Meus instintos de cuidado não precisam ser ativados. Thayden não precisa de mim para lhe dar um abraço

ou assar biscoitos para ele. Ele não precisa de um ombro para chorar, pelo menos não o *meu* ombro. Mas já sinto mais paredes minhas desmoronando.

Pergunto-me se ele gosta de gotas de chocolate ou biscoitos de açúcar de confeiteiro? Talvez biscoitos de açúcar e canela?

Thayden se desloca, mexendo nas abotoaduras e se recusando a olhar para mim.

— Mãe — diz ele, sua voz suplicante. — Podemos não fazer isso?

No estilo típico de mãe, ela o ignora.

— Eu sei que ele teria tanto orgulho de você. Ele sempre teve, mesmo que não expressasse bem.

Thayden parece uma represa, prestes a vazar. Uma parede sólida, mas com uma pequena rachadura começando a se formar por toda a pressão atrás dela. Estendo a mão e coloco-a em seu braço.

Não há muita conexão através de seu paletó e sua camisa por baixo. Talvez Thayden ainda seja um galanteador, mas perder o pai? Ele recebe uma dose de benevolência por isso.

— É melhor eu ir — diz ele, seus olhos fixos na minha mão.

Eu tenho uma sensação dos músculos se agrupando sob todas as camadas de tecido. Céus! O cara certamente deve saber se virar em uma academia. Eu deixo minha mão cair antes de fazer algo impróprio para uma dama, como medir a espessura de seu bíceps entre meus dedos.

Thayden roça a bochecha de sua mãe com um beijo e, antes que eu possa impedi-lo, ele faz o mesmo comigo. É apenas um sopro de seus lábios na minha pele. Não deveria ter o efeito de cafeína na minha corrente sanguínea. Mas, ah cara, ele tem.

Eu estreito meus olhos para ele e flagro um meio sorriso enquanto ele se afasta. É um pouco moderado em comparação com seu habitual sorriso diabólico, mas não menos bonito.

Apollo segue atrás dele, dando um gemido baixo, e Thayden faz uma pausa para coçar suas orelhas e receber uma lambida. Thayden é muito mais alto do que eu, então ele realmente tem que se curvar um pouco para esse cachorro gigante. Eu não posso deixar de sorrir.

— Você será bom hoje para Delilah. Ela vai cuidar bem de você, ok? — Seus olhos deslizam para mim. — Tenha um bom dia. Não se preocupe com a cozinha. Vou lidar com isso mais tarde.

Porque minhas boas maneiras decidem fazer uma aparição repentina, eu me pego dizendo:

— Você fez o café da manhã. Limpar é o mínimo que posso fazer.

Que droga. Lá vou eu. Concordando com mais do que deveria porque o homem tem olhos como um gramado onde eu gostaria de me deitar e um sorriso que poderia convencer qualquer um. Sem mencionar que ele é doce com sua mãe e acabou de perder seu pai.

Uma manhã é tudo o que é preciso para me conquistar? Talvez eu encontre algo incriminador mais tarde, quando estiver bisbilhotando, porque eu *estarei* bisbilhotando cem por cento mais tarde.

Talvez ele roube dinheiro de velhinhas. Duvidoso, dada a sua doçura com a mãe.

Ou talvez haja um cômodo inteiro dedicado a truques de mágica. Isso pode acontecer. Embora eu pudesse imaginar totalmente Thayden em uma capa preta de seda e cartola.

Eu deixaria que ele me partisse ao meio em qualquer dia da semana.

Não! Eu certamente não deixaria!

Percebo que ele está saindo enquanto estou sonhando acordada em ser a assistente de palco de um mágico sexy. Nós nunca discutimos o pagamento ou onde está a coleira de Apollo.

— Nós precisamos conversar! — Eu chamo quando Thayden desaparece de vista.

— Que tal durante o jantar? Eu vou te ligar!

A porta se fecha antes que eu possa dizer a ele que certamente não terá como. Jantar? Não nessa vida. Eu preciso ver esse homem menos, não mais. Ele não é bom para minha saúde ou meu coração.

— Eu deveria ir também — diz Elizabeth, me surpreendendo com um abraço genuíno. — Talvez

pudéssemos nos encontrar depois nesta semana para o almoço? Ou compras?

Ela passa a mão no meu cabelo enquanto se levanta, parecendo tão animada que não tenho coragem de dizer não. Especialmente quando o menor carinho maternal me deixa quase chorando.

Quem é a emocionada agora? Ah, certo. *Eu*.

— Você não precisa fazer isso. Eu sou apenas a ajudante contratada.

Sua mandíbula se aperta e seus olhos queimam.

— Não pense em você dessa forma, querida. Eu sei que eu não vou. E, se eu estiver certa, meu filho também não. Não por muito tempo.

Isso é exatamente o que eu tenho medo. E, nesta manhã, eu vi como é fácil sentir mais por ele também. Já estou quase lá.

Capítulo Seis

Thayden

Uma hora depois, ainda estou me recuperando do êxtase depois do meu café da manhã com Delilah. (Estou optando por esquecer a parte em que minha mãe apareceu. Também estou optando por ignorar seus telefonemas e mensagens). Há algo em estar com essa mulher que envia calor ao meu corpo.

Tudo isso colide espetacularmente no momento em que Duke aparece no meu escritório.

— Olá, filho.

A única coisa mais irritante do que seu rosto presunçoso é o fato de ele insistir em me chamar de *filho* ou *garoto*. Estaremos sentados na mesma mesa no tribunal na próxima semana, pois tive que pegar os números de processos do meu pai, mas Duke precisa ter certeza de que eu sei que ele não me vê como um igual.

— Pronto para o grande processo?

Cada palavra que sai de sua boca me esfrega como uma lixa áspera. E eu sei que essa é a intenção dele – eu consigo ver isso pela curva de seus lábios finos e no brilho em seus olhos. A melhor coisa que posso fazer é ignorá-lo.

Por que tenho tanta dificuldade com a aplicação desse conhecimento?

— Estou pronto. Você está? — As palavras soam como um desafio.

Ele ri, sua grande barriga tremendo com isso. Agora eu me sinto como a pessoa pequena que ele pensa que eu sou. Isso é o que eu ganho por morder a isca dele. Ele caminha pelo perímetro do meu escritório, como se o medisse com seus passos. Um lembrete visual para mim de que o escritório dele, bem ao lado do antigo escritório do meu pai, é maior que o meu.

— E sobre aquela outra coisa?

— Que outra coisa? — Eu embaralho alguns papéis e pastas na minha mesa, querendo parecer ocupado para tirá-lo daqui.

Duke para bem na frente da minha mesa, brincando com as canetas no meu suporte para copos. Resisto à vontade de bater em sua mão. Ele realmente traz à tona o pior em mim.

— A coisa do casamento.

Minha respiração deixa meu peito com um chiado baixo. Vou culpar Delilah pelo fato de ter pisado nessa armadilha de urso. Isso deveria ser prioridade, especialmente porque minha mãe claramente pensa que Delilah é minha noiva falsa. Não estou pronto para enfrentar o choro e o ranger de dentes quando contar a verdade à mamãe.

Finalmente localizando meu autocontrole, eu não arranco a cabeça de Duke, em vez disso, dou a ele um sorriso irônico.

— Ah, Duke. Você está preocupado comigo. Que gentil.

Ele ri novamente.

— Eu sei que você não queria sossegar, mas se casar não significa que você tem que usar uma bola com corrente.

E... eca. Não sei como alguém como Duke consegue encontrar mulheres para trair, mas ele consegue. Frequentemente, de acordo com os rumores. Ele está acima do peso, careca e tem o tipo de caráter que eu não chegaria perto nem se me pagassem. Eu sentiria pena de sua esposa, mas ela é uma pessoa quase tão miserável quanto ele. Uma esnobe total com uma língua afiada e um olhar de piranha.

Como se quisesse ter certeza de que entendi, Duke tira a aliança do dedo.

— Apenas certifique-se de comprar uma folgada o suficiente.

É assim que é a moral dele? Algo que você simplesmente põe e tira?

Eu me sinto sujo só por tê-lo perto de mim. Meu pai pode ter sido horrível comigo, mas Duke está em uma classe totalmente diferente. Não consigo imaginar papai traindo mamãe. A melhor coisa que posso dizer sobre meu pai é que ele adorava mamãe. Ele e Duke trabalharam bem juntos, mas não poderiam ser mais diferentes.

E, no entanto, seu pai está dando a este homem a firma se você não se casar. Não consigo sequer entender a sua decisão de fazer isso.

Meu telefone vibra. Minha mãe de novo, mas Duke não precisa saber disso. Eu seguro o telefone, a tela voltada para mim.

— Adorei nossa pequena conversa, mas o dever me chama.

— Vejo você em breve. — Suas palavras pairam no ar, a ameaça nelas como fumaça de charuto. Preciso de uma limpeza industrial no meu escritório agora. Não, um daqueles exorcismos caseiros, onde alguém vem e queima sálvia e esfrega óleo essencial em tudo. Talvez quando Scott encontrar uma brecha, eu demita Duke, e então terei toda a firma curada e limpa.

— Olá, mãe.

— Thayden!

Depois de Duke manchar minha existência, a voz de mamãe é refrescantemente alegre. Eu rio.

— Eu simplesmente amo Delilah. Ela é perfeita para você!

O engraçado é que eu nem discordo dela. Embora isso não signifique que eu mudei minha posição sobre o casamento. Eu gostaria de *namorar* Delilah. Ela me intriga de uma forma que nenhuma outra mulher faz.

Ela não me bajula ou diz o que ela acha que eu quero ouvir. Ela não está me manipulando e não tem segundas intenções, além de me dizer não. Além disso, ela é linda. Seu cabelo é da cor de um pote de mel com o sol brilhando atrás dele, e olhos azuis como o céu no melhor tipo de um dia de descanso de verão. Mesmo em seu uniforme da creche canina, eu não

conseguia tirar os olhos dela. Calças cáqui manchadas de grama nunca ficaram tão bem em uma mulher.

Mas é mais do que a atração física que eu posso ter notado primeiro. Eu não estava mentindo quando disse a ela que ela era a primeira mulher na minha casa. Além da minha mãe, quero dizer. Ela é a primeira mulher que eu quis convidar para entrar, e a casa finalmente pareceu *completa* com ela.

E é tão errado que pareça tão certo quando Delilah faz jogo duro comigo? Eu poderia ouvi-la me insultar o dia todo.

Eu estou esperando vencer Delilah pelo cansaço, transformar seus *nãos* em um retumbante *SIM*. A conversa sobre casamento a faria correr para as montanhas.

Mesmo se eu decidisse me casar um dia, não estaria no prazo estipulado pelo meu pai. O fato de que ele está tentando forçar isso só me faz querer menos.

— Estou feliz que você goste dela. Você deveria saber...

— Gosto dela? Eu a *amo*. — Mamãe funga e eu sei que ela está chorando, ou apenas à beira de chorar.

Por que isso me faz sentir culpado? Nada disso é *minha* culpa.

— Acalme-se. Delilah é a passeadora de cães de Apollo. Não minha noiva falsa. Então, vamos nos conter um pouco.

O grito da minha mãe poderia ser ouvido de uma estação espacial.

— *O quê*? Não, não, não, não. Não pode ser! Ela era tão... — Mamãe para e quase posso ouvi-la pensando na conversa que tiveram.

— Sim. Contratei-a para tomar conta do Apollo enquanto estou no trabalho. Levá-lo para passear, pegar o cocô dele...

— Thayden, *honestamente*. Você tem que ser tão grosseiro?

Não consigo deixar de sorrir com a sua indignação. Ela me criou. Ela não se lembra de como os meninos podem ser grosseiros?

— Mas por que ela estava lá tão cedo? E você estava de pijama! Ela não... ela não estava...?

Mamãe gagueja sobre como expressar o que ela está pensando e eu decido ajudá-la. A última coisa que preciso agora é ouvir minha mãe falar sobre sexo.

— Delilah não passou a noite, se é isso que você está tentando tão graciosamente perguntar. Eu a convidei para o café da manhã para que eu pudesse dar a ela os detalhes do trabalho. O que eu acabei nunca fazendo porque uma convidada inesperada apareceu.

— Ah.

— Sim. *Ah*.

Sua voz soa chorosa, como se suas lágrimas tivessem vazado em sua garganta.

— Mas, Thayden, eu *gosto* dela.

Eu também. Eu definitivamente não posso admitir isso agora ou mamãe vai ficar em cima de mim. Eu odeio desapontá-

la, mas ela precisa colocar na cabeça que eu não vou me casar com Delilah. Ou com qualquer uma.

— Convidei ela para ir às compras comigo — ela lamenta. — Eu estava ansiosa por isso.

— Você ainda pode ir. Você só vai fazer compras com a passeadora do meu cachorro, não com a minha noiva falsa.

— Mas por que ela não poderia ser?

A voz da mamãe mudou de desapontada para determinada e teimosa. O que não é uma coisa boa. Minha mãe pode ser tão teimosa e focada quanto eu quando quero alguma coisa.

— Não.

— Eu gosto dela. Você parece apaixonado por ela. Ela mencionou a necessidade do dinheiro. Todos ganham.

— Não, mãe. Eu não quero me casar. E não quero assustar Delilah com nosso drama familiar.

— E a empresa? Você vai simplesmente deixar todo o seu trabalho duro ser desperdiçado?

— Vou dar um jeito nisso.

O suspiro da mamãe é profundo. E embora eu não possa fazer isso, eu odeio desapontá-la. Esta manhã, ela estava tão animada. Foi o momento mais feliz que a vi desde que papai morreu. Eu arrasto a mão pelo meu cabelo, tentado a dar um bom puxão.

— Seu pai não era o único que queria te ver feliz.

— Obrigar-me a casar ou perder o legado da nossa família não é cuidar da minha felicidade. É manipulação. Um desejo de poder e controle.

Mamãe suspira novamente.

— Seu pai não era um vilão.

— Correção. Ele não era um vilão para todos. Apenas para mim. Bons pais que amam seus filhos não tentam forçá-los a um casamento falso.

— Mas não precisa ser falso. Eu vi o jeito que você olhou para Delilah esta manhã. Talvez algo possa florescer com o tempo...

— Eu gostaria de convidar Delilah para um encontro. Eu não vou pedir a ela para fingir se casar comigo.

— Maravilhoso! Você poderia sair com ela, e então em alguns meses...

— Eu não vou mudar minha posição sobre casamento, mãe. Esqueça.

Mamãe fica em silêncio por um momento ou dois. Tanta coisa paira entre nós. História, memórias, o fantasma do meu pai.

— Sabe, se você não for atrás do que quer porque é o que seu pai também queria, você não está ganhando.

— Não é um jogo.

— Eu sei.

Agora, nós dois estamos quietos. É um momento raro e eu resisto à vontade de fazer uma piada e quebrar a tensão. Ela está

certa. Eu sei que mamãe está certa. E isso me enfurece. Porque eu sei que ainda estou tomando decisões por causa *dele*.

Eu preciso descobrir o que eu quero além do que meu pai queria. Eu também não deveria evitar as coisas só por causa dele. A opinião dele é como um carrapato e eu preciso tirá-lo.

— Thayden?

— Sim?

— O que você vai fazer se você não vai se casar? — ela pergunta.

— Você sabe, continuar a viver minha vida como um homem solteiro, feliz e realizado, com um ótimo cachorro e uma mãe maravilhosa.

Ela ri um pouco.

— Não, quero dizer, sobre a Firma Walker?

Mamãe gosta de Duke tanto quanto eu. E embora meu avô tenha iniciado a empresa, foi meu pai quem a levou para o próximo nível, tornando-nos um nome sério em Austin. Mamãe se sacrificou muito enquanto papai estava construindo esse pequeno império familiar, me criando quase sozinha nos primeiros anos. Ela está inserida no tecido da empresa tanto quanto papai.

— Estou fazendo Scott procurar brechas no testamento do papai.

— Scott?

— Um dos advogados aqui do escritório. Ele é ótimo em contratos. Não se preocupe. Encontraremos algo.

— Hum. Scott, ótimo em contratos. Ok. — Mamãe parece estar tomando notas, o que é adorável. — Bem, eu ainda acho que você deveria considerar Delilah. Não como uma noiva falsa. Mas uma esposa de verdade.

Normalmente, quando as pessoas falam sobre eu me casar, tenho a sensação de que alguém acabou de pisar no meu túmulo. Hoje, porém, eu não *odeio* a ideia. Não que eu esteja de repente aberto a isso, mas não estremeço ou zombo da ideia. Talvez porque eu encontrei uma mulher que me faz sentir algo mais.

O suficiente para me fazer querer me casar? Não. Ainda uma jogada difícil.

— Falo com você mais tarde — mamãe diz, parecendo totalmente distraída. Ela provavelmente está pensando em coisas mais urgentes, como quanto os ingressos para sua próxima arrecadação de fundos devem custar por pessoa.

— Tchau, mãe.

Acabei de desligar o telefone quando ele toca novamente. Desta vez, uma mensagem.

Delilah: Onde está a coleira de Apollo?

Eu sorrio. Apenas ver o nome dela na tela não deveria ter esse efeito em mim. Mas tem.

Thayden: Você ainda não encontrou quando estava vasculhando minhas gavetas?

É apenas um palpite, mas acho que é um muito bom. A próxima resposta demora um pouco mais. Eu mordo meu lábio enquanto espero.

Delilah: Você tem câmeras de segurança instaladas aqui? Você está me observando agora? Qual dedo estou segurando?

Eu rio. Talvez mais alto e por mais tempo do que eu já ri em meses. Deveria me incomodar que ela esteja na minha casa, vasculhando minhas coisas. De alguma forma, não me importo com a ideia dela bisbilhotando. Não há nada que eu possa pensar que eu não gostaria que ela visse.

Honestamente, eu adoraria chegar em casa e encontrá-la sentada no meu sofá, vestida com minhas roupas, comendo minha comida.

Thayden: Não. Eu estava fazendo uma piada. Você está realmente vasculhando as minhas gavetas?

Delilah: Qual é o lance com este hidratante? Quero dizer, ele cheira bem e tudo, mas um armário inteiro cheio dele?

Delilah: Você é algum tipo de acumulador?

Thayden: Eu tenho um problema de pele.

Delilah: EU SINTO MUITO

Thayden: Brincadeirinha! Eu apenas gosto dele. Especialmente se você acha que cheira bem.

Delilah: Idiota.

Delilah: Mas por que tantos? Você não pode usar todos até as datas de validade. Não me diga, você é uma dessas pessoas que usam excesso de cupom.

Thayden: Não. Eles pararam de fabricar. Comprei todos em todas as lojas que encontrei.

Delilah: Que empreendedor da sua parte. De novo, a coleira??

Thayden: Está na lavanderia ao lado da cozinha. A gaveta ao lado da pia.

Thayden: Não verificou essa ainda?

Delilah: Eu estava mais focada nas partes interessantes da sua casa.

Thayden: Tipo...?

Delilah: Uma dama tem que guardar alguns segredos para si mesma.

Thayden: Mas você pode vasculhar minhas coisas e aprender todos os meus segredos?

Delilah: Onde Apollo gosta de passear?

Thayden: Ele irá a qualquer lugar que você o levar. Só tome cuidado com os homens de trajes.

Delilah: Hum... explique, pfvr.

Thayden: Trajes de empresário, trajes de bombeiros, trajes de carteiro – você entendeu.

Delilah: Você quer dizer UNIFORMES?

Thayden: Trajes, uniformes. Tanto faz.

Delilah: Entendi. Faremos o nosso melhor para evitar homens.

Bom mesmo.

Recuso-me a digitar isso e enviar. Delilah já sabe que estou interessado. Não há necessidade de ela entender o quanto.

O telefone para e eu observo até minha tela ficar preta, então desbloqueio ele e releio toda a conversa, sorrindo até minhas bochechas doerem.

Capítulo Sete

Delilah

Eu pensei que talvez andar pela vizinhança com Apollo liberaria outras coisas junto com as endorfinas. Tipo os sentimentos ridículos de paixão borbulhando em mim pelo homem que eu achava que odiava.

Até agora, a única coisa que estou liberando é suor. Baldes disso. Quem disse que as mulheres só brilham nunca viveu no Sul. Ou conhecia mulheres de verdade.

Quando voltamos para a casa dele, é início da tarde e Apollo bebe descuidadamente de sua tigela de água, inundando a lavanderia, e depois desaba no piso frio de ladrilhos. Ele está roncando em poucos instantes.

O que me deixa sozinha na casa de Thayden, entediada. Até agora, limpei a bagunça do café da manhã, passeei com Apollo duas vezes e meti o nariz em todas as gavetas e armários da casa inteira.

Quando Thayden mencionou eu ter olhado em suas gavetas mais cedo, meu coração parou de bater no meu peito. Eu realmente pensei por um momento que ele tinha câmeras escondidas aqui e minha pele se arrepiou em preocupação. Mas, aparentemente, era óbvio para ele que eu sou esse tipo de

pessoa. Ele não parecia se importar e eu não tenho certeza do que isso diz sobre *ele*.

Mamãe costumava dizer que se a curiosidade matasse o gato, eu estava ferrada. Uma vez, na festa de aniversário da minha amiga Lily, a mãe dela me encontrou saindo do sótão.

— Por que você está aqui em cima? — ela perguntou, parecendo chocada quando emergi das escadas do sótão que descobri escondida em um armário no andar de cima.

— Eu queria ver o que vocês têm.

Eu tinha seis anos.

Minha curiosidade não diminuiu nada e, apesar de como isso pode soar, eu tenho *alguns* limites. Eu não mexi nos arquivos do armário de madeira em seu quarto, embora estivesse destrancado. (Sim, eu verifiquei).

Eu não desarrumei sua cama e criei anjos de neve no que eu imagino ser uma colcha com fios ridiculamente fora da minha realidade.

Eu também não entrei no sótão suspenso.

(Estou guardando isso para amanhã. Além disso, eu não era alta o suficiente para alcançar a corrente para puxar sem ter que arrastar uma cadeira para o corredor.)

Honestamente, toda a parte de ser intrometida não demorou muito. Considerando que a família do homem tem um jato particular, sua casa é surpreendentemente modesta. Não é barata, quero dizer, está em uma ótima localização bem no coração de Austin, certamente não é barata neste mercado

inflacionado, mas ele poderia comprar algo muito maior e mais novo.

O andar principal é composto pela sala de estar, sala de jantar, cozinha, lavabo sob as escadas e uma lavanderia que é a única parte da casa que não parece ser original. O andar de cima é minúsculo, com dois quartos conectados por um banheiro no estilo semi-suíte. O banheiro, como a cozinha, teve um trabalho de reforma mais extenso, com uma grande banheira de imersão ocupando a maior parte do pequeno espaço.

Resumindo, estou apaixonada pela casa dele. É um bangalô acolhedor e convidativo cheio de personalidade. Nem em um milhão de anos o tipo de casa que eu teria imaginado Thayden escolhendo. Ele é mais um mistério para mim do que era antes de eu bisbilhotar.

Embora confortável e acolhedor, havia poucos objetos pessoais. Apenas uma fotografia emoldurada de Thayden e sua mãe. Encontrei algumas coisas interessantes, como o armário cheio – e quero dizer *cheio* – de hidratante. Sua explicação sobre isso ter parado de fabricar faz sentido. E fiquei aliviada porque, para ser sincera, pensei em pesquisar *fetiche em loção* e não sabia o que poderia encontrar.

Mamãe uma vez estocou um batom CoverGirl que parou de fabricar e eu me lembro de sentir que era uma missão muito importante procurar os remanescentes quando íamos a todos os CVS, Walgreens, Target e Walmart do condado. Esta é uma das minhas memórias de infância favoritas com mamãe que diz

algo sobre a minha infância. E sobre a minha relação com minha mãe.

Eu poderia – e provavelmente deveria – ir para casa. Quer dizer, não discutimos o que Thayden espera, mas provavelmente não é uma babá em tempo integral. Honestamente, no entanto, eu amo estar em seu espaço.

Pego um exemplar de *Sonho de Uma Noite de Verão* em sua estante, satisfeita por ele ter minha peça favorita de Shakespeare, e me jogo no sofá. Sorrio com algumas páginas quando Hérmia diz: "Quanto mais eu odeio, mais ele me segue".

— Eu te entendo, irmã — murmuro. — Thayden é do mesmo jeito.

Apollo se arrasta ao som da minha voz e cai ao lado do sofá. Ele rola de costas, suas pernas desengonçadas no ar. Dou-lhe um bom e suave carinho na barriga e ele me agradece espirrando na minha cara.

— Obrigada, grandão — eu digo.

Com uma mão ainda na barriga de Apollo, coloco a peça de lado e mando uma mensagem para Thayden.

Delilah: Nós esquecemos de discutir os termos do meu emprego essa manhã. Quanto tempo devo ficar aqui?

Thayden: O tempo que você quiser. Apollo é MUITO carente.

Nesse momento, Apollo solta um ronco que envergonharia um homem adulto.

Delilah: Seu CACHORRO é carente? Ou você é?

Thayden: Ambos.

Thayden: Sério, fique o tempo que quiser ou saia quando quiser. Gosto de imaginar você na minha casa.

Ok, isso me fez esconder o meu rosto debaixo de um travesseiro e gritar. Eu não posso estar animada com o flerte de Thayden. Não posso. Mas eu estou.

Thayden: Você terminou de passar por todos os cômodos? Encontrou mais alguma coisa sobre a qual você queira perguntar?

Eu coro, embora apenas Apollo esteja por perto para ver o meu rosto, e ele ainda esteja roncando. Porque eu *encontrei* uma coisa que eu definitivamente *não posso* perguntar a ele sobre... em sua gaveta de roupas íntimas.

Não, eu não sou um pervertida. Todo mundo sabe que a gaveta de roupas íntimas foi projetada para guardar coisas especiais, coisas *secretas*, não apenas roupas íntimas. Por isso olhei. Não para ver o que Thayden tem por baixo do terno. Eu não sou esse tipo de garota.

Ok, talvez eu seja um *pouco* esse tipo de garota. Só porque sou curiosa. Não como se eu estivesse imaginando ele ou algo

assim. Eu não estou. (Não exatamente neste momento, afinal). Para constar, e no caso de eu precisar usar esse detalhe para identificar seu corpo, ele usa cuecas boxer Calvin Klein apenas em preto e cinza.

Enfim, a questão é: encontrei algo, só não sei o quê.

Atrás de todas as Calvin Klein, há dez envelopes selados e não identificados. Eles são apenas do tamanho comum de um envelope de carta. Bem selado (não que eu tenha cutucado um pouco nas bordas apenas para ter certeza) e leve o suficiente para eu supor que eles têm apenas um pedaço de papel neles.

De quem são? Por que dez? Por que ele não os abriu? Ou Thayden os escreveu e os selou? Poderiam ser cartas de amor para alguma mulher há muito perdida?

Essa última ideia, que me ocorreu enquanto eu os colocava de volta na gaveta, não me agradou. Não é preciso ser um gênio para descobrir que estou com ciúmes, mas estou intencionalmente ignorando esse sentimento. Eu também estou escolhendo acreditar que, o que quer que sejam, não são cartas de amor. Não.

Thayden: Seu silêncio me preocupa.

Thayden: Devo me preocupar?

Delilah: Eu tenho passado mais tempo com seu cachorro, que é, como você disse antes, muito CARENTE.

Thayden: Ele não é o único.

Ok, ESSA mensagem me faz desligar o telefone para que eu possa regular minha respiração. Alguns meses atrás – não, até mesmo ontem – esse tipo de comentário teria me deixado com os olhos cerrados e pronta para bater em Thayden.

Isso foi antes de ele me fazer o café da manhã. Antes de conhecer sua doce mamãe. Antes de me apaixonar por seu cachorro e sua casa. Antes de saber do seu pai, com quem ele teve um relacionamento *complicado* e faleceu recentemente.

Agora? Estou faminta por todos os comentários sedutores e passei de odiar Thayden a odiar a mim mesma só um pouquinho.

Thayden: Eu termino por volta das seis e te pego. Vista-se casualmente.

Delilah: Para...?

Thayden: Jantar, lembra? Onde discutiremos os termos do seu emprego.

A ideia de jantar com ele me dá um pouco de excitação. Que, como um incêndio na cozinha, precisa ser apagado imediatamente.

Ele está te alimentando com mentiras, D. Apenas mentiras. E sabe o que fazemos com mentiras? Nós não caímos nelas. Não acreditamos. Não importa o quão convincente são.

Não. Caia. Nessa.

Delilah: Eu gostaria de assinar um contrato, por favor.

Thayden: Você não confia em mim?

Delilah: Você é advogado. Ninguém confia em advogados.

Thayden: Quem você acha que elabora os contratos? ADVOGADOS. Além disso, eu sou um advogado.

Delilah: Exatamente.

Thayden: Ai. Achei que as garotas do sul deveriam ser doces.

Delilah: As garotas do sul são tão doces quanto chá gelado, mas tão afiadas quanto um arbusto com espinhos.

Thayden: Bom saber. Envie-me seu endereço para que eu possa buscá-la. 18:30?

Jantar com Thayden. Eu estremeço e esfrego meus braços, como se isso fosse evitar os arrepios. Mais sinais ruins. De alguma forma, sei que será mais do que apenas falar sobre um contrato. Ele poderia apenas deixar um pedaço de papel aqui para eu assinar. Então eu poderia evitar vê-lo, o que foi combinado no nosso acordo verbal.

Delilah: Por que você simplesmente não deixa o contrato depois do trabalho?

Eu mordo meu lábio, não tão secretamente esperando que ele diga não.

Thayden: Talvez precisemos discutir os termos. Além disso, o jantar parece mais divertido.

É disso que tenho medo.

Ele continua mandando mensagens, claramente tentando fazer um caso irrefutável sobre por que eu preciso jantar com ele esta noite.

Thayden: Além disso, você tem que comer. E gostaria de saber como Apollo está. Tenho muitas perguntas sobre como foi o dia dele. Sou um pouco superprotetor com quem eu amo.

Eu amo um homem que ama seu cachorro e que protege suas pessoas. Como seria ter essa mesma proteção estendida a mim?

— Argh! — Eu grito, arremessando a almofada que eu tinha acabado de colocar sobre o meu rosto.

Apollo se assusta e fica de pé, correndo até o travesseiro e cheirando, como se estivesse tentando ver como isso me ofendeu.

Thayden passou muito rápido de ser um homem irritante e um claro "SEM CHANCE", para ser algo completamente diferente. Ele pelo menos subiu na escala variável para um tolerável e confuso "OK, TALVEZ".

Delilah: Tudo bem. Mas só por causa de Apollo.

Thayden: Claro. Eu sei que você não concordaria em jantar só por MIM.

Ele está pescando elogios, esperando que eu discorde. Seria tão fácil continuar essa brincadeira o dia todo. Infelizmente, é melhor do que as conversas que tive nos meus últimos encontros. Que foram... há quanto tempo? Há muito tempo e muito esquecíveis.

Não caia nessa, D.

Quando eu não respondo imediatamente, ele manda mais uma mensagem.

Thayden: Tenho uma reunião agora, mas vejo você às 18h30. E vou me certificar de conseguir um contrato para você o mais rápido possível.

Antes de sair, levo Apollo para mais uma caminhada, desejando ter me vestido como Harper, em roupas esportivas para todo esse tempo ao ar livre. Parece que Deus colocou um domo de vidro no topo da cidade, formando uma estufa úmida de calor.

O suor escorrendo pelas minhas costas faz todos os pequenos arranhões e raspões, por ter sido arrastada por Apollo, coçarem. Isso foi ontem? A maioria deles eram bastante superficiais e vão se curar muito bem. Por enquanto, eu sou uma bagunça suada e com coceira.

Em uma esquina, Apollo para e cheira uma placa de sinalização que é claramente popular entre o público canino. Eu puxo minha camisa para longe do meu corpo, tentando fazer um pouco de ar circular ali. Eu definitivamente vou precisar de um banho antes do nosso encontro.

Nosso jantar. Não o nosso encontro. Não é um encontro.

É?

Para ficar super-hiper extra claro, eu mando uma mensagem para Thayden enquanto estou andando de volta para sua garagem.

Delilah: Esta noite NÃO é um encontro. É um jantar. Mas não um ENCONTRO.

Ele não responde, no entanto, o que faz meu estômago parecer que agora está abrigando uma daquelas exposições de borboletas que têm em museus de ciências.

Quase deixo a coleira cair quando a mãe de Thayden sai de um carro escuro que eu não tinha visto estacionado no meio-fio da frente, ao lado da minha scooter.

— Delilah! Eu esperava que você estivesse aqui!

— Olá, Elizabeth!

Apollo abana o rabo enquanto ela se aproxima, me dando um abraço. Eu sei que estou sendo dura, mas ela me surpreendeu. Só espero que ela não tenha nenhum plano de bancar o cupido. Porque estou tendo bastante dificuldade em resistir ao próprio homem sem sua mãe a bordo também.

Exatamente quão próximos são Thayden e Elizabeth? Eu me pergunto se eu deveria esperar que ela aparecesse assim a qualquer momento que eu estivesse aqui. Quero dizer, a mulher é doce, embora um pouco temperamental. Lembro a mim mesma que o marido dela acabou de morrer e me acalmo um pouco enquanto caminhamos juntas até a casa.

— Acabei de chegar do escritório de Thayden com o seu contrato — ela diz, me dando um sorriso brilhante quando estamos na cozinha.

— Isso foi rápido — digo a ela, enchendo a tigela de água de Apollo na lavanderia. O cachorro grande é muito limpo no geral, não é peludo ou fedido, mas quando ele bebe água, é outra história. Aqueles lábios agitados e língua enorme mandam água por todo o lugar.

Elizabeth pega o banco onde ela se sentou para o café da manhã e desliza o que parece ser uma tese de pós-graduação sobre o balcão liso. Sento-me ao lado dela e começo a folhear o documento digitado, que está tão cheio de juridiquês que sinto o suor pinicando meu couro cabeludo, apesar da rajada de ar frio da ventilação acima.

— Hum, uau. Thayden foi... meticuloso. Achei que ele queria falar comigo esta noite?

— Esta noite? — Ela pisca os olhos para mim.

— Thayden e eu vamos jantar para discutir os termos.

— Certo. É claro. Tenho certeza de que ele preferiria falar sobre outra coisa durante o jantar. — Ela sorri. Sim. Uma mãe com um plano de casamenteira.

Eu empurro esse pensamento para longe. Eu preciso me concentrar no documento legal muito oficial diante de mim.

— Devo me preocupar por não ter ideia do que essa coisa está dizendo?

— Você conhece os advogados. — Ela revira os olhos, então dá um tapinha na minha mão. — A maior parte é apenas baboseira. Você sabe. Mas ele disse que queria ter certeza de que você estava *protegida*.

Minha mente volta à nossa conversa mais cedo, como Thayden disse que ele fica superprotetor com aqueles que ama. Não quero pensar muito profundamente sobre isso. Por outro lado, sim, eu realmente quero.

Lembra quando você odiava esse cara, D?

Tipo...

ISSO FOI ONTEM.

Ah. Certo.

— Huh.

Superprotetor está certo. Este documento é super *alguma coisa*, com certeza. Estou folheando, vendo frases como dissolução de pessoas e propriedades até então, juridiquês-blá-blá.

Não há nenhuma maneira de eu passar por isso. Acho que meus olhos já atravessaram e voltaram para o outro lado.

Elizabeth se aproxima e ela cheira a jardim inglês. O perfume floral me acalma, mas só um pouco.

— Coloquei algumas notas adesivas dentro onde você precisa assinar.

— Quer dizer, eu não deveria ler primeiro? É apenas... tanta coisa.

Ela dá um tapinha no meu ombro.

— Você sempre pode pedir ao seu advogado para dar uma olhada nisso. Eles geralmente cobram por hora e não deve ser muito mais do que cento e cinquenta dólares por hora. Algumas horas e você poderia se sentir segura.

Certo. Para uma mulher que usa esse tipo de joia, cujo filho tem um jato particular, essa quantia é apenas um troco de bala. Eu nem quero saber o número de mochas de menta que seriam. Mesmo uma hora a cento e cinquenta seria impossível.

Eu sorrio e empilho os papéis ordenadamente.

— Com certeza vou dar uma olhada.

Mais como, vou pedir para Zoey dar uma olhada. Ela é uma empresária séria, mesmo que não seja uma advogada. Talvez Sam pudesse fazer isso. Ela teve que assinar um contrato para o livro da Dra. Love. Não me lembro se ela contratou alguém ou se seu agente tratou disso.

— Bom para você. Eu gosto de uma mulher que olha para as letras miúdas. Especialmente com a quantidade de dinheiro que está envolvida. Seria uma mudança de vida. Agora, devemos planejar nossa futura maratona de compras?

Quanto dinheiro está envolvido? Parece deselegante perguntar, mas ela trouxe isso à tona, então eu limpo minha garganta e me jogo.

— Onde se fala do dinheiro? Thayden nunca disse quanto vai me pagar. Eu meio que apenas concordei verbalmente. — Eu rio nervosamente, odiando essa conversa sobre dinheiro quase tanto quanto odeio ler a linguagem de advogado.

— Você é tão doce. — Elizabeth vira para uma página perto do fim. — Como você pode ver, é *muito* generoso.

Os números fazem meu queixo cair.

— Cem mil dólares por um ANO? Isso é insano! — Eu empurro o contrato em direção a ela e me levanto, correndo minhas mãos suadas sobre minha saia enquanto começo a andar de um lado para o outro. — Não. Eu não posso fazer isso. É demais.

Elizabeth apenas ri.

— Você tem alguma ideia do que Thayden faz? Ou quanto a nossa família possui?

Eu balanço minha cabeça lentamente. Quer dizer, eu sei sobre o avião e que ele tem um carro chique e esta casa em uma localização privilegiada, mas eu não tinha exatamente pesquisado ele no Google, além da busca no mapa para ver a casa dele. Talvez eu devesse ter feito. Esse parece ser um primeiro passo lógico, que normalmente ocorre *antes* de olhar dentro da gaveta de roupas íntimas dele.

Eu afundo de volta no meu banco, tentando me lembrar dos exercícios de respiração que Harper me ensinou. Eles não estão funcionando.

— Isso não é nada para ele. E ele está pagando alguém por sua confiança também. Ele confia em você. Conheço Thayden, e ele não deixaria ninguém entrar em sua casa. — Ela ri. — Você deveria ver o que ele paga a sua governanta.

Eu só consigo imaginar. Mas cem mil dólares??? Eu sabia – eu *sei* – o quão Thayden e sua mãe estão fora da minha realidade, classe e faixa de renda. Até essa conversa, contudo, isso não me incomodava.

Agora, me deparo com aquele desespero faminto que vem de ser pobre e a vergonha que o acompanha. Estou de volta ao nosso trailer, vendo tantas coisas que quero que mamãe e eu não podemos pagar. Não apenas roupas que não vêm de uma loja de segunda mão, mas coisas como a faculdade. Um futuro. Uma casa um dia que não seja um trailer onde eu nunca me sinto segura.

As únicas coisas boas que eu tinha eram para os concursos e, a maioria delas, mamãe ou fazia permuta ou possivelmente roubava. Eu nunca sabia e entendia que era melhor não perguntar. E essas não eram as coisas que eu queria. Elas eram parte do que eu sabia que era meu *trabalho*.

— É um salário, querida. Eu sei que você está acostumada com menos. Mas isso não é inédito. Pagamos por discrição e por um trabalho bem feito. Há uma cláusula de sigilo aí

também. — Ela acena com a mão, diamantes cintilando. — Mas peça ao seu advogado para dar uma olhada nisso. Tenho certeza de que ele achará concreto.

Ela empurra os papéis de volta para mim, mas uma caneta se materializou do nada, bem em cima deles. A mãe dele é uma feiticeira? Ou uma gênia?

Meus dedos se contorcem. Cem mil dólares pagariam a maior parte dos meus empréstimos estudantis, além de me permitir alguma flexibilidade para sobreviver. Talvez comprar algo além de miojo e frutas podres em liquidação. Olho para os papéis, quase sentindo o gosto da liberdade que eles contêm.

Mas *parece* um truque. Porque não pode ser tão fácil, pode?

Elizabeth está fuçando em sua bolsa, aparentemente despreocupada se eu assino ou não.

Meu instinto está me dizendo que devo pedir para alguém dar uma olhada mais detalhada neste contrato. E o meu desespero está pronto para picar meu dedo e assinar com meu próprio sangue.

— Eu tenho que fazer uma ligação rápida, querida. Eu apenas vou lá em cima por um momento.

Elizabeth me deixa sozinha com o contrato e um peso pressiona meus ombros quanto mais olho para os papéis. Isso me permitiria realmente começar de novo. Sem os empréstimos estudantis pairando sobre mim, eu não teria preocupações me bombardeando como um gaio-azul protegendo seu ninho. Eu deixaria de me sentir como a única fracassada entre as minhas

amigas. Eu não teria que pensar em possivelmente correr para casa de mamãe com o rabo entre as pernas, o que passou da pior das hipóteses para como algo garantido.

Mas e Thayden?

Agora, minha determinação em relação aos meus sentimentos está começando a rachar, e é o *primeiro dia*. Como vou resistir a ele ao longo do tempo? Assinar este contrato é como se eu estivesse admitindo a derrota.

Eu pego a caneta e vou para a primeira nota adesiva.

Eu respiro lentamente algumas vezes, tentando pensar com calma e racionalmente. Mas a parte de mim aterrorizada pelo meu futuro é alimentada por algo muito mais primitivo. É aquele instinto animal de correr para dentro da caverna em busca de segurança.

Este dinheiro é uma caverna agradável e quente, e estou cansada de ficar do lado de fora no frio e no escuro.

Eu rabisco minha assinatura uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Perco a conta no final.

Então coloco a caneta em cima com as mãos trêmulas, deixo o contrato no balcão e vou para casa sem me despedir de Elizabeth, sentindo um alívio em relação às minhas finanças misturado com um caroço de pavor na barriga por ter acabado de assinar um acordo com um diabo encantador.

Cara Dra. Love

De: BFF911@DraLove.advice
Para: DraLove@DraLove.advice

Cara Dra. Love,

Já fui em muitos encontros, mas não encontrei um cara com quem valesse a pena namorar sério. Até agora.

O problema? Minha melhor amiga o reivindicou. Mas ontem, ele ME convidou para sair. Eu não tenho certeza do que fazer. Ele é o tipo de cara com quem eu poderia ver um futuro, mas não quero perder minha amiga por causa de um cara.

Ajuda! Eu escolho minha BFF ou o BOY?

— BFF 911

De: DraLove@DraLove.advice
Para: BFF911@DraLove.advice

Cara BFF 911,

Agora que estamos no século 21, poderíamos apenas parar de usar a palavra reivindicar?

Honestamente, eu entendo usar Código de Garotas e Código de Garotos, mas reivindicar alguém em POTENCIAL

não é justo, especialmente quando há algo REAL se formando entre vocês.

Não conheço sua amiga e como ela reagiria, mas eu sentaria para uma conversa franca. Eu não quero escolher caras no lugar das minhas amigas e, ainda assim, quando nos comprometemos a casar com alguém, nós FAZEMOS isso. Nosso cônjuge virá em primeiro lugar, embora ainda mantenhamos nossas amizades.

Se você realmente vê um futuro com esse cara, pelo menos vale a pena conversar com sua amiga sobre isso. E talvez também mencionar a ela que precisamos acabar com todo esse desastre sobre reivindicar.

— Dra. Love

Capítulo Oito

Delilah

— Tem certeza de que é isso que você quer vestir? — Harper pergunta.

— Positivo.

Harper levanta uma sobrancelha escura, dando uma olhada no meu jeans, Converse rosa e top branco casual. Eu olho no espelho ao lado da nossa porta da frente, me encolhendo um pouco. Meu rosto está sem maquiagem. Meu cabelo está em um rabo de cavalo. Não consigo me lembrar da última vez que pareci tão... casual.

Eu sei que se Harper está me questionando, devo estar ruim. Eu amo a garota, mas se não absorver suor, ela não está usando.

Mas esta noite, ruim é bom. Vou jantar com Thayden. Jantar. Não um encontro.

Não. Um. Encontro.

Minha roupa casual é o ponto final dessa declaração. Se não há roupas para encontros, não há encontro. Minha lógica é boa.

— Chase, essa roupa grita "Não é um encontro" para você?

O melhor amigo de Harper me olha de seu lugar no sofá, então acena com a cabeça.

— Se você está tentando mantê-lo na zona de amigos, este é um bom visual.

É isso que eu quero? Zona de amizade? Thayden é mesmo um amigo? Eu penso nele mais como um jogo de pinball, caiu em minha vida e bateu em todos os cantos. E sim, talvez ele esteja fazendo algumas luzes piscarem e sinos tocarem, mas isso não significa nada. Coisa nenhuma.

Você não quer que Thayden goste de você. Isso não é um encontro.

Harper cai ao lado de Chase, dando-lhe um tapa no estômago.

— Rude!

— Ai! O quê? Eu não estou sendo ofensivo, você está ótima, Delilah. Só estou dizendo que as roupas dela gritam casual. Não como um primeiro encontro.

Harper bate nele novamente.

— Preciso separar vocês? — Eu pergunto, tentando esconder meu sorriso.

Esses dois podem ser melhores amigos, mas a atração entre eles é quente o suficiente para violar uma série de códigos de incêndio toda vez que estão juntos. Mesmo que Harper não admita. É uma pena também, porque eles seriam o casal perfeito.

Quando me permito sonhar com o amor, é assim, com um amigo. Sem surpresas, sem saber como vocês podem se dar bem. Seria sólido e estável, algo em que eu pudesse confiar. Porque a confiança é minha moeda, e as moedas são raras, totalmente fora de circulação.

— Peça desculpas — diz Harper, cutucando Chase nas costelas.

Ele ri e se afasta dela no sofá, agarrando seus pulsos no processo enquanto ela tenta chutá-lo.

— Ai! Tudo bem! Desculpe, D! Eu não estava tentando ser um idiota.

Eu aceno com a mão.

— Entendo você, Chase. Não há necessidade de pedir desculpas. Eu aprecio o ponto de vista de um homem. Vocês podem parar de atacar um ao outro agora.

A campainha toca.

De repente, não consigo encarar Thayden. Não posso. Eu me sinto mais exposta do que se estivesse sob um grande holofote amarelo no palco, com dez camadas de maquiagem. Harper fica de pé, obviamente vendo meu pânico.

— Chase, abra a porta — ela grita, enganchando um braço no meu.

Harper me arrasta pelo corredor até seu quarto e bate a porta atrás de nós.

Uma vez que estamos sozinhas, ela me pega pelos ombros e começa uma massagem que parece estar sendo dada por um guarda da prisão.

— Respire, D. Inspire... e expire. Inspire e expire. É isso.

— Ai — eu digo.

Ela diminui a força da sua massagem. Ainda dói, mas não reclamo.

— O que está acontecendo nessa sua linda cabeça?

Uau. Devo estar mal se estou recebendo uma conversa de garotas de Harper. Eu não tenho certeza se já ouvi seu tom de voz tão suave.

— É só que... tenho medo de gostar de Thayden. — Dizer isso em voz alta só confirma a verdade. Eu gosto do último homem no mundo que eu quero gostar.

Seus olhos se arregalam.

— O idiota, Thayden? Aquele que você sempre falou sobre odiar? Aquele que te abandonou no casamento de Zoey? Aquele com quem você insistiu que *não* vai a um encontro hoje à noite?

Concordo com a cabeça, desejando não sentir o formigamento das lágrimas no fundo dos meus olhos.

— Ok. Você gosta dele, mas não *quer* gostar dele?

Eu aceno novamente, mordendo meu lábio.

— Isso é estúpido?

— Não. A questão, contudo, é esta: ele é um cara mau? Quero dizer, estou analisando qual Delilah encorajar aqui. Aquela que talvez goste dele, ou aquela que não quer.

Penso na primeira vez que conheci Thayden e em como ele me lembrou os homens que jogavam papo até irem para a cama de mamãe, apenas para desaparecerem. Homens bonitos e de fala mansa.

Quando saíam para ir atrás de coisa melhor (mulheres mais jovens ou mais ricas), como sempre faziam, geralmente era com algum dinheiro de mamãe e um pedaço de seu coração.

Às vezes eles deixavam mais do que isso para trás. Hematomas. Lembranças ruins. Janelas quebradas.

Fecho os olhos, imaginando Thayden esta manhã em sua cozinha. Ele pode ser um paquerador e um mulherengo (ou, se eu for acreditar nele, um *ex*-mulherengo), mas ele não é como aqueles homens que eu cresci sabendo evitar, aqueles que me fizeram empurrar uma cômoda contra minha porta à noite, *apenas por precaução*.

— Eu não tenho certeza — eu digo.

Harper me estuda por um momento.

— Eu sei que não sou Sam com todos os conselhos inteligentes. Mas aqui está a minha sugestão. Você vai sair com ele esta noite. Conhecê-lo melhor. Chame isso de encontro ou de jantar, mas é um teste. Uma análise de risco. Vale a pena pensar nele de uma maneira romântica ou não?

Isso realmente faz muito sentido. Eu gostaria que Harper pudesse ter a mesma percepção quando se trata de Chase. Ela para sua massagem dolorosa para olhar profundamente nos meus olhos.

— Você pode desfrutar do seu jantar sem sentir pressão?

Isso soa confortante, honestamente.

— Eu acho que sim.

Os olhos de Harper se estreitam e, quando ela fala novamente, ela está com sua voz de treinadora. A que ela usa quando está comandando treinamentos intensivos ou mandando em atletas de elite na academia. Só a ouvi algumas vezes, mas sei porquê é eficaz e porquê ela é uma das treinadoras mais procuradas em Austin. A academia e eu não somos realmente o que você chamaria de amigas. Mais como... conhecidas distantes que mal gostam uma da outra.

— Você. Pode. Fazer. Isso?

Eu aceno com mais vigor.

— Sim, senhora.

Harper revira os olhos, dá um último aperto doloroso em meus ombros e abre a porta.

— Então, vai lá, tigresa. E independente do que você fizer, não pegue leve com o cara.

O problema, no entanto, é que tenho certeza de que Thayden adora quando eu *não pego* leve com ele. O que só vai tornar as coisas mais interessantes. Ou mais difíceis. Dependendo de como esta noite vai se desenrolar.

Quando volto para a sala com minha cara de "vamos, time", Chase está rindo de algo que Thayden disse. Nenhum dos dois está olhando, então eu posso checar Thayden sem ele saber.

Ele deveria investir em tecnologia de clonagem. Porque ele seria um bilionário se pudesse replicar aquelas maçãs do rosto, aquele maxilar levemente barbudo, os ombros largos esticando sua camisa de botão. Até seus antebraços, visíveis pelo jeito que

ele casualmente dobrou as mangas, são gostosos. O cara é a perfeição.

Especialmente quando ele me vê e seus olhos verdes se iluminam com um brilho que faz meu coração bater contra minhas costelas. É uma criança que coloquei de castigo e quer que eu abra a porta do quarto.

O olhar de Thayden permanece no meu rosto enquanto ele me dá um sorriso largo.

— Eu não tinha certeza se você tinha mudado de ideia e fugido.

Paro a alguns metros de distância, fingindo uma confiança que definitivamente não sinto. Ele transformou minha determinação de aço em um macarrão de espaguete cozido.

— Eu pensei nisso.

Seu sorriso se alarga e é como uma arma. Uma com uma mira a laser apontada diretamente para o centro do meu peito. A covinha aparece e eu estou morta.

— Você sabia que seria inútil, não é? Porque eu teria rastreado você como um cão de caça.

— Então, você concorda que você é um cachorro — eu digo, colocando minhas mãos em meus quadris.

Harper se juntou a Chase e as duas cabeças estão como uma bola de pingue-pongue, indo de um lado para o outro como se estivéssemos jogando uma partida incansável de tênis de mesa.

Thayden joga a cabeça para trás e ri.

— Você me pegou, D. Eu não mereço você. Mas com certeza eu gosto de você.

Minhas bochechas coram.

— Isso não é um encontro, lembra?

— Perdoe-me se estou sonhando e planejando como posso transformar isso em mais. — Ele estende o braço, esperando que eu dê um passo à frente e pegue.

Tenha misericórdia! O charme desse homem poderia fazer uma cesta de cobras venenosas se apaixonar. Mas não tenho a sensação de que seja falso. É um flerte, mas ele é sincero.

Pelo menos, eu *acho* que ele é. Mas talvez eu seja apenas uma cobra, sendo enganada para guardar seu veneno por uma doce canção.

Dou um passo à frente e seguro o braço de Thayden. Antes que ele possa me levar para fora da porta da frente, e para o que é provavelmente a minha morte, eu me lembro da minha educação.

— Thayden, você conheceu Chase, mas esta é Harper, uma das minhas melhores amigas e colega de quarto.

Thayden estende a mão que não tem meu braço e posso ver que nem Harpy está imune a seus encantos. Ela sorri, um sorriso real, e mesmo que Thayden não esteja sendo nem um pouco paquerador, Chase franze a testa para suas mãos entrelaçadas enquanto elas dão um aperto.

— Prazer em conhecê-la, Harper. Acho que já te vi na minha academia. Você não treina alguns dos caras da Grit? Os grandalhões, se bem me lembro.

— Eu treino.

— Isso é impressionante — diz Thayden.

— Delilah tem meu número se você quiser intensificar as coisas.

— Como D sabe, eu gosto de um desafio — diz Thayden. — Talvez eu tenha que aceitar isso.

Chase se aproxima de Harper, tão perto que ela olha para ele e tenta se afastar antes que ele coloque um braço em volta da cintura dela. Eu tento não rir.

— Sim, ela é impressionante — diz Chase, sua voz baixa e ameaçadora. Harper parece que está prestes a jogá-lo do outro lado da sala.

— Você está pronta? — Thayden me pergunta.

Não.

— Sim.

Eu me despeço de Chase e Harper e deixo Thayden me guiar para fora da porta. Um carro esportivo vermelho elegante está estacionado no meio-fio, aquele que ele estava dirigindo no dia em que o conheci. Isso me dá uma ideia.

Eu me viro para Thayden e bato meus cílios.

— Você se importa se eu dirigir?

Ele pisca para mim.

— Eu, uh...

— Maravilhoso!

Começo a arrastá-lo até onde estacionei Annabel Lee. Posso sentir sua resistência, mas ele me deixa conduzi-lo. Eu puxo minha mão livre para procurar minhas chaves.

— Só tenho um capacete. Você quer?

— Não. Melhor cobrir a pessoa mais valiosa e bonita entre nós dois.

Eu bato em seu ombro.

— Agora, apenas pare com a conversa fiada, senhor. Não vai funcionar comigo.

Thayden sorri enquanto eu coloco meu capacete e, caramba, ele parece gostar tanto de mim com essa coisa boba.

— O que vai funcionar em você? Importa-se de jogar um osso para um homem aqui?

— Sim. Eu me importo muito. Um homem de verdade não precisa de uma folha de respostas. Agora suba e se segure.

Eu me acomodo no banco, me repreendendo por flertar com o último homem com quem eu deveria estar flertando. Mas quando ele se acomoda bem atrás de mim, TÃO próximo atrás de mim, eu suspiro.

Minha ideia de torturar o homem sofisticado fazendo-o andar na minha scooter (desculpe, Annabel Lee, mas você sabe que é verdade) sai pela culatra. Isso vai *me* torturar. Seu peito pressiona contra minhas costas e seus braços serpenteiam em volta da minha cintura de uma forma que não é apenas platônica. Nem um pouco. E então ele inclina os lábios para

perto. Claro que tenho o tipo de capacete que deixa minhas orelhas expostas, então sua respiração desliza sobre a minha pele.

— Esta foi uma ótima ideia. Obrigado por sugerir a scooter. É muito melhor... para o meio ambiente.

O meio ambiente. Para o seu ambiente pessoal, talvez. Para lutar contra os arrepios que percorrem meu corpo apesar do calor, eu estou fora. O minúsculo motor de Annabel Lee se esforça com o peso de duas pessoas.

Enquanto isso, o homem que é a personificação da tentação apenas ri, e eu posso sentir aquela risada se movendo pelo meu corpo onde ele está pressionado contra mim. A vibração disso solta algo dentro de mim que eu não acho que serei capaz de colocar de volta facilmente.

Percebo a alguns quarteirões de distância que não sei para onde estamos indo. Viro a cabeça ligeiramente e, claro, Thayden está BEM ALI. O capacete é a única coisa que impede nossos lábios de roçarem. Talvez eu comece a usá-lo sempre que ele estiver por perto. Isso não seria nada estranho.

— Para onde? — Eu imediatamente viro a cabeça para frente novamente. Porque manter meus olhos na estrada é mais seguro por mais de um motivo.

— Você conhece o Mozart's Coffee?

— Conheço.

— Vá para lá.

Eu não queria que isso fosse um encontro, mas estou desapontada. Quero dizer, o Mozart's é ótimo e tudo mais, perto da água e com um ótimo café. Mas estou faminta. Essa é a única razão pela qual estou decepcionada. *A única.*

Eu juro, Annabel Lee mal consegue subir a colina até o estacionamento lotado do outro lado da rua do Mozart's. O motor estala e geme enquanto eu a incentivo.

— Vamos lá, neném. Você é uma boa garota. Você consegue.

Entre o sobrepeso e as colinas, eu posso ter tirado alguns anos da vida dela com esse passeio. Bem feito para mim por tentar mexer com Thayden. Agora meu corpo está zumbindo depois de passar vinte minutos com seu peito quente pressionado contra minhas costas.

— Então — digo, enquanto começamos a descer a colina e atravessamos a estrada em direção ao Mozart's —, você ama café?

Thayden me dá um sorriso que poderia derreter um pote de sorvete em uma poça instantaneamente.

— Amo. E você?

— Eu sou humana. Então, sim. E você já sabe disso desde essa manhã.

Se meu tom soa um pouco arrogante, é a fome. Não como desde o meu grande café da manhã desta manhã. Meu estômago, que estava acostumado a existir com porções escassas

por meses, está com raiva. E Thayden está recebendo minha mistura de irritação por estar com fome e raiva.

Começo a atravessar o deck de madeira até o Mozart's, mas Thayden gentilmente pega o meu braço, me puxando para longe.

— Eu gosto de café — diz ele —, mas não vamos tomar café no jantar. Eu não sou um selvagem.

— Ah. Isso é bom também.

Thayden me leva até o Abel's, um restaurante que admiro todas as vezes que me junto a Zoey para tomar um café ao lado. Ele se projeta sobre a água, exatamente onde o Lago Austin começa. Eu não consigo evitar a excitação vertiginosa que está borbulhando dentro de mim. Estou tão distraída que seguro o braço de Thayden por todo o caminho dentro do restaurante até chegarmos à mesa e ele me solta para puxar minha cadeira.

É então que me lembro que deveria estar resistindo a esse homem e aos seus modos. Ou talvez eu precise fazer o que Harper sugeriu e ver onde isso vai dar.

Thayden se senta ao meu lado e não do outro lado da mesa. Nossas pernas roçam e eu o encaro.

— Estou sentado aqui pela vista — diz ele, apontando para as janelas que dão para ver a água.

— É claro. A vista.

Thayden pode ter apontado para o lago, mas seu olhar está fixo em mim. Concentro-me no cardápio.

Eu gostaria de tudo, por favor, e rápido.

— Tudo parece tão bom — eu digo. — Qual é a sua coisa favorita no cardápio?

— Eu costumo vir aqui para o brunch. Não tenho certeza sobre o cardápio do jantar, mas tudo o que já comi foi ótimo — diz Thayden.

Eu murmuro uma resposta evasiva.

— Podemos dividir um aperitivo? Ou pegar vários, dependendo do seu nível de fome. — Quando meu estômago faz um barulho muito deselegante, ele ri. — Então serão dois aperitivos. Já experimentou jacaré?

— Não. E não pretendo comer esta noite. Eu amo lula. E basicamente todo o resto. Só sem jacaré, por favor.

O garçom chega e, embora eu nunca tenha gostado quando um homem exerce controle ou age de forma dominadora, não me sinto assim quando Thayden pede para nós. Talvez porque ao fazê-lo, ele olha para mim procurando confirmação. Parece... bom. Como ser cuidada. É totalmente estranho e eu me remexo em meu lugar.

Fico surpresa quando Thayden pede água.

— Sem vinho ou cerveja? Você me parece do tipo que gosta de desfrutar de uma boa libação.

Thayden ri.

— Eu mencionei que eu poderia ouvir você falar o dia todo? O sotaque *e* as palavras difíceis que eu tenho que pesquisar depois. Seu vocabulário é sexy.

Minha boca abre e fecha, meu vocabulário sexy tendo deixado o local. Talvez o estado.

Thayden apenas sorri.

— Estou cortando o álcool. Não parando, apenas bebendo menos.

Encaro meu cardápio, em parte porque meu estômago ainda está gritando com raiva para mim, e em parte porque não consigo continuar olhando para Thayden. Ele é bonito demais. Muito cativante. Muito bom em dizer todas as coisas certas.

— Estou fazendo algumas outras mudanças também — diz ele, e eu sei que ele quer dizer sua vida amorosa, que nós mencionamos brevemente esta manhã e eu adoraria nunca mais mencionar.

— O que motivou as mudanças? — Não consigo evitar minha curiosidade.

O garçom traz nossas bebidas e Thayden bebe metade de sua água antes de responder.

— É meio que sobre o meu pai, meio que só sobre mim.

Eu engulo o nó se formando na minha garganta e finalmente olho para Thayden. Ele está olhando para a água, sua expressão livre de todo o charme habitual. Que pena para mim, ele é simplesmente tão bonito e sedutor desse jeito, todo sério e taciturno. Eu sou tipo a garota-propaganda para pessoas com problemas com pais, aspirantes à pais e padrasto, então eu entendo isso em um nível muito profundo.

— É por isso que eu tive que deixar o casamento — Thayden diz, ainda sem olhar para mim.

Oh. OH. Meu estômago revira e, de repente, estou ciente de todos os pensamentos maldosos que tive sobre ele me abandonar.

— Foi quando ele... morreu?

Thayden assente.

— Ataque cardíaco. Súbito e imediato. — Suspirando, ele passa a mão pelo rosto antes de continuar. — Meu pai sempre tentou me controlar. Quando eu estava sob o teto deles, era com dinheiro ou presentes. Eu poderia ter um carro... se me candidatasse ao conselho estudantil. Um carro melhor se eu ganhasse. Eu ganharia uma viagem para a Europa se levasse a filha do sócio dele para o baile. Ele pagaria a faculdade, *se* eu fosse para a faculdade que ele queria.

Talvez esse tipo de dinheiro não estivesse na equação para mim enquanto eu crescia, mas se há algo que eu entendo perfeitamente, é esse nível de controle. Coloco minha mão em cima da de Thayden. Ele olha para baixo em surpresa, depois para o meu rosto, olhando como se esperasse encontrar uma armadilha.

— Eu consigo ver como isso era difícil — eu digo.

Ele acena com a cabeça e, em seguida, desvia o olhar novamente.

— Joguei o jogo dele por anos, mas me odiava por isso. Achei que isso acabaria quando eu terminasse a faculdade de

direito. Apesar do meu desejo de fazer o oposto do que ele queria, às vezes nossos objetivos se alinhavam. Fui trabalhar na empresa da família. Apenas, sem nenhum tratamento especial. O que teria sido bom, exceto que o que recebi foi um tratamento mais duro. Então, tentei jogar contra ele, o que também não deu muito certo.

Eu sei que seu pai se foi e é errado pensar mal dele. Mas quero estrangulá-lo porque posso sentir a dor irradiando de Thayden. Não é apenas sobre o trabalho ou os obstáculos para superar. O pai de Thayden reteve seu amor, pendurando-o em cordas e preso a condições. Isso me queima por dentro.

Eu aperto sua mão. Nossos olhos se encontram e um pavio é aceso. Uma linha de pura chama se estende entre nós, fazendo minhas bochechas corarem e meu coração disparar.

Nosso garçom chega com a comida e eu afasto a minha mão, tentando me recompor. Thayden ri enquanto o garçom desaparece.

— Desculpe. Acho que posso ter nos levado um pouco fundo demais.

— Não há nada de errado com um pouco de profundidade — eu digo levemente, não tenho certeza sobre isso.

Sou grata quando Thayden conduz suavemente a conversa para tópicos mais seguros, perguntando sobre minha especialização, meu tempo na faculdade, minhas amigas. Felizmente, nada sobre minha família ou infância.

A comida é deliciosa e, apesar de tudo, eu me divirto muito. Thayden é engraçado, doce e fácil de se estar perto. Quando paro de tentar me convencer do contrário, gosto genuinamente da companhia dele. Para ser honesta, eu até o deixaria me beijar no final da noite.

Ok, talvez eu *queira* que ele me beije no final da noite. Toda vez que nossas pernas roçam debaixo da mesa, eu recupero o fôlego. Quando ele me passa um guardanapo extra e seus dedos roçam meu pulso, minha pele fica arrepiada. Eu continuo me inclinando mais para perto, curvando-me em direção a ele como se ele fosse um daqueles ímãs de alta potência e eu fosse um pedaço frágil de papel alumínio.

Não vou nem falar da boca dele, que deveria ser ilegal possuir ou operar sem uma permissão especial. Quando ele fala, meus olhos não conseguem parar sua trajetória descendente para aqueles lábios deliciosos.

Sim... eu totalmente o deixaria me beijar.

Para resumir, esse não-encontro está arruinando totalmente todos os encontros reais que tive na minha vida.

Antes que eu perceba, estamos acabando o bolo inglês com sorvete de café. Para que fique registrado, cada refeição deveria ser finalizada com esta sobremesa. Até o café da manhã. Mas eu honestamente odeio que este seja o fim.

O garçom traz a conta enquanto eu estou pesando os prós e contras de lamber meu prato. Decido que seria rude e, em vez disso, passo um dedo pelo restante da cobertura. Porque

lamber o dedo é muito mais elegante do que lamber o prato – etiqueta 101.

— Eu pensei que você ia brigar comigo para pagar a conta, especialmente considerando sua insistência de que isso não é um encontro — Thayden diz com um sorriso. — Você discute comigo sobre todo o resto. Não tenho certeza se é reconfortante ou se devo me preocupar.

Eu não vou dizer a ele que eu mal poderia bancar este jantar e, se eu bancasse, eu não poderia pagar o aluguel. Eu dou de ombros.

— Não fique muito confortável. Uma garota precisa saber quando escolher suas batalhas.

— Eu gosto de discutir com você. Também gosto deste tratado de paz temporário. — Thayden se levanta, estendendo a mão para mim. Eu a pego, sem perder o jeito que seu polegar acaricia as costas da minha mão. Na porta, sua mão encontra a parte inferior das minhas costas e me conduz. Eu gostaria de ter usado um vestido decotado nas costas para que eu pudesse sentir sua palma na minha pele.

O ar está menos úmido agora que o sol se pôs e fios de luz piscam nas árvores lá fora. Thayden pega meu braço e o enlaça na dobra do seu. Não estamos andando, estamos passeando pelo deck de madeira, o silêncio entre nós é tão confortável quanto meu jeans mais gasto.

Deixo Thayden me levar para a área externa do Mozart's, onde a música se espalha pelo ar. As pessoas estão reunidas em

torno de mesas de piquenique, conversando enquanto bebem café ou trabalham em notebooks.

Thayden examina as mesas, mas não há nenhuma livre. Eu mordo meu lábio, não estando pronta para ele me levar de volta para o estacionamento e Annabel Lee. Ele e eu parecemos estar em sincronia, porque ele me leva até a grade com vista para a água.

Nós nos inclinamos contra o corrimão, de frente um para o outro. As luzes de natal estão apagadas nos ramos diretamente acima de nós, deixando-nos nas sombras. O ar está elétrico, e eu não ficaria surpresa se as luzes de repente ganhassem vida, alimentadas pela energia entre nós.

Estremeço quando Thayden afasta levemente uma mecha de cabelo do meu rosto. Ele arrasta a mão pelo comprimento do meu rabo de cavalo, os nós dos dedos roçando a pele do meu pescoço.

— Está com frio? — ele pergunta, com os lábios inclinados para cima, porque está tudo menos frio.

Eu balanço minha cabeça lentamente, sentindo a atração de sua presença na maneira que meu corpo quer se aproximar, mais perto, mais perto. Os centímetros que nos separam são dolorosos, um abismo feito de pura atração.

Eu *odeio* esses centímetros.

— Que pena — diz Thayden. — Eu te ofereceria minha jaqueta.

— Você não tem uma jaqueta.

Eu empurro seu peito levemente, o desejo de tocá-lo maior do que meu autocontrole para resistir. Minha mão não quer voltar – essa devassa sem vergonha – e, em vez disso, pressiono minha palma contra o centro de seu peito, a apenas alguns centímetros de seu coração, que está batendo tão irregularmente quanto o meu.

Thayden sorri antes de falar.

— Eu não tenho uma jaqueta, mas eu tenho a mim mesmo.

O cara é tão bom de lábia.

Tão bom que antes que eu consiga piscar, seus braços estão em volta da minha cintura e seus lábios encontram os meus em um beijo que é suave como um suspiro.

É um roçar, uma pergunta, talvez até uma súplica.

E, no entanto, também é carregado e elétrico, um relâmpago enviando 300 milhões de volts através de mim, causando um apagão contínuo de todas as outras funções do meu corpo até que haja apenas *isso*, apenas os lábios de Thayden e os meus.

Gradualmente, tomo consciência de outras sensações. O arranhão de sua barba contra minha bochecha, áspero e delicioso. O aperto de suas mãos enquanto elas atravessam minha cintura, como se ele estivesse medindo para ver se ele consegue cercá-la completamente. Minha própria mão, presa entre nós, sente a flexão do músculo sob o algodão macio de sua camisa.

Eu estremeço, minhas pernas trêmulas e instáveis como um filhote de cervo. O aperto de Thayden em mim fica mais firme,

me puxando para mais perto. Meu dedo mindinho captura a abertura de sua camisa, arrancando o botão. Thayden não reage, como se soubesse que no momento em que nos separarmos, a magia deste momento desaparecerá no ar como pó de fada.

Não que eu pensasse nisso (muito), mas presumi que Thayden iria beijar como um homem saqueador, um beijo cheio de controle e força.

Mas isso...

Ele é suave, seu ritmo lânguido e seguro. Ele me puxa para perto, os movimentos são como uma dança, na qual ele dita o ritmo para que eu o siga. E, ah, cara! Estou indo com tudo para essa dança.

Indo.

Com.

Tudo.

Thayden é um provocador – é isso que ele é. Porque, embora o beijo continue rolando, é apenas um passo além da castidade. Leve como uma pena, suave. Os lábios mal se separaram. É um beijo bebê. Um prólogo. E eu quero pular para o final.

Como sempre com Thayden, quero sacudir o homem. Este beijo doce não é suficiente. Estou frustrada com o ritmo lento e com raiva de mim mesma por querer que ele acelere, por querer isso de alguma forma.

É a raiva que finalmente age como a ruptura, permitindo-me desconectar e me separar, puxando meus lábios para longe em um movimento que deveria soar como um trovão, mas em vez disso é silencioso. Eu o empurro para trás.

Eu quero e não quero que ele vá. Então, quando suas mãos apertam minha cintura, deixando-me recuar alguns centímetros, mas não mais, o alívio suaviza a dor.

— Eu não beijo no primeiro encontro — eu digo.

Eu o encararia, mas não consigo controlar totalmente meu rosto. Estou de queixo caído e estupefata, surpresa que as palavras tenham saído em uma frase coordenada.

— Tudo bem. Você não disse nada sobre sua política de beijos em jantares.

Seu sorriso é tão presunçoso, tão satisfeito consigo mesmo, tão bonito, que eu só quero enfiar meus dedos em seu cabelo e beijá-lo até tirá-lo de seu rosto. Eu quero ir para a batalha com meus lábios, conquistá-lo, fazê-lo suplicar e agitar uma bandeira branca de rendição.

Outros homens com quem namorei, embora poucos, nunca me fizeram sentir assim. Eu *gostava* deles. Eles *gostavam* de mim. Era chato, insignificantemente comum.

Enquanto isso, Thayden e eu somos como duas pessoas em uma corrida de arrancada em uma via de mão dupla, fazendo curvas muito rápido, ignorando o tráfego que se aproxima e declives íngremes de ambos os lados. Estamos competindo por

posição, disputando para chegar à frente. É estressante e emocionante e as apostas parecem altas demais.

Harper disse para lhe dar uma chance, para ver como me sinto, mas meus sentimentos por este homem são tudo menos simples. Eu nem saberei como responder se ela perguntar como foi esta noite. Estou apavorada e excitada e nem sei o que mais. *Confusa*.

Isso.

Estou em algum lugar entre querer dar um tapa nele e pedir macacões com monogramas para nossos filhos ainda não nascidos.

Seu telefone toca, uma intrusão bem-vinda. Thayden dá um passo para trás, fazendo uma careta enquanto me solta, suas mãos caindo para longe. Eu pressiono minhas costas contra a árvore, precisando de uma âncora, precisando de espaço.

— Normalmente, eu não atenderia isso, mas é minha mãe.

Ele atende o telefone enquanto eu enrolo meus dedos na casca áspera da árvore, lembrando do raspar de sua barba em minhas bochechas como se fosse uma memória distante, uma que eu só vou reviver em minha mente.

— Olá, mãe — diz ele, levantando os olhos para mim. Há uma pausa. — Sim, estou com ela. Você O QUÊ?!

Ele fica em silêncio por um momento, os olhos bem fechados e a mão livre apertando o dorso do nariz.

— Não. A intenção *não* conta. Isso é algo que *ele* teria feito. Não posso nem... tenho que ir.

Ele desliga a ligação, respirando forte como se tivesse acabado de sair de um ringue de boxe. Eu assisto a subida e descida de seus ombros. Ele desliza o telefone no bolso e se vira, não para mim, mas para a água. Com as duas mãos, ele agarra o corrimão.

— Você assinou um contrato hoje?

O pavor se concentra na minha barriga.

— S-sim.

— Você leu?

De repente, tenho cinco anos e derramei leite preparando cereais enquanto mamãe dormia de ressaca. Eu me sinto estúpida e pequena, e há poucas coisas que eu odeio mais. Acabamos de compartilhar o beijo mais perfeito da minha vida e agora a beleza disso foi arrancada.

— Não inteiramente. Sua mãe disse que você mandou. Por cuidar de Apollo.

Thayden fecha os olhos brevemente e posso ver o esforço necessário para controlar suas emoções. Quando ele abre os olhos novamente, aqueles lindos olhos verde grama, eu quero chorar com a expressão neles.

— O que eu assinei? — Eu pergunto baixinho, sabendo de alguma forma que, seja o que for, eu não quero saber.

E eu estou certa.

— Você concordou em se casar comigo no próximo mês.

Capítulo Nove

Thayden

Dizer que a caminhada de volta ao estacionamento foi estranha seria um insulto à estranheza. Ficamos em silêncio, e Delilah mantém pelo menos meio metro de distância entre nós o tempo todo. Enquanto isso, estou furioso, furioso com minha mãe e esperando que Delilah não pense que essa fúria é dirigida a ela.

Mas quem não lê contratos?

Ok, tudo bem. Eu não leio todos eles. Eu já rolei pelos termos de serviço da Netflix e cliquei na caixinha de aceitação. Entrei na minha academia sem sequer dar uma segunda olhada no contrato. Rolar, analisar e assinar na linha pontilhada.

Mas ISSO?

Provavelmente foi porque ela confiava na minha mãe. E por que ela não iria? Quem suspeitaria que uma mãe enganaria alguém em assinar um contrato de casamento?

As engrenagens estão girando em sua cabeça. Eu praticamente posso ouvi-las. Mas em que direção? Isso eu não sei.

Meus próprios pensamentos estão em todo lugar, como se alguém tivesse derrubado um punhado de bolas de borracha em um espaço de concreto.

Com qualquer outra pessoa, eu ficaria aliviado pela falta de gritos e raiva. Mas a quietude silenciosa de Delilah parece a proverbial calma antes do que eu suspeito que será uma feroz tempestade sulista com ventos fortes.

— Posso perguntar o que está acontecendo nessa sua linda cabeça?

Estamos a meio caminho da colina até o estacionamento quando finalmente tenho coragem de falar. Delilah fica em silêncio por um momento, então responde sem tirar os olhos de seus tênis.

— Por que sua mãe faria isso?

Sua voz é uniforme, mas seu sotaque é mais forte que o normal. Não consigo ler ela. Considero como responder e decido pela verdade feia e embaraçosa. Não adianta tentar amenizar.

— Eu disse a você que meu pai gostava de controle. Quando ele morreu, ele colocou uma estipulação nos documentos legais sobre a empresa da família. Especificamente, que eu preciso me casar para assumir a empresa.

— Entendo.

Ela entende, no entanto? Será que ela pode entender a minha situação? Não sei nada sobre a família dela, mas é difícil imaginar uma tão bagunçada quanto a minha. Meu pai me prendeu a um contrato; minha mãe prendeu eu *e* Delilah em outro. Tudo com as "melhores intenções".

Nós não somos uma família tradicional, pessoal. Os Walkers são uma espécie totalmente diferente de família. Somos lobos.

O comportamento da minha mãe é repreensível. Ela é dependente do meu pai, *ainda*. Por outro lado, ela perdeu o amor de sua vida. Ela quer o melhor para mim, eu acredito nisso, mesmo que eu não acredite o mesmo sobre meu pai.

Mamãe amou Delilah quando a conheceu esta manhã. Ela se apegou, pensando que o casamento já era o plano em andamento.

E honestamente? Embora eu estivesse – e estou – com raiva de minha mãe, um pequeno e egoísta pedaço do meu coração *quer* que Delilah fique presa neste contrato comigo. Pela primeira vez que me lembro, não me cansei de uma mulher. *Desta* mulher.

Eu me senti assim antes do beijo, e depois de provar seus lábios em um abraço curto demais, eu só quero mais. Não apenas fisicamente, e isso é novo para mim. Eu quero algo mais profundo, algo real.

Ter Delilah por perto... eu poderia me acostumar com isso. Facilmente. Este contrato a forçaria a ficar comigo.

Em um casamento. O que você NÃO QUER.

Certo. É um pouco estranho que eu tenha que me lembrar desse fato. Deve ser a resposta àquele beijo, mexendo com meu cérebro. Eu preciso de um momento para me reorientar.

Fato: eu não quero me casar.

Fato: não quero que meu pai consiga o que quer.

Fato: não quero que Delilah seja um peão nesses jogos.

Fato: isso pode ter arruinado qualquer chance que eu tenha de sair com ela.

Fato: isso é uma merda.

Delilah olha brevemente para mim, depois para longe.

— Então, sua mãe redigiu o contrato? Ou você fez?

— Não tive nada a ver com isso. Delilah, eu juro, eu não sabia que ela estava planejando isso.

— Mas você *tinha* planejado arranjar – ou *fingir*? – um casamento para manter sua empresa.

— Não. Estou trabalhando para encontrar uma saída do contrato. Uma brecha.

— E se você não conseguisse encontrar uma, você teria se casado com alguém?

Não me permiti pensar nisso. Agora, eu olho essa possibilidade diretamente de frente.

— Não sei.

Chegamos na sua scooter e, no silêncio enfraquecido do crepúsculo, este momento parece mais sério de alguma forma. Nada como a conversa leve e fácil durante o jantar ou a eletricidade carregada no ar enquanto nos beijávamos. Meus olhos caem brevemente para seus lábios, então para longe. Não mereço pensar nisso agora.

Mesmo que tenha sido categoricamente o melhor beijo da minha vida.

Delilah envolve seus braços ao redor de si mesma.

— Por que não conhecer uma mulher e sossegar?

As palavras são um eco vindas direto dos lábios do meu pai, algo que ele me disse repetidas vezes ao longo dos anos. Mesmo sabendo que Delilah não pode saber disso, eu ainda me irrito.

— Tenho trinta e três anos e não conheci ninguém que me fizesse pensar em sossegar. Duvido que consiga fazer isso em três meses.

Ela se encolhe um pouco e percebo que minhas palavras podem ser um insulto. Honestamente, se há alguém que possa me fazer repensar meu posicionamento, é Delilah. Mas o que devo fazer, admitir isso no nosso primeiro não-encontro?

— Mas o contrato da sua mãe encurtou isso para um mês?

Eu me mexo, arrastando meu sapato pelo cascalho.

— Eu acho que você poderia dizer que minha mãe está... ansiosa demais. Você deveria saber que isso significa que ela gosta de você.

— Eu também gostava dela. Antes disso. Agora eu não sei como me sentir.

— Desculpe.

— Não é sua culpa.

Mas definitivamente *parece* minha culpa.

Delilah morde o lábio por um momento, o movimento chamando minha atenção de volta para sua boca carnuda. Eu daria tudo para apertar o botão de rebobinar, para não atender meu telefone, para beijá-la novamente agora.

Eu forço meus pés a ficarem onde estão. Não há como ela me deixar beijá-la novamente. Com base na experiência anterior, suspeito que Delilah tenha um gancho de direita médio.

— Você sabia que sua mãe ia tentar me enganar para me casar com você?

Eu ergo as duas mãos.

— *Não*. Nós discutimos sobre você mais cedo e eu disse...

Eu paro, percebendo que, no contexto, contar a Delilah sobre toda a conversa que tive com minha mãe parece ruim. Realmente ruim.

Mas é tarde demais para isso.

— Você disse *o quê*?

Delilah ainda tem aquela rigidez em seus membros, um contraste tão grande com a mulher vivaz e impetuosa que eu conheci.

Não é como se eu pudesse tornar esta situação muito pior. A menos que eu minta. Então, novamente, talvez estupidamente, opto por toda a verdade e nada além da verdade.

— Depois que ela conheceu você esta manhã, mamãe assumiu que eu te pedi para, uh, ajudar a cumprir as estipulações do meu pai. Quando expliquei que a contratei para cuidar de Apollo, ela sugeriu que eu pedisse para você se casar comigo. Pelo contrato. Eu disse a ela que não queria me casar com você. Ou com ninguém — eu digo apressadamente.

Mas, novamente, minhas palavras a fazem recuar.

— Para esclarecer, você quer me levar para um encontro. Você está de boa em me beijar. Mas você não quer se casar comigo... nem com ninguém.

Seus olhos poderiam queimar um buraco diretamente em mim. Na verdade, acho que eles estão fazendo exatamente isso.

— Isso. — Parece que a palavra foi arrancada de mim, e essas sílabas *doem*.

— Qual era o seu objetivo comigo? Por curiosidade. Você não quer se casar comigo. Você só quer... o quê? Dar uns amassos? Fazer amor? Fazer-me sua, mas não para sempre?

Uau. Ok, então passamos de coisas hipotéticas de contrato de casamento para a DR mais épica de todos os tempos. Direto de um primeiro encontro não-encontro para futuras intenções e conversas sobre casamento. Quero dizer, ela está certa em perguntar.

E, embora eu nunca tenha tido interesse em me casar, também nunca conheci uma mulher que me fizesse sentir o que sinto por Delilah. E eu não a conheço há tempo suficiente ou realmente namorei com ela para considerar o que pode vir a seguir para nós.

Parece que meus pais conseguiram de alguma forma jogar uma bomba na minha vida, dizimando qualquer chance que eu pudesse ter com essa mulher.

Eu olho para o chão.

— Não sei. Mas vamos livrá-la do contrato. Minha mãe realmente não forçaria você a se casar comigo.

Eu *acho* que não, afinal. Acho que tenho que tentar achar brechas em outro contrato agora.

Eu me preparo para algo. Um tapa, um grito, talvez ela me agarrando pela gola da camisa e me sacudindo. Não espero a resposta tranquila que ela dá.

— Ok.

Delilah começa a colocar o capacete e gira a chave na ignição da scooter antes que eu possa dizer mais alguma coisa. Não que eu tenha algo a dizer. Sua chave gira, mas o motor apenas estala. Franzindo o cenho, ela tenta novamente.

— Vamos, baby — ela murmura.

Sua voz é cativante, muito mais suave e doce do que a que ela estava usando comigo. Ela desliza a mão sobre o assento, uma carícia, um toque suave. Encontro-me rastreando o movimento.

— Você consegue, docinho.

É muito ruim ter ciúmes de uma scooter? Porque eu tenho.

— Quer que eu tente? — Eu pergunto.

Sua cabeça se levanta.

— O que, porque você é um homem grande e forte, você acha que pode girar a chave e o motor obedecerá a você? Fique à vontade. — Ela dá um passo para trás, abrindo os braços.

Delilah já foi ríspida comigo antes, mas nunca carregou esse fio de raiva genuína que me explode com um choque de calor real.

— Não, eu só...

— Prossiga. Você parece ter jeito com as damas. Talvez minha scooter só precise de você para pegar no *tranco*.

Ai. As flechas flamejantes que ela está atirando estão acertando o alvo, cada uma indo um pouco mais fundo, queimando um pouco mais. Constrangido demais para ficar ali com as mãos nos bolsos, tento o motor algumas vezes, já sabendo que não adiantará.

— Você está sem gasolina?

— Não — ela retruca.

— Vou chamar uma carona para nos levar de volta e pedir para um guincho buscá-la.

Delilah balança seu telefone para mim.

— Você pode conseguir uma carona para *você*. Acabei de enviar uma mensagem para Zoey e Gavin enquanto você tentava usar sua testosterona para ligar meu veículo morto. Eles estão se arrumando para me pegar. Gavin pode colocá-la na traseira da caminhonete. Eu vou ficar bem.

Eu nem tinha pensado em Gavin, cuja casa fica a menos de dez minutos de distância. Está claro que Delilah está tentando se livrar de mim. Mas não sou tão fácil de expulsar, mesmo quando meu orgulho foi reduzido a cinzas e carvão.

Delilah cai no assento de sua scooter, torcendo as mãos sobre o guidão antes de pendurar o capacete de um lado. Meu impulso é estender a mão, confortá-la da única maneira que sei, que, percebo com clareza surpreendente, é apenas fisicamente. Não sou melhor do que um pônei que sabe apenas um truque quando se trata de mulheres, e Delilah precisa de muito mais.

Eu quero ser o único a dar a ela o que ela precisa. E, pela primeira vez na minha vida, eu quero mudar. *Realmente* mudar. Eu quero ser um novo homem. O tipo de homem digno de amor, que pode dar tanto quanto – não, *mais* – recebe.

Talvez o tipo de homem que gostaria de se casar e passar a vida com apenas uma mulher.

O pensamento é radical, mas não parece tão estranho. Não quando essa mulher é Delilah.

Mas eu precisaria ser um homem diferente. Um homem não motivado por um relacionamento complicado com seu pai. Um homem seguro do que quer. Um homem digno de amá-la e considerar um compromisso para a vida toda.

Eu poderia ser esse homem? Para ela? Honestamente, não tenho certeza. Mas é a primeira vez que considero a ideia.

A caminhonete de Gavin estaciona no estacionamento, os faróis iluminando essa conversa miserável.

Suspirando, eu digo:

— Olha, eu posso livrar você do contrato. Tenho certeza de que havia dinheiro envolvido, e vou pagá-la.

— Você não sabe quanto é.

— Não importa. Eu vou pagar.

Delilah pisca para mim. Ela parece tão jovem, tão vulnerável, tão bonita. Eu odeio que esta ótima noite tenha terminado tão horrivelmente.

— Nós estamos bem? — Eu pergunto baixinho.

Ela endurece.

— Não existe *nós*. Mas sim. Estou bem. Por que eu não estaria?

Eu esperava isso. Eu mereço isso. E ainda assim suas palavras me destroem.

— Você ainda precisa de mim para Apollo?

— Sim. Se você estiver disposta.

— Só enquanto você não estiver lá.

Delilah se afasta de mim, caminhando em direção a Gavin e Zoey enquanto eles saltam da caminhonete.

— Olá, galera! — ela diz, sua voz não denunciando a emoção que eu sinto. — Obrigada por vir nos tirar deste pepino. Onde está Ella-bell?

— Nancy foi jantar conosco e concordou em cuidar dela até voltarmos — ouço Zoey dizer.

Gavin faz o seu caminho para onde estou, ao lado da scooter, tentando pegar os pedaços de estilhaços da nossa conversa e juntar algo.

— Ei — Gavin diz, me estudando. — Quer me ajudar a colocar isso na traseira?

— Claro.

Eu sei que ele pode dizer que algo está errado e aprecio o fato de que ele não pergunta. Levamos a scooter em direção à traseira de sua caminhonete. Delilah e Zoey estão tendo uma conversa silenciosa a alguns metros de distância e os olhos de laser de Zoey me deixam saber exatamente o que elas estão discutindo. Eu. E não é bom.

A scooter é surpreendentemente leve quando a colocamos na traseira do veículo. Gav sobe e começa a prendê-la com algumas tiras de nylon. Sempre preparado, sempre o responsável.

O que me dá uma ideia.

— Posso aparecer mais tarde? Preciso de conselhos.

Gavin deixa cair o capacete com um barulho. Quando ele olha para cima, ele está sorrindo.

— Desculpe. Não devo ter ouvido direito. Você quer um conselho? Bem, isso é novo. Não sei se consigo dar. Mas claro.

Zoey enfia a cabeça na lateral do fundo da caminhonete.

— Estamos prontos para ir?

— Sim. Vamos nessa — diz Gavin. — Vamos levar você para casa e deixar a scooter em uma oficina?

Delilah acena com a mão antes de pular no banco de trás.

— Não. Eu não posso me dar ao luxo de consertá-la agora de qualquer maneira. Apenas leve nós duas para casa.

Está na ponta da minha língua oferecer para consertá-la, oferecer a ela uma nova, oferecer a ela um dos meus carros,

quando Delilah me lança um olhar tão hostil que minhas palavras secam na minha garganta. Qualquer conserto que eu fizer terá que ser às escondidas.

— Você vem? — Gavin me pergunta.

— Thayden tem outra carona — Zoey diz, batendo a porta.

Gavin franze a testa, olhando entre mim e sua esposa.

— Você tem?

— Estou bem — digo a ele. — Estarei lá mais tarde.

E então, talvez, Gavin possa me ajudar a descobrir o que devo fazer com Delilah.

Capítulo Dez

Thayden

Quando Gavin abre a porta, ele dá uma olhada rápida no meu rosto e sorri, me dando um tapa no ombro.

— Você se juntou ao clube. Bem-vindo.

— Que clube é esse?

— Aquele que começa com esse olhar — ele aponta para o meu rosto —, e se torna oficial com uma caminhada pelo corredor.

Eu bato em sua mão e passo por ele para entrar dentro da casa, rindo. Gavin está muito mais perto da verdade do que ele imagina. Pelo menos, segundo o contrato que Delilah assinou.

Zoey e Ella não estão em lugar algum, o que não me surpreende. A essa altura, Ella provavelmente está dormindo e duvido que Zoey queira falar comigo mais do que Delilah.

— Parece que você precisa relaxar — diz Gavin. — Banheira de hidromassagem e cerveja?

— Que tal banheira de hidromassagem e água? Supondo que você tenha um terno que eu possa pegar emprestado depois.

Alguns minutos depois, Gavin e eu afundamos na banheira de hidromassagem. Eu não tinha percebido o quão tenso eu estava até que o calor dos jatos começou a aliviar a dor.

Eu inclino minha cabeça para trás para olhar para as poucas estrelas que consigo ver. A casa de Gavin parece estar no meio do nada, aninhada nas colinas, mas ainda há muita poluição luminosa para ver algo.

— Então, Delilah contou tudo a você e a Zoey durante a viagem de carro? — Eu pergunto.

— Não. Ela e Zoey conversaram principalmente sobre Ella e nossa lua de mel.

— Certo, sua lua de mel. Desculpe. — Eu esfrego a mão no meu rosto, me sentindo como um idiota. Meu melhor amigo acabou de se casar e eu tinha basicamente esquecido. — Parabéns, outra vez.

— Obrigado. Não precisa se desculpar. — Ele faz uma pausa. — Sinto muito pelo seu pai. Você está bem? Eu gostaria de ter estado presente.

Não estou, mas não vou dizer isso a ele. Gavin pode ser o amigo mais próximo que tenho, o único que sabe tudo sobre minha batalha ao longo da vida com meu pai, mas não me importei com sua ausência. Foi mais fácil confortar minha mãe e cuidar de vários preparativos. Evitei pensar muito sobre o homem que eu verdadeiramente não sinto falta.

— Você está bem? — pergunta Gavin. — Esta noite tem alguma coisa a ver com seu pai?

Eu deixo cair minha cabeça, espirrando água no meu rosto antes de encontrar os olhos de Gavin.

— Sim e não. Eu preciso te colocar em dia sobre algumas coisas.

Dou a Gavin um breve resumo dos principais pontos da trama, que soam muito como os de um filme de baixo orçamento: a cláusula sobre a empresa da família, eu contratando Delilah e mamãe enganando-a para assinar um contrato de casamento.

O rosto chocado de Gavin diz tudo.

— Sua mãe enganou Delilah para assinar um contrato para se casar com você? Para cumprir os requisitos da herança de seu pai?

— Esse é o menor dos problemas.

— Eu sei que o advogado aqui é você, mas isso é legal? Alguma parte disso?

— Os tribunais odeiam esse tipo de cláusula. Os juízes muitas vezes as rejeitam. Vou fazer o meu melhor para contestar, embora Duke vá lutar contra mim em tudo.

— Aquele idiota mesquinho com quem você trabalha?

— O único. Não teria nada mais que ele adoraria fazer do que tomar a empresa ou me enfrentar na justiça até a morte. Quanto ao que Delilah assinou, podemos livrá-la disso. Mamãe claramente reteve informações, fazendo parecer com o contrato de cuidadora de cachorro. Eu não acho que ela realmente tentaria fazer Delilah cumprir, por mais que ela quisesse.

Gavin balança a cabeça.

— Mães. Estou certo?

Eu ri.

— Bastante. Embora eu nunca tenha visto sua mãe tentar algo assim.

— Não, mas ela tentou me juntar com toda mulher solteira que ela conhecia durante *anos*. Perseguindo mulheres até seus carros no supermercado, apresentando-se a mulheres solteiras na igreja, mostrando minha foto em seu telefone. Nunca levou isso tão longe.

— Se considere com sorte.

— Parece que você tem três opções — diz Gavin. — Desistir da empresa.

— Sem chance!

— Brigar com Duke e vencer.

— Sim! — Eu levanto minha garrafa de água para essa.

— Ou se casar.

E... tomo um longo gole.

Não tenho uma resposta para isso. Porque pensamentos totalmente irreconhecíveis começaram a se agitar na minha cabeça esta noite. Uns que envolvem Delilah e um futuro.

— Que silêncio terrível — Gavin diz. — Você não está realmente considerando a terceira opção, está?

Presumi que Gavin encorajaria essa linha de pensamento, especialmente com base em sua recepção na porta. Quero dizer... não estou considerando isso. Estou? Após o ótimo

encontro com Delilah, aquele beijo e o desastre que se seguiu, eu honestamente não sei o que pensar.

Quando eu não respondo, Gavin coloca sua água para baixo e se inclina para frente.

— Um casamento nesta situação seria ridículo. Você *quer* se casar com Delilah?

— Eu quero *namorar* com ela. — A pergunta é disparada tão rapidamente que minha resposta é igualmente rápida.

— Você quer mesmo se casar?

— Eu quero ser feliz.

— Thayden, você quer se casar?

— Talvez?

O olhar intenso em seu rosto relaxa e ele se inclina para trás novamente.

— Você não está pronto. Enfrente Duke. Encontre uma brecha. Ou deixe a empresa, você parece muito infeliz lá de qualquer maneira.

Ele não pode estar falando sério.

— É a Firma Walker. Eu não vou simplesmente ir embora e deixar Duke ficar com ela. Esse é o meu legado.

— E daí? Inicie uma nova Firma Walker. Construa um novo legado que não esteja contaminado por todo o controle de seu pai. Uma ruptura, um recomeço, sem bagagem. Namore Delilah. Depois volte e fale comigo sobre casamento quando estiver pronto.

Ele faz parecer tão fácil; seu tom é tão desdenhoso. Estou imediatamente na defensiva.

— Quem disse que não estou pronto agora?

— Você não está.

Como a maioria das pessoas, odeio que me digam o que fazer, ou se estou ou não pronto para fazer alguma coisa.

— Não sou tão contra a ideia de me casar como antes.

Gavin joga a cabeça para trás e ri, o que só me deixa com mais raiva. E ele ainda se pergunta por que não peço conselhos. Eu mando uma onda de água em sua direção. Ele engasga, mas seus olhos ainda estão dançando com diversão.

— Você acha que porque, em algum momento entre ontem e hoje, você se opõe menos ao casamento, você deveria considerar se casar com Delilah para salvar sua empresa?

— Isso não é exatamente...

— Olha, Thayden. Você é um dos meus amigos mais próximos. Se você quisesse se casar, seria um ótimo marido. Um ótimo pai até, *se* isso fosse algo que você quisesse. Mas não deixe que as manipulações de seu pai influenciem esse tipo de decisão. Sai dessa, cara. Sai. Dessa. Eu consigo ver que você realmente gosta de Delilah, que isso é diferente para você. Isso é incrível. Não complique.

— Temo que já esteja complicado.

Gavin balança a cabeça, um sorriso conhecedor no rosto.

— Você a beijou, não foi?

— Beijei. Antes... de tudo isso.

— E como foi?

Eu dou a ele um olhar. Um olhar demorado e com olhos semicerrados. Gavin apenas ri. De novo. Aparentemente, minha situação é muito divertida para ele.

— Algo engraçado? — Zoey pergunta.

Porque, claro, ela escolhe esse momento para vir aqui fora. Eu me encolho um pouco, mas tento manter minha expressão neutra.

— Olá, esposa — diz Gavin, sorrindo, claramente não sentindo a corrente de perigo que eu sinto. Claro, ela está com raiva de *mim*, não dele. Na verdade, pela expressão dela, ela também está brava com ele, provavelmente por conspirar com o inimigo.

— Oi, marido. E olá, *Thayden*.

Percebo que ela está segurando minhas roupas em seus braços um momento antes de jogá-las na piscina. Eu as observo flutuando ao luar por um momento.

— Eu não queria que você esquecesse suas coisas quando você fosse embora — Zoey diz docemente. Então ela dá a Gavin um olhar que diz que eles vão conversar mais tarde.

Ela começa a se afastar, faz uma pausa, e joga nossas toalhas e os sapatos de Gavin na piscina.

— E isso é porque você está recebendo um convidado indesejado. Eu sou Time Delilah, só para constar.

Estou feliz que meus sapatos estão na porta da frente. Embora eles possam estar no gramado agora.

— Zo, espere um segundo! — Gavin chama, mas ela já bateu a porta. Estou chocado que o vidro não quebrou com a força.

Acho que essa é a minha deixa para ir para casa.

Gavin suspira, então mergulha na piscina, pescando as roupas encharcadas, toalhas e seus sapatos.

— Desculpe — diz ele, saindo da piscina. — Ela geralmente não é tão vingativa.

— Está bem. Esta noite surpreendeu e magoou Delilah e isto é totalmente o que eu esperaria de suas amigas. Elas se apoiam e eu respeito isso.

Mesmo que vá ser uma viagem fria para casa.

Gavin pendura minhas roupas pingando nas costas de uma espreguiçadeira, espalhando as toalhas no terraço. Nós dois ficamos ali por um momento, tremendo no ar que esfriou consideravelmente.

Ele suspira.

— Olha, se você quer conquistar Delilah, você tem que estar disposto a desistir da empresa da família, se for necessário. Sem contratos, sem dinheiro, sem amarras. Tire seu pai da sua cabeça e do seu relacionamento.

O engraçado é que, enquanto meu pai ainda está na minha cabeça, há outra pessoa que se mudou e está ocupando imóveis muito mais valiosos. Pena que acho que ela prefere anunciar a propriedade do que morar lá.

— O que eu devo a você pela terapia na banheira de hidromassagem? — Eu pergunto.

Gavin sorri.

— Que tal você parar de fazer coisas que deixem a minha esposa chateada?

Com isso, eu o empurro na piscina. Ele sobe de volta enquanto eu pego minhas roupas molhadas. Talvez Zoey esteja certa, porque isso foi bastante satisfatório.

CAPÍTULO ONZE

Delilah

APENAS FIQUE QUIETA. Não chame atenção e APENAS FIQUE QUIETA.

Se isso funciona para animais selvagens, por que não funcionaria comigo no almoço com minhas amigas? Eu tenho me dado esse discurso de encorajamento a manhã toda, mas quando o motorista de aplicativo me deixa em frente ao restaurante para encontrar minhas amigas, não estou convencida.

— Olá, garotas! — Eu chamo em uma voz que espero que esteja escondendo o meu pânico. Todas, menos Abby, já estão sentadas nos fundos do restaurante mexicano.

Adoro quando escolhemos o mexicano, e não apenas porque Tex-Mex[3] é vida. Eu posso me encher de chips (de graça!) e a maioria dos lugares tem um menu de acompanhamentos ou sopas, então eu posso parecer que ainda estou comendo, mas gasto menos de 10 dólares. Quer dicas de economia? Eu sou sua garota.

Eu dou um abraço em Zoey primeiro, tentando sinalizar, com o que provavelmente são olhos de doida, que ela não pode

[3] Tex-Mex é a junção da culinária do Texas com a mexicana.

contar a ninguém sobre as coisas com Thayden. Especificamente, toda a coisa do contrato. E sobre a parte em que confessei que estou considerando a ideia de aceitar isso.

Eu sei. EU SEI. Ridículo.

Enviei a Zoey nada menos que dez mensagens esta manhã, mas ela não respondeu. Não consigo ler sua expressão, o que só me deixa mais nervosa.

— Dormiu bem? — ela pergunta, uma sobrancelha levantada.

— Você sabe que não dormi bem — eu sibilo com os dentes cerrados. — Leia as suas mensagens! — Mais alto, eu digo: — O casamento te fez bem, querida.

Ela parece incrível, toda bronzeada e satisfeita depois de sua lua de mel. Eu não sou invejosa. Eu *não sou*. Mas tudo bem, sim, eu nunca estive em férias chiques. Os verões eram gastos participando de concursos quando eu era mais jovem e, na faculdade, eram para trabalhar. Nem uma vez eu me sentei em uma praia sem preocupação alguma, tomando uma bebida de dentro de um abacaxi.

Será que eu vou algum dia?

Se eu me casar com Thayden como diz o contrato, posso ter uma lua de mel em um mês. Casamentos falsos ainda ganham lua de mel, certo? Eu bufo com a ideia.

— Você acabou de bufar? — Sam pergunta.

— Claro que não. — Dou-lhe um abraço antes de dar um tapinha em Harper e me sentar.

A garçonete já está anotando nossos pedidos quando Abby entra correndo, praticamente se jogando no colo de Zoey.

— Eu senti a sua falta!

Zoey ri.

— Você me viu na noite em que voltei. E no outro dia, para o café.

— Não foi o suficiente — Abby diz dramaticamente, beijando Zoey ruidosamente na bochecha antes de se jogar na última cadeira vazia e pedir queso. — A casa está vazia sem você.

— Que é a deixa perfeita para falar sobre nossa situação atual — diz Sam. Todas nós gememos. — O contrato termina no mês que vem. Originalmente nós planejamos renovar, mas depois de algumas mudanças, é uma boa ideia discutir opções.

— Desculpe — Zoey diz, parecendo culpada.

— Por favor, não se desculpe por se casar — diz Abby. — Caramba. Todas nós sabíamos que isso aconteceria.

Só não tão cedo. Essas são as palavras que ela não diz, mas todas nós as sentimos ao redor da mesa. As coisas estão mudando para nós e o último ano que pensamos que teríamos morando juntas está rapidamente se tornando outra coisa.

— Estamos todas felizes por você! — Sam garante à Zoey.

E é verdade, mesmo que isso nos coloque em uma posição complicada. Nossa casa está em uma localização perfeita e é a configuração ideal... para cinco pessoas. Mas sem Zoey, não podemos dividir o aluguel por quatro. Acrescente minha situação incerta, que eu NÃO quero discutir, e as coisas ficam

mais difíceis. Eu estou esperando que elas possam dar um jeito nisso sem que eu seja um peso. Eu honestamente não sei meus próximos passos.

Entre o beijo e o contrato, estou uma *bagunça*.

— A meu ver, temos três opções — diz Sam, jogando para trás seu cabelo escuro. — Encontrarmos um novo lugar. — Todas nós gememos. — Aumentarmos o valor do aluguel que todas estamos pagando. — Gemidos mais altos. — Ou arranjarmos uma nova colega de quarto.

— Eu voto na opção um — diz Harper.

— Isso é porque você nunca está em casa — Abby argumenta. — Eu não quero morar em algum apartamento que se pareça com outro apartamento qualquer. Nojento.

Sam suspira.

— Pessoal, se todas nós pagarmos um pouco mais...

— Nem todas nós conseguimos grandes adiantamentos em acordos de livros — diz Harper.

Eu mordisco os chips, chegando ao final da cesta enquanto elas debatem. Eu odeio conflito. E se eu abrir minha boca, todos os meus segredos vão ser despejados, então eu continuo me enchendo de chips.

O garçom deixa nossos pratos, afastando-se rapidamente. Minha pequena tigela de sopa parece uma refeição para liliputianos[4].

— Todas nós sabíamos que isso aconteceria — diz Harper. — Sam e Abby já estão praticamente noivas. Quem sabe se alguma delas ainda estará morando conosco daqui a um ano?

A mesa fica em silêncio. É isso. O fim de uma era. Continuaremos amigas, mas não será a mesma coisa.

Olho para minha sopa, desejando que minhas lágrimas voltem para o lugar de onde vieram. Eu me recuso a chorar. Mas sinto como se estivesse andando em uma corda bamba estendida sobre um desfiladeiro. Não há chão abaixo de mim e equilíbrio não é o meu forte.

— Talvez possamos encontrar uma nova colega de quarto? — Sam sugere baixinho.

— Não — Abby e Harper dizem ao mesmo tempo.

— Abby não quer se mudar. Harper não quer pagar mais. Nenhuma de vocês quer uma nova colega de quarto. — Sam faz um barulho frustrado. — Delilah?

Todo mundo olha para mim e eu engulo em seco.

— Eu, hum...

— Thayden pediu Delilah em casamento por dinheiro — Zoey deixa escapar.

---

[4] São denominados liliputianos os habitantes da ilha imaginária do livro "Viagens de Gulliver" do escritor Jonathan Swift.

Não. Ela. Não. Fez. Isso.

A mesa explode em perguntas e gritos enquanto eu atiro olhares assassinos para Zoey. Felizmente, uma banda de mariachis começa a fazer uma serenata de aniversário na mesa atrás de nós, nos calando temporariamente.

Tomo um longo gole de água, sem encontrar os olhos de ninguém enquanto elaboro a minha defesa. Assim que as trombetas param de tocar, Sam diz:

— Explique.

— Thayden não se ofereceu para me pagar para me casar com ele. A mãe dele me enganou para assinar um contrato para me casar com ele por dinheiro.

— Isso é... uau. — Abby balança a cabeça. — Sem palavras.

— Claramente isso é absurdo — diz Harper. — Você não pode ser forçada a se casar com ele. O que significa que isso não tem relação com a discussão sobre nossa situação de vida. Eu voto em mudarmos de apartamento.

— Delilah — Zoey diz, uma nota de advertência em seu tom.

Nota para si mesma: não confie em Zoey com segredos.

Abby ri.

— Você não está realmente pensando em se casar com ele.

É cômico, não é?

E, no entanto, por volta das quatro da manhã, algo me atingiu. Eu preciso do dinheiro desse contrato. Tipo, *preciso*. Seria uma mudança de vida. Eu sei que Thayden disse que

pagaria sem o contrato, mas não posso deixar. Eu *poderia* permitir se houvesse algo em troca para ele.

Se mantivermos o contrato que assinei, eu sairia da dívida. Ele conseguiria a firma da família. Todos ganham.

Thayden e eu poderíamos nos casar e isso não significaria nada. Eu poderia considerar isso apenas como um trabalho.

Um trabalho que me obriga a me aproximar de um homem que parece ser minha Kryptonita.

Minhas amigas não vão entender isso. Não sem que eu lhes diga *toda* a verdade.

— Eu não tenho falado com vocês sobre o estado das minhas finanças. E é bem horrível. Eu fui demitida.

Abby pisca rapidamente.

— Você foi demitida e enganada a assinar um contrato de casamento tudo em uma semana?

— E ela foi a um encontro com Thayden — acrescenta Harper.

— E ela o beijou — Zoey diz, encolhendo os ombros quando eu jogo meu guardanapo nela.

— Nada é sagrado para vocês? — Eu exijo.

— Claramente casamento não é — Abby diz, rindo. — Toca aqui!

Ninguém toca.

— Eu pensei que você tinha as bolsas de estudo dos concursos de beleza — diz Harper.

É como se ela sentisse o cheiro de lixo podre quando diz a palavra *concursos*. De todas, ela foi a que mais falou sobre a minha vida antiga e sobre os doze títulos que possuo. Há muito tempo, parei de tentar convencê-la de que são competições de bolsas de estudo. Toda vez que você tem garotas vestindo biquínis, é um concurso de beleza. Mesmo que haja, na verdade, bolsas de estudo.

É engraçado. Os concursos de beleza não são tão ruins quanto as outras coisas que eu fiz, aquelas sobre as quais eu nunca falo. Eu me pergunto o que Harper diria sobre o que mais eu cresci fazendo para minha mãe.

O pensamento me dá calafrios e eu pego essas memórias e as enfio de volta na caixa onde as guardo, amarrando-as com correntes e jogando-as em um lago.

— As bolsas de estudo que ganhei não cobriam tudo. Não o suficiente. Estou olhando para quase cem mil em dívida estudantil e contando. Se eu não lutar para sair do contrato, eu poderia ser livre, galera. Vocês não tem ideia do que isso significa para mim.

Não, lágrimas. Não. Vocês NÃO podem sair. Elas não estão me ouvindo, o que não é surpreendente.

Sam toca meu braço.

— Por que você não disse algo? Nós teríamos ajudado.

Ao redor da mesa, todas as minhas amigas acenam com a cabeça, o que faz com que as lágrimas caiam com força total.

— Vocês não podem ajudar com algo assim. — Eu fungo. — Eu amo o fato de que vocês gostariam. Isto é uma dádiva. Tenho que aproveitar a oportunidade.

Por um momento, ninguém diz nada. O clima mudou para tristeza, e estou tentada a dizer ao garçom que é aniversário de Abby para que possamos ter a nossa própria serenata feliz.

Por volta do terceiro namorado de mamãe, fiz uma promessa para uma estrela. Algumas crianças faziam desejos; eu fazia promessas para mim mesma. Eu não acreditava no poder dos desejos, mas tinha toda a fé que consegui reunir em minha própria autodeterminação.

Prometi que nunca seria como mamãe, com uma porta de quarto com passe livre, deixando entrar homens e cuspindo-os em um ritmo alucinante. Eu esperaria por algo real e duradouro, se tal coisa existisse, e estou tão incerta agora quanto estava antes. Se eu me casasse, seria para sempre.

Minha eu de nove anos teria vergonha de mim agora. Mas minha eu de 23 anos tem um pouco mais de vivência, um pouco menos de fé em si mesma e muito mais dívidas.

Sam franze a testa.

— Espere. Você foi a um encontro com ele ontem à noite. Você o *beijou*. Esse casamento é real ou falso?

— Falso. — Eu tenho zero hesitação.

Abby tosse "*mentirosa*" bem baixinho.

Eu balanço minha cabeça.

— Definitivamente falso.

Harper levanta as sobrancelhas.

— Eu vi vocês dois ontem à noite. Atração fora do normal.

— Thayden não quer se casar — digo. — Confiem em mim. Isso seria apenas no papel.

— Não — diz Sam. — Beijar torna tudo confuso e real. Você está mentindo para si mesma se pensa o contrário.

— Eu não vou beijá-lo novamente.

Isso provoca o riso de todas elas e meu pescoço está começando a ficar quente. Estou irritada, principalmente porque sei que elas estão certas. Eu tive essas mesmas discussões comigo mesma na escuridão ontem à noite enquanto eu não estava dormindo. E eu continuei repassando uma coisa.

— Talvez seja uma ideia terrível e será confuso e complicado, mas... cem mil dólares. Me digam outra maneira que eu possa ganhar isso agora.

Todas elas trocam olhares desconfortáveis ao redor da mesa porque sabem que estou certa. Não consigo um grande emprego corporativo como Zoey. Eu não treino atletas de elite como Harper. Eu não tenho um contrato de livro como Sam. E eu não tenho habilidades tecnológicas insanas como Abby.

Harper pigarreia.

— Você poderia vender sua coleção inestimável de Beanie Babies.

Eu nem sei o que fazer com essa resposta. Especialmente porque eu não tenho Beanie Babies. Mas Harper tem um sorriso esperto no rosto.

Oh meu Deus, Harpy fez uma piada!

— Definitivamente uma opção — eu digo, sorrindo.

— Você poderia fazer arte de lixo — diz Abby. — Arte irônica. Tipo... cinzeiros feitos de pontas de cigarro.

Eu rio.

— Além disso, serviria para reciclar.

Sam sorri.

— Você poderia tricotar suéteres. Tipo, suéteres orgânicos especiais de pele de lêmure.

— Você tricota? — Zoey pergunta.

— Não.

— Dá para sequer conseguir... linha ou lã ou qualquer outra coisa de lêmures? — Abby pergunta.

Harper ergue o telefone.

— A internet diz que não.

— Fala sério! — todas nós dizemos.

De repente, me sinto melhor. Bem. Um pouco melhor. Ainda há toda a questão de convencer Thayden a concordar com o contrato e se casar comigo quando ele não quer se casar. E a outra questão, que é o fato de eu gostar muito dele. Como Sam disse, é complicado e confuso demais. De um jeito ou de outro, vou me magoar. Caramba, eu fiquei magoada ontem à noite só de ouvir Thayden dizer que queria me beijar, mas que não consideraria algo a mais.

Mas *cem mil dólares*. Eu consigo lidar com a confusão por isso.

— Acho que isso significa que vamos arranjar um apartamento — Abby suspira e todas gemem.

Por enquanto, ignoro minhas preocupações em favor de terminar minha tigela de sopa do tamanho de uma casa de bonecas.

Apollo me cumprimenta depois do almoço com lambidas excessivas que chegam um pouco perto demais da minha boca. Há algo tão simples sobre o amor de um cachorro. Sem complicações. Sem mães intrometidas e contratos jurídicos obrigatórios.

Apenas um rabinho balançando e beijos levemente fedorentos.

Falando em beijos, ainda estou tentando afastar as lembranças do beijo lendário do meu encontro – correção, *jantar* – de ontem à noite. Se eu fechar meus olhos, ainda posso sentir o raspar da barba de Thayden contra minha pele.

E, droga, agora eu provavelmente nunca mais sentirei isso de novo. Se eu concordar com o contrato por dinheiro, não haverá beijos. Complicado demais. Seria mais como me vender.

A tarde passa arrastada, me permitindo muito tempo para pensar e ficar nervosa antes de Thayden voltar para casa. Quando Apollo corre para a porta da frente com todo o seu bumbum balançando, eu sei que chegou a hora.

— Ei, garoto — diz ele, jogando as chaves em um vaso na porta da frente e deixando Apollo beijá-lo.

Seu sorriso e aquela voz barítono forte me fazem precisar repreender meu corpo, que se iluminou como uma tocha humana. Meus lábios estão me traindo, de um jeito pavloviano[5], formigando em resposta à visão dele.

Os olhos de Thayden pousam em mim, e ele sorri. Preciso procurar algum tipo de pílula antiatração ou talvez uma vacina. Eu mentalmente adiciono isso à minha lista de coisas para pesquisar no Google mais tarde.

— Eu não esperava ver você aqui — diz ele. — Pensei que você queria me evitar por alguns dias.

— Eu queria. Mas precisamos conversar.

Eu me levanto do sofá e me espreguiço, fingindo uma casualidade que não sinto. Porque tudo em mim quer reagir como Apollo, que correu direto para a porta para receber beijos.

Sem beijos. Sem pensar *em beijos. Se isso vai funcionar, os beijos estão banidos para fora do reino das possibilidades.*

E da minha memória.

---

[5] Faz referência ao fisiologista Ivan Petrovich Pavlov. A fala da protagonista é uma alusão ao estudo de condicionamento clássico, que é um processo de aprendizagem que ocorre através de associações entre um estímulo ambiental e um estímulo que ocorre naturalmente, ou seja, seria uma resposta involuntária do corpo.

Thayden consegue se livrar da recepção de Apollo e se junta a mim na sala. Eu afundo de volta no sofá, onde estive tentando ler. Meus olhos continuam examinando as mesmas palavras de novo e de novo enquanto eu penso no que vou dizer a esse homem. Agora que ele está aqui, todos os pensamentos desapareceram.

Thayden está sentado em uma cadeira de couro gasto de frente para mim, inclinado para frente, os cotovelos nos joelhos. Eu me afundo no sofá, colocando um recibo no meu livro para marcar onde eu parei, porque eu não sou um selvagem que dobra os cantos das páginas.

— Shakespeare, hein? — Thayden parece surpreso. — Você está tendo aulas ou é isso que você lê por diversão?

— Este é um dos meus favoritos. Não deixe meu sotaque enganar você. Eu não sou boba.

Se estou um pouco irritada com isso, é porque toda vez que eu respondia uma pergunta na aula, havia risadinhas. Você pensaria que no Texas, um sotaque sulista não seria sinônimo de estupidez, mas acho que meu sotaque do Alabama é mais acentuado do que o típico do Texas. É algo que terei que superar se realmente quiser entrar no meio acadêmico.

— Eu nunca pensei que você fosse — Thayden diz. — Não com essa sua língua esperta que nem um chicote.

Seu olhar cai para os meus lábios e eu me lembro que o beijo não existe nesse reino. Beijar se extinguiu junto com os

dinossauros. E o contrato de casamento estúpido e o fato de que Thayden só quer me beijar, não casar comigo.

Apollo aninha seu corpo contra o sofá para que sua cabeça fique no meu colo. Quando começo a acariciar suas orelhas, ele geme. Eu rio com o som quase humano.

— Você está roubando o coração do meu cachorro — Thayden diz, e meu próprio coração estremece um pouco, porque seus olhos estão fixos em mim, parecendo comunicar algo mais.

— Eu sinto muito por tudo isso — diz ele de repente. — Sobre minha mãe se aproveitar de você. Sobre ferir seus sentimentos na noite passada. Eu me diverti muito com você ontem à noite. Antes... de todo o resto.

Ele me dá um sorriso tímido e eu luto contra a vontade de sorrir de volta. Eu não sei para onde esta conversa está indo e eu preciso criar coragem para dizer o que eu quero dizer.

— Delilah, eu não quero que você pense que eu só quero...

— Eu vou fazer isso. Eu me casarei com você como diz o contrato.

As palavras saem e ficam pairando na sala como uma névoa densa.

Eu sei que minhas amigas estavam certas em estarem preocupadas. Vou me odiar quando isso acabar. E vou lutar, a cada momento que passo com Thayden, para *não* me apaixonar por ele.

Ele age como se eu tivesse tirado o fôlego dele.

— Você o quê?

— Acho que é do interesse de nós dois manter o contrato que assinei. Nós nos casarmos, apenas no papel. Você consegue sua empresa e eu poderei melhorar minha situação financeira.

Agora, se isso não soa muito mais chique do que *me desenterrar das dívidas estudantis*, eu não sei o que parece.

Thayden afunda de volta na cadeira. Ele engole em seco, e eu observo o nó de seu pomo de Adão. Um pescoço tão bonito.

— Você não tem que fazer isso. Se suas finanças forem um problema, terei prazer em ajudar. Como eu disse ontem à noite, eu lhe pagaria o dinheiro.

— Eu não sou um caso de caridade, Thayden.

— Não é caridade. Você está trabalhando para mim.

Eu zombo.

— Você não pode me pagar cem mil dólares para passear com Apollo.

— Foi isso que minha mãe prometeu?

Eu aceno com a cabeça. Sua expressão não muda.

— Ela subvalorizou você.

— Thayden, essa quantia é ridícula!

Ele suspira, passando a mão pelo cabelo espesso.

— Discordo. Mas preciso ver o contrato.

— Nós precisaríamos adicionar algumas estipulações. Adendos, ou seja lá o que for. — Eu tento dizer essas palavras casualmente, como se eu não tivesse vasculhado a internet procurando os termos legais corretos ontem à noite. — Mas eu

quero fazer isso. Isso é... contanto que você queira. Eu sei que você disse que não queria se casar, mas isso permite que você mantenha a empresa. Nós dois ganhamos.

E eu perco. Mas eu engulo essas palavras.

Thayden simplesmente me encara e eu começo a entrar em pânico internamente. E se ele disser não?

Thayden fica em silêncio por um longo tempo, olhando para suas mãos, que estão apoiadas em seu colo. Parece que joguei minhas fichas na mesa e estou esperando que ele pague ou desista.

Como sempre com este homem, estou dividida sobre qual eu quero que ele faça. Na verdade, o que eu gostaria, para ser completamente honesta, é que ele varresse as fichas da mesa metafórica e me jogasse sobre ela, declarando seus sentimentos por mim e então continuasse aquele beijo de ontem à noite.

Digo a mim mesma que resistir a ele será mais fácil quando o homem deixar de ser novidade. Embora eu suspeite que Thayden possa ser como um bom vinho, melhorando com o tempo.

— Você tem certeza disso? Eu estava planejando entrar em cena e cancelar a coisa toda. Então poderíamos começar de novo, sem algo assim pairando sobre nossas cabeças.

— Recomeçar, como? Com o que? Não estamos namorando, Thayden. Lembra? Ontem à noite foi um jantar, não um encontro.

Nós dois sabemos que estou farta disso, mas para que isso funcione, eu tenho que impor o ponto de vista platônico.

— E o beijo? — ele exige.

É difícil mentir quando ele está com o olhar tão focado em mim.

— Isso foi um...

— Não se atreva a dizer *erro*.

Sim, eu ia engasgar com essa mentira enquanto ela saía. Mas nenhuma outra palavra vem à mente. Isso também é mentira. Muitas palavras vêm à mente – formigamento nos dedos do pé, encurtamento de sinapses, modificador do futuro – mas nenhuma delas eu vou admitir em voz alta.

Em vez disso, mudo de direção.

— O contrato nos manterá protegidos. Seremos muito claros sobre onde as linhas estarão desenhadas. Sem confusão.

Além dos meus sentimentos, que estão lamacentos como o leito de um riacho depois de uma chuva de primavera.

Thayden parece magoado. Meu desespero, agora que vi a luz no fim do túnel das minhas finanças, significa que não posso ser muito orgulhosa aqui. Parece um pouco como se eu estivesse implorando e eu odeio isso. Estou prestes a retirar tudo que disse e falar para ele para rasgar o contrato quando ele diz:

— Quando você gostaria de se encontrar com os advogados? Minha oferta de pagar por sua representação ainda está de pé.

O homem parece exausto. Não como se ele tivesse acabado de resolver um grande problema em sua vida. E não tenho certeza de como me sinto sobre sua resposta. Um caleidoscópio de emoções flui através de mim, nenhuma delas é boa.

— A qualquer momento. Eu sou toda sua.

Um dia atrás, Thayden teria sorrido e feito algum comentário paquerador sobre eu ser toda dele, eu o teria repreendido e teríamos lutado com nossas palavras. Eu anseio por esse vai-e-vem.

Em vez disso, Thayden acena com a cabeça, parando em um movimento rápido.

— Eu entrarei em contato — diz ele. — Ah, e sua scooter está consertada e na frente de casa, esperando por você.

— Eu disse para você não consertá-la! — Estou menos irritada e mais maravilhada.

— Bem, nem sempre conseguimos o que queremos, não é? — Ele me dá um sorriso triste antes de sair da sala, me deixando sozinha.

Cara Dra. Love

De: GarotadoFilhinhodaMamãe@DraLove.advice
Para: DraLove@DraLove.advice

Cara Dra. Love,

Meu namorado tem um relacionamento muito doce com a mãe dele. Essa foi uma das grandes coisas que me atraiu nele. Sempre ouvi que a maneira como um cara trata sua mãe mostra como ele tratará sua esposa.

Exceto que... eu tenho certeza de que a mãe dele está acima de todo mundo. Até de mim.

Sempre que ela liga para ele, ele para o que está fazendo para falar com ela. Se ela precisa de ajuda, ele cancela nossos planos.

Ela sempre parece ligar para pedir algum favor quando estamos em encontros. Eu achei que fosse uma estranha coincidência até que ele me disse que eles compartilham a agenda um do outro. Eles também têm o compartilhamento de localização ativado e, eu juro, toda vez que ele vem aqui, há algum tipo de emergência.

Devo também salientar que sua mãe é muito saudável. Ela faz ioga cinco vezes por semana, faz corridas de 10 km várias vezes por ano e lidera uma instituição de caridade. Mas se temos um encontro, de repente ela não consegue encontrar suas

chaves ou seu carro precisa de uma troca de óleo, ou ela tem medo de que haja um intruso na casa.

Embora eu queira que eles continuem próximos, estou cansada de me sentir como uma vela no relacionamento *deles*. Algum conselho?

Respeitosamente,

A Garota do Filhinho da Mamãe

De: DraLove@DraLove.advice
Para: GarotadoFilhinhodaMamãe@DraLove.advice

Querida Garota do Filhinho da Mamãe,

Meu conselho é CORRA. Eu não estou nem brincando.

Embora seja ótimo quando um cara cuida de sua mãe, há uma diferença entre cuidar e ser co-dependente. Parece que essa mamãe tem as garras profundas cravadas nele e não está disposta a compartilhar.

Assim como você não quer ficar entre dois cachorros em uma briga, você não quer ficar entre um menino e sua mãe ciumenta. Afaste-se lentamente e encontre um homem que seja doce, mas não esteja preso à mãe.

Atenciosamente,

Dra. Love

Capítulo Doze

Delilah

É PRECISO DE QUANTOS ADVOGADOS para trocar uma lâmpada?

Cinco, e também de mil dólares em honorários.

O que o advogado disse ao sapo?

Se você me beijar, posso me transformar em um ser humano decente.

Ok, então talvez minhas piadas de advogado sejam ruins. Mas depois de quase uma hora presa nesta sala de conferências com Thayden redigindo um contrato revisado por Scott, meu representante, inventei cerca de duas dúzias delas. É a única coisa que me mantém sentada no meu lugar, porque me deixe lhe contar: negociar com advogados é o meu purgatório pessoal.

Três advogados vão para um bar e perdem suas licenças. Porque eles deveriam *fazer* o exame da ordem, não correr para o bar![6]

Ba-dum tss!

Estarei aqui a noite toda, pessoal.

---

[6] Bar é o Exame de Ordem dos Advogados dos Estados Unidos.

Na verdade, com sorte, terminaremos em breve. Eu parei de prestar atenção um tempo atrás, para ser honesta. Eu deveria estar prestando atenção. Assinar o primeiro contrato com a mãe dele deveria ter me ensinado essa lição. Mas documentos jurídicos são entediantes.

— Essas cláusulas são suficientes, Delilah? — Scott pergunta, mexendo em seus óculos.

Eu balanço minha cabeça.

— Desculpe. O que é suficiente?

Thayden geme.

— Delilah!

Eu viro minha cabeça para olhar para ele.

— Não enche o saco! — Eu me volto para Scott. — Você pode escrever algo aí sobre ele ser insuportável?

Thayden ri e abaixa a cabeça na mesa, mas Scott parece confuso.

— Colocar algo como... o quê?

Cruzo os braços, encarando Thayden.

— Indenização por danos. Eu quero indenização extra se ele for difícil.

— Defina difícil.

Os olhos de Thayden queimam, mas há uma pequena curva em seus lábios. Eu senti falta disso.

Nos últimos dias, Thayden parecia... mudo. Não houve flerte, nem nenhuma covinha à vista. Eu pensei que talvez

assinar este contrato significasse abrir mão desse privilégio, mas hoje ele está de volta e eu adoro isso.

Exceto quando me lembro que não se trata de amor.

Scott suspira.

— Vocês dois podem...

— O quê? — Thayden e eu gritamos ao mesmo tempo e Scott se sobressalta.

— Deixa para lá — ele murmura. — Eu só gostaria de terminar isso. Acho que a última coisa são os ajustes na parte da quantia de compensação.

Meu estômago dá um mergulho profundo. Thayden repensou os cem mil? De repente, sinto o peso das minhas dívidas novamente me arranhando. Não quero ser egoísta. Essa quantia ainda parece muito, mas já me acostumei com a ideia. Eu engulo em seco.

— Quanto menos...

— Não menos. — Thayden sorri. — Eu disse que minha mãe te subvalorizou.

Scott empurra um papel para mim. Os números fazem meu coração disparar. Thayden está fora de si. Um quarto de um milhão de dólares por um ano de casamento.

— Isso é... não. É demais. Não posso concordar com isso em sã consciência.

Scott se vira, olhando para mim como se estivesse prestes a explicar alguma coisa. O olhar sombrio que dou a ele o cala.

Thayden é irredutível.

— Discordo. É pedir demais de você. Um ano do seu tempo. Mantendo isso em segredo. Me aturando.

— Isso vale pelo menos mais cem mil — brinca Scott.

Thayden levanta uma sobrancelha e eu não consigo deixar de rir. Scott tosse e checa o horário em seu telefone.

Eu olho para o papel. Duzentos e cinquenta mil dólares. Para fingir me casar com Thayden. Na verdade, o casamento teria que ser real, pelo menos no papel. Para cumprir a estipulação de seu pai, temos que nos casar legalmente.

Thayden já me contou que a mãe dele está roendo as unhas de inquietação para começar a planejar. Aparentemente, ela não se importa se isso é real ou por causa de um contrato. A ideia de planejar um casamento com a mãe de Thayden faz minha garganta apertar. Eu sei que provavelmente deveria estar com raiva dela por me enganar, e eu estou. Um pouco. Mas ao conhecê-la, o que eu vi foi o quanto ela ama seu filho. Minha própria mãe me enganou várias vezes, mas isso não tinha nada a ver com amor. Isso era mais... o cupido brincando com as flechas – e atirando errado.

Eu abano meu rosto com uma pasta vazia.

— Está quente aqui? Ou é apenas eu?

— Apenas você — Thayden diz com um sorriso.

Aponto a pasta para ele.

— Nada de flerte! Coloque isso no contrato, Scotty.

Juro, Scott está prestes a se demitir do emprego e ir embora.

— Não posso...

A porta da sala de conferências se abre e um homem que eu odeio quase que imediatamente, à primeira vista, entra. É o sorriso dele, que é bajulador, e seus olhos, que olham primeiro para os meus peitos, depois para o meu rosto.

— Como está indo o acordo pré-nupcial? — Ele ri, caminhando até Thayden e lhe dando um tapa nas costas. Thayden parece querer derrubar esse cara do prédio.

Ah. Este deve ser o famoso Duke. Thayden o mencionou algumas vezes, nada de bom. Percebo que Scott discretamente coloca o contrato na pasta.

— Por favor, me diga que estou convidado para o casamento — diz Duke.

— Será pequeno — Thayden diz com os dentes cerrados.

Ele acha que tem que ser legal com esse homem? Porque eu certamente não.

— Você não está convidado — eu digo. — Eu sou Delilah, a propósito. Você deve ser o Duke.

Ele apenas sorri mais largamente.

— Vejo que minha reputação me precedeu.

— E que reputação — digo.

O sorriso desaparece de seu rosto e ele volta a olhar para Thayden.

— Não pense que eu não sei o que você está fazendo. Você não pode fingir um casamento e achar que vai funcionar.

— Nós não estamos fingindo nada — eu digo. — Estamos nos casando.

— Talvez seja verdade — diz Duke. — Mas estarei atento a qualquer sinal de que você esteja violando os desejos de seu pai. Isso deve ser divertido. Eu pude sentir a tensão nesta sala no momento em que entrei. Quanto tempo você vai levar para ceder?

Eu brinquei sobre Thayden ser insuportável, mas esse homem realmente merece ter sua fotografia no dicionário ao lado da palavra. Talvez sejam os anos estando em um palco que me fazem ficar de pé. Talvez seja o aperto na mandíbula de Thayden. Talvez seja só porque eu quero, que lentamente me levanto e ando ao redor da mesa, parando ao lado da cadeira de Thayden.

Os olhos de Duke se estreitam, Scott parece petrificado e Thayden parece... como se soubesse exatamente o que está por vir.

— Você sente a tensão na sala? — Eu pergunto a Duke, arrastando meus dedos pelo pescoço de Thayden.

— Hã, Delilah? — Scott diz. — Eu deveria aconselhá-la...

— Cala a boca, Scott — Thayden e eu dizemos ao mesmo tempo. Pobre homem. Vou comprar-lhe uma cesta de presente mais tarde. Quer dizer, assim que eu tiver dinheiro na minha conta bancária.

— Eu acho que você estava confuso sobre o tipo de tensão que você estava sentindo — eu digo, minha voz quase um ronronar.

Duke dá um passo para trás e a boca de Thayden se curva em um sorriso.

— Eu adoraria ouvir mais sobre essa tensão — diz Thayden.

— Ah, você vai mais do que ouvir sobre isso — eu garanto a ele, inclinando-me para beijá-lo.

Eu juro, esta é a última vez. Ainda não assinei o contrato, então este ainda é permitido.

E eu pretendo aproveitar. Apesar do nosso público.

Nossos lábios se encontram em um beijo suave. É um pouco estranho, já que Thayden está sentado e eu em pé. Não é como se eu fosse subir no colo dele. Eu tenho alguns padrões. Não são muito altos, obviamente, mas eles *existem*.

Um beijo se transforma em outro, depois em outro. Estou vagamente ciente da porta batendo quando Duke sai. As mãos de Thayden encontram minha cintura e o homem claramente não tem padrões porque ele me puxa para baixo até que eu esteja sentada de lado em seu colo. Nossos lábios nunca se separam e há um desespero nesse beijo, como se de alguma forma ele soubesse o que eu já sei – é isso. Um beijo de despedida, de certa forma. Uma vez que assinarmos, tudo muda.

— Eu, uh, acho que você provou o que queria — diz Scott.

Thayden geme, mas Scott está certo. Eu me levanto, ajeitando minha saia e me afastando de Thayden. Arrancando a caneta da mão de Scott, eu faço uma rubrica em cada linha.

Quando termino, empurro o contrato para Thayden e estendo a mão.

Parecendo atordoado, ele aperta minha mão.

— O que é...

— Estou ansiosa para fazer negócios com você — digo a ele.

Então, depois de dar um tapinha amigável no ombro de Scott, saio da sala de conferências antes de ser tentada a fazer algo estúpido como beijar Thayden novamente.

Ele me alcança quando estou quase perto dos elevadores.

— Deixe-me acompanhá-la até lá fora — diz ele.

Sua mão se acomoda na parte inferior das minhas costas. Juro que vai deixar uma marca, dizendo a todos que sou dele.

Pelo menos nos trezentos e sessenta e cinco dias que se seguirão ao nosso casamento.

Thayden se aproxima, perto demais, e seus lábios roçam minha orelha.

— Você sabe do que eu vou gostar?

— Do quê?

Minha respiração fica presa quando seus lábios roçam levemente na minha orelha. Eu sei que deveria me afastar, mas não posso. Especialmente porque outras pessoas no escritório estão assistindo. Tenho certeza de que ele está usando isso a seu favor também.

Pouco antes das portas do elevador se abrirem, ele diz:

— De encontrar todas as brechas.

Minha nossa. Espero que ele encontre.

Capítulo Treze

Delilah

Estou em um vestido de noiva. Claro, é uma completa monstruosidade de rendas e tule e pedrarias que se parece com o que poderia acontecer se você jogasse dez vestidos de noiva em um triturador de madeira. Mas ainda assim.

Estou em um vestido de noiva.

— Saia. Mesmo que seja terrível. Os feios só vão ajudar a evidenciar o vestido *certo* — a mãe de Thayden chama em uma voz cantante.

Porque, em uma estranha reviravolta, estou comprando um vestido de noiva com minha futura sogra temporária, que me enganou em um contrato juridicamente vinculativo. O corredor de cartões comemorativos ainda não tem nada nesse tema.

— Este está definitivamente na categoria dos terríveis.

Afasto a cortina pesada do provador e saio, erguendo o quadril com uma mão e jogando o cabelo com a outra. Se há uma coisa que consigo fazer é sorrir e andar em um vestido. Até mesmo um que deveria ser retirado por caras em trajes de proteção e queimado.

A mãe de Thayden está sentada no sofá rosa de pelúcia, bebendo champanhe. Ela quase o cospe quando me vê.

— Ah meu Deus — diz ela com uma risadinha. Levantando-se, ela me segue até o pequeno palco na frente de vários espelhos do chão ao teto com bordas douradas.

— Acho que a resposta correta é Deus tenha piedade — digo, virando-me para ver a parte de trás, que não fechei totalmente. — Este pobre vestido. Ele está realmente tentando.

— Tentando um pouco demais, eu diria. Vamos fechar o zíper, apenas para o efeito completo.

As mãos de Elizabeth estão quentes na pele nua das minhas costas enquanto ela fecha o zíper, e eu sou imediatamente transportada de volta no tempo. Não para uma memória específica, mas para um armazém inteiro delas de quando minha própria mãe fechava e alfinetava e às vezes me espremia em vestidos de concurso. Eu estremeço.

— Desculpe! Meus dedos estão gelados?

— Está tudo bem — eu digo.

— Bom. Que este seja o padrão a partir do qual vamos elevar — diz Elizabeth, estalando a língua.

Eu paro por um momento para apreciar plenamente o horror que é este vestido. Tem uma espécie de gola elizabetana subindo pelo meu pescoço com um decote grande na frente que revela muito peito.

A cintura deveria ficar apertada, embora este seja o tamanho do modelo e precise ser ajustado. A parte de baixo parece como se uma saia de armação tivesse tentado ter um bebê com um

formato sereia. Há até uma estranha linha de babados sobre a minha bunda.

— Você pode tirar uma foto com o meu telefone? — Eu pergunto. — Essa memória precisa ser preservada.

Elizabeth tira algumas fotos, rindo enquanto faz isso.

Se você está se perguntando como eu passei de ser enganada por essa mulher para rir com ela enquanto experimento vestidos de noiva, isso envolveu um pedido de desculpas cheio de lágrimas de Elizabeth mais cedo e meus problemas de relacionamento materno. Geralmente sou rápida em perdoar em um dia normal, mas nem tive chance com Elizabeth.

Não quando ela me abraçou forte e me disse que sempre quis uma filha e, apesar do que fez, esperava que eu pudesse vê-la como uma mãe. É como se ela tivesse uma folha de dicas com todas as minhas dores e soubesse exatamente onde pressionar.

Ela segurou as minhas bochechas e olhou nos meus olhos.

— Esqueça o contrato. Perdoe-me, por favor, e deixe-me te amar como a filha que nunca tive.

Sim. Ela disse isso. Eu sei porque eu imediatamente gravei na memória. Essas palavras irão comigo para o túmulo. É um pouco triste o quão desesperada eu sou, para ser honesta.

E então, aqui estamos.

A vendedora, uma mulher atarracada de cabelos grisalhos chamada Hilda, aparece em uma porta.

— Ah! É fabuloso, mas muito grande para seu corpo pequeno.

Não tenho certeza de onde Hilda é, mas seu sotaque a faz soar como a avó do Arnold Schwarzenegger.

Antes que eu possa impedi-la, ela começa a puxar a parte de trás do vestido, usando grampos gigantes para prendê-lo no lugar. Eles me lembram os prendedores de salgadinhos que temos em casa e agora estou me sentindo como um saco de Doritos.

— Está tudo bem — digo a Hilda. — Este *não* é o vestido.

— Ah — ela ronrona —, mas agora que está mais ajustado, olhe para sua forma!

Não existe um nome para esta forma. A menos que *o que não vestir* seja uma forma.

— Só não é o que eu imaginei para o meu grande dia — eu digo. As palavras fluem tão facilmente da minha língua. Como se fosse um casamento normal e eu fosse uma típica noiva. Não uma esposa de aluguel. Decidi que é assim que vou chamar nosso acordo.

— Bem, você tem muitos outros para escolher. Se você precisar de um estilo específico, é só me avisar. — Ela solta os grampos e desliza o zíper para baixo o suficiente para que eu possa escapar depois que estou atrás da cortina do provador. — Que pena. É alta-costura.

Olho para Elizabeth, que parece muito interessada em suas unhas. Alta-costura, hein? Quando Elizabeth insistiu que eu a deixasse pagar pelo casamento em troca de ajudar a planejar,

concordei com a ressalva de que queria algo simples e pequeno. Nada caro. Definitivamente nada de alta-costura.

Eu tusso incisivamente e Elizabeth pisca para mim, bebendo champanhe como se a taça escondesse sua expressão de culpa. Não esconde.

Eu soube quando a boutique de noivas – não loja, mas *boutique* – destrancou suas portas apenas para nós, que provavelmente era muito exclusivo e caro. Depois, há o fato de que nenhum desses vestidos tem etiquetas de preço. Também tenho certeza de que o champanhe que a sócia nos serviu foi Dom Perignon.

Mas é difícil dizer não a Elizabeth. Ela me buscou esta manhã em um carro com um motorista e já me ajudou a escolher a data, os convites e o local, o jardim da cobertura de um hotel. Ainda não é nem meio-dia e fizemos quase todas as grandes coisas.

É como um curso intensivo de planejamento de casamento em uma única manhã. Tenho certeza de que sem o dinheiro e a influência dela, não teríamos conseguido fazer isso. Ainda que seja um casamento pequeno com cerca de cinquenta convidados, não deveria ser tão simples.

E minhas emoções sobre isso são tão voláteis quanto as redes sociais durante uma eleição política. Não tenho certeza de como estou mantendo a postura. O casamento agora parece REAL. Apesar de ser falso.

E a mãe de Thayden está me tratando como uma nora de verdade. Não, como uma *filha*. Pelo menos, o que eu acho que seria um relacionamento normal entre mãe e filha. Ela tem derramado bondade e graciosidade sobre mim a manhã toda. Estou apenas absorvendo sua doçura.

— Não se preocupe, querida — diz Elizabeth. — Temos muitos outros vestidos. E eu tenho planos para o almoço. Você merece depois de todo esse trabalho duro.

— Você não precisa fazer mais nada por mim — eu protesto, enxugando meus olhos.

— Besteira. Agora, vamos nos livrar dessa monstruosidade e encontrar o seu vestido perfeito.

Os próximos que experimento não são tão horríveis, mas definitivamente não são O Escolhido. Eu nunca tinha me permitido sonhar com vestidos de noiva. Parecia tão inalcançável. Mas se eu tivesse criado uma pasta no Pinterest, com certeza iria ajudar agora. Tenho quase tudo no Pinterest, mas coisas de casamento... não. Parecia que eu estaria agorando a ideia ao salvar vestidos ou flores, ou qualquer outra coisa que pudesse ser útil.

Quando coloco o quarto vestido e o deslizo sobre meus quadris, eu *sei* antes mesmo de vê-lo. Eu não tenho um pingo de superstição em mim, mas eu juro que os pelos dos meus braços se arrepiam.

Este se encaixa perfeitamente e eu sou capaz até de fechar o zíper do lado. Não confiando em mim mesma para olhar no espelho ainda, prendo a respiração e saio.

Elizabeth engasga e deixa o copo cair, o qual felizmente está vazio, e ele quica inofensivamente no tapete. Ela está na minha frente em um instante, segurando as mãos em ambas as bochechas com lágrimas nos olhos.

— Ah, querida, isso... é extraordinário! Você é uma bela visão. — Ela funga e eu mordo meu lábio.

— Você gostou?

Elizabeth encontra o meu olhar e a emoção ali faz meu coração saltitar.

— Ignore o que *eu* acho. O que *você* acha?

— Eu não olhei ainda — eu confesso.

— Bem, vamos dar um jeito nisso. — Elizabeth levanta delicadamente a parte de trás do vestido, que tem uma cauda curta, sacudindo-o para que eu possa andar mais facilmente.

Eu mantenho meus olhos para baixo enquanto caminho até os espelhos, como se olhar fosse quebrar o feitiço que sinto. Lembro-me do encanto em algumas das fantasias feéricas que li no ano passado. Como se no momento em que coloquei o vestido, sua magia tivesse brilhado sobre a minha pele.

Quando finalmente olho para cima, o efeito definitivamente é mágico. O vestido é ilusoriamente simples, metros de cetim branco que se encaixam perfeitamente na minha cintura e na curva dos meus quadris, caindo

delicadamente no chão. O decote é em forma de coração e as alças largas são clássicas, me lembrando algo que Audrey Hepburn teria usado – beleza simples, elegante e clássica.

A cintura é acentuada com uma pequena linha de pedrarias modestas. É perfeito. Exatamente o tipo de vestido em que eu consigo me ver me casando.

O que significa, é claro, que não posso escolhê-lo agora. Seria cruel, uma mentira. Este não é o tipo de vestido que você usa em um casamento falso. É o tipo que você usa quando vai se casar com o amor da sua vida. Lágrimas borram minha visão.

— Então? — Elizabeth pergunta.

A esperança em sua voz faz minha respiração falhar.

— Não tenho certeza. É um pouco... simples.

— Simples? — Elizabeth balança a cabeça. — Não, são os traços simples que tornam este vestido tão bonito. Muitos vestidos se escondem atrás de acessórios, mas este só precisa dele mesmo. Como você, querida. Sua beleza precisa de tão pouco para brilhar. É por isso que este vestido é tão perfeito.

As lágrimas estão fluindo agora, quase em um grau embaraçoso.

— Eu não quero estragar o tecido — eu digo, tentando enxugar as lágrimas antes que elas caiam no cetim. Elizabeth funga, me entregando um lenço de papel.

— É a sua escolha. Mas não consigo imaginar um vestido mais lindo ou uma noiva mais linda. Eu gostaria que sua mãe pudesse estar aqui.

Eu não.

O pensamento de mamãe estar aqui, pegajosa e grossa como uma lesma, faz com que pontinhos dancem na frente dos meus olhos por um momento. Concentro-me em ficar de pé, certificando-me de não travar os joelhos, até que minha visão clareie.

— Está tudo bem — eu digo a ela, não querendo explicar a verdade. Minha mãe morreria se estivesse aqui. Mas não pelas razões que Elizabeth poderia pensar. Mamãe estaria vendo cifrões em todos os lugares que ela olhasse e encontrando maneiras de explorá-los. Se possível, me usando para explorar.

— Este é exatamente aquele momento com o qual toda mãe sonha.

Nem toda mãe. Não do jeito que Elizabeth sonha. E eu me sinto mal, porque mesmo que a mãe de Thayden saiba a verdade, ela parece estar depositando suas esperanças neste casamento como se não fosse uma mentira.

Eu viro as costas para os espelhos, encontrando os olhos verdes de Elizabeth.

— Você sabe que não é... real. Quero dizer, Thayden me contou o que disse a você. Que ele não queria se casar. É apenas por razões práticas.

Os olhos de Elizabeth piscam.

— Besteira. Meu filho não sabe o que é melhor para ele. Ele vai cair em si.

Ele vai cair em si.

Eu tinha esperanças, uma parte de mim tinha esperanças, que ela negasse. Talvez me falar que eu não entendi o que Thayden quis dizer. Mas não, ela apenas confirma, mesmo que não diga as palavras.

Eu quase preferiria ouvir qualquer outra coisa, até mesmo ouvir que ele me odeia, do que ouvir que ele vai cair em si. Se houvesse troféus para *meh,* essa declaração o levaria para casa.

Meu estômago revira desconfortavelmente. Hilda escolhe esse momento para aparecer com um véu.

— Oh, devemos tentar o visual completo com este.

E, antes que eu possa protestar, ela prendeu-o no meu cabelo, movendo-o sobre o meu rosto. Eu encaro a estranha nos espelhos, usando um vestido que provavelmente custa mais do que a soma de todas as roupas que já tive. Essa mulher no espelho parece uma noiva, linda e desejada, como se pertencesse a alguém que vai esperar por ela no final do corredor, com os olhos marejados.

Sob o véu, eu não sou essa mulher. Eu sou uma passeadora de cachorros superestimada que assinou um contrato jurídico para usar um vestido branco e dizer "sim".

— Thayden!

Eu me viro, ouvindo sua mãe chamar seu nome, e lá está ele, parado na porta desta pequena boutique. Em suas mãos há sacos do que parece ser comida para viagem e, em seus olhos, há apenas algo como choque.

Eu quero entrelaçar minhas mãos, mas Hilda enfia um buquê falso nelas, cantarolando a marcha nupcial. Estou paralisada quando Thayden coloca os sacos no chão e cruza o cômodo até mim, um olhar terrivelmente determinado em seu rosto.

Sua mãe e Hilda desaparecem. Só existe Thayden. Quando ele me alcança, estamos quase cara a cara por causa da plataforma em que estou.

Por um momento, todo o tempo paira entre nós, pesado e inebriante. Em um movimento tão rápido que eu só posso respirar superficialmente, Thayden levanta o véu do meu rosto. Com aquela pequena barreira desaparecida, o momento é ainda mais intenso, o próprio ar vivo e elétrico. É o que eu senti entre nós na noite do nosso beijo, só que *mais*.

Seus olhos, tão verdes. Sua expressão, tão séria e tão cheia de desejo. Eu quero varrer minhas mãos sobre a barba cheia em suas bochechas, a barba clara que quase esconde a covinha.

— Você está de tirar o fôlego. — Sua voz tem uma rouquidão baixa que me faz estremecer.

— Gostou do vestido? — Eu pergunto.

— Que vestido? — ele diz e, eu não posso evitar, sorrio. E então eu rio, mesmo quando uma lágrima escapa.

— Cale-se.

— Isso não é difícil. Você me deixou sem palavras.

— Thayden — eu digo —, pare.

— Eu tenho algo para você — ele diz e percebo que ele tem um anel na mão.

Não apenas um anel de diamante comum. É uma pedra rosa – grande, mas não imensa – situada em uma faixa de ouro rosa. Simples, mas único. *Lindo.*

Não consigo dizer uma palavra. Thayden levanta minha mão, colocando o anel no lugar.

— Nenhuma criança foi ferida na confecção deste anel — diz ele, com um sorriso nos lábios.

Eu só posso rir, mesmo quando as lágrimas se acumulam. No início desta semana, Thayden perguntou sobre anéis. Eu lhe dei muito pouco sobre meus gostos, além de dizer a ele que não queria um diamante ou qualquer outra pedra que envolvesse crianças minerando ou sendo feridas na produção.

— Eu não sei o que dizer.

— Você gostou?

— É perfeito. Mesmo. Demais.

Ele aperta minha mão.

— Nada é demais para você.

De repente, é tudo muito real. O vestido, o véu, o anel – o homem parecendo tão sério na minha frente.

O homem que não quer se casar.

Do nada, sua mãe aparece, enganchando o braço no dele.

— Obrigada por trazer o almoço, querido. Embora você devesse me mandar uma mensagem para que eu pudesse ir

buscar. Dá azar ver sua noiva em seu vestido — ela repreende gentilmente.

Thayden beija sua bochecha.

— Eu pensei que era apenas no dia do casamento — diz ele, os olhos voltando rapidamente para mim. O olhar neles faz meu colo inteiro corar.

— Este não é o vestido — eu consigo dizer.

Três cabeças chicoteiam para mim, porque Hilda ainda está aqui, perto demais. Quase posso sentir a respiração dela no meu braço, de tão perto.

Espaço pessoal, Hilda. É uma coisa. Aprenda.

— Não é? — Elizabeth tenta esconder sua decepção, mas acho que ela só é boa em ser sorrateira quando engana as pessoas para que se casem com seu filho.

Os olhos de Thayden percorrem o vestido e eu pensei que ele estava sendo engraçado quando disse "*que vestido?",* mas ele realmente parece estar vendo pela primeira vez.

— Não. É muito... hum...

Branco é a única palavra que vem à mente. Porque a presença de Thayden, seus olhos, seu tudo, roubou boa parte das minhas células cerebrais.

— É muito simples. Vocês não acham?

Hilda emite um tsc, como se eu fosse uma abestalhada, que é como me sinto.

— Simples significa caro. Um vestido como este é melhor do que um com todos os complementos extras. Porque tem que se destacar por conta própria, as linhas, o ajuste.

— Então é muito caro — eu digo. Isso não é uma mentira e é um alívio dizer algo que não é.

— Não se preocupe com as despesas — diz Elizabeth. Ela dá uma cotovelada em Thayden, que ainda não disse nada. Vestidos não parecem ser a especialidade do homem.

— Eu casaria com você em qualquer coisa que você usasse — diz ele. As palavras saem de seus lábios como um juramento e fazem algo mudar dentro de um cofre profundo, trancado e fortemente guardado do meu coração.

Ele não quer se casar com você, lembra? Ele te disse isso.

Ele vai cair em si, sua mãe disse.

Esse lembrete me ajuda a encontrar forças para descer da pequena plataforma. Estou respirando pesadamente quando chego ao provador. Sem olhar para mim novamente, eu removo o vestido, saindo com cuidado, sentindo aquele glamour de fada escapar assim como meu suspiro.

É apenas um vestido. Para um casamento que não é de forma alguma real. Mesmo que isso esteja se tornando cada vez mais difícil de lembrar entre a gentileza de Elizabeth e o olhar no rosto de Thayden.

Eu ouço os dois conversando em murmúrios baixos e depois o silêncio. Thayden foi embora? Alívio e decepção formam um coquetel amargo.

Eu removo o véu – porque isso torna as coisas um pouco reais demais – e coloco um vestido que é apenas bonito. É sem alças e rendado com um pouco de estilo sereia sem ser ridiculamente dramático. Este deveria estar na cabine, porque é um tamanho menor e eu me esforço para fechá-lo. Quando finalmente o faço, não é um pequeno triunfo. Estou suando um pouco e me abanando com a minha bolsa.

Não há mágica neste vestido. É como uma tripa de salsicha branca. Quando saio, Elizabeth e Hilda não têm muito a dizer.

— Você está adorável — diz Elizabeth. — Mas eu não tenho certeza...

Olho para mim mesma nos espelhos, inclinando-me para ver a parte de trás, depois saltando um pouco na ponta dos pés para ter certeza de que meu peito não sai voando por cima. Aprendi da maneira mais difícil que você precisa se mover em um vestido para ver o que pode acontecer. Especialmente um vestido sem alças.

— Então? — Elizabeth diz. — O que nós achamos?

Nós. Deveria parecer insistente. Se fosse minha própria mãe, seria. Eu ficaria irritada e diria a ela que não há nós, só eu. Mas é totalmente diferente com a mãe de Thayden. Eu quero que haja um *nós,* quero sentir que ela está no meu time. Como se ela fosse família.

Ah, cara. Acho que posso estar me apaixonando não apenas por Thayden, mas por sua mãe.

— Eu não encontrei o escolhido — eu digo, pensando no último vestido e como era perfeito.

É o meu vestido dos sonhos. E este não é o meu sonho. Eu deveria escolher algo que odeio, como a primeira monstruosidade.

— Vamos colocar um pouco de comida em você — diz Elizabeth, dando um tapinha no meu braço. — Thayden a trouxe e eu tenho um pequeno piquenique planejado. Esta é a nossa primeira parada de qualquer maneira. E sempre podemos voltar se você mudar de ideia.

Eu sei que ela quer dizer sobre O Vestido, e eu não quero que meu rosto demonstre nada. Eu costumava ser tão boa em sorriso falso, em dar respostas que as pessoas queriam ouvir. De alguma forma, é muito mais difícil entrar nessa persona depois de alguns anos.

Talvez porque, apesar de todos os sinais de alerta, eu queira ser eu. Eu quero ser verdadeira, para que *isso* seja verdadeiro.

Eu me arrasto para o provador, pensando em como vestidos de sereia seriam os piores para ser uma noiva em fuga. A coisa não me permite mover minhas pernas acima do joelho.

Estou muito pronta para sair do vestido, sair desta loja.

Só que sair não é tão simples.

O zíper lateral só se move até a metade, pegando um pouco do forro fino do vestido. Eu o puxo para cima, então tento movê-lo de volta para baixo, mas ele pega mais do tecido. O que significa que agora está ainda mais alto e mais apertado.

Não, senhor. Este zíper não vai mandar em mim.

Com cuidado e devagar, tento delicadamente separar o forro do zíper, torcendo na frente do espelho como um contorcionista.

— É isso, querido. Gentil e devagar.

Honestamente, não tenho certeza se estou falando comigo mesma ou com o zíper, mas de qualquer forma, minha conversa motivadora não funciona. Ao mexer nele, eu apenas consegui levantar o zíper quase todo, e agora eu realmente sou uma salsicha recheada em um invólucro.

Estou *cozida*.

Abanando meu rosto, tento relaxar minha respiração e pesar minhas opções. A meu ver, elas são severamente limitadas. Talvez eu possa enrolá-lo para baixo e me libertar. Nem por um momento eu acredito que a cintura apertada vai passar pelos meus quadris, mas estou começando a sentir o cheiro de puro e desesperado terror.

Esta tentativa falha. Eu não consigo nem enrolar para baixo a parte de cima sobre os meus seios. O que é uma prova do poder de permanência do corpete. Pena que agora eu preciso de menos aderência, não mais.

Em seguida, tento levantar a saia sobre a cabeça, e isso funciona melhor, pelo menos até chegar à cintura ajustada. Eu puxo e tiro, esperando evitar rasgar qualquer coisa, mas parece que minhas costelas estão se expandindo. Isso existe? Há luta, há fuga, e há o tipo de pânico de que ninguém fala quando você

explode como aquela garota do mirtilo em *A Fantástica Fábrica de Chocolate.*

Você pensaria que a mancha de suor na minha pele pode ajudar a fornecer lubrificação. Você estaria errado.

— Delilah? — A voz de Elizabeth está muito próxima, mas antes que eu possa avisá-la que não estou decente, ela enfia a cabeça atrás da cortina.

— Oi — eu digo, sorrindo brilhantemente e tentando fazer uma pose de modelo. Dado o suor e o rubor nas minhas bochechas, pareço um pouco mais com um palhaço enlouquecido. — Eu, hum, não consigo tirar.

Elizabeth entra no provador, fechando a cortina.

— Você mudou de ideia, então? É esse?

Eu rio, levemente no início, então rapidamente desviando para a área de soluços e até mesmo um bufo de indignação.

— Você não entendeu — eu suspiro. — Eu literalmente *não consigo* tirá-lo.

A compreensão se espalha por seu rosto e ela ri um pouco.

— Aqui. Eu ajudo.

— O zíper está preso.

— Eu abro. Não se preocupe.

Estou preocupada, no entanto. Ainda mais quando os puxões suaves de Elizabeth se tornam mais firmes e ela murmura alguns xingamentos em voz baixa antes de se desculpar.

É quando o vestido rasga. O som é horrível, porque para mim é o barulho de uma caixa registradora, contando o que imagino ser milhares de dólares.

Os olhos arregalados de Elizabeth encontram os meus.

— Ah, céus.

Ah, céus mesmo.

— Eu sinto muito — eu digo. — Não parecia tão apertado quando o coloquei.

— Não é você. É este vestido infernal.

Ela puxa um pouco mais forte e mais do tecido se rasga. Eu apoio meu braço na parede para me apoiar. Eu posso finalmente respirar, mas o alívio é curto por causa da culpa. Não há volta nisso.

— Está tudo bem aí? — Hilda chama.

Nós congelamos, nossos olhos se encontrando no espelho.

— Estamos bem — Elizabeth consegue dizer em uma voz melódica. — Sairemos em um minuto. Apenas dando uma última olhada.

Não nos movemos até os passos de Hilda desaparecerem, e então Elizabeth usa força e vigor renovados, praticamente rasgando o vestido na costura lateral.

Uma risadinha sai da minha boca.

— O ditado "você quebra, você compra" se aplica aqui? Porque...

— Silêncio. — Elizabeth puxa a parte de cima do vestido que, para meu total alívio, se move para baixo sobre meus

quadris e se acumula no chão. — Vista-se. Eu vou pegar a comida. Então a gente sai correndo.

E então ela se foi, empurrando a cortina com um olhar determinado no rosto.

Essa é minha vida? Experimentar vestidos de noiva com minha quase sogra para um casamento com o qual concordei por dinheiro, rasgando um vestido que provavelmente custa mais do que meu último carro?

Eu não tenho tempo para deixar a culpa e a preocupação afundarem em mim porque Elizabeth irrompe pela cortina, parecendo quase alegre. Ela agarra meu braço, aquele que consegui passar pela manga da minha camisa.

— Vamos lá. Distraí Hilda e temos uma chance de sairmos pela porta da frente.

Ainda rindo e tentando colocar minhas roupas em ordem, pego minha bolsa e me deixo levar pelo grande plano de fuga de Elizabeth, sentindo a cada passo que minha própria fuga desta família é menos certa.

Capítulo Quatorze

Thayden

Agradeço que Gavin trabalhe a maior parte do tempo em casa agora porque isso significa que posso invadir a casa dele no meio do dia.

— Estou estragando tudo e preciso da sua ajuda. — Eu bato a porta atrás de mim e vou direto para a sala de estar rebaixada, onde Gavin está sentado com seu notebook.

— Uh, Thayden, você poderia...

— Não. Não posso esperar ou me acalmar.

Eu tiro meu terno e o jogo no sofá, minha gravata logo em seguida, então minha camisa de botão (que pode ter perdido alguns botões na minha pressa), até que eu estou apenas com a minha camiseta.

Estou fervendo. Não com febre, e estou ciente do ar frio soprando pela ventilação. É como se meu coração estivesse pegando fogo, um inferno furioso, e eu estivesse cozinhando de dentro para fora. Gavin tenta falar novamente, mas eu falo por cima dele.

— Estou fazendo tudo errado. Você disse que eu deveria ir atrás dela sem o contrato ou amarras, ou qualquer outra coisa, mas ela queria assinar. Então eu fiz. Esse foi o erro número um.

Gavin começa a se levantar.

— Ouça, cara...

— Por favor, deixe-me tirar isso de mim! Se não, eu vou explodir. Então, vamos nos casar. E veja só: eu *quero* me casar com ela. Eu sei que não sou exatamente experiente em relacionamentos sérios. Ou relacionamentos em geral. Mas quando você sabe, você sabe, certo? Ou isso é apenas uma frase que as pessoas dizem?

Vou acabar fazendo um buraco no chão, então tiro meus sapatos, um pousando no balcão da cozinha e o outro desaparecendo atrás de uma cadeira. Minhas meias estão muito quentes, então eu as arranco e as jogo em direção à lareira. Gavin abre a boca novamente e eu aponto um dedo para ele.

— Apenas se acalme e deixe-me terminar, velhote.

Ele suspira profundamente, seus olhos correndo entre o notebook e eu.

— Obrigado. Então, hoje, eu a vi em seu vestido de noiva. Ou *um* vestido de noiva. E o meu coração — bato no peito duas, depois três vezes com o punho — é como se a coisa acordasse pela primeira vez. Eu teria recitado meus votos ali mesmo no provador. O que é... insano. Eu sou insano? Olhe para mim?

Ainda estou fervendo, então arranco minha camiseta pela cabeça para ilustrar meu ponto de vista.

— Vê?

— Por favor, mantenha suas calças — Gavin murmura, deixando a cabeça cair em suas mãos.

— A questão é que eu nunca quis me casar. Aí Delilah entra. Eu pensei que fosse apenas porque ela era interessante. Ela discutia comigo e eu adorava isso. Mas é mais que isso. Eu ainda mal a conheço. Não sei a cor favorita dela. Seus sonhos de infância ou planos futuros. No entanto, vou me casar com ela em algumas semanas e realmente quero isso. Sério. O que eu faço, Gav? Me conserte!

Gavin coloca as mãos atrás da cabeça, recostando-se no sofá, com um leve sorriso nos lábios.

— É aqui que você finalmente me permite falar?

— Sim. Por favor, me diga que você tem algo a dizer.

— Posso dizer algo?

Eu me assusto com uma voz feminina baixa. Meus olhos percorrem a sala, finalmente pousando no notebook. Onde há uma mulher grisalha de terno, claramente em uma chamada de vídeo com Gavin.

— Obrigado pelo aviso — murmuro, olhando para o meu ex-melhor amigo.

Ele dá de ombros.

— Eu tentei te dizer. Você não me deixou falar.

Chego um pouco mais perto da tela, conseguindo localizar e colocar minha camiseta.

— Claro, uh, vá em frente.

A mulher sorri.

— Não sinta a necessidade de se vestir por minha causa. Gosto bastante da vista.

Gavin bufa e eu cruzo meus braços sobre meu peito agora coberto.

A mulher continua.

— Parece que você precisa fazer duas coisas. A ordem é com você. Você precisa conquistá-la e precisa ser honesto com ela.

— Como se isso fosse tão simples — eu resmungo.

— A maioria dos problemas de relacionamento começa com a comunicação, ou a falta dela — continua a mulher. Gavin continua sorrindo para mim como se este fosse o melhor entretenimento que ele teve em semanas. — Mas considerando o pouco que eu ouvi sobre sua situação, você pode precisar mostrar a ela como você se sente, para que quando você contar a ela haja evidências. Não sei os detalhes, mas se houver algum tipo de contrato, isso turva as águas.

— Eu avisei — diz Gavin.

— Obrigado, parceiro. Super útil agora.

— E — a mulher continua, com um sorriso —, se as coisas não derem certo, sinta-se à vontade para me ligar.

Bem, então. Sem palavras. Apenas... nenhuma.

Seus olhos se movem para Gavin.

— Se isso é tudo, que tal remarcarmos esta ligação? Meu assistente entrará em contato.

Gavin se inclina para frente.

— Ah, não. Na realidade, se você não se importa...

— Eu me importo, na verdade. Boa sorte, senhores.

Gavin me dá um soco no ombro quando a chamada de vídeo termina.

— Obrigado por me custar essa cliente. Demorou um mês para conseguir um horário em sua agenda.

— Desculpe. Ela tinha um bom conselho, no entanto.

Gavin ri, balançando a cabeça.

— Ela saberia. Acho que ela está em seu sétimo marido.

— Oh. — Estou dividido se isso torna o conselho dela mais ou menos legítimo. Ela pelo menos é experiente em casamento.

— Eu concordo, entretanto — Gavin continua. — Eu posso mudar a ordem e dizer para falar primeiro, depois agir, mas, novamente, eu estou supondo que você está agindo como um idiota, então você pode precisar construir algum terreno aí.

Eu corro as minhas mãos pelo meu rosto. Eu tenho sido um idiota. É como se os sentimentos que tenho por Delilah, misturados com a confusão esmagadora de nossa situação, me tirassem totalmente do jogo, em todos os aspectos da minha vida.

Eu começo a andar de novo, um caminho diferente desta vez, olhando para o pátio dos fundos e para a banheira de hidromassagem lá.

— O que eu faço? Eu me sinto totalmente fora do meu ambiente aqui. Como faço para conquistá-la? Como posso mostrar a ela como me sinto?

Gavin se junta a mim na janela e agarra meus ombros em suas mãos, me guiando em direção ao sofá.

— Você tem que voltar para o escritório hoje?

— Na verdade, não.

— Então sente-se. Eu tenho apenas a coisa certa para você. Deixe-me pegar uma cerveja. Você vai precisar. Me prometa que você não vai sair antes do fim?

— Fim de quê?

Gavin apenas sorri.

— Prometa.

— Tudo bem. Mas é melhor isso funcionar.

Da cozinha, ouço o tilintar de garrafas de cerveja enquanto Gavin ri.

— Ah, vai. Talvez não do jeito que você pensa. Mas vai.

Duas horas depois, Zoey e Ella chegam em casa e nos encontram ainda sentados no sofá, algumas garrafas vazias na mesa e os créditos rolando para *Orgulho e Preconceito*.

Gavin parece estar me observando em busca de algum sinal de que eu entendi o que ele pensou que isso me ensinaria. A maior lição de vida que aprendi com isso é que sou grato pela tecnologia e pelo encanamento interno.

Também estou grato por não ter um bocado de irmãs.

— O que é isso? — Zoey pergunta, olhando para nós com cautela. Eu posso dizer pela expressão dela que ela está tão brava comigo quanto quando ela jogou minhas roupas na banheira

de hidromassagem. — Vocês estão faltando ao trabalho? — Ela pergunta.

— Não exatamente. Estou ensinando Thayden como fazer um grande gesto — Gavin diz, me dando uma piscadela.

Era isso que eu deveria aprender. Ok. Anotado. Grande gesto.

— Entre outras coisas — diz Gavin.

Talvez eu assista a este filme novamente em um futuro próximo porque, honestamente, não tenho certeza de que *outras coisas* ele quer dizer. Filmes de época não são a minha praia.

Zoey se inclina sobre o sofá e dá um beijo em Gavin.

— Eca — diz Ella. — Estou fora daqui. — E com isso, ela vai para seu quarto.

Quando estou prestes a me desculpar, Zoey dá um último beijo em Gavin e se levanta. Ela funga, olhando para mim com olhos brilhantes, então acena com a cabeça.

— Eu te perdoo — ela diz.

— Tudo beeem. — Tenho medo de dizer mais porque isso pode quebrar qualquer feitiço que caiu sobre Zoey. Um feitiço de Jane Austen? Isso é uma coisa?

— E eu farei qualquer coisa que você precise para ajudar com Delilah. Se você jurar que está levando isso a sério.

Ela aponta um dedo para mim, seus olhos de repente se tornando duros e aterrorizantes. Eu quero olhar para Gavin, talvez apenas para garantir que sua esposa não vai me matar se

eu estragar tudo, mas eu suspeito que quebrar o contato visual com Zoey pode ser um erro.

— Estou levando a sério — eu digo, sentindo a verdade das palavras, como se fossem um tesouro raro que foi extraído – de forma ética e não por crianças – da minha alma.

Estou levando a sério. E, aparentemente, preciso colocar a minha Jane Austen interior em dia se quiser descobrir a mágica que vai me ajudar a conquistar minha noiva.

Capítulo Quinze

Delilah

O DIA DA MUDANÇA chega rápido demais. Quando dissemos à nossa senhoria que não estávamos renovando, ela perguntou se poderíamos nos mudar mais rapidamente. Harper, Abby e Sam encontraram um bom apartamento, então aqui estamos.

Thayden estaciona em um caminhão alugado no sábado de manhã, parecendo totalmente estranho em shorts esportivos e camiseta. Eu poderia jurar que aquele homem dormia de terno. Chase para atrás dele e eu assisto por entre as cortinas enquanto os caras batem um high-five.

— Chase está aqui — eu digo, dando a Harper um olhar. — Desde quando esses dois são amigos?

Harpy ergue as duas mãos.

— Não me pergunte. Talvez ele tenha conseguido o número dele na noite em que vocês tiveram seu primeiro encontro.

— Jantar. Não um encontro.

— Você está prestes a dizer "Sim", vamos mesmo discutir sobre isso?

— Sim — eu rosno.

Harper balança a cabeça, indo até à porta, enquanto eu desapareço na cozinha por um momento. De repente, sinto uma necessidade urgente de enfiar a cabeça no freezer.

Sim, estou em modo pânico total.

Você pensaria que eu deveria estar animada para me mudar para a casa perfeita de Thayden. Eu passei bastante tempo lá ultimamente. Quando não estou com a mãe dele escolhendo o cardápio ou toalhas de mesa, flores ou uma centena de outras coisas que acho que não preciso para um casamento que só é real no papel, estou lendo no sofá com Apollo como companhia.

Thayden tem estado ausente por causa de algum grande caso ocupando sua agenda, mas ele ainda consegue ocupar muito espaço no meu cérebro. O que eu suspeito que seja seu exato objetivo.

Em primeiro lugar, o homem insistiu em abastecer sua cozinha para mim. Dos meus lanches favoritos (Wheat Thins e Bugles) aos refrigerantes gaseificados no meu sabor favorito (toranja rosa) até a comida para viagem que, misteriosamente, é entregue no almoço diariamente, já paga, incluindo gorjeta.

Eu não tenho certeza de onde ele está conseguindo essas informações privilegiadas, mas uma das minhas melhores amigas definitivamente me dedurou. Eu não posso nem ficar brava com isso porque eu não comia assim há... bem, NUNCA. Um dia desses ele vai voltar para casa e me encontrar desmaiada em seu sofá em coma alimentar e grávida de um bebê de comida.

Então, há outras coisas. Toques mais pessoais que me dão palpitações no coração. Algumas são pequenas coisas.

Almofadas combinando apareceram em seu sofá um dia, uma com a palavra *Galera* costurada no centro, e a outra dizendo *Abençoe O Seu Coração*. Ambas são expressões tanto do Texas quanto do Alabama, mas sei que Thayden não as comprou para si mesmo.

Outro dia, foi uma linda edição encadernada em couro de sonetos shakespearianos e uma caneca de café que dizia: *Fale Literário Comigo*. Quer dizer, não estou dizendo que o caminho para o coração dessa garota aqui é através da literatura, mas também não estou negando.

Eu mencionei as flores frescas que são entregues diariamente? Sem nenhum bilhete, sempre flores diferentes, provavelmente porque nenhuma das minhas amigas conhece minha flor favorita, que já está pendurada na varanda da frente dele.

E depois há os bilhetes diários que ele gruda na geladeira com um ímã em forma de letra D. Seu único ímã, que só apareceu alguns dias depois que ele me deu o anel.

Às vezes eles são simples ou doces, me desejando um bom dia ou contando uma piada. O bilhete de hoje foi uma frase de John Donne: "Venha viver comigo e seja o meu amor, e provaremos alguns novos prazeres de areias douradas e riachos cristalinos, com linhas de seda e anzóis de prata".

Ele não estava brincando sobre encontrar essas brechas. O homem sabe como contornar uma brecha. Acho que não deveria me surpreender, já que ele é advogado e tudo mais.

— D?

A voz de Abby me assusta e eu fecho a porta do freezer. Ela está olhando para mim como se minha cabeça tivesse encolhido.

— Apenas procurando sorvete.

— Café da manhã dos campeões — diz ela. — Mas acho que estamos sem. Você está pronta para o seu grande dia? Alguma dúvida? Está apreensiva?

Todas as minhas colegas de quarto lidaram com essa decisão de maneira diferente. Enquanto Harper é totalmente contra essa coisa toda, Sam está morrendo pelos detalhes, Zoey está estranhamente silenciosa e Abby parece pensar que é tudo uma piada colossal. Se for, eu sou a piada.

— Estou bem — digo assim que Thayden aparece na porta, sugando todo o oxigênio do cômodo. Com seu grande caso chegando, eu não o vejo há dias. Cinco dias, para ser mais precisa. Não me ressinto nem um pouco do trabalho dele, nem penso em ligar para sua assistente como se eu fosse algum tipo de esposa ciumenta se perguntando se o marido estará em casa para o jantar.

Eu o absorvo, com sua barba raspada para pouco mais do que uma barba por fazer, talvez por causa de suas aparições no tribunal. Eu quero passar minha mão sobre sua bochecha e sentir na minha palma a queimação daquela pequena barba que surgiu nas últimas cinco horas. Eu quero beijá-lo novamente e medir o nível de queimação.

São cinco horas em algum lugar, certo?

— Ei. — Sorrindo para mim com a ameaça de um predador, ele levanta um braço em cada lado da porta. Ele está com uma camisa regata, expondo não apenas os braços, que se flexionam enquanto ele se move, mas toda a lateral do torso. Eu nem sabia que você poderia ter músculos lá! Mas ele tem. Muitos deles.

— Boa sorte com isso — Abby murmura, saindo pela outra porta da cozinha.

Eu cruzo meus braços, fazendo o meu melhor para o olhar e manter qualquer baba dentro da minha boca.

— Não quebre nenhuma das minhas coisas.

— Vou ter muito cuidado. Suas *coisas* são importantes para mim.

Como ele pode fazer palavras inocentes soarem como uma promessa sedutora? Eu preciso que ele vá para que eu possa colocar minha cabeça de volta no freezer.

Harper salva o dia, passando por baixo do braço de Thayden, dando tapinhas em seu bíceps enquanto ela entra na cozinha.

— Parece bom — diz ela. — Você já consegue ver a diferença?

Thayden abaixa os braços, olhando para eles enquanto flexiona. Gracioso! Eu não me inscrevi para um show de bíceps.

— Ainda não vejo, mas posso sentir depois dos seus treinos.

— Espere, ele está malhando com *você*?

Aponto para Thayden, depois para Harper. Ela tem o bom senso de parecer um pouco culpada. Não o suficiente, se você me perguntar.

— Ah, eu não mencionei isso? — ela pergunta.

— Você certamente não o fez.

Por que estou tão brava com isso? E por que não sou melhor em esconder isso?

Talvez porque o ciúme seja como a Hidra. Corte uma cabeça e outra cresce bem no lugar. Estou louca de ciúmes e então furiosa por estar com ciúmes.

— Você disse que Harper era a melhor — diz Thayden. — Eu queria ter certeza de que meu corpo estava em ótima forma para o dia do meu casamento.

Ah, esse homem!

E Harper! Ela está mordendo o lábio para conter um sorriso, pelo menos até eu lançar olhares enlouquecidos para ela, e então ela dá um pigarreio. Achei que ela fosse contra isso. Agora ela está treinando Thayden?!

— Acho que deveríamos começar.

— Acho que deveríamos — eu atiro.

E Thayden, ainda parecendo uma espécie de criatura mítica e musculosa, apenas sorri.

— Você vai ficar aí parada ou vai vir mandar em mim?

Que tipo de resposta posso dar a isso? Nenhuma. É isso.

Então, com meu queixo levantado, eu passo por ele, liderando o caminho em direção ao meu quarto. E se

acontecesse de eu sentir rapidamente aquele cheiro picante e masculino quando passo, bem, que assim seja.

Chegando à casa de Thayden, me deparo com outra surpresa dele. E porque ele está bem ali para assistir minha reação a esta, é um milhão de vezes mais difícil esconder minha reação.

— Espero que goste — diz ele. — Parece ser o seu estilo. E se não for...

— Está bom.

Bom é desvalorizar totalmente a reforma que ele conseguiu fazer no quarto de hóspedes. MEU novo quarto. Antes, era apenas um quarto básico. Uma cama, cômoda e estante pequena com um tapete desinteressante e persianas nas janelas.

Agora? É como se brotasse pernas em uma das minhas pastas do Pinterest e ela entrasse neste quarto.

Eu viro meu olhar para ele, os olhos semicerrados.

— Como você...

— Eu tenho meus meios. — Ele dá de ombros, parecendo adoravelmente envergonhado.

Mais uma vez, sinto o cheiro do dedo das minhas amigas. Todas elas que de repente estavam ocupadas, suas desculpas tão transparentes quanto papel de seda, deixando eu e Thayden para desempacotar e levar minhas coisas – por mais escassas que sejam – para a casa dele.

Estou começando a suspeitar que minhas amigas estão sendo menos contra todo esse arranjo e agora estão tentando algumas travessuras clássicas de cupidos. Eu vou ter algumas palavras com elas mais tarde.

No momento, não tenho nenhuma. Porque o quarto me deixou sem fôlego.

Eu deveria dizer a Thayden que é lindo. Ou agradecer a ele. Eu deveria abraçá-lo. Ou pelo menos olhá-lo nos olhos.

Mas eu não posso dizer ou fazer qualquer uma dessas coisas. Porque se eu encará-lo, ele poderá notar as lágrimas se acumulando em meus olhos. Eu aperto minha mandíbula o mais forte que posso, esperando que isso seja suficiente.

— Tem certeza?

— Sim.

Thayden paira na porta por um momento, me dando ampla oportunidade de dizer mais. O que ainda não posso fazer sem liberar as comportas. Eu me sinto como uma pirralha terrível e ingrata.

Provavelmente porque é exatamente assim que estou agindo.

— Bem — Thayden diz finalmente, enfiando as mãos nos bolsos de seu short —, vou deixar você desfazer as malas. A menos que você precise de ajuda?

Eu aperto meus olhos fechados. O homem redecorou seu quarto de hóspedes para mim, me ajudou a me mudar e agora quer me ajudar a desfazer as malas. Ele *quer* me ajudar.

— Está tudo bem — eu digo.

— Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa. E sinta-se em casa. Este é o seu lugar também.

Ele está errado, no entanto. Não é o meu lugar. Não mais do que temporariamente.

— Vou preparar o jantar por volta das seis. — Sem me dar a chance de recusar, Thayden fecha a porta silenciosamente, deixando-me sozinha com as poucas dúzias de caixas que guardam toda a minha vida e o quarto que foi primorosamente decorado para mim. Exatamente três lágrimas escorrem pelo meu rosto antes de eu dar um tapinha na minha bochecha.

— Recomponha-se, garota.

Eu preciso desfazer as malas, mas antes disso, me permito a indulgência de andar ao redor do quarto, examinando todos os pequenos toques que tornam este presente inesperado tão doce.

A colcha é um edredom branco fofo com um cobertor em vários tons de azul dobrado na ponta. A cabeceira está quase escondida por deliciosas pilhas de travesseiros em mais azuis com alguns toques de amarelo.

Eu arrasto minha mão ao longo das cortinas brancas transparentes e, em seguida, as cortinas mais grossas e cinzentas que eu aposto que bloqueiam a luz. Perfeitas para este quarto virado para o leste. Não posso deixar de tirar meus sapatos para caminhar pelo tapete branco de pelúcia que substituiu o que estava aqui antes.

A única peça de mobília que ele acrescentou é uma bela estante de madeira branca, preenchida quase até a borda. Ele me deixou duas prateleiras, que é mais ou menos o que tenho na minha coleção. Apesar de tecnicamente morar em Austin há cinco anos, sempre viajei com pouca bagagem. Talvez isso venha de ter tão pouco espaço enquanto cresci no trailer. A caminhonete que Thayden alugou poderia acomodar todas as coisas da nossa casa, enquanto minhas duas dúzias de caixas e uma única cadeira estofada – o único móvel que eu queria manter – ocupavam apenas um pequeno canto.

Eu arrasto minha mão ao longo das lombadas dos livros, organizados de acordo com o autor. Nada mal, embora eu possa organizá-los por cor. Eu sei que é um tema de debate acalorado entre os nerds de livros, mas eu adoro o jeito que fica. Thayden escolheu uma mistura de livros clássicos e contemporâneos, alguns parecendo novos e outros desgastados. A consideração deste gesto por si só seria suficiente para me desfazer.

Como este é o mesmo homem que dei um tapa no dia em que o conheci? Isto é uma atuação ou não?

Eu sei a resposta. Eu passei a conhecê-lo. Mas, de muitas maneiras, é mais fácil pensar nele simplesmente como aquele playboy rico e bom de lábia. O que ele fez neste quarto prova que ele está longe disso.

A cômoda tem um novo vaso de cristal cheio de rosas-brancas. Posso cheirá-las mesmo a alguns passos de distância,

mas ainda enterro meu nariz nas pétalas macias. É quando noto a única fotografia que Thayden colocou no espelho. É uma foto de Thayden ajoelhado ao lado de Apollo, que parece estar saindo da fase filhote. Ainda enorme, mas de alguma forma desengonçado, como se ainda não tivesse se acostumado com suas pernas. Thayden está sorrindo, com uma barba muito mais espessa do que a que ele usa hoje, e da forma como a língua de Apollo pende para fora, parece que ele está sorrindo também.

Eu me vejo no espelho e meu sorriso combina com o deles.

Capítulo Dezesseis

Delilah

Algumas horas depois, estou totalmente instalada no meu novo quarto. Eu também estou faminta e fedida. Thayden tem narrado o que fez o dia todo, gritando escada acima a cada poucos minutos.

— Estou indo tomar banho — disse ele algumas horas atrás.

— Vou aparar o quintal!

— Vou beber água!

Não tenho certeza se ele apenas sente a necessidade de registrar ou quer que eu me sinta incluída. A última coisa que ele disse foi que estava levando Apollo para passear. Com a casa só para mim, decido tomar um banho na banheira enorme.

Pode haver apenas um banheiro pequeno e completo, mas Thayden adicionou uma banheira de imersão profunda com dois daqueles chuveiros de alta vazão sofisticados. Como resultado, quase não há espaço para se mover entre a banheira e a pia de pedestal ao lado do vaso sanitário. Claramente, o homem tem prioridades. E, como grande parte da casa, elas se alinham muito bem com as minhas. É minúsculo, mas adorável.

A banheira da casa que eu dividia com as meninas tinha sido projetada basicamente para crianças pequenas. A única vez que

tentei tomar banho, a maior parte do meu corpo estava acima da água. Eu quase poderia nadar e dar voltas nesta aqui.

Enquanto a banheira se enche de água e bolhas, desembrulho alguns dos meus produtos de higiene pessoal. Thayden liberou metade do espaço em seu armário do banheiro para mim e noto algumas toalhas azuis felpudas ao lado de suas toalhas cinza-carvão. Existe algo em que ele não pensou? Ele é tão irritantemente atencioso que eu quero ficar brava com isso.

Não sei como vou dividir uma casa, muito menos um banheiro, com ele. Não sem ter o meu coração partido.

Quando desligo a torneira, escuto por um momento, esperando que a casa ainda esteja vazia. Nem um som. Eu estive sozinha na casa de Thayden quase todos os dias nas últimas semanas, mas isso parece totalmente diferente. É a mesma sensação esquisita que eu costumava ter sempre que tinha problemas quando criança, como se eu me sentir em casa fosse estar fazendo algo errado.

É melhor eu superar esse sentimento rápido, ou este será um ano *muito* longo.

Há uma fechadura na porta, mas não parece suficiente. A ideia de até mesmo tirar a roupa está fazendo meus olhos tremerem. Talvez eu devesse tomar um banho rápido ao invés de um longo banho, só por precaução. Ou colocar uma cadeira embaixo da porta que leva ao quarto dele. Talvez instalar uma tranca.

Você sabe. Apenas *pequenas* precauções.

Enquanto estou debatendo, o relógio está correndo. A qualquer minuto, Thayden pode retornar com Apollo.

Esta é a sua casa também, tento dizer a mim mesma. *Você vai ter que se acostumar a tomar banho e trocar de roupa aqui.*

Eu coloco minhas mãos em meus quadris, em uma pose de poder, e olho no espelho. Está embaçado, então limpo um lugar com a palma da mão e retomo a posição, dando a mim mesma o olhar mais feroz que posso. Não sou Harper, nem mesmo Zoey, mas posso parecer assustadora se quiser.

— "Sinta-se em casa" disse o homem. E é isso que você vai fazer. Começando com um banho de espuma. Agora, vá em frente.

Eu solto meu rabo de cavalo, mas antes de entrar, ligo o exaustor para dissipar o vapor, depois volto ao meu quarto para localizar meu telefone. Leva apenas um minuto para conectá-lo ao meu alto-falante Bluetooth e colocar para tocar minha playlist de mulheres dos anos 80. Não há nada melhor para uma garota do que Pat Benatar, Joan Jett ou Chrissy Hynde quando ela precisa se sentir empoderada.

Algumas dancinhas depois e estou me sentindo mais confiante em reivindicar o meu direito a um luxuoso banho de espuma. Também estou me sentindo mais segura do quanto preciso de uma esfoliação urgente. Estou cheirando como o meu vestiário do ensino médio depois de corrermos quilômetros na aula de ginástica.

As notas de abertura de "Walk Like an Egyptian" começam a tocar e estou entrando no banheiro com as mãos puxando a barra da minha camiseta, quando a porta do lado de Thayden se abre. Lá se vai a tranca. Eu congelo, com a boca aberta e as mãos fechadas no tecido. Meus olhos se estreitam para o homem suado e sem camisa diante de mim.

Não olhe para seu peito nu. Não olhe!

E eu não olho. Porque The Bangles está comigo. Eu não preciso admirar o peito de um homem sexy.

Ok. Até mesmo The Bangles toleraria uma *pequena* olhada. O que se transforma em uma checada mais longa, porque – boa noite! Há muitos músculos para apenas uma varredura rápida. Quero dizer, como é possível ter tantos abdominais?

Eu desvio os meus olhos de volta para seu rosto, mas eu não preciso me preocupar porque ele não parece notar o meu olhar descarado. As bochechas de Thayden estão coradas e seus olhos se movem das bolhas quase saindo da banheira para as minhas mãos, que eu imediatamente deixo cair da bainha da minha camisa. Nossos olhares finalmente se conectam, seus olhos verdes arregalados.

Eu cruzo meus braços protetoramente sobre o meu peito, mesmo que ele seja o único sem camisa.

— Ei! Eu tranquei isso! Já ouviu falar em bater?

Thayden parece atordoado.

— Desculpe. A fechadura não... está quebrada. — Ele engole em seco e quase tem que gritar por cima da música. —

Eu não sabia que você estava tomando banho. A música tocando no seu quarto... eu pensei...

Ele é interrompido por um latido alto e o som de Apollo subindo as escadas. Os olhos de Thayden se arregalam ainda mais e ele tenta fechar a porta.

Antes que ele possa, o grande corpo cinza de Apollo atravessa a porta, empurrando Thayden em mim. Tenho tempo para pensar um pensamento racional, que é: *eu estava errada. Este banheiro é definitivamente muito pequeno.* E então Apollo salta na banheira, derrubando eu e Thayden com ele.

Eu nem tenho tempo para gritar antes que minha cabeça esteja submersa. Com o choque, o ar sai do meu nariz em uma expulsão de bolhas. Thayden grita para Apollo enquanto mãos fortes me puxam para cima.

Eu suspiro por ar, provando meu gel de banho de cupcake, que infelizmente não é nada como a sobremesa. Thayden me puxa para longe de Apollo, o que significa que agora estou molhada, ofegante e grudada em seu peito. Mas pelo menos eu cheiro como cupcakes?

Embora o cheiro de cachorro molhado seja quase suficiente para sobressai-lo.

— Fora! Apollo, fora!

A voz de Thayden está diretamente no meu ouvido e eu estremeço, tentando e não conseguindo me afastar. Nossas pernas estão emaranhadas e seus braços estão presos ao meu

redor, como se fôssemos duas árvores que cresceram juntas, troncos emaranhados se elevando, ligados para sempre.

— Desculpe.

Ele estremece, movendo-se ligeiramente para que sua boca não fique bem ao lado da minha orelha. Sua bochecha áspera arranha a minha e é tão tentador quanto eu me lembro.

Apollo salta para fora da banheira apenas para pular de volta. A água espirra em meus olhos e eu dou um grito muito pouco feminino quando suas unhas da pata traseira se arrastam sobre meu braço.

— Fora! — Thayden ruge, me puxando para mais perto de modo que ele está gritando sobre minha cabeça ao invés de perfurar o meu tímpano. Minha bochecha escorrega contra seus peitorais lisos e, para dizer a verdade, não estou tão brava com toda a situação, afinal. Vou ter que dar um petisco para Apollo mais tarde.

— Fora! Agora.

Com um gemido e uma lambida na lateral do rosto de Thayden, Apollo salta novamente e se sacode, enviando água, bolhas e uma fina névoa de pelos de cachorro em cima de tudo. Ele trota para longe, descendo as escadas.

E ainda assim, Thayden me embala em seu peito. “Eternal Flame” começa a tocar, porque é CLARO que tocaria.

Com um suspiro, Thayden inclina a cabeça até que nossos olhos se encontrem.

— Oi — ele diz.

— Oi.

— Vem aqui sempre?

Eu bato em seu bíceps firme, que é tudo que consigo alcançar agora, já que meus braços estão na maior parte presos entre nós. Thayden sorri, e talvez seja aquela maldita covinha ou o fato de que seu coração está batendo contra minha bochecha, mas eu sorrio de volta. E então eu rio, porque há pelos de cachorro em sua testa.

— Você tem uma coisinha bem... aí.

Levanto minha cabeça e mexo meu braço livre para limpar sua testa. Meus dedos deixam um caminho de bolhas em seu rastro. Manuseando as duas mãos, cubro sua barba real com uma feita de bolhas.

— Isso é melhor.

— É mesmo? — ele pergunta.

— Definitivamente.

— Bem — diz ele, contorcendo-se para que eu mergulhe mais na água, mas ainda embalada por ele —, você tem uma coisinha.

Com o braço que não está me segurando, Thayden me dá minha própria barba de bolha. Pegando um punhado, ele coloca uma montanha de bolhas no topo da minha cabeça.

— Agora você está pronta para o baile, Cinderela.

— Isso faz de você o príncipe bonito?

— Não. Eu sou um dos ratos ajudando você a se preparar magicamente.

Eu estudo seu rosto e a barba de bolhas, que está se dissipando rapidamente.

— Um rato, hein? Eu acho que te veria mais como um... grande lobo mau.

O sorriso de Thayden se estende para algo completamente selvagem em sua maldade, ilustrando meu ponto de vista.

— Conto de fadas errado, princesa.

Estamos tão perto. A tensão é pesada no ar novamente entre nós. Seus lábios estão ao alcance. Eu sofro com a lembrança de beijá-lo.

Mas agora, temos um contrato entre nós. Estamos vivendo sob o mesmo teto. Cruzar essas linhas é ainda mais perigoso. Como eu saberia o que é real? O que é falso? Como vou me proteger? Talvez precisemos de um tipo diferente de contrato. Um para evitar momentos como *este*, para deixar meu coração à prova de Thayden.

Eu me afasto.

— Eu provavelmente deveria...

— Eu vou te deixar...

Nós dois rimos, e então Thayden e eu começamos a nos mexer. A água espirra pela lateral da banheira. Eu caio ainda mais dentro, enquanto Thayden consegue sair. Eu assisto enquanto ele pega uma toalha, esfregando-a sobre o peito esculpido.

Eu estava *bem ali* e nem escrevi minhas iniciais nele! Em minha mente, vejo "*Delilah estava aqui*" escrito em letra cursiva. Sim. Eu estava lá.

— Você costuma tomar banho completamente vestida? — Thayden pergunta, sorrindo para mim. Tenho certeza de que ele me viu olhando fixamente para seu peito, embora provavelmente não estivesse me imaginando reclamar o meu direito.

— Talvez eu tome — eu digo, inclinando meu corpo para trás até que minha cabeça esteja descansando confortavelmente. — Você não gostaria de saber?

Seus olhos brilham e, embora ele não diga isso, eu sei que ele está pensando que gostaria muito de saber.

— Desculpe, esqueci de te dizer que Apollo adora — ele coloca as mãos em volta da boca, sussurrando dramaticamente — *banhos*.

— Sim, obrigada por avisar sobre isso. Observação: eu gostaria de fazer um pedido por uma fechadura que funcione, por favor. Para manter *todos* os cachorros do lado de fora.

Thayden ri.

— E os ratos?

— Eles também.

— E os lobos?

Aquele sorriso é como um laço, perfeitamente lançado, apertando meu pobre coração e me deixando de joelhos.

— Definitivamente sem lobos.

Thayden enrola a toalha na cintura, então me dá um último olhar que só aperta ainda mais aquele laço.

— Por que você não me avisa quando terminar?

— Não espere acordado. Posso ficar aqui a noite toda.

Ele ri.

— Estou fazendo risoto de cogumelos para o jantar.

— Vou descer às seis.

Capítulo Dezessete

Thayden

Se o caminho para o coração de um homem é através de seu estômago, o caminho para o coração de uma mulher é através de suas pastas do Pinterest. Algo que eu nunca tinha ouvido falar até alguns dias atrás. Agora, graças a Zoey, estou intimamente familiarizado com o site, que é uma bela maneira de coletar links e ideias da internet em diferentes "pastas". Eu preciso agradecer a Zoey novamente por essa dica. Uma vez que recebi a sua bênção, as outras amigas de D caíram como dominós, fornecendo-me todos os tipos de informações suculentas, do tipo necessário para derrubar Delilah.

Um grande (ou pequeno) gesto de cada vez.

As pastas do Pinterest de Delilah são como uma série de satélites, captando todas as suas frequências. Agora conheço suas comidas favoritas, que estilo de decoração ela gosta, os livros que ela leu e os que ela quer ler, e até os tipos de atores que ela acha atraentes, graças a uma pasta que ela intitulou Homens Fofos. Eu provavelmente ficaria mais irritado se a maioria deles não tivesse cabelo escuro e barba. Eu não estou dizendo que eles são meus clones não tão gostosos, mas... tudo bem, claro. É isso que eu estou dizendo.

Quem inventou o Pinterest é um gênio.

De qualquer forma, não tenho certeza do que Delilah vai pensar quando souber que estou abrindo meu caminho a partir das suas pastas do Pinterest. Isso não faz de mim uma pessoa sorrateira. Isso me torna *engenhoso.* Com base nas expressões de Delilah, os barulhos que ela fez durante o jantar e quantas vezes ela pediu apenas um pouquinho mais, acho que ela concordaria.

— Isso é...

Delilah não termina sua frase. Suas pálpebras se fecham e eu tomo meu vinho, apreciando o olhar em seu rosto muito mais do que o chenin blanc. Combina muito bem com o risoto e também com Delilah, que é um pouco doce e muito picante, mesmo quando estou enchendo-a de comida caseira.

— ... Incrível.

Sim. Isso *é* incrível. E não me refiro à comida.

Seus olhos se abrem, encontrando os meus, me flagrando encarando-a. Não adianta fingir que eu não estava. Então, eu não finjo. Eu poderia catalogar seu rosto por dias. Ao sol, em dias nublados. Quero saber como são os olhos dela sob diferentes tipos de luz. Eu tenho um desejo repentino de encomendar todo tipo de lâmpada na Amazon só para ver o azul de seus olhos nelas. Depois eu poderia fazer uma planilha para nomear cada tom de azul, correlacionando-os com as várias voltagens e marcas. Não que eu seja obsessivo ou algo assim. Acontece que eu gosto de planilhas. E dos olhos de Delilah.

Esses olhos se estreitam por um momento, o que acelera o meu coração um pouco. Esse olhar significa que ela está prestes a me questionar sobre alguma coisa. Eu *adoro* esse olhar. Eu sou como a criança problemática na sala de aula, que não se importa se a atenção é positiva ou negativa, desde que ela esteja prestando atenção em mim.

— Isto me lembra. — Delilah abaixa o garfo e vasculha sua grande bolsa de couro, que estava a seus pés.

Ela pega um caderno com um girassol na frente e destampa uma caneta.

— Depois do problema do banheiro desta tarde, precisamos discutir as regras da nossa casa.

Eu gemo, então tomo um longo gole de vinho.

— Argh! Regras.

Ela olha.

— Por que não é surpresa que você não goste de regras?

— Na verdade, eu gosto delas.

— Quer dizer, você gosta delas para poder quebrá-las.

Isso não é uma pergunta, então não respondo. Eu apenas levanto um ombro e sorrio para ela por cima da minha taça de vinho. Eu observo sua mão esguia enquanto ela agarra a caneta com força, escrevendo CONTRATO DE COLEGAS DE QUARTO no topo da página.

Sério? Nenhuma dessas palavras inspira confiança de que estou mais perto de conquistar o coração da minha falsa noiva. Colega de quarto, poderia haver uma palavra mais platônica? É

sinônimo de amigo. Talvez pior. Porque você pode ser colega de quarto sem ser amigo.

— Não tivemos contratos suficientes? — Eu pergunto suavemente, servindo mais vinho para nós dois.

Delilah toma um pequeno gole, depois segue com água.

— É prático — diz ela. — Especialmente se quisermos evitar matar um ao outro. Devemos traçar linhas claras. Como, por exemplo, não entrar no banheiro quando a porta está fechada.

Eu sorrio.

— Ok.

Foi um erro honesto mais cedo, por causa da música explodindo do quarto dela, mas eu não me arrependo nem por um segundo do resultado. Eu até dei a Apollo um pedaço de bife que sobrou como recompensa. Agora, ele está deitado de barriga cheia e cheirando a uma mistura de gel de banho de cupcake e cachorro molhado.

— Essa foi fácil.

Pegando sua caneta, ela escreve isso na primeira linha. Sua letra é uma caligrafia clássica de líder de torcida, cada letra feliz e viva. Ela poderia produzir cartazes de torcedora como ninguém. Eu não sabia que a caligrafia poderia ter um estado de espírito, mas a dela tem e é efervescentemente alegre.

— Fácil demais. Achei que você poderia discutir comigo nessa — ela diz, um pouco hesitante.

Ela ainda me vê como quando nos conhecemos, uma espécie de playboy encantador, depois de apenas uma ocasião?

O pensamento é como a primeira gota de água-oxigenada em um joelho esfolado. Mas isso só me deixa mais determinado a fazer melhor, a mostrar a ela o homem que estou tentando me tornar. Por mim, mas também por ela.

Eu corro meu dedo ao longo do topo do meu copo até que uma nota clara soa, atraindo sua atenção.

— Quero respeitar sua privacidade. Da mesma forma que eu respeito você, Delilah.

Ela me estuda por um momento, então acena com a cabeça, suas feições relaxando um pouco. *Bom*. Ela confia em mim, mesmo que apenas um centímetro. Ainda assim, eu sou o garoto que não consegue resistir a puxar suas tranças.

Mantendo minha expressão mortalmente séria, acrescento:

— Se tivermos que deixar as portas do banheiro abertas quando não estiver em uso, isso significa que tenho uma visão clara da sua cama quando estou deitado na minha.

Seu queixo cai e eu deslizo para fora do meu banquinho a tempo de não receber o seu soco no meu estômago.

— Thayden Walker, seu patife incorrigível!

Rindo, pego nossos pratos e começo a lavar a louça na pia.

— Diga-me mais. Você sabe que eu adoro quando você fala palavras literárias comigo.

— Eu faço muito isso? — ela pergunta, tomando outro gole de vinho.

— Perto de mim, em particular. Eu pareço despertar isso em você. Especialmente os insultos.

Ela suspira.

— Sim, você desperta.

— É revigorante, na verdade. Estou sendo insultado em um nível mais alto.

Ela bufa.

— Volte aqui, seu malandro. Eu lavo a louça mais tarde.

Secando minhas mãos, eu me inclino na ilha da cozinha. Mais para perto dela, mas não perto o suficiente para ela me bater.

— Agora, veja, isso está mais para um pirata do que literatura de alta qualidade. E eu não acho que você consiga falar a linguagem dos piratas.

Delilah parece que vai discutir por um momento, então diz "Arrrrrr" e morde o lábio. A risada que ela está tentando segurar escapa e o som viaja profundamente em mim. É como se ela tivesse ido direto para a adega da minha alma e aberto uma garrafa rara de merlot. Ela parece nem perceber o poder que ela tem sobre mim.

Eu gesticulo para o papel dela.

— O que mais? Eu estava falando sério sobre querer respeitar seus limites. Eu nunca morei com ninguém antes. Você pode ter que me treinar.

Seus olhos se arregalam.

— Nem mesmo na faculdade?

Eu balanço minha cabeça, degustando a amargura antes mesmo de dizer as palavras.

— Papai pagou por um loft, já que fui para a universidade de sua escolha.

Sua expressão suaviza, e embora eu queira que ela me olhe assim, não quero que ela me olhe assim por causa do meu pai. Não por pena ou mesmo compaixão.

— Estou muito ansioso para morar com a minha primeira mulher — eu digo, balançando minhas sobrancelhas. Eu sei que isso vai nos levar de volta ao espaço seguro onde ela me lança olhares que ela não quer realmente lançar.

Ela também joga canetas, aparentemente. Esta ricocheteia no meu peito e atinge o chão. Eu a pego e devolvo, certificando-me de que nossos dedos se rocem. Um rubor rosa tinge suas bochechas e eu vou tomar isso como uma pequena vitória.

— Eu tenho uma ideia — eu digo. — Por que você não fica confortável na sala de estar e começa a trabalhar na lista, já que você é a especialista. Vou fazer um café para você.

— Vou ficar acordada a noite toda — ela diz, franzindo o nariz, me fazendo querer pular por cima do balcão e beijar a ponta dele. Meu autocontrole está se tornando lendário.

— E eu já não dormi na noite passada.

Meus olhos saltam para o rosto dela. Eu posso dizer que ela não tinha a intenção de dizer isso pelo jeito que ela abaixa o queixo, evitando o meu olhar.

Sinceramente, fico feliz em saber que não fui o único. Ontem à noite, tudo o que eu conseguia pensar era em ter essa mulher aqui em minha casa, dormindo a um quarto de

distância, com apenas camadas de madeira e gesso entre nós. Eu engulo em seco, só de pensar nisso.

Me abaixando para chamar sua atenção de novo, eu digo:

— Que tal um mocha descafeinado de menta?

Seus olhos se iluminam, depois se estreitam novamente em suspeita.

— Como você sabe tudo o que eu gosto? Você é um stalker? Você contratou um investigador particular?

Eu finjo seriedade.

— Não. Eu devo? Pode ser uma boa ideia, considerando tudo.

É apenas um lampejo, mas um pânico verdadeiro cruza as suas feições. Eu não gosto do que quer que tenha colocado essa expressão lá. Não importa o quanto eu tentei perguntar, ela conseguiu adiar qualquer conversa sobre seu passado.

Sei de quatro fatos: ela é da zona rural do Alabama; ela não conhece seu pai; ela não é próxima da mãe; e ela competiu em alguns concursos locais quando criança. Quero saber mais, saber tudo. Eu especialmente quero saber por que a ideia de eu investigar a deixa em pânico. Mas eu não quero fazer isso da forma como eu aprendi as suas coisas favoritas. Eu quero que ela me diga porque ela confia em mim o suficiente para dizer as palavras.

Ela engole a preocupação rapidamente, fingindo aquele atrevimento que conheço e amo.

— Só se eu puder fazer o mesmo. Embora eu não tenha certeza se quero quaisquer esqueletos que possam sair do seu armário.

Não, ela definitivamente não iria querer. Apesar de eu ter sido franco sobre o meu passado, nem mesmo eu quero revisitar o Thayden do passado. Precisamos sair dessa conversa, para o bem de ambos. Embora eu queira voltar mais tarde. Eu odeio a ideia de que seu passado é doloroso. Eu gostaria de fazer do futuro algo muito melhor. Se ela me permitir. E agora, enquanto ela está redigindo um contrato de colega de quarto, isso é um grande *SE.*

— Com chantilly ou sem chantilly? — Eu pergunto, antes de me virar para minha máquina de café expresso. Eu já sei a resposta. E já tenho chantilly caseiro na geladeira.

— Com chantilly, por favor — diz ela.

— Entendido. Agora vá trabalhar na nossa... *lista*. Soa ligeiramente melhor do que contrato, não é?

Normalmente não uso a máquina de café expresso ou sequer me encontro tanto na cozinha, mas Delilah está me dando desculpas para fazer um monte de coisas que eu não fazia há muito tempo. Ou nunca.

Eu definitivamente nunca mimei ou persegui uma mulher assim antes. Especialmente não uma que parece usar repelente de Thayden em uma névoa fina sobre a sua pele. Estou fazendo todas as coisas que posso, pequenos gestos e alguns maiores que planejei, mas sua calota polar não parece estar derretendo. É

como se uma tempestade de inverno estivesse constantemente pairando em torno de seu coração.

Gavin diz para eu continuar, devagar e com calma. Não estou planejando desistir tão cedo, mas adoraria ver um sinal de que ela está cedendo. Mesmo que um pouco.

Embora ela não tenha dito muita coisa, eu vi a admiração em seus olhos quando ela viu seu quarto recém-decorado. Eu adoraria um abraço, não me entenda mal, mas ver aquele olhar foi o suficiente. Eu sou como um cachorro faminto, pendurado debaixo da mesa dela para conseguir qualquer coisa. Honestamente, é um pouco embaraçoso. Mas ainda estou aqui embaixo, com a cabeça entre as patas, esperando com aqueles mesmos olhos tristes que Apollo me dá quando eu grelho uma bisteca.

Enquanto a máquina de café expresso guincha, aquecendo o leite, eu me pergunto, não pela primeira vez, o que estou fazendo. Eu queria importunar Delilah. Agora, eu quero mais. O contrato a mantém aqui, a mantém perto, mas também a mantém à distância.

A Firma Walker tem sido um motivo de orgulho para mim. Até recentemente. Não é apenas Delilah, mas o caso do meu pai que eu fui forçado a pegar, aquele que me manteve trabalhando dezoito horas por dia, seis dias por semana. Preso com Duke, um homem que eu detesto ainda mais agora do que antes. Estarei trabalhando amanhã de madrugada já que tirei o dia de folga hoje para ajudar Delilah a se mudar.

As horas não são o que me incomoda, ou estar no tribunal. É o homem que estou defendendo. Ele está enfrentando uma longa lista de coisas e eu honestamente acho que ele é culpado de pelo menos oitenta por cento. Coisas de colarinho branco, mas ainda assim. E eu estou lá em pé, defendendo o homem, tentando ajudá-lo a escapar de evasão fiscal, fraude e alguma lavagem de dinheiro leve.

Duke não está nem um pouco incomodado, mas eu me odeio um pouco mais a cada dia que apareço no tribunal e vejo o rosto presunçoso do nosso cliente e com certeza ele vai ficar livre, porque a Firma Walker é conhecida por isso. Pague-nos o suficiente e você não precisará de um cartão para sair da prisão. Nós SOMOS esse cartão.

Mas assim que eu assumir, posso mudar isso. Posso mudar a firma para menos desses trabalhos e mais casos pro bono[7]. Posso dizer não a clientes que foram um sim automático do meu pai e do clube de rapazes dele. Posso manter a esperança de que Duke vá embora, ou posso demiti-lo, junto com qualquer outra pessoa que compartilhe a mesma vibe de advogado corrupto.

Eu tenho que me perguntar se isso é realmente como meu pai imaginou a empresa. Por mais que eu desprezasse como ele me tratava, sempre achei que ele fosse honrado. Agora, eu não

[7] Os casos pro bono são aqueles em que o advogado atua voluntariamente para defender quem não possui condições financeiras.

tenho certeza de muita coisa. Além do fato de que a única coisa que me deixa feliz agora é a mulher que não estaria aqui se não fosse por aquele contrato estúpido.

Eu entrego seu mocha de menta, sentando em uma cadeira em frente a ela com meu café com leite. Ela preencheu uma página inteira com aquela caligrafia alegre e passou para a próxima. Ela pressiona a caneta com tanta força que talvez eu consiga ler as palavras só de passar a ponta dos dedos pelo papel.

— Vamos lá — eu digo. — Contrato de colega de quarto. Como é que isso funciona?

Delilah toma um gole de sua bebida, seus olhos revirando um pouco para trás em sua cabeça.

— Você era barista antes de ser um grande homem da lei?

— Acho que homem da lei geralmente se refere a um xerife em um filme de faroeste, e não, eu não era barista. Acontece que eu gosto de café. E não quero pagar à Starbucks por isso.

— Hm — diz ela, olhando desconfiada para mim.

Isso mesmo. Suspeita afastada. Eu REALMENTE descobri todas as suas coisas favoritas para que eu pudesse conquistá-la. Sim.

Delilah abaixa a caneca, então coloca os pés embaixo de si mesma. Ela vestiu o pijama enquanto eu fazia nossas bebidas. Eles são muito mais comportados do que o que eu escolheria, dada a oportunidade, mas provavelmente é o melhor. As calças compridas são de um algodão cinza que parece macio e a parte de cima com o decote em V combinando fica solto sobre os

ombros. No entanto, ainda é feminino e bonito. Eu quero arrastá-la para os meus braços e beijá-la tanto quanto se ela estivesse usando algo rendado ou que revelasse mais pele.

Delilah toma outro gole, sua língua saindo para lamber o chantilly do canto de sua boca. Eu acompanho o movimento, calor queimando em meu peito.

Quando ela pousa sua caneca, é como um martelo chamando o tribunal à ordem, e eu balanço minha cabeça um pouco, tentando me concentrar na tarefa em mãos.

Certo. Outro conjunto de regras que regem nosso relacionamento.

— Vamos fazer isso — diz ela, batendo no caderno. — Contrato de colega de quarto.

— Posso perguntar de onde você tirou essa ideia? Isso é algo que vocês fizeram na sua outra casa?

— Sim, mas começou antes disso. No meu primeiro ano na faculdade, eu não conhecia ninguém, então consegui uma colega de quarto pelo sistema de sorteio. Garota detestável.

Ela estremece e tenho um desejo intenso de conhecer essa história, assim como quero conhecer todas as histórias dela. Ela encobre isso, assim como faz com a maior parte do seu passado.

— A única maneira de eu ter sobrevivido ao semestre foi por causa do contrato de colega de quarto.

— Você conseguiu uma nova colega de quarto depois do primeiro semestre?

— Sim. Sam. — Ela sorri. — Mas isso é outro assunto. Nosso assistente de residência nos fez sentar e discutir nossas preferências. Tudo, desde se é bom ou não secar o cabelo enquanto sua colega de quarto está dormindo (não é) até se é bom ter um namorado passando a noite.

Uma fera alfa ciumenta começa a abrir caminho para fora do meu porão e tudo o que posso fazer é bater as portas em seus dedos retorcidos e com garras.

Delilah passando a noite com alguém? Não. Esse não é o lugar para qual minha mente precisa ir, agora ou nunca. Tudo que preciso é de uma lista de nomes e vou arrancar os membros dessas pessoas.

— Entendo. — Talvez eu soe um pouco duro, mas pelo menos não soo com ciúmes. Nem um pouco. O homem da lei está frio como gelo aqui.

— Eu posso ver as engrenagens girando, senhor. E nós votamos em ninguém passando a noite no quarto, então respire fundo.

— Estou bem. — Majoritariamente. O suor está escorrendo no meu couro cabeludo e estou segurando minha caneca com tanta força que é uma maravilha que ela não tenha quebrado.

Ela bufa, revirando os olhos um pouco, então continua.

— O contrato ajudou. Há tantas coisas que você não considera até viver com alguém. Mesmo que você não esteja totalmente de acordo, expor as expectativas e entrar em

detalhes pode evitar conflitos antes que eles comecem. — Ela toma um gole de seu mocha.

— Você moraria com alguém antes do casamento?

Ela quase deixa cair sua caneca e eu entendo sua expressão assustada. Não faço ideia de onde veio esse pensamento. Ou como escapou. Talvez porque todo o meu foco esteja em não deixar o monstro ciumento sair do porão, eu tenha me soltado um pouco com todo o resto.

— Eu... — Ela pisca rapidamente, os olhos percorrendo a sala, olhando para tudo, menos para mim.

— Desculpe. — Eu aceno com a mão, me mexendo no meu assento. Estou com tanto calor agora que gostaria de ter feito café gelado para poder despejá-lo no topo da minha cabeça. — Eu não quis te colocar nessa posição. Você apenas parece antiquada em alguns aspectos. — Ela parece se ofender com isso e, claro, as palavras continuam saindo. — Clássica. Elegante?

— Continue cavando esse buraco com a boca, gracinha. Veja onde isso te leva.

Quando ela está empolgada, esse sotaque surge, transformando o seu *"leva"* em *"lova"*. Uma pequena diferença, mas estou acompanhando todas as suas sílabas. Outra planilha. Em breve, meu notebook vai precisar de uma nova memória, porque será preenchido com todas as coisas de Delilah.

Eu rio.

— Desculpe. Esqueça que eu perguntei. Prossiga. De volta ao *contrato.* — Eu faço uma careta.

— Tudo bem. Algumas jogadas suaves para começarmos. Como uma rodada relâmpago. Vou citar algo e você diz se é seu trabalho ou meu. Depois compartilho a minha resposta.

Isso parece o pior tipo de armadilha. Não haverá respostas certas, apenas armadilhas e ninho de cobras.

— Quem vai cozinhar a maior parte do tempo? — ela pergunta, caneta pairando sobre a página.

— Eu.

— Pratos?

— Eu.

Ela estreita os olhos.

— Limpeza?

— A governanta.

— Quero dizer, como coisas do dia-a-dia. Guardar a correspondência, certificar de que os sapatos não estão por toda a casa. Coisas básicas.

Olho ao redor da sala, onde a única coisa fora do lugar é Delilah. Embora para mim, ela se pareça com o que estava faltando na minha casinha.

— Nós dois?

— Quem coloca as latas de lixo no meio-fio? Além disso, qual é o dia de colocar o lixo na calçada?

— Eu. E segunda-feira.

Delilah deixa cair a caneta no caderno.

— Você não pode fazer tudo.

— Eu disse que nós dois iríamos limpar depois de sujarmos. Essa é sua parte. Você realmente quer cozinhar? Ou levar as latas de lixo para o meio-fio?

— Talvez. — Seu queixo se projeta um pouco para frente, aquele nariz adorável empinando. Uau. Nem uma vez eu pensei no nariz de uma mulher ou que qualquer outra coisa fosse tão adorável.

— Ok. Talvez você devesse apenas me dizer o que você quer.

— Quero ser útil. Não quero sentir que sou uma hóspede de hotel e você é o concierge ou algo assim.

Ergo as palmas das mãos, um sinal de rendição ou frustração. Sinceramente, não tenho certeza de qual.

— Eu não estou tentando ser assim. Acho que só estou acostumado a fazer tudo sozinho.

— Bem, os tempos estão mudando.

— Eu não poderia estar mais feliz com isso.

— Então deixe-me fazer algumas coisas de casa. Acha que pode fazer isso, cara durão?

Não consigo decidir se o apelido é bom ou ruim.

— Tudo bem.

Eu tomo um gole do meu café com leite. Essa mulher é como um desses nós complicados que nunca aprendi a desatar porque não fui escoteiro. Justo quando penso que consegui, a coisa está ainda mais apertada do que antes.

— Vamos continuar — ela resmunga.

Nós vamos e voltamos por quase uma hora, brigando e reivindicando coisas domésticas como quem vai trancar a porta à noite (eu) e quem vai cortar a grama (ela). Estou disposto a apostar que ela nunca usou um cortador de grama. Mas eu não discuti com ela quando ela me lançou um olhar assassino sobre isso. Mal posso esperar para vê-la tentar cortar a grama. Vou precisar comprar um novo balanço para a varanda e um pacote de seis cervejas.

— Vamos avançar para o toque físico.

E num piscar de olhos, estou focado na conversa.

— Eu sou a favor do toque físico.

Delilah solta um pequeno grunhido de frustração. Ela é tão fofa quando está irritada comigo.

— Considerando que isso não é um relacionamento real...

— Ai.

— Bem, não é, é? — Suas sobrancelhas erguidas me desafiam.

Ainda não.

— Prossiga.

— Acho que devemos evitar o contato físico o máximo possível, a menos que seja necessário. Como em público, já que devemos estar supostamente em um relacionamento.

Ela está me matando, me cortando como se eu fosse um peru de Ação de Graças, fatia por fatia.

— Então, de que tipo de toque público estamos falando aqui? — Quando seus olhos se transformam em fendas, eu

levanto as duas mãos. — Ei, você foi quem disse que deveríamos ser específicos.

— Como você gostaria de me tocar em público? — Ela deve ver o calor que sinto viajando pelo meu corpo, porque ela rapidamente balança a mão. — Risca isso. Vamos ficar de mãos dadas quando necessário, beijos na bochecha e abraços de lado.

— Abraços de ladinho? Você está falando sério agora?

— Como um furacão.

Eu corro a mão sobre o meu queixo.

— Vou aceitar os seus abraços laterais e levantar o seu rosto para um beijo nos lábios.

Suas bochechas coram e seus olhos brilham.

— Com a boca fechada.

— Tudo bem.

— Tudo bem.

Sinto que ganhei uma pequena batalha. Porque pode apostar que da próxima vez que estiver em público, vou beijar os lábios deliciosos da minha noiva. Melhor ainda, o fato de ela não ter me batido diz que ela não odeia a ideia.

— Então, além de alguns toques breves e ocasionais em público, manteremos nossas mãos para nós mesmos.

— Isso inclui a sua violência? — Eu pergunto.

— Que violência?

E assim, ela está toda desperta, seus olhos piscando. Linda e tão, tão culpada.

— Que tal isso. — Eu me inclino para frente, colocando minha voz de tribunal. — Para cada ato de violência contra mim, eu ganho algo da minha escolha. Um abraço. Posso segurar suas mãos. Talvez um be...

— Não termine essa frase. — Ela já está rabiscando na página. — Tudo bem. Se eu bater ou der uma cotovelada em você...

— Ou chutar, morder, beliscar...

— Eu entendi. Para cada ofensa, você pode segurar a minha mão. Ou me abraçar.

— Que tal nos abraçar... — Eu me afasto da palavra cama, vendo as chamas prestes a saírem de sua boca. — Quero dizer, nos abraçar no sofá.

— Tudo bem. Com um limite de tempo de cinco minutos.

Eu viajei de volta no tempo para o fundamental, onde havia muitas regras. Você gosta de uma garota, convida ela para sair, depois fica de mãos dadas por uma ou duas semanas nos corredores para talvez, *apenas talvez*, se abraçarem. E se vocês convencerem seus pais a te deixarem no cinema, vocês podem dar uns amassos na sala escura.

Eu me sinto ridiculamente velho pensando nisso. Porque tenho certeza de que ser adolescente parece muito diferente agora, com todos os TikToks e Snapchats.

E eu, um homem adulto, tenho um limite de cinco minutos de abraço, que só consigo se minha noiva falsa me bater.

Ótimo.

Enquanto ela escreve, meu olhar é atraído para seus dedos, longos e delicados. O esmalte rosa está descascado em seu dedo indicador. Aposto que ela vai retocar até amanhã. Enquanto eu assisto, essa mesma mão cai para esfregar a barriga de Apollo, e ele para no meio do ronco para gemer de prazer, rolando para dar a ela um melhor acesso. Ela sussurra algo para ele em um tom doce como mel, mas eu nem tenho certeza se ela sabe o que está dizendo, porque seus olhos estão no contrato.

Eu nunca odiei tanto contratos, não em todos os meus anos de advocacia.

Quero arrancar a página deste caderno e amassá-la antes de puxar o prendedor de rabo de cavalo de seu cabelo. Eu quero fazer um conjunto totalmente diferente de regras apenas para quebrá-las.

Mas eu simplesmente a observo, tornando-me o melhor aluno desta mulher que consigo, porque tenho grandes planos para gabaritar essa classe e fazer meu doutorado em todas as coisas sobre Delilah.

— Vamos nos aprofundar um pouco mais — diz Delilah — , por que não começamos com visitas noturnas? Qual é a nossa regra sobre isso? Existe algum tipo de regra de meia na maçaneta ou o quê?

Juro que meu coração se encheu com cimento, todas as quatro câmaras. Eu posso ouvir as batidas diminuindo à medida que endurece.

— Tipo, você e eu... dormindo no quarto um do outro?

Por favor, diga que é isso que você quer dizer. Eu sei que não é. Mas eu quero que seja. Não consigo lidar com o pensamento alternativo que tenho.

Delilah ri. *Ri*.

— Boa tentativa. Não, quero dizer, se você tiver que passar a noite com outras. — Ela tenta manter o mesmo olhar divertido em seu rosto, mas está tudo errado. Seus olhos não estão piscando e sua boca está comprimida. Ela está legitimamente preocupada com essa possibilidade.

Meu coração cimentado endurece, então se racha completamente.

Estou do outro lado da sala em um instante, em seu espaço, desafiando suas regras de sem toques. Joguei o caderno estúpido e sua lista ridícula no encosto do sofá.

Segurando o rosto de Delilah nas palmas das mãos, estou praticamente vibrando com a necessidade de elucidar para essa linda e confusa mulher.

— Nenhuma outra mulher cruzou esta porta, exceto minha mãe e governanta. E agora você. Não tenho planos, agora ou nunca, de ter qualquer outra mulher passando a noite aqui além de você.

Demais? Provavelmente. Basicamente, comprometi minha vida a ela ou uma vida de celibato. Pelo menos enquanto eu morar aqui. Acho que se não conseguir conquistá-la, terei que me mudar.

Seus olhos na penumbra são poças profundas de um azul-escuro, como se alguém tivesse deixado uma caneta aberta em uma toalha de mesa branca e ela tivesse vazando através do tecido. Ela quase parece assustada, me fazendo querer recuar antes que ela voe como um pardal assustado, mas quando eu me mexo, ela cobre minhas mãos, ainda em seu rosto, com as suas. Seus olhos, no entanto, me matam. Tão vulneráveis e doces.

— Sem pessoas passando a noite? — Sua voz é suave como um sino de vento em uma brisa de primavera.

— Sem. — Em contraste, minha voz é um rosnado rouco. O ar entre nós está vivo e se movendo, mudando e faiscando com a tensão. É uma repetição do momento antes dos nossos beijos anteriores, quando a atração derramou como uma tempestade.

Penso no nosso primeiro beijo, fora do Mozart's. Parece ter sido uma época tão mais simples. Ela ainda estava me afastando, mas estava começando a derreter. Eu esperava... não sei o quê. Meus planos com certeza não incluíam casamento – ainda. Não sabíamos sobre a minha mãe e o contrato. Não tínhamos cartões para convidados confirmarem presença empilhados na mesa da sala de jantar. Agora, a tensão está aqui, o desejo, mas é como se estivéssemos sentindo isso através de uma cerca de arame.

— Eu não teria morado com alguém antes de me casar — diz ela, de repente.

Eu sabia. Engolindo em seco, eu nem mesmo aceno ou pisco, porque ela é um coelho assustado que viu a raposa.

— Você tem razão. Eu sou antiquada. Ou... algo assim.

Está na ponta da minha língua pedir desculpas, por fazer com que ela se comprometa com algo que ela não teria escolhido para si mesma se eu fosse um noivo de *verdade.* Mas suas mãos agarram as minhas com ainda mais força, mantendo minhas palmas contra suas bochechas macias enquanto ela continua falando. É uma sensação diferente, sentir o movimento enquanto ela fala, e eu quase não me contenho de esfregar meu polegar sobre seu lábio inferior.

— Quero algo real. Honra e fidelidade e até que a morte nos separe.

Eu gostaria de pensar que ela quer dizer comigo, que isso é como uma mensagem codificada, me dizendo que ela quer que o que está entre nós seja mais do que um contrato, mais do que uma promessa anotada em um pedaço de papel de caderno.

Minha boca abre e fecha, buscando a resposta certa, desejando que eu tivesse uma pasta do Pinterest para me dizer a coisa certa a dizer. Mas eu não tenho. Eu nunca fiz esse tipo de promessa ou compromisso. Nunca tentei convencer uma mulher a ficar. Meu vocabulário fica limitado, enquanto minha língua parece presa com o mesmo cimento que encheu meu coração.

Apollo enfia sua grande cabeça entre nós, enfiando o nariz no colo de Delilah. E, assim, perdi uma oportunidade, deixando-a desaparecer como uma estrela moribunda.

Delilah dá um tapinha nas minhas mãos uma vez, duas vezes, então solta em detrimento de coçar as orelhas de Apollo. Se eu pudesse, pegaria de volta o bife que dei a ele mais cedo.

— Você se importaria de pegar meu caderno que você jogou tão descuidadamente sobre o sofá? Lembrei-me de mais uma coisa que quero ter certeza de que vai entrar em nosso contrato. Eu também preciso ver quantas vezes eu vou ter que bater em você para que consiga esses cinco minutos de carinho.

Simples assim, voltamos às brincadeiras leves e a falar sobre contratos.

Eu me levanto, minhas juntas doendo, não com o movimento, mas com resignação pelo pensamento de me afastar dela. Quando pego o caderno, Delilah chama minha atenção.

— Precisamos abranger onde Apollo vai dormir à noite.

Um olhar para o meu cachorro, com sua cabeça larga e cinzenta em seu colo, e eu sei exatamente quem vai dormir sozinho no futuro.

Cara Dra. Love

De: NãoConsigoEsperar@DraLove.advice
Para: DraLove@DraLove.advice

Cara Dra. Love,

Tem um cara de quem eu gosto e tenho certeza de que ele gosta de mim. Ele é muito tímido, e eu não sou, então estava pensando em dar o primeiro passo. Mas meus pais sempre me ensinaram a deixar o cara ter a iniciativa. Se ele não fizer um movimento, ele não está interessado.

Estou cansada de esperar! Você acha que as mulheres devem esperar que um cara dê o primeiro passo? Estou cansada de esperar.

Atenciosamente,

Não Consigo Esperar

De: DraLove@DraLove.advice
Para: NãoConsigoEsperar@DraLove.advice

Cara Não Consigo Esperar,

Embora eu ame quando os caras dão o primeiro passo, essa é a minha personalidade. Não tem nada a ver com o que estou guardando na minha calcinha.

Parece que você está sentindo as faíscas, mas você tem um cara tímido. Ele pode realmente gostar se você tirar a pressão. Eu digo para você ir em frente!

— Dra. Love

Capítulo Dezoito

Delilah

Isso não vai dar certo. Viro de lado novamente. Talvez com um travesseiro entre os joelhos? Certamente há travesseiros suficientes neste quarto. Não. Ainda não é confortável. Eu tento deitar de costas novamente, olhando para o teto estranho.

Ontem à noite, eu adormeci logo após o contrato de colega de quarto com Thayden. Esta manhã, ele já tinha saído para o trabalho quando acordei. Eu poderia ter dormido o dia todo se Apollo não tivesse enfiado seu nariz gelado e molhado de cachorro na minha cara. Claramente, a cama é incrível. A cama não é um problema. É a proximidade com o quarto do homem que me faz pular como uma truta na margem de um rio.

Estamos sendo muito... domésticos. Mesmo depois de um ou dois dias. Thayden pode ter ficado fora o dia todo, mas ele trouxe para casa comida vietnamita – de alguma forma, ele parece saber que fazer biscoitos é a extensão máxima do meu talento na cozinha – e nós comemos na mesa da sala de jantar com uma garrafa de vinho.

Juntos, lavamos a louça, com uma briga de água muito pequena e muitas risadas. Levamos Apollo para passear. Eu me peguei amaldiçoando continuamente aquele estúpido contrato de colega de quarto que eu insisti em fazer, porque Thayden

manteve distância quando tudo que eu queria era segurar sua mão enquanto caminhávamos. Tecnicamente, eu acho que eu poderia ter reivindicado a cláusula *em público* e apenas agarrado sua mão, mas o homem teria percebido.

Basicamente, esta noite foi como um encontro realmente fantástico, onde no final da noite, em vez de se beijar, vocês dois sobem para seus quartos separados sem sequer um aperto de mão.

E então, claro, fomos escovar os dentes ao mesmo tempo.

— Você primeiro — ele disse, enquanto cada um de nós hesitava desajeitadamente em suas respectivas portas.

— Não, é o seu banheiro.

— Eu insisto.

Eu finalmente o arrastei para o pequeno banheiro pelo colarinho da camisa.

— Somos adultos. Podemos escovar ao mesmo tempo.

Ou assim *pensei.*

Se alguma coisa pudesse matar a atração, seria um ato benigno como escovar os dentes. Eca, certo? As bocas com espuma, a cusparada. Mas Thayden escovando os dentes, capturando o meu olhar no espelho e sorrindo enquanto a pasta de dente pingava de seus lábios, era de alguma forma tão atraente quanto ele de terno. Ou pijama. O homem provavelmente poderia rastejar para fora de uma lixeira e ainda fazer meu estúpido coração palpitar.

Morar com ele é a pior ideia que já tive.

— Pare de suspirar aí — o próprio Lúcifer fala lá do outro quarto. — Você é muito barulhenta.

Conforme o acordo, ambas as portas do banheiro estão abertas. Não o suficiente para vermos um ao outro (porque ele estava certo sobre a visão direta de sua cama para a minha), mas aberta o suficiente para que ele possa se distrair com meus suspiros.

— Você não tem uma máquina anti-ruído?

— Não. Nunca precisei de uma.

Nesse momento, Apollo solta um ronco que soa como um urso. Eu praticamente posso sentir minha cama vibrando por causa do ronco de Apollo no quarto de Thayden. Não consigo segurar minhas risadinhas. Thayden abafa a sua própria risada.

— Você tem certeza disso? Apollo — eu chamo. — Quer se aconchegar, garotão?

— Ei! Não é justo! — Thayden diz enquanto ouço o *tum-tum* das patas dianteiras e traseiras de Apollo batendo no chão. As unhas dele arranham ao longo do piso de madeira e ele entra no banheiro empurrando a porta com o focinho. Deixando, é claro, ambas as portas abertas enquanto ele pula na minha cama. Thayden me dá um pequeno aceno.

Olá, tentação. Seu nome é Thayden.

Eu deveria ter planejado isso. Porque agora eu tenho um cachorro enorme no meu quarto. E consigo ver claramente Thayden no dele. Ele se mexe, colocando as mãos atrás da cabeça e encostando na cabeceira da cama, me observando com

aquele sorriso que é a sua marca registrada. Pelo menos está escuro o suficiente para que eu não consiga distinguir a covinha. Com minhas inibições baixas, como tendem a ser quando estou com sono, essa covinha pode ser minha ruína.

— Bem, olá — diz ele.

— Não comece.

— O que, especificamente, não devo começar? Não fui eu quem fez Apollo abrir as portas. Você o chamou aí. Esse era o seu plano ou apenas é algo de que está tirando proveito?

— Nenhum dos dois.

Suspiro, coçando o pescoço do cachorro grande. Ele está com a cabeça na minha barriga e, se eu não consegui dormir antes, não tem como fazer isso agora. Ele já está roncando. E Thayden ainda está olhando.

— Desista! Por que você não é um cavalheiro e fecha as portas?

— Estou confortável exatamente onde estou, obrigado.

Deixo escapar um gemido frustrado e Apollo suspira pesadamente, movendo-se para que seu corpo fique ao lado do meu, sua cabeça reivindicando o travesseiro ao meu lado. Ele ainda cheira levemente ao meu sabonete líquido de cupcake.

— Eu não consigo dormir com você olhando para mim — eu falo para Thayden.

— E eu não consigo dormir com você na minha visão. Mas nenhum de nós está tendo muita sorte de qualquer maneira. A cama está boa?

— Melhor do que a que eu tinha. Obrigada.

— Você não precisa me agradecer. Dê a ordem e eu a substituirei.

Eu reviro os olhos.

— Não. Eu tenho dinheiro suficiente agora para que eu possa comprar outra.

Um dos acordos que fizemos nas negociações com Scott é que eu receba o pagamento na forma de alguns valores fixos. Peguei o primeiro ontem e imediatamente paguei uma grande parte dos meus empréstimos, deixando-me leve como uma almofada confortável. Eu já sinto o peso sendo tirado de mim.

Thayden zomba.

— Eu não vou deixar.

— Você não pode me impedir.

— Eu gostaria de tentar.

— Eu aposto que você tentaria.

Somos como jogadores de tênis experientes, jogando para frente e para trás, a bola nunca batendo na rede, nunca saindo dos limites. Em vez de me desgastar, é revigorante. O homem pode me deixar meio maluca, mas ele me desperta. Estando perto dele, me sinto mais contente, mas também mais viva do que jamais me senti.

— Você geralmente tem dificuldade para dormir? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça.

— Não.

Eu mordo meu lábio, tentando não sorrir. Ok, tudo bem. Então, eu amo a ideia de que ele não consegue dormir por minha causa. Eu gosto de atrapalhar a vida dele. É justo, já que ele rasgou a minha em pedaços.

Sim, e os juntou de volta. Agora você tem dinheiro para pagar os empréstimos e o melhor colchão em que já dormiu. A melhor vista noturna também.

— Eu tenho tido problemas desde que meu pai morreu — diz Thayden.

Oh. Eu instantaneamente murchei. Eu me sinto culpada e pequena por ter pensado que era eu que o mantinha acordado. Sua dor é muito mais importante. E isso só faz meu coração bater mais forte por ele.

— Mas agora... eu tenho outras coisas me mantendo acordado. — Ele pisca e eu sinto meu corpo inteiro estremecer.

E, assim, estou animada novamente, meu pulso acelerando pelas minhas veias e minhas bochechas aquecendo. Thayden sorri, seus dentes tão brancos no escuro. Talvez eu precise mudar para qualquer que seja a pasta de dente que ele esteja usando.

— E a sua família? — ele pergunta.

Uma pergunta totalmente normal que eu totalmente não quero responder. Argh. Eu fiz isso por anos com minhas amigas, sem perguntar, sem pressionar por respostas. Thayden é como um cachorro e meu passado é um osso grande e suculento.

O que ele não sabe é que se ele puxar este em particular com muita força, ele está preso a um esqueleto inteiro. Não consigo imaginar o que Thayden faria se descobrisse sobre a minha mãe, sobre o meu passado e o que fiz. Ele provavelmente me jogaria fora e pediria o dinheiro de volta. Considerando que eu já usei uma grande parte para pagar a maioria da minha dívida, eu acabaria sendo sua serva contratada ou algo assim.

— Minha mãe mencionou que você não achava que sua mãe poderia vir ao casamento — diz ele, continuando a me incomodar.

— Ela não pode. — Mamãe daria uma olhada nessas pessoas e bolaria um plano para roubá-las sorrateiramente. Ou ser algum tipo de sanguessuga, me chantageando por dinheiro. Deus sabe que ela tem uma pilha de podres meus que me deixariam no chão.

— Isso é uma pena.

Realmente não é.

— Nenhum outro parente?

— Nananina não.

— Eu sinto muito. — Seu tom é ou piedoso ou apenas compassivo. Eu não consigo dizer qual.

— Eu não sinto. Não conheço nada diferente disso.

— Agora eu realmente sinto muito — diz ele.

Dou-lhe um pequeno aceno de cabeça, esfregando as orelhas de Apollo e desviando o olhar.

Thayden pensa sobre isso por um momento e, quando eu olho para ele, seu rosto é uma coisa bela envolta em sombras. Ainda não encontrei uma luz que não ame as feições deste homem.

— Novo tópico. Algum ex-namorado de quem eu precise ter ciúmes?

— Não. Não muitos. A maioria não conseguiu passar pelas minhas defesas.

Ele ri.

— Você tem um fosso bem fundo. E uma parede de castelo resistente. As flechas flamejantes também são um bom empecilho.

— Elas doem, não é?

— Elas doem. — Ele sorri, parecendo não se importar nem um pouco.

— Isso não te impediu.

Esse sorriso se alarga em algo tão lindo que eu tenho que agarrar a coleira de Apollo para me manter na minha cama.

— Gosto de um desafio — diz. — Bem. Quando o prêmio vale a luta.

Meu coração acelera. Meu pescoço está quente. Meus dedos do pé se curvam. Eu preciso de uma fuga deste caminho perigoso e eu preciso disso agora.

— Ex-namorados é realmente o tópico que você quer trazer à tona? — Eu pergunto. — Eu não tenho certeza se temos tempo para visitar o seu passado em apenas uma noite.

Thayden geme, cobrindo o rosto com um travesseiro. Ele então o joga. O travesseiro atravessa o banheiro e desliza pelo chão do meu quarto com um baque. Apollo olha para a origem do som, então deixa sua cabeça cair de volta para baixo, como se ele não pudesse ser incomodado por nossas travessuras.

Eu sorrio.

— Belo arremesso, fera. Você já jogou beisebol?

Thayden balança a cabeça, rindo.

— Você algum dia vai parar de dificultar as coisas para mim?

— Improvável.

— Bom. Agora, não surte. Vou ajudá-la a adormecer.

Ele gira as pernas para o lado da cama e começa a cruzar para o meu quarto. Eu aponto um dedo para ele.

— Não cruze esta soleira.

Ele faz uma pausa no banheiro, do lado de fora da minha porta.

— Por que não?

— Eu derramei uma camada protetora de sal ao redor do meu quarto para manter sua espécie fora.

Thayden ri enquanto caminha confiante sobre uma linha imaginária e minha pulsação agora está executando um complicado solo de bateria. Parando logo em cima da soleira, Thayden olha ao redor dramaticamente, como se esperasse ser transformado em pó.

— Acho que não sou o monstro que você pensa que eu sou — diz ele.

— Isso é o que vamos ver. Não se aproxime! Eu também tenho água benta e estou usando um colar de alho.

Thayden está ao meu lado da cama, tão perto que posso sentir aquele perfume masculino picante no qual me viciei. Eu tento não inspirar de forma lenta e profunda. Mesmo que eu queira. Sem quebrar o contato visual, ele pega meu copo de água e o esvazia em alguns goles profundos.

Agora, por que isso foi tão sexy?

Ah, certo. Porque tudo que esse cara faz, é.

— Eu gostaria de ver esse colar de alho — ele murmura e, antes que eu possa reagir, ele está arrastando a ponta do dedo sobre o meu pescoço em um círculo invisível. Agarro sua mão, porque minha pele não consegue aguentar mais do seu leve toque. Juro que estou prestes a começar a brilhar como um reator nuclear. Eles brilham, certo? Ou talvez seja o lixo nuclear em filmes de super-heróis. De qualquer forma, ele precisa tirar as patas de mim.

— Não sou afetado por sal, água benta e alho — diz Thayden. — Talvez eu seja apenas um mero mortal, afinal.

— Talvez eu devesse tentar uma bala de prata — eu digo, ainda segurando sua mão.

— Vire-se, Delilah — ele diz e o baixo timbre de sua voz me faz soltar sua mão e obedecer.

A cama range e afunda quando ele se senta perto dos meus quadris. Agora estou enquadrada por uma fera enorme de um lado e um homem do outro. A pulsação no meu pescoço

palpita enquanto as palmas das mãos de Thayden sobem pelas minhas costas, acariciando-a. Eu gemo quando as pontas de seus dedos percorrem meu cabelo.

— Relaxe — diz ele. — Eu cuidarei de você.

Não tenho forças para dizer a ele que é disso que tenho medo. Nem energia para lutar contra o toque mágico de seus dedos enquanto massageiam suavemente meu couro cabeludo.

— Minha mãe costumava fazer isso por mim quando eu não conseguia dormir.

— Mmm — é tudo que eu consigo dizer. Estou babando no meu travesseiro. Mas tenho certeza de que Apollo está fazendo o mesmo ao meu lado. Eu me pergunto como era ter uma mãe que te ajudava a dormir? Ao contrário de uma que estava sempre dormindo com o tipo de homem que me fazia desejar ter uma fechadura dupla na minha porta.

— Então, você é fã da série *Supernatural*? — pergunta Thayden. Agradeço a mudança de assunto.

Quando murmuro em concordância, quase posso ouvir seu sorriso.

— Sam ou Dean? — ele pergunta.

Se eu lhe disser a verdade, que o bad boy Dean Winchester é o meu favorito, vou ouvir ele falar sem parar. Ele é muito parecido com Thayden, pelo menos na maneira como se comporta. Talvez eu tenha um tipo.

— Castiel — eu digo.

— Eu deveria saber que você escolheria o anjo — Thayden resmunga. Seus dedos alcançam minhas têmporas e nada nunca foi tão bom. Eu tento segurar um gemido, precisando manter alguma aparência de compostura. O homem está me transformando em um mingau.

— Quer ouvir uma história ou música? — pergunta Thayden.

— Música — murmuro no travesseiro.

Não quero admitir que ninguém nunca me cantou uma canção de ninar. É uma verdade muito profunda, uma admissão muito grande de quão faminta de amor eu realmente estou.

Mas talvez eu devesse ter pensado nisso. Já estou me derretendo por Thayden. Ter uma serenata particular vai piorar. Sua voz normal já é ruim o suficiente, profunda e rica. Ele vai me matar com uma música.

Thayden limpa a garganta, abre a boca, e então faz a pior versão de uma música de Ed Sheeran que eu já ouvi.

Provavelmente a pior versão de qualquer música que *alguém* já ouviu. É realmente, realmente terrível. Gatos uivando e unhas riscando em quadros-negros perdem para a voz de Thayden cantando que, de alguma forma, não é *nada* parecida com a sua voz normal. Ao meu lado, o gemido de Apollo me leva ao limite de risadinhas para gargalhadas. Os dedos de Thayden congelam no meu cabelo.

— História! — Eu ofego. — Eu escolho a história!

As mãos de Thayden agarram os meus ombros e ele gentilmente me vira. Eu cubro meu rosto com as mãos, mas isso não faz nada para abafar minha risada.

— O quê? — ele pergunta. — Não é bom? Não gosta de Ed Sheeran? Que tal Sam Smith?

Thayden começa uma música com um falsete que soa como um avestruz morrendo. Apollo grunhe, então pula da cama e volta para o quarto de Thayden.

— Por favor! — Eu ofego através do meu riso. — Já chega!

Thayden cruza os braços, me encarando em confusão.

— O que foi? Você não gosta de me ouvir cantar?

Minha risada morre e eu me sento. Eu estou o encarando. Eu não consigo evitar. O homem que parece impecável e charmoso de tantas maneiras é um péssimo cantor e *não faz* ideia disso.

— Você está falando sério? Thayden, você não sabe cantar. E se você realmente não sabe disso, você é surdo.

Um músculo em sua mandíbula se contrai.

— Ninguém nunca reclamou antes.

— Para quantas pessoas você já cantou?

— Algumas.

Eu mordo meu lábio.

— Elas eram... mulheres com quem você namorou?

Ele aperta a mandíbula.

— Talvez.

Não consigo conter minha risada.

— Não é de admirar que as coisas nunca tenham ficado sérias! Você provavelmente assustou todas elas!

Thayden leva a mão ao peito.

— Delilah Hart, você me feriu.

— Ora, um arranhão apenas — eu digo, a frase de *Romeu e Julieta* de alguma forma aparecendo na minha cabeça.

Os olhos de Thayden se iluminam.

— "Perguntem por mim amanhã e me encontrarão mudo como um túmulo."

Eu o encaro, todo pensamento racional sendo arrancado do meu corpo. Citar Shakespeare é *demais*. Se eu tiver um calcanhar de Aquiles, pode ser esse. Thayden parece presunçoso, como deveria.

— Interpretei Mercúcio no meu último ano. E fiz um excelente trabalho, se você quer saber.

Meus lábios se contraem.

— Provavelmente porque não há canto na peça.

Thayden abaixa a cabeça.

— Eu não consigo ganhar com você.

— Desculpe — eu digo, tocando seu braço e oferecendo um sorriso. — Mas amigos não deixam amigos cantarem de forma tão desafinada.

Ele estreita os olhos.

— Tudo bem. Mas chega de rir. Vire-se e eu vou te contar uma história. Rápido, antes que eu mude de ideia.

Eu me viro, porque não há como eu recusar mais uma massagem na cabeça. Só posso esperar que Thayden seja um contador de histórias melhor do que um cantor.

Ele deve ser, porque, em poucos minutos, estou caindo no sono. De manhã, tenho uma vaga lembrança de lábios roçando minha bochecha e Thayden sussurrando:

— Bons sonhos, minha bela sulista. Isso pode ser real, a qualquer hora que você quiser. Basta dizer.

Mas provavelmente foi mais sonho do que lembrança, porque essas são as palavras que eu realmente desejo ouvir do homem que nunca quer se casar.

Capítulo Dezenove

Delilah

Se eu tenho minha própria santa padroeira das tarefas domésticas, é Bridget Jones. Porque eu sou um desastre em chamas quando se trata de qualquer coisa doméstica. Literalmente, de alguma forma. Eu penso nisso, enquanto observo os bombeiros se moverem pelo jardim, do meu lugar com Apollo na calçada.

Antes disso, houve o incidente com o cortador de grama. Quando insisti em aceitar essa tarefa, não tinha ideia de como seria difícil. Eu vi pessoas cortando grama durante toda a minha vida. Nunca pareceu difícil. Talvez um pouco quente no verão. Não árduamente exaustivo.

Thayden me observava da sombra da varanda, sorrindo, enquanto eu suava, lutava e me perguntava se precisava começar a treinar com Harper. Eu queria bater nele, e isso foi antes dele ter se inclinado no parapeito da varanda e me dito que a maldita coisa era auto impulsionada.

— Apenas empurre essa alavanca — disse ele, inclinando sua cerveja para mim.

Quando o fiz e o cortador pulou para frente sozinho, eu queria jogá-lo para fora da varanda, mas me contentei em

encharcá-lo com a mangueira. Ele terminou de cortar a grama sem camisa e eu quase tive que me molhar olhando para ele.

Realmente, houve apenas aquele incidente e este, então talvez Bridget Jones seja um exagero. Eu não estou indo *tão* mal.

Thayden suspira ao telefone.

— Você está do lado de fora com um bando de bombeiros gostosos dando em cima de você?

Eu não teria ligado para ele, mas a empresa de alarmes faz isso automaticamente quando é disparado. Sorte a minha que o alarme de incêndio também chama o corpo de bombeiros.

O som áspero da voz de Thayden, a faísca de ciúme que ouço nela, faz meu estômago revirar como roupas em uma secadora. Quando um dos bombeiros gostosos em questão passa por mim, piscando, não sinto nada. Nem mesmo um pequeno sinal de nervosismo.

O que Thayden fez, me arruinando para bombeiros perfeitamente bonitos?

Apollo rosna, como se ele ouvisse os meus pensamentos, e eu aperto sua coleira com mais força. Thayden não estava errado quando disse que Apollo não gosta de homens uniformizados.

— Não...

— Delilah. Não me faça voltar para casa.

— Eles não estão dando em cima de mim — eu digo.

Enquanto digo isso, um deles arregaça as mangas da camiseta até os ombros, revelando seus bíceps salientes. Ainda

sem reação. Estou mais do que um pouco preocupada com a profundidade dos meus sentimentos pelo homem com quem estou vivendo e estou falsamente noiva.

— Você não deveria estar mais preocupado comigo incendiando o lugar?

— Não. Eu tenho seguro. Eu poderia estar aí em dez minutos...

— Nem pense nisso. Você tem o seu grande caso.

Um caso sobre o qual ele está reclamando e resmungando há dias. Isso provavelmente é menos ciumento e mais ele procurando qualquer desculpa para fugir de Duke. Não posso culpá-lo. Encontrar aquele homem desprezível uma vez foi o suficiente para mim.

— O caso não importa. *Você* importa.

Eu importo.

Eu mordo meu lábio para esconder o meu sorriso. Outro bombeiro passa, sorrindo para mim de um jeito que é pouco amigável. Eles deveriam estar evacuando agora. Deve ser um dia lento no corpo de bombeiros.

Por que diabos eles estão pegando as mangueiras? *Nem sequer existem chamas.*

Juro, tudo o que fiz foi torrar uma torrada. Realmente, realmente torrar. E uma assadeira de cookies. O que é lamentável, já que cookies são a única coisa que sei assar com segurança. Vou ter que comprar uma nova para Thayden.

A lição aprendida hoje é: não use a grelha para fazer torradas, e depois a esqueça. Ou... não cozinhe.

Esta não teria sido uma lição tão difícil, exceto pela coisa toda em que os alarmes de incêndio de Thayden enviam um sinal direto para o corpo de bombeiros. Você pode imaginar minha surpresa quando eu pulei para fora do chuveiro com alarmes no andar de baixo, fumaça preta na cozinha e sirenes quando o caminhão estacionou na frente.

Eu definitivamente não vou contar a Thayden que eu estava no chuveiro. Consegui me vestir antes que eles chegassem à porta, mas tenho a sensação de que ele estaria a caminho antes que eu chegasse a essa parte. Especialmente se ele soubesse que minhas roupas consistem em calças de treino apertadas e uma regata sem sutiã.

— Delilah?

— O que há de errado, querido?

— Isso. É isso que está errado.

Droga. Esse *querido* acabou de escapar. Eu forço uma risada.

— Desculpe, eu deveria ter chamado você de patife? Um libertino incorrigível?

— Você sabe que eu gosto da sua linguagem literária. É quando você me chama de *querido* que eu fico preocupado. Diga-me, eles estão terminando aí? Você disse que era apenas uma torradeira queimada.

— E uma assadeira. Tanto faz. Eu compro uma nova para você.

— Não se preocupe com isso. Torradeira queimada e uma assadeira. Certo. Então, eles devem estar se arrumando para irem embora?

— Hmm.

Outro bombeiro passa, equilibrando um machado no ombro. *Para quê ele precisa* disso? Seus dentes brancos brilham quando ele sorri. Dois outros estão lidando com o comprimento da mangueira que foi desenrolada no quintal sem nenhum propósito que eu possa entender. Apollo se deita na calçada com outro rosnado.

— Eles *estão* se arrumando para ir? — Thayden pergunta, sua voz em um nível que eu chamaria de intenso.

— Não exatamente.

— Estou a caminho.

— Thayden!

Ele já desligou. Estou sorrindo, mas também estou furiosa. Talvez eu esteja sorrindo por que estou furiosa? É ridículo o quanto eu gosto de discutir com esse homem. Com ele, a raiva nunca é apenas raiva. É como a alegria, mas quente. Alegria acalorada? Acho que estou ficando viciada.

Agora mesmo, estou sentindo um monte de alegria acalorada com a ideia de Thayden me resgatando das garras malignas de bombeiros sedutores.

Falando nisso...

Apollo rosna novamente quando uma sombra grande e musculosa para na minha frente.

— Olá, senhorita. — É o bombeiro que estava carregando o machado, embora agora ele tenha as duas mãos nos quadris e um sorriso largo no rosto. Vou chamá-lo de Sr. Machado. Esta pose é claramente projetada para mostrar seus braços. Eles são bonitos e musculosos, eu suponho. A Delilah pré-Thayden poderia ter ficado impressionada.

Antes de Thayden, eu poderia ter sorrido de volta, um sorriso de verdade. Não o meu sorriso para os concursos. Em vez disso, me pego passando a mão esquerda pelo meu cabelo, certificando-me de que ele veja o anel. Ele vê, mas isso não parece ter qualquer impacto. Ok, ele é *esse* tipo de homem. O que me deixa ainda mais feliz que Thayden esteja a caminho.

— Nós temos algumas perguntas que gostaríamos de fazer — diz o homem, seu tom sério, mas sua boca ainda sorrindo. — Eu sou Breck, a propósito.

Eu prefiro Sr. Machado.

— Breck, oi. Acho que já respondi todas as perguntas de vocês. Deixei a grelha ligada. Queimei a torrada. Sou uma péssima cozinheira. — Eu forço uma risadinha e solto um pouco mais a coleira de Apollo para que ele possa se inclinar para frente, um rosnado ainda em sua garganta. — O que posso dizer? Meu noivo não vai se casar comigo pelas minhas proezas culinárias.

Um piscar de olhos em confusão. Oh, *proezas* foi uma palavra muito grande para o pequeno bombeiro? Droga.

— Isso acontece até com o melhor de nós — diz Breck.

— Oh! Isso aconteceu com você? Foi assim que você desenvolveu interesse em ser bombeiro, queimando seu café da manhã?

— Er, não.

O carro de Thayden guincha no meio-fio em frente à casa ao lado, o mais próximo que ele pode chegar por causa do caminhão de bombeiros. Mal está estacionado quando ele está correndo em minha direção, olhando para a confusão de bombeiros no gramado.

— Querida! — Thayden grita e eu tenho que segurar meu sorriso.

Então, é assim que estamos jogando. Eu não perco o sorriso de escárnio que Thayden lança ao Sr. Machado quando ele joga seus braços em volta de mim, me levantando do chão. Apollo balança o rabo alegremente, empurrando a cabeça entre nós da melhor forma que pode.

— Docinho de ameixa! — Eu rio. — Estou tão feliz que você...

De repente, Thayden está me beijando e minhas palavras se foram.

Este não é o tipo de beijo com o qual concordamos no contrato, motivo pelo qual eu deveria estar brava, mas quase que imediatamente fico perdida em seus lábios, o raspar de sua barba contra a minha bochecha, a sensação de seus braços em volta de mim. Minha mente fica em branco e tenho certeza de

que a Terra parou sua rotação ao redor do sol por um momento.

Cedo demais, Thayden me coloca de pé novamente, sorrindo presunçosamente enquanto eu tropeço um pouco. Sempre pensei que pernas trêmulas fossem um efeito colateral do beijo encontrado apenas em livros de romances. Não, é coisa da vida real. Thayden envolve um braço em volta da minha cintura, me arrastando para o seu lado. Eu nem quero lutar contra ele.

Em vez disso, eu gostaria de mais beijos. O que eu definitivamente não posso admitir. Então, eu dou a ele um pouco de resistência, me afastando até que ele me aperta ainda mais contra ele. Sinto que me encaixo aqui, como se tivesse sido feita para me encaixar ao lado dele. Agradeço a Apollo. Se eu não estivesse segurando sua coleira, poderia ficar tentada a passar a mão no peito de Thayden.

— Olá — Thayden diz, sorrindo para o Sr. Machado. — Eu sou o noivo dela. Uau, eu preciso arregaçar as mangas da minha camisa? Meus bíceps estão se sentindo ignorados.

Eu sufoco uma risada. O Thayden territorial é hilário. O Sr. Machado franze a testa, desdobrando as mangas até que elas cobrem os seus braços novamente.

— Acho que já vi você na academia — diz o Sr. Machado.

Eles estão apertando as mãos agora, apertando e apertando, e eu juro que o Sr. Machado estremece. Eu poderia chamar Thayden, dizer a ele para parar de ser um homem das cavernas

tão ciumento, mas estou me divertindo descaradamente com isso. Eu me pergunto como ele estaria com uma mulher com quem ele *realmente* queira se casar. Esse pensamento me deixa um pouco sóbria.

Mas só um pouco. Porque sou eu quem Thayden está segurando firme. Ele está com ciúmes de mim conversando com outros homens. Posso apenas fingir que tudo isso é normal. É real. Somos um casal de noivos sem contrato de colega de quarto. Sem complicações.

— Sim. Eu malho com Harper Graham — diz Thayden. — Já ouviu falar dela? Treina todos os atletas de elite.

— Acho que talvez eu tenha.

Ele não ouviu. Está claro. Quase sinto pena desse cara. Os outros bombeiros estão enrolando a mangueira de volta, guardando seus equipamentos e seus sorrisos sedutores. Eles são como lobos cheirando os feromônios do alfa no ar, recuando arrastados no chão.

— Acho que estamos indo, então.

— Oh? Eu pensei que você tivesse perguntas? Minha noiva disse que as coisas pareciam sérias e você estava preocupado.

Thayden olha para mim, tirando o cabelo da minha bochecha. Eu quero me inclinar em seu toque, escalá-lo como se ele fosse a minha própria escada de extensão pessoal. Eu bato os meus cílios em vez disso, satisfeita quando ele se inclina para beijar meus lábios novamente. Realmente fui eu quem colocou limitações de toque físico? Eu deveria repensar isso. Ou

Thayden e eu precisamos passar mais tempo em público, para que ele possa me beijar livremente assim.

O bombeiro começa a recuar.

— Oh. Não. Estávamos apenas... verificando o equipamento.

— O equipamento precisa ser verificado no meu gramado?

— Nós vamos sair do seu caminho — diz o Sr. Machado.

— Sim, provavelmente é melhor — Thayden diz.

— Obrigada a todos — eu digo docemente, mas o Sr. Machado abaixa a cabeça, esgueirando-se para longe. Em instantes, o caminhão ronca para longe.

Espero que Thayden me solte, mas ele me gira, me puxando até o seu peito. O verde de seus olhos é um mar tempestuoso, e minha respiração falha. Ele puxa uma mão da minha cintura para colocar uma mecha de cabelo molhado atrás da minha orelha.

— O que eu vou fazer com você? — ele murmura.

— Não me deixar cozinhar mais?

Ele me abraça apertado, minha bochecha pressionada contra seu peito onde a batida firme de seu coração combina com a melodia tocando em meu próprio peito. Com uma mão na minha cintura e a outra na parte de trás da minha cabeça, ele me fez uma prisioneira muito disposta.

— Eu farei cada refeição para você se quiser. Café da manhã, almoço e jantar. Eu não preciso ir trabalhar. Eu vou ficar aqui e ser seu.

Ele diz as palavras com tanta paixão e sinceridade que me tira o fôlego. Isso é verdade? Ele mudou de ideia sobre o que ele quer no futuro? *Eu* o fiz mudar de ideia sobre casamentos? O pensamento é muito inacreditável, tanto que eu *quero* que seja verdade.

— Thayden...

— Eu sei. Eu sei.

Abruptamente, ele me solta, recuando alguns passos. Eu odeio a distância entre nós. Eu o observo enquanto ele visivelmente controla suas emoções, finalmente assentando um sorriso provocantemente familiar que de alguma forma está deixando passar a verdadeira profundidade de sua felicidade.

— Eu vou deixar você em paz e voltar ao trabalho.

Eu não quero que ele vá. Eu não sei como dizer a ele. Meu centro emocional parece desequilibrado, ou desligado. Ou des *alguma coisa*, com certeza. Eu apenas fico ali, boquiaberta para Thayden enquanto ele anda para trás, para longe de mim, em direção ao seu carro. A porta do lado do motorista ainda está aberta.

Com aquele sorriso maroto ainda no lugar, a covinha em pleno efeito, Thayden aponta um dedo para mim.

— Nada disso conta contra mim.

— O quê?

— O toque. Estamos em público. Então, não pense que você fica livre para me bater um monte de vezes ou me chutar nas canelas mais tarde. Estamos quites.

Meu estúpido contrato de colega de quarto. Regras ridículas. Eu pensei que elas me manteriam protegida, nos dariam – *me* dariam – alguma segurança deste homem roubando meu coração. Mas desde que as fizemos, estou basicamente pensando nelas o tempo todo, principalmente pensando em como posso violá-las. Brechas, na verdade.

Eu não estou protegida de forma alguma. Na verdade, todas as manhãs que eu acordo em sua casa, cada vez que encontro seus olhos e vejo seu rosto, ouço o murmúrio de sua voz, independentemente dele estar sério, me provocando ou qualquer coisa, estou apenas me apaixonando, mais rápido e mais forte.

Meu sorriso desaparece quando ele me manda um beijo, entra no carro e volta para o trabalho.

Capítulo Vinte

Thayden

Aparentemente, elaborar uma lista para presentes de casamento é um rito de passagem. Um que Gavin diz que vou odiar, exceto pela arma. O que quer que *isso* signifique. Mas passar um tempo com Delilah é passar um tempo com Delilah, então eu recusei a sugestão dela de montá-la online. Pessoalmente, querida. Em. Pessoa.

Minha mãe sugeriu Crate & Barrel, mas Delilah me colocou em um Bed, Bath, & Beyond lotado. Em um sábado. Não é algo que eu já experimentei antes e não é algo que eu quero experimentar novamente. É o tipo de coisa que desejo aos meus inimigos. Exceto que tenho Delilah ao meu lado. Poderíamos visitar uma estação de tratamento de esgoto e eu ficaria muito bem.

— Eles têm a melhor política de devolução — disse ela mais cedo com um encolher de ombros.

Isso não deveria ter feito minhas entranhas revirarem, mas fez. Talvez eu esteja apenas sendo sensível, mas não consigo deixar de pensar no fato de que, ao final de um ano de casamento, ela planeja me devolver.

Não se eu puder evitar. Mas eu realmente preciso continuar dizendo isso a ela. Esses gestos só vão até certo ponto, e minhas

palavras não estão fazendo o trabalho. Existem coaches que podem ajudá-lo a dizer a alguém que você os ama? Provavelmente ao menos alguns bons canais do YouTube. Eu vou tratar disso mais tarde.

Pelo visto, os computadores que permitem que você faça isso sozinho estão quebrados, então temos que lidar com um humano. E há uma longa fila para montar a lista, porque, aparentemente, todos os noivos estão montando hoje.

E todos eles, menos nós, parecem deslumbrados e tontos. Exceto pelo cara cuja noiva praticamente o arrastou pela orelha. Aquele cara parece que está prestes a vomitar ou fazer uma pausa para pegar um Uber para outra cidade. Talvez outro estado. Eu meio que sinto que somos gado na baia, esperando para ser marcado.

— E quando é o grande dia — pergunta uma mulher claramente cansada quando finalmente é a nossa vez.

— Em duas semanas — Delilah diz. — Três de novembro.

A mulher, que parecia meio adormecida, de repente está em alerta máximo.

— Tão perto?

Não perto o suficiente. Depois de nunca ter tido um relacionamento sério, você pensaria que eu estaria fugindo do casamento, não desejando que pudéssemos adiantar a data. Cada dia que não nos casamos é outro dia que Delilah pode mudar de ideia.

— Sim. Estamos muito animados — diz Delilah. — Nós simplesmente não queremos esperar!

Ela me dá uma cotovelada de lado. Eu sorrio, porque essa cotovelada pontuda vai me fazer obter um abraço, um segurar de mãos ou um aconchego no sofá.

— Absolutamente. Eu me casaria com ela hoje se ela não se importasse de ir ao cartório.

História verdadeira.

— Ele é tão irresistível — Delilah murmura, ligando seu braço ao meu.

Eu olho para ela, desejando que eu não tenha visto humor cintilando em seus olhos. Eu amo a provocação dela, mas eu quero que essas palavras sejam verdadeiras.

Alguns minutos depois, recebemos as armas que Gavin mencionou, que são basicamente as ferramentas que os funcionários usam para estocar prateleiras e fazer inventário. Não é até que eu escaneio minha primeira toalha de banho com um bipe satisfatório que eu entendo o apelo.

— Prazeroso — eu digo, olhando para a pequena tela.

— Você quer mesmo essa toalha? É chartreuse.

— É o quê?

— A cor. — Ela bate na toalha, que é verde. Não o que ela acabou de dizer. Delilah franze o nariz. — Ai, credo. E não é macia. Deixe-me mostrá-lo como desfazer.

Eu mantenho um aperto firme na arma, o que significa que Delilah tem que se aproximar para apertar alguns botões.

Tento cheirar seu cabelo sem ser óbvio sobre isso. Com sorte, eu não vou escanear *acidentalmente* mais toalhas ruins e precisar que ela faça isso de novo.

— Entendeu? — ela pergunta.

— Sim. Vá em frente. Por onde começamos?

Ela olha para os corredores, que estão repletos de famílias e carrinhos azuis.

— Pela cozinha, depois casa em geral, banheiro, e terminaremos no quarto.

— Eu gosto de como terminar no quarto soa — eu digo, só porque eu sei que vai me fazer ganhar um tapa no braço.

Em vez disso, ela bate na parte de trás da minha cabeça.

— São dez minutos de carícias — digo, pegando meu telefone para fazer uma anotação. Como se eu fosse esquecer.

— Cinco. Acho que você está se esquecendo das letras miúdas.

— E eu acho que você não leu os adendos. Golpes sujos na cabeça ou na virilha contam mais.

Delilah geme.

— Você é impossível.

— Impossivelmente charmoso. Você mesmo disse isso.

Uma cotovelada nas costelas é mais cinco minutos. Esqueça as toalhas de banho e eletrodomésticos. Eu pretendo acumular o tempo hoje. Começamos a assistir Netflix juntos à noite, e eu adoraria tê-la em meus braços durante todos os quarenta e sete

minutos daquela competição britânica estúpida de culinária que ela adora.

Uma hora depois, mal chegamos na seção do banheiro. Houve várias discussões menores, e uma briga real quando ela tentou tirar à força a minha arma das minhas mãos. Tudo o que fiz foi tentar escanear uma prateleira inteira da seção "Como visto na TV". Alguns desses aparelhos realmente pareciam úteis!

Estou esgotado, cansado de ser atropelado por carrinhos e ouvir crianças choramingando, mas ganhei quase um programa de culinária britânica inteiro de tempo de carícias. Delilah está exausta, mas eu a tenho mantido viva passando seus ursinhos de goma de uma sacola de tamanho industrial que encontrei em uma prateleira. Ela me deixou alimentá-la com o último com meus dedos. Então, embora eu odeie esta loja, não estou com pressa de sair.

Não há nada que eu realmente precise, então eu a acompanho, observando o que Delilah gosta. Ela tende a começar com o que realmente quer, mas depois escaneia a versão mais barata. Quando ela não está olhando, eu uso minha arma para remover o item mais barato e substituí-lo por aquele que a fez morder o lábio e olhar com olhos sonhadores. Eu sinto que ela faz isso com o resto de sua vida também. Ela sabe o que realmente quer, mas tem medo de ir em frente, se contentando com algo que é apenas... bom. Eu gostaria de ver essa mudança.

Eu quero que ela sonhe grande e se sinta merecedora desses sonhos.

Eu a vejo estudar uma fileira de tapetes de banho. Se eu pudesse, eu passaria este scanner sobre Delilah, bloqueando cada característica em minha lista de desejos pessoais. Seu cabelo dourado, escaneado com um bipe. *Meu.*

A linha delicada de seu pescoço. Bipe. *Minha.*

Eu me agacharia e escanearia seu tornozelo delicado, aquele com a cicatriz em meia-lua perto de seu calcanhar.

Quero segurar a arma sobre a concha de sua orelha, a qual prende minha atenção por muito mais tempo do que deveria. Tantas mulheres têm orelhas furadas, porque Delilah não? Isso desperta uma curiosidade fanática e também me faz querer pegar seu lóbulo suavemente entre os meus dentes.

Eu me pergunto se eu poderia adicionar isso ao contrato de colega de quarto...

Eu escanearia as coisas abaixo da superfície também. Eu quero capturar a ferocidade que parece tecida em suas articulações. Eu escanearia a sua doçura, algo que normalmente vejo ela conceder aos outros, quase nunca a mim. Eu deixaria a pequena luz vermelha piscar sobre as suas memórias, uma por uma. Eu quero todas elas. Minha, minha, *minha.*

Eu quero tudo *dela.* Se eu achasse que poderia ficar com ela, eu a levantaria no meu ombro, a colocaria em um dos carrinhos azuis e sairia correndo da loja, empurrando-a para casa. *Nossa* casa.

— Isso é feio? — Delilah se move na minha frente, segurando um elefante amarelo de cerâmica.

— É... amarelo. Para que serve isto?

Ela o vira em suas mãos.

— Acho que é uma saboneteira.

— Não deve ser muito boa se você não pode ter certeza. Eu preciso de uma saboneteira?

— Você precisa de um pouco de cor em sua casa.

— *Nossa* casa.

Minha ênfase na palavra a assusta. Ela pisca com força, duas vezes, então empurra a saboneteira amarela questionável em uma prateleira. Fingindo um andar casual, ela se afasta de mim, movendo-se pelo corredor.

— É a *nossa* casa, Delilah.

— É a *sua* casa. Eu sou apenas uma... hóspede temporária.

Eu a persigo, resistindo à vontade de esmagar o elefante amarelo enquanto passo pela prateleira.

— Você deveria pensar nela como nossa. Porque é.

Eu arrisco e escovo seu cabelo sobre um ombro, revelando seu pescoço. Eu quero pressionar a ponta do meu dedo no topo de sua coluna, então descer sobre o declive de seus ombros. Quero traçar e estudar cada linha e curva.

— Eu penso assim — murmuro, inclinando-me perto o suficiente para que ela sinta minha respiração em sua pele.

Ela se vira, seus olhos ardentes encontrando os meus.

— É realmente assim que você pensa sobre isso?

— Sim.

Eu mantenho nossos olhares fixos como um homem segurando uma corda enquanto ele balança sobre um desfiladeiro.

— É assim que eu quero pensar sobre isso. E como eu gostaria que você pensasse sobre isso.

— Eu não paguei por ela. Não estou pagando aluguel.

— Não me importo.

— Eu não faço quase nada para ganhar a vida.

— Você não é a Aninha, a Pequena Órfã, tendo que se escravizar por mingau frio.

— Quê?

Eu balanço minha cabeça.

— O filme favorito da mamãe — murmuro. — O clássico, não a versão atualizada.

— Também não assisti.

— Nós três teremos uma noite de cinema e remediaremos isso.

Ela me ignora e insiste.

— Meu nome não está na escritura

— Você quer persistir nisso? Vamos para o meu escritório agora. Iremos redigir a papelada. — Estou falando sério e ela sabe disso.

Seus olhos se arregalam e sua cabeça está balançando.

— Thayden, não.

— Por que não? O que seria necessário para fazer você se sentir em casa? Como se fosse sua casa também?

O que seria necessário para fazer você saber que você é minha?

— Nada. Eu...

Rindo um pouco, ela dá um tapa no meu braço. Mais cinco minutos esta noite. E ela sabe disso também, vendo minha expressão mudar para algo ligeiramente presunçoso. Eu sei que não vou convencê-la sobre a casa, pelo menos não ainda, mas ainda posso comemorar o fato de que ganhei vários minutos hoje. Pequenas vitórias.

Delilah resmunga algo sombrio que soa como, e provavelmente é, um insulto shakespeariano, talvez misturado com algo profundamente sulista. *Cacilda* e *deveras* estavam definitivamente lá e *maldição* também.

— O que você disse? — Eu pergunto.

— Hum? Ah, nada. Acho que já acabei com a área do banheiro. Estamos quase terminando!

O que significa que é hora de olhar coisas de quarto, e agora estou pensando em Delilah e quartos. Não posso estar pensando nisso, pelo menos... ainda não. Há algumas conversas importantes que precisamos ter antes que isso esteja em discussão.

Como uma em que eu realmente digo a ela como me sinto e que quero que esse casamento seja real. Até agora, ela está rejeitando qualquer coisa que se pareça com um interesse real meu, qualquer coisa que nos leve além do reino do

relacionamento falso para um real. Estou tentando dar tempo a ela, mas não o temos em abundância.

— O que precisamos para o quarto? — Eu pergunto.

Os travesseiros estão empilhados e as prateleiras cheias de lençóis ultrapassam a minha cabeça. Delilah para no meio de um corredor, então hesita, arrastando o dedo do pé no chão. Seu humor mudou novamente, seu fogo esmaecendo.

— Ei, D. O que foi?

— Não... é nada.

— Você pode me dizer qualquer coisa.

— Eu gosto do meu quarto — ela começa, soando mais suave e menos confiante do que eu já a ouvi. — Eu amo o que você fez para me fazer sentir bem-vinda.

Sabendo que isso vai diminuir um pouco do meu tempo no sofá mais tarde, coloco um braço em volta dos ombros dela.

— Eu sei que você ama. Agora, o que mais você quer? É só pedir e é seu.

Ela olha para mim, seus olhos ainda um lindo azul sob essas luzes lamentáveis da loja.

— Não quero parecer ingrata.

— Você não vai. Você não é.

— Você teve tanto trabalho para deixar meu quarto perfeito. E não quero desperdiçar dinheiro ou ser uma diva.

— D, o que você quiser, você pode ter.

Não sei por que isso é difícil para ela. Ela sabe que dinheiro não é um problema para mim. Tudo neste lugar está em

liquidação, e estamos falando de outras pessoas comprando para nós, afinal. Ela poderia escanear metade do prédio e não importaria. Poderíamos sair e ir direto para a loja de móveis e comprar um novo conjunto. Eu faria isso.

Delilah não se move, paralisada com os olhos no chão sujo e o scanner nas mãos. Isso é muito maior do que uma lista de casamento, do que querer novos lençóis ou uma impressão artística emoldurada. Eu sei disso, posso *sentir,* mas não sei por quê. É mais um daqueles mistérios sobre ela que quero descobrir.

Envolvendo meu braço mais apertado em torno de seus ombros, eu a conduzo por um corredor vazio até que estamos abrigados escondidos por uma exibição de cortinas penduradas e uma prateleira com despertadores.

— Ei. Delilah, olhe para mim.

Há um conjunto sólido em seus ombros e um aperto em sua mandíbula. Com as mãos mais gentis do que eu já usei, eu roço as pontas dos dedos sobre suas bochechas, segurando sua mandíbula, pedindo, mas não forçando-a a encontrar meu olhar.

Quando ela o faz, ela está lutando para conter as lágrimas. A visão me divide em dois – uma metade um guerreiro vingativo querendo matar o que a machucou e a outra um homem terno que eu nunca fui antes, um que quer abraçá-la para afastar as suas mágoas.

— Isso, o que está nesta arma, é mais do que eu jamais tive. — Ela balança a cabeça, ri um pouco. — Quero dizer, jamais. Você pode somar tudo e isso ainda é mais. Eu não tinha um carregador de objetos de banho quando comecei a faculdade.

Eu não sei o que diabos é um carregador de objetos de banho – só consigo pensar em carregador de tacos de golfe e sei que não é isso que ela quer dizer. Também não é o ponto. Isso é culpa. Isso é vergonha. Isso é sentir que ela não merece coisas boas.

Eu tenho sido tão mimado. Embora eu tenha apreciado as coisas que tive toda a minha vida, não as questionei. Eu não tenho sentido falta. Nas sombras dos olhos de Delilah, vejo vontade, o eco do desejo e necessidade. Sem detalhes, ela acabou de me contar mais do que eu sabia sobre sua situação de infância. Convencê-la de que ela vale mil Bed, Bath, & Beyonds vai exigir um toque cuidadoso.

— As pessoas estão felizes em comemorar conosco. Você os está ajudando a saber o que você quer, o que eles podem dar.

— Mas isso não é real. — Seu sorriso se inclina, depois desmorona. — Eles estão comprando presentes por causa de uma mentira.

Estou tão cansado da maneira como ela pensa nisso como uma mentira. Basicamente, desisti da minha dignidade, desisti de qualquer esperança de desafiar os desejos do meu pai. Não estou mais pensando nele. Apenas em Delilah. Apenas nela, sempre ela.

A atração simples mudou-se firmemente para algo que é tão desconhecido que pode ser amor. E estou percebendo isso bem aqui nesta loja idiota.

Não posso evitar minha reação. Eu me inclino, deslizando meus lábios sobre os dela. Um roçar, depois dois, demorando quando ela não me empurra para longe.

Ela exala um suspiro satisfeito e eu deixo meus lábios reivindicarem os dela em um beijo que provavelmente está quebrando algum tipo de política da loja.

Não, *definitivamente* está quebrando a política da loja. Especialmente quando ela me empurra. Para longe, penso a princípio com a decepção quase me esmagando, mas não, ela está empurrando as minhas costas para a cortina, me acompanhando.

Há o som de anéis de metal raspando sobre a barra de exibição e, em seguida, as cortinas se fecham ao nosso redor. Estamos na semi-escuridão, tudo cheirando a fábrica nova, e Delilah me ataca, me beijando como se fosse uma batalha que ela planeja vencer.

Mas eu tenho minha própria veia competitiva. Estamos nos beijando como se fosse uma continuação de alguma discussão anterior e nós dois precisamos dar a última palavra.

Tudo bem por mim, porque seus lábios estão nos meus e suas mãos estão no meu cabelo. Ela cheira a eternidade, *minha* eternidade, e meu paladar está arruinado pelo sabor de seus

lábios. Comida e bebida sempre serão sem graça agora, porque eu tive *Delilah*.

Pelo menos até que ela me agarre pelos ombros e me empurre novamente. Desta vez, ela recua. Seus olhos estão selvagens e assustados na luz fraca. Como a minha, sua respiração é irregular e acelerada.

Com muita facilidade, ela se recompõe, alisando as mãos pelas roupas como se não tivesse acabado de me empurrar em uma cortina e me beijado como se fôssemos adolescentes.

— Lá se foi todo aquele tempo de carícias que você estava economizando — diz ela levemente.

Sua mão está na beirada das cortinas. Não quero que ela as abra. Eu não quero que as luzes fortes acabem com este momento, apagando-o. Eu não quero que ela dance para fora do alcance novamente.

— Delilah — eu digo. É *tudo* o que consigo dizer.

Não é o suficiente. Ela balança a cabeça levemente e abre as cortinas, desaparecendo no corredor e me deixando no escuro.

Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo, então o aliso para baixo. Isso não é uma derrota. Foi um passo à frente. Um grande.

E então... dez passos para trás.

Ainda assim, eu senti a paixão e a urgência naquele beijo. Combinou com a minha. Está lá. Esse pensamento me faz dar um passo para fora, piscando os olhos para a loja, que não é menos feia do que momentos atrás.

Delilah me devolve minha arma. Acho que deixei cair? Eu nem me lembro.

Sabendo que é o que ela precisa agora, eu dou a ela meu melhor sorriso libertino.

— Então, posso promover meu tempo de carícias para o tempo de beijo agora? Ok. Feito.

Seu dedo encontra meu peito e o espeta. Eu vou ter hematomas por todo o meu corpo e vou ser o homem mais feliz do mundo.

— Sem chance. Esta foi uma violação única.

Eu agarro sua mão, puxando-a para mim até nossos peitos se tocarem.

— Não me diga que você não adorou.

Ela não diz nada, mas o rubor em suas bochechas e o alargamento das suas pupilas me dizem tudo.

— Uma violação única. Não me faça adicionar meus próprios adendos — diz ela. — Você não gostaria deles.

— Talvez eu gostasse. Talvez eu goste de tudo que vem com você. Toda a bagagem. — Mais uma vez, estou dizendo a verdade, assim como fiz naquele dia em que o corpo de bombeiros chegou. Não tenho certeza se ela não ouve a verdade nisso ou se ela não confia em mim. Talvez, por causa da minha inexperiência com tudo isso, eu esteja apenas fazendo errado. Quero dizer, quem declara o seu amor no corredor desta loja ridícula?

Delilah sai do meu aperto, o que parece ser o tema da minha vida nos dias de hoje, e volta a escanear como se a conversa e o beijo nunca tivessem acontecido.

Eu a sigo enquanto ela silenciosamente estuda lençóis e travesseiros, testando as coisas com as pontas dos dedos, cheirando um conjunto de cobertores antes de apontar a arma para eles.

Quando ela pede licença para usar o banheiro no final, eu devolvo as armas e pego uma impressão do nosso registro. Depois do banheiro, Delilah ia encontrar novas assadeiras, que ela insiste em me comprar. Com um cupom.

— Está um pouco barato — diz a mulher. — Tem certeza que é tudo?

Eu escaneio a lista. Não é o suficiente. Toda esta loja não seria suficiente para Delilah.

— Por enquanto — eu digo, então tenho uma percepção. — Na verdade, você poderia me fazer um favor? — Pego minha carteira e coloco o cartão na mesa dela. — Vá em frente e passe tudo. Coloque neste cartão.

Seus olhos se arregalam.

— Tudo?

— Você disse que parecia barato — eu digo. — Agora é demais?

Ela franze os lábios.

— Tem certeza?

— Ela é tudo o que importa — digo a ela. — Eu quero que ela tenha tudo. Mas ela estará de volta a qualquer minuto, então pegue o número do meu cartão e passe tudo mais tarde. Eu vou assinar o que for preciso.

Assentindo, ela digita as informações no computador, enquanto eu mentalmente a apresso antes que Delilah descubra o que eu fiz.

Eu vou continuar pressionando ela, continuar perseguindo ela, e continuar mimando ela até que Delilah pare de pensar que ela não merece cada única coisa que eu queira dar a ela.

Capítulo Vinte e Um

Delilah

Quando Thayden entra em casa alguns dias depois, derrubo o livro que estou lendo, estremecendo quando ele cai com a página virada para o chão. Totalmente um crime literário. Não é tão ruim quanto deixá-lo cair na banheira ou dobrar intencionalmente o canto de uma página em vez de usar um marcador, mas ainda assim. As páginas de *Mrs. Dalloway* estão amassadas quando eu o pego e coloco cuidadosamente sobre a mesa.

Eu consigo ouvi-lo xingar e quebrar a cozinha, então vou atrás de Apollo, observando enquanto Thayden elimina suas frustrações dentro da geladeira.

— Dia difícil no escritório, *querido?* — Eu me inclino no batente da porta, fazendo minha melhor voz de June Cleaver. Não que eu realmente saiba como é a voz de June Cleaver. Apenas sei que ela é aparentemente o epítome de uma dona de casa.

Eu? Eu sou uma piada de uma noiva.

Thayden gira, parecendo chocado. Suas feições relaxam quando ele vê a inclinação do meu sorriso provocante.

— Eu pensei... — Ele balança a cabeça. — Deixa para lá. Sim. Hoje foi uma merda.

Eu vejo enquanto ele serve um copo de suco de laranja e coloca de volta no balcão como se estivesse em um bar. O que há de tão sexy em observar a garganta de um homem enquanto ele bebe? Percebi isso na noite em que ele entrou no meu quarto para fazer aquela serenata terrível. Estou começando a suspeitar que tudo que Thayden faz tem esse efeito em mim.

Agora mais do que nunca. Se você não quer se apaixonar por um homem pelo qual se sente atraída, você não deveria morar com ele. Na verdade, em alguns casos, isso pode ser exatamente o que você precisa. Você veria toda a roupa suja, todo o convívio do conforto de casa e superaria ele rapidamente.

Mas morar com Thayden? O homem é fragmentado. Ele costumava me deixar desconfortável e eu o teria arrancado da minha vida com prazer. Agora, no entanto, vi ainda mais do caráter do homem, os aspectos bons e sólidos em sua personalidade. Eu *gosto* dele. Mais do que isso, eu gosto de estar perto dele. Eu me sinto desolada quando ele sai para o trabalho, e me sento no sofá, fingindo que não estou o esperando tão entusiasmada quanto Apollo, que começa a andar de um lado para o outro por volta das cinco horas, embora ele tenha chego muito mais tarde desde Bed, Bath, & Beyond.

Eu pensaria que ele está me evitando depois daquele beijo que mudou minha vida se ele não estivesse trabalhando naquele grande caso com Duke. Na verdade, eu o evitei um pouco depois disso. Foi demais. Ele é demais.

Estou preparada para me casar com um homem que realmente adoro, enquanto sei que ele não queria se casar. Não por um contrato, nem nunca. Mesmo que ele esteja atraído por mim e goste de mim, e às vezes diga coisas super doces que fazem meu coração querer explodir.

Enquanto eu ainda estou olhando (tudo bem, estou *secando*), Thayden tira o paletó, jogando-o sobre a ilha em direção a um banquinho. Ele escorrega, caindo aberto no chão. Dou um passo à frente, sacudindo-o e colocando-o sobre o banco. E quando olho para cima, Thayden está sem a gravata, a qual provavelmente foi jogada em outro canto da sala, e desabotoou a metade de cima da camisa, revelando a pele lisa de seu peito e a cavidade entre as clavículas.

O homem é como uma torta colocada na janela para esfriar e eu quero dar uma grande mordida nela.

Em vez disso, me sento no banco ao lado de seu paletó, observando-o percorrer as mensagens em seu telefone, me perguntando o que aconteceu no trabalho. Ele quase nunca fala sobre seu trabalho, mas nas últimas semanas, enquanto esteve no tribunal, seu humor ficou cada vez mais sombrio. Quase consigo imaginar uma pequena nuvem de tempestade pairando sobre a sua cabeça.

— Quer falar sobre isso? — Eu engulo o "*querido*" que está preso na minha língua. Para qualquer outra pessoa, seria um sinal normal de afeto. Com Thayden, eu me contenho.

— Na verdade, não.

— Ok. — Começo a me levantar, mas ele empurra o telefone sobre o mármore branco e lustroso. Eu tenho que impedir que caia pela borda. Ele já está se iluminando com mensagens que parecem relacionadas ao trabalho. Não que eu tenha dado mais do que uma espiada. Mas é reconfortante que não sejam outras mulheres.

— Estou cansado disso — diz ele, e eu me acomodo com mais firmeza no meu lugar, esperando.

Ele passa as mãos grandes pelo cabelo, então agarra o balcão. Pela primeira vez, os fios não voltam ao lugar e eu luto contra o desejo de rastejar sobre o balcão e alisá-los, colocando-os de volta para baixo.

— Eu odeio o meu trabalho. Tudo sobre ele. Eu odeio o que eu faço, quem eu represento. Eu odeio as mentiras, os shows.

Seus olhos se voltam para mim na última palavra, como se me remetesse aos shows do concurso e isso fosse, de alguma forma, um insulto.

Eu balanço minha cabeça. Não sinto nenhum amor pelos concursos.

— Prossiga. — Eu balanço a mão. — Desabafe.

— Você já se perguntou o que está fazendo com sua vida?

Eu tento não sorrir, mas não funciona.

— Tenho vinte e três anos. Meu *trabalho* é cuidar do seu cachorro e casar com você por um ano. Então, sim. Eu já questionei minhas escolhas de vida uma ou duas vezes.

Seus lábios se contraem, mas seus olhos parecem tristes.

— Você nunca me disse. O que você quer fazer?

Eu juro, ele começou a dizer quando você crescer e, se ele concluísse, eu definitivamente teria jogado seu telefone nele. Mas ele se conteve e está sendo vulnerável. Eu mesma poderia muito bem experimentar.

— Ensinar — eu digo, deslocando meu peso um pouco. O banquinho de repente parece muito pequeno, muito duro, muito... alguma coisa. — Quero ser professora de literatura.

Por um momento, ele parece chocado. Então, eu posso vê-lo pensando, e ele finalmente acena com a cabeça. Esse pequeno gesto acalma a batida feroz do meu coração.

Esta é a primeira vez que admito isso em voz alta, além daquela única vez que foi com o meu orientador, que explicou o quão rígido é o mundo acadêmico. Como não é para todo mundo. Ou seja: não é para uma pobre coitada como eu.

Thayden bate os dedos no balcão.

— Eu consigo ver isso. Você seria incrível. Tudo o que você faz é ler livros que parecem vir de listas de leitura recomendadas pela escola.

Eu sorrio, tentando esconder o quanto suas palavras significam para mim.

— Eu leio outras coisas também.

Thayden se apoia nos cotovelos, curvando todo o corpo em minha direção.

— Como o quê? Você tem um estoque secreto de romances de banca escondidos debaixo da sua cama?

— O que é um romance de banca?

— Você nunca ouviu esse termo? — ele pergunta.

Eu balanço a minha cabeça e ele sorri.

Ficando de pé em toda a sua altura, Thayden desabotoa a camisa e a abre, flexionando os músculos. Ele não está vestindo uma camiseta por baixo hoje, o que significa que há muita pele tentadora em exibição. O que quer que seja um romance de banca, inscreva-me!

— Sabe, aqueles romances onde o cara é todo, assim, e a mulher é toda — ele puxa a camisa, apertando-a na cintura e, com a outra mão, abre o V da camisa fingindo um decote —, assim.

Ele bate os cílios e eu rio tanto que quase caio do banco. Ele desfaz a pose, sorrindo para mim e se apoiando nos cotovelos novamente. Eu não me importo nem um pouco que ele não tenha abotoado a camisa novamente.

— Sem julgamento se você os lê — diz ele. — Minha avó adorava.

Eu rio ainda mais.

— Não!

— Sim. Guardava pilhas deles debaixo da cama, logo atrás de uma saia para cama feita de tricô. É coisa de vovó. Embora sejam muito educativos para os rapazes também.

Eu engasgo em minha risada até parar.

— Você não roubou e leu os romances de sua avó!

— Ok. Eu não roubei.

— Thayden!

— O quê? Você deveria estar feliz. Quero dizer, as coisas que eu sei agora — Ele sorri como se estivesse fazendo um teste para o papel do vilão sexy em um filme, perverso e irresistível.

Eu grito e cubro meus ouvidos, mesmo estando quente sob a gola da camisa e realmente, *realmente* queira ouvir o final dessa frase. Que coisas ele *sabe* agora?

Eu deixo minhas mãos caírem quando ele para de falar, ainda sorrindo com a minha reação. Eu poderia confessar a minha leitura ocasional de romance sobrenatural – quem pode resistir a um macho féerico gostoso? Não essa garota, mas decidi parar enquanto estou ganhando. Eu volto o assunto para ele.

— Por que você não se demite? — O sorriso desaparece de seu rosto e Thayden apenas me encara.

— O quê?

Eu dou de ombros.

— Você odeia o seu trabalho. Se demita. Deixa para lá. Encontre uma coisa nova. Ou comece a sua própria empresa, fazendo as coisas do jeito que você gosta.

Eu sei que ele deve ter considerado isso. Se tem uma coisa que o homem é, é ser lógico. Mas eu juro, é como se eu tivesse dito a ele que há uma colônia em Marte. Eu atingi um nervo, terminando a brincadeira leve e o doce vai-e-vem.

— Não posso.

Não digo nada. Ele tem uma família com dinheiro. Não sei quanto, mas sei que é o suficiente para que ele provavelmente não precisasse trabalhar novamente e ficasse bem. Eu não deveria estar surpresa. Afinal, ele concordou em se casar comigo para assumir a empresa da família.

Eu deveria estar encorajando isso? Porque se ele se demitir, ele não precisa se casar comigo, o que significa que eu não recebo o dinheiro. O restante do pagamento que está definido para ser entregue após o casamento. Eu teria que devolver o que já paguei nos meus empréstimos?

Meu peito está queimando, de repente, e eu esfrego a mão no meu esterno, tentando aliviar a dor. Não, mesmo se eu tivesse que pagar Thayden de volta, eu prefiro encorajá-lo a fazer o que ele quer do que mantê-lo preso neste arranjo no qual ele nunca pareceu muito interessado.

— Por que *você* não volta para a faculdade? — ele pergunta, e eu não gosto de como o seu tom soa agudo, nem da acusação por baixo dele.

Talvez a acusação venha de mim e eu esteja apenas ouvindo um eco, a palavra *covarde* sussurrada ao vento. A queimação atrás das minhas costelas muda para raiva, não para preocupação. Estou sugerindo um plano de ação para ele por bondade, e ele está jogando minha ambição em mim como se fosse uma farpa. Se é assim que ele quer jogar, tudo bem.

Eu me levanto, alisando a minha saia. Apollo aparece, ou talvez ele estivesse aqui o tempo todo, e se inclina para mim.

Minha mão encontra sua orelha, esfregando daquela maneira familiar que se tornou como um reflexo.

— Temos um aconselhamento pré-matrimonial para ir — eu digo. Nenhum de nós está entusiasmado com isso, que é uma exigência do homem que Elizabeth encontrou para fazer nossa cerimônia. — E depois jantar na casa de Zoey e Gavin.

Por alguma razão, estou ainda menos ansiosa pelo jantar. Não sei se é o humor de Thayden, ou o fato de ser difícil fingir na frente dos meus amigos que não estou a cada dia mais me apaixonando por esse homem.

— Certo. — Thayden se endireita e se afasta de mim, indo para a lavanderia.

— Me encontre no carro em dez minutos — ele diz por cima do ombro, fazendo-me sentir como uma criança errante.

— Tudo bem

— Excelente.

A única coisa mais embaraçosa do que a viagem de carro a caminho do escritório do reverendo Billy Blanks em um prédio desinteressante é o silêncio quando o bom reverendo mergulha direto em perguntas para as quais não temos respostas.

Como o bomba que ele estoura com:

— Vocês preferem começar com dinheiro ou sexo?

Ele sorri com o nosso choque, provavelmente acostumado a começar todas as suas sessões dessa maneira. Estreito meus olhos, estudando sua careca brilhante e seu colete de couro sintético preto. Ele tem um rosto de bebê, e eu não quero dizer da maneira normal. Seu rosto é como a lua, inchado e redondo e tão liso quanto a cúpula branca e brilhante de sua cabeça. É como se alguém pegasse a cabeça de uma criança, a redimensionasse e a jogasse em cima desse corpo enrugado.

Não tenho certeza de onde Elizabeth encontrou esse cara, mas sei que ela estava desesperada por causa do curto prazo. Ela foi capaz de planejar muito em tão pouco tempo, mas encontrar alguém para nos casar lhe deu muitos problemas. A placa em sua mesa diz Billy Blanks, Grande Reverendo. Isso é uma coisa? E um cara fitness famoso não tem o mesmo nome? ESTE é o famoso cara fitness? Gostaria de saber se posso fazer uma busca discreta no Google ou enviar uma foto para Harper.

— Por que você... — Thayden tosse, se inclina para frente em sua cadeira e faz o possível para fingir que não estou aqui. Eu não ficaria surpresa se ele colocasse a mão em forma de concha em volta da boca como se estivesse contando um segredo. — Por que começar por aí?

O reverendo, que parece um nome adequado para o homem, apenas sorri.

— Esses tendem a ser os maiores pontos de conflito em um casamento. Não gosto de perder tempo e falta pouco mais de uma semana para o casamento. Não adianta ficar enrolando.

Sexo ou dinheiro? Ou, podemos sempre começar com a história da família?

— Dinheiro! — nós dois dizemos ao mesmo tempo, praticamente em um grito.

Depois de trocarmos um rápido olhar, Thayden e eu voltamos a fingir que não nos vemos. A tensão da nossa conversa na cozinha ainda perdura e eu odeio isso.

Eu fungo.

— Podemos começar com dinheiro. Embora estejamos bem.

A cabeça de Thayden se vira para mim e o reverendo sorri ainda mais. Em qualquer outra pessoa, essa reação poderia me fazer sair da sala, mas há algo genuíno sobre o homem. E eu já vi a minha cota de pessoas hipócritas da igreja, então sou boa em descobrir a diferença.

— Essa é uma declaração interessante. Thayden, você concorda? Devemos seguir em frente porque o dinheiro não é um problema para vocês?

— Não.

Agora minha cabeça dá um solavanco e meus olhos são pequenas fendas antes mesmo de eu voltá-los para Thayden. Não consigo explicar o motivo da minha raiva imediata com a resposta dele.

— Como assim não? Não, não é um problema ou não, você não concorda?

— Quero dizer... — Thayden faz uma pausa, lambe os lábios, e então fala cuidadosamente, como se estivesse pesando suas palavras grama por grama em uma balança digital de cozinha. — Quero dizer, as coisas estão bem agora em ambos os departamentos, mas eu não diria que dinheiro não é um problema. Acho que podemos evitar futuros conflitos no caminho, abordando-os agora. Em um espaço seguro. Com uma parte neutra para... arbitrar.

Oh, ele vai precisar de um árbitro. Estou me preparando para aplicar cartão vermelho em mim mesma e dar o fora do campo.

— Delilah? Você é favorável a essa ideia?

Eu respondo porque ele usou a palavra *favorável,* uma palavra do vocabulário que eu lembro da nona série.

— Tudo bem.

O reverendo se volta para Thayden.

— Por que você não começa? O que faz você querer discutir dinheiro? Existem potenciais problemas que você pode ver no futuro?

Eu cruzo os meus braços. Sim, amigo. Vá em frente e comece. Bata-me com uma lista desses potenciais problemas.

Thayden olha para suas mãos, grandes e desajeitadas em seu colo, como se não soubesse o que fazer com elas. Estou fazendo o meu melhor para observá-lo enquanto estudo o pôster do Pink Floyd acima da mesa do reverendo. Agora, por que ele tem

um pôster do Pink Floyd no escritório onde está fazendo aconselhamento conjugal?

— Acho que... muitas vezes namorei mulheres que estavam interessadas no meu dinheiro. E só meu dinheiro.

Minhas bochechas são dois sóis vermelhos, ardendo de ciúmes e uma raiva que vem não sei de onde.

— Delilah, isso parece ter causado uma reação sua. Quer compartilhar?

O que eu quero fazer é arrancar aquele sorriso da bochecha lisa do reverendo. Isso não é uma apresentação pré-escolar. Não, não quero compartilhar que imediatamente sinto ciúmes daquelas mulheres com quem ele saiu *muitas vezes,* ou a vergonha de saber que estou, literalmente, me casando com ele por dinheiro. Toda essa conversa está me fazendo suar. Então, sim, talvez eu tenha alguns problemas financeiros mais profundos.

Por um momento, a sala fica em silêncio. Olho para um vaso de plantas no canto da mesa. Está precisando muito de água. Quando não digo nada, Thayden continua.

— Delilah parece se opor que eu compre as coisas para ela, que eu a trate como eu quero tratá-la. Se eu me ofereço para pagar por algo, ela resiste, mesmo que precise de ajuda e eu esteja mais do que feliz em oferecer sem segundas intenções.

Eu penso nele consertando Annabel Lee. As refeições que ele pediu para mim quando estou sozinha na casa dele, a reforma do quarto antes de me mudar. O homem certamente

tentou me mimar. E ele está certo. Por mais que secretamente eu ame, tenho resistido.

— O dinheiro é, e sempre foi, um problema para mim. — Eu engulo o bolo na minha garganta, então encontro os olhos de Thayden. — Mas eu nunca estive interessada em você pelo seu dinheiro.

O verde em seus olhos parece brilhar, se iluminando com o cintilar de uma esmeralda. Ele acena com a cabeça, os lábios se contraindo como se estivesse segurando um sorriso que está preso.

— Acho que não estou acostumada com as pessoas me mimando. E não estou acostumada a um estilo de vida em que o dinheiro não é um problema, onde você não precisa contar até o centavo para ter certeza de que pode pagar o aluguel. É uma adaptação.

— Bom, bom — diz o reverendo. Quase esqueci que ele estava aqui. — Thayden admitiu inseguranças sobre ser usado. Você compartilhou que sua situação financeira passada a afeta até agora. Algum medo ou insegurança sobre casamentos, Delilah?

Por onde devo começar a lista? Com os meus problemas de confiança ou o fato de ter visto tantos relacionamentos terríveis acontecendo bem na minha frente? Agora há medos adicionais, específicos da situação com Thayden. Que esse casamento no papel realmente está escrito mais no meu coração. O que significa que em algum momento, provavelmente quando as

linhas entre o real e o falso ficarem mais borradas, esse homem vai me quebrar.

— Eu, hum, não tive um exemplo de um relacionamento saudável enquanto crescia. — Eu posso ouvir meu sotaque escorregando, como se ele tivesse saído de sua gaiola. Eu apenas posso conter um pouco de cada vez. — Eu não conheci o meu pai. E minha mãe passou por homens como uma caixa de lenços. Eu não queria isso para mim, mas eu...

O tapete grosso sob meus pés de repente precisa da minha atenção. Posso ver as linhas onde alguém aspirou recentemente. Mas, eles não aspiraram um lugar, onde um cotão de poeira do tamanho do meu punho sopra suavemente na brisa da ventilação do ar condicionado. Eu não queria falar sobre isso. Por que estou falando sobre isso?

Mas quando ninguém fala, eu flexiono meus dedos e continuo.

— Eu não serei minha mãe. Eu quero fazer isso só uma vez. E eu quero acertar.

Exceto... o próprio fato de estarmos aqui na sala significa que eu quebrei minha própria promessa para mim mesma, aquela que fiz para uma estrela há tanto tempo. Mercúcio está morrendo em algum lugar, provavelmente enviando uma praga em nossas duas casas por isso.

Do nada, Thayden estende a mão e pega a minha, entrelaçando nossos dedos. Estou instantaneamente ancorada.

— Eu também quero isso — diz ele.

Será que ele quer? Ele realmente quer? Eu o estudo, tentando ver a verdade através de suas palavras.

— Então, bom. Parece que vocês estão na mesma página — diz o reverendo.

Mesma página, talvez, mas não posso deixar de me perguntar se estamos segurando livros muito diferentes.

— Perfeito. — O reverendo bate palmas. — Agora, vamos falar sobre sexo. Vocês sabem o que dizem: esposa feliz, vida feliz. — Ele faz uma pausa dramática. — Na cama.

A mão de Thayden congela na minha. Eu não consigo olhar para ele. Eu não consigo olhar para o reverendo. Quer dizer, em um contexto normal, isso é uma coisa saudável para discutir. Para os casais discutirem. Privadamente.

Aqui e agora? Não. Sem chance. Não com este reverendo duvidoso e o homem com quem este assunto é irrelevante.

O reverendo junta os dedos e olha alegremente para nós do outro lado da mesa. É inquietante. Ele é *um* reverendo do que, exatamente?

E por que não fiz essa pergunta antes? Isso poderia ter nos salvado de ter essa interação embaraçosa.

Vou desaparecer da existência, assim como aquela planta murcha na mesa. Talvez tenha morrido assim, ouvindo esse homem desajeitadamente aconselhar as pessoas.

— Eu não acho... — Thayden começa.

— Deixe-me dar uma pausa.

O reverendo abre a gaveta da mesa e eu aperto a mão de Thayden porque não sei o que ele vai tirar. Um panfleto sobre sexualidade? Uma pintura de Georgia O'Keefe? Uma arma?

Uma página fotocopiada parecendo ter vindo de um livro de anatomia não é o que eu esperava. Eu nem sei se é pior ou melhor do que as outras opções. Ele a pressiona na mão de Thayden. À segunda vista, parece uma daquelas páginas extravagantes para colorir para adultos, não um diagrama de livro didático.

Ah, espere, *é* uma página para colorir. O que traz um significado totalmente novo para livros *adultos* de colorir. O reverendo puxa um pacote de dez canetinhas em seguida. Canetinhas coloridas e laváveis, como as que eu usava quando criança.

Não. Não. Nem um pouco.

Nós NÃO iremos codificar por cores os pontos mais delicados da anatomia feminina junto com um homem-bebê maluco que eu suspeito que não seja um reverendo legítimo de nada.

Thayden e eu estamos de pé ao mesmo tempo, as mãos ainda unidas como se fôssemos dois super-heróis prontos para combater a injustiça, não duas pessoas muito desconfortáveis que não precisam colorir partes femininas em um papel impresso.

— Acho que terminamos aqui — diz Thayden. — Isso é altamente inapropriado.

O homem bate nas canetinhas.

— Mas nós nem mesmo...

Antes que eu possa piscar, Thayden grita um adeus apressado e me puxa em direção a porta. Não precisa dizer duas vezes. Estou seguindo-o, fechando a porta para sempre.

Nós corremos, não andamos, pelo corredor, e Thayden amassa a página para colorir em sua mão, jogando-a no primeiro lixo que vemos. Ela entra de primeira e afunda dentro.

Estou rindo, e Thayden me lança um sorriso infantil.

— Bem, isso foi esclarecedor — diz ele. — Pronta para juntar os trapos?

— Eu me sinto perfeitamente preparada para o casamento agora — eu digo, rindo ainda mais quando chegamos à porta e entramos na luz do sol.

Thayden pega seu telefone com a mão livre. Ele ainda não largou a minha e, honestamente, eu vou aceitar qualquer toque dele agora, então eu não resisto. Eu odiava a sensação de antes, quando não estávamos nos falando. Thayden e eu damos tudo de nós, mas na maioria das vezes, é uma boa diversão. Quando é um conflito real, eu odeio.

— Mamãe? — ele diz, me dando um olhar de lado. — Não sei onde você encontrou o estimado reverendo Billy Blanks, mas vamos precisar de um novo pastor.

Capítulo Vinte e Dois

Thayden

Depois de vasculhar vários vídeos de exercícios do *outro* Billy Blanks, descubro que nosso conselheiro matrimonial recém-demitido é um reverendo qualquer da internet. Não faço ideia de como mamãe o encontrou, embora ela jure que um amigo de um amigo indicou ele. Na verdade, eu me inscrevi para me tornar um reverendo através do site listado em seu perfil, assim que eu pague os $49,99 não reembolsáveis, também serei um reverendo.

Um advogado e um reverendo – que bom partido serei! Se ao menos a única mulher que eu quero pegar me deixar ser.

Quando Zoey nos deixa entrar na casa que ela e Gavin agora dividem, o cheiro de alho e gengibre me deixam com água na boca. Acho que discussões e sessões de aconselhamento embaraçosas podem aumentar o apetite.

— O que é isso? — Delilah pergunta, farejando o ar como um cachorrinho. — Você cozinhou, querida?

Zoey ri.

— Não. Pedi comida indiana para viagem. Tenho uma garrafa de vinho aberta na cozinha.

— Delícia.

Delilah não espera por mim, movendo-se em direção à cozinha de conceito aberto como se estivesse sonâmbula. Claramente, nossa desastrosa sessão de aconselhamento e a tensa conversa anterior tiveram zero impacto em seu apetite.

Zoey toca meu braço e eu fico para trás por um momento. Desde o que eu gosto de chamar de nosso momento *Orgulho e Preconceito*, Zoey está do meu lado. Mas também já vi seu rosto assustador e raivoso. Lembro-me dela jogando minhas roupas na piscina. Zoey é como o oceano e, um homem que não sente respeito e talvez até um pouco de medo disso, é um tolo.

Ela me estuda e eu me pergunto o que ela vê.

— Gavin está no banho. Ele vai sair em um minuto. Tudo certo? — ela pergunta. — Como as coisas estão indo?

Eu balanço para trás em meus calcanhares, quase envergonhado o suficiente para mentir.

— Nada... bom. Acho que não estou progredindo muito.

A menos que você conte sessões ocasionais de carinho enquanto assiste à Netflix, beijos aleatórios que fingimos que nunca aconteceram e mãos dadas enquanto fugimos de reverendos da internet. Fizemos algum progresso, mas sinto que estamos andando em círculos.

Zoey suspira.

— Mantenha-se firme. Não desista.

— Não estou planejando desistir, mas não tenho muita esperança. No entanto, somos bons colegas de quarto. Bons amigos.

Seríamos melhores do que amigos se Delilah me deixasse entrar. Mas parece que na maioria das vezes, quando tento conhecê-la melhor ou trazer à tona assuntos mais sérios, ela consegue desviar. Ela é como o guarda de trânsito das conversas, redirecionando o tráfego em torno de um enorme buraco que ela não quer que eu veja.

Ela me contou qual é seu grande propósito hoje, o que honestamente me chocou. Tanto pelo sonho em si quanto pelo fato de ela ter me contado. Levei um momento para imaginar Delilah na frente de uma sala de aula, lecionando com um marcador para quadro em uma mão e um controle de projetor na outra. E, então, eu realmente consegui ver isso. Talvez até um pouco *demais*, porque a imagem mental de Delilah na frente de uma sala de aula é uma da qual eu gosto. Muito.

Falar sobre planos futuros de emprego não deveria ser grande coisa, mas fazê-la admitir isso foi semelhante à arrancar os dentes, e depois ela não ofereceu mais nada, como o motivo pelo qual ela ainda não está seguindo esse caminho. Se eu tivesse que adivinhar, é dinheiro, que já é um assunto complicado entre nós, como evidenciado em nossa sessão de aconselhamento.

Apesar de sua inadequação, o reverendo Billy Blanks tinha razão em começar com dinheiro. Delilah pode não achar que ela tem problemas com isso, mas ela tem. Grandes. Quase sinto que minha riqueza não funciona a meu favor em termos de um

relacionamento real. Claro, essa mesma riqueza fez com que ela concordasse em se casar comigo, então é um verdadeiro dilema.

— Vamos lá — Zoey diz. — Vamos ver como anda o jantar.

Delilah nos encara com olhos semicerrados como fendas enquanto caminhamos em direção à cozinha, mas ela não diz nada. Fico surpreso quando ela me entrega uma taça de vinho tinto.

— Parece que você poderia precisar beber isso — diz ela.

— Obrigado. — Tomo um gole, notando que Delilah parece estar olhando para minha garganta enquanto bebo. Quando ela me pega assistindo, suas bochechas coram.

— Nós dois poderíamos precisar de uma bebida depois daquele show de horrores — ela murmura, mas está sorrindo.

— Que show de horrores? — Zoey pergunta enquanto arruma os pratos.

— Aconselhamento — Delilah diz, bebendo seu vinho e arrancando um pedaço de naan[8] de uma das sacolas.

Zoey afasta as mãos e alinha todos os recipientes de comida no balcão com colheres de servir.

— Aconselhamento matrimonial? — Zoey pergunta, olhando para mim.

— Minha mãe contratou alguém para realizar a cerimônia — eu explico. — Ele exigiu pelo menos uma sessão com ele de antemão. A qual encurtamos um pouco.

---

[8] Naan é um pão tradicional indiano feito a base de trigo.

— Nós também o demitimos. — Delilah se vira para mim. — Você confia em sua mãe para encontrar um novo? Eu não tenho tanta certeza.

Eu pego meu telefone e mostro a ela a tela, ainda aberto no site onde você pode se tornar um reverendo de qualquer coisa.

— Eu poderia eu mesmo nos casar assim que colocasse o número do meu cartão de crédito.

Delilah apenas encara o telefone.

— Ah, cale a boca.

— Já está calada.

Zoey bufa com a minha piada sem graça, e Delilah não pareceu ouvir.

— Como você encontrou esse site?

— Acredite ou não, foi aqui que nosso estimado conselheiro conseguiu sua licença. Sem grande surpresa, certo?

— O que ele fez de tão ruim? — Zoey pergunta, servindo-se de uma taça de vinho.

Nós trocamos um olhar e imediatamente começamos a rir. Ainda estamos rindo um tempo depois, quando Ella entra do pátio externo.

Delilah sussurra em voz alta:

— Não é adequado para pequenas orelhas. Te conto depois.

Os olhos de Zoey se arregalam.

— Tão ruim assim, hein?

— Ruim assim — eu confirmo.

— O que foi ruim? — Gavin pergunta, saindo de seu quarto e beijando Zoey na bochecha. Ele beija a bochecha de Ella também antes de pegar uma taça de vinho.

— A sessão de aconselhamento deles — Zoey diz.

— Eu odeio aconselhamento — Ella diz com um revirar de olhos. — Papai me faz ir.

As crianças em geral me deixam nervoso, mas vou ser honesto, a filha de Gavin me aterroriza mais do que a maioria. Eu sei que não é culpa dela – é definitivamente da mãe dela – mas ela parece muito uma adulta presa no corpo de uma criança. Eu nunca diria isso ao meu melhor amigo, obviamente. Talvez eu só precise passar mais tempo com ela.

— A minha me faz desenhar imagens sobre os meus sentimentos. Ela não percebeu que todos os meus desenhos são irônicos.

Não. Quanto mais tempo com ela, mais aterrorizante Ella é. Gavin e Zoey trocam um olhar por sobre a cabeça de Ella.

— Como está sua carreira musical, docinho?

Ella se ilumina, perdendo aquela postura cínica e dura.

— Vou cantar em outro casamento este mês e me pediram para tocar em um festival. — Seu rosto se entristece um pouco. — Para crianças. Mas eu sou a única artista que não é adulta.

— Estou tão orgulhosa de você — Delilah diz, apertando o ombro de Ella.

Preenchemos os pratos, no estilo buffet, e seguimos para a grande mesa de jantar.

— Isso é novo. — Sento-me ao lado de Delilah e em frente a Gavin. Ella está sentada na cabeceira da mesa, como uma pequena rainha.

— Eu realmente não precisava de uma mesa grande antes. — Gavin sorri para Zoey, e eu não vou revirar os olhos. Eu não vou. Eles ainda estão na fase de lua de mel e, além disso, estou bastante feliz que eles se encontraram.

De repente, o pensamento de que *estou* prestes a entrar na minha fase de lua de mel me atinge.

Ainda nem contei a Delilah sobre a lua de mel, principalmente porque tenho medo de que ela diga que é muito caro e não pode ir. Ela provavelmente tem um fichário de desculpas prontas para as coisas que eu sugiro. Especialmente se envolverem que eu gaste dinheiro.

Então, eu não diria que estou planejando exatamente um sequestro, mas meus planos talvez estejam um pouco mais próximos do involuntário do que eu gostaria.

— D, nós realmente queríamos pedir alguns conselhos para Ella. Você sabe, sobre se apresentar e estar no palco quando criança. Esse tipo de coisa — Zoey diz.

Delilah abaixa o garfo, apertando os lábios. Ela esconde sua expressão atrás do guardanapo.

— Hã?

— Eles não querem que eu me transforme em um monstro — Ella diz, zombando. — Como em todos aqueles programas de TV com garotas que dançam e outras coisas.

A expressão de Gavin é séria quando ele olha para Ella.

— Estamos orgulhosos de você e queremos que você... persiga seus sonhos.

Seu tom se torna um pouco engraçado quando ele diz isso e Zoey lhe dá um pequeno aceno de cabeça. Claramente, eles não estão totalmente na mesma página sobre isso.

A verdade é que Ella sabe cantar. Quando a ouvi no casamento deles, quase caí para trás. Ela parece uma criança, age como uma meio adulta com atitude de adolescente e canta como se estivesse no palco do Country Music Association Awards.

Delilah dobra o guardanapo em seu colo e sorri levemente para Ella.

— O que você quer saber, Ella-bell?

Ella pondera sobre isso, mastigando devagar.

— Quero ser uma estrela. — Seu olhar desliza para Zoey e Gavin. — Aquela que chega lá por causa de talento e garra. E eles não vão me deixar se eu ficar toda diva. Talvez você possa me ajudar com isso.

Eu ouço Ella murmurar baixinho:

— Eu não sou uma diva.

Delilah não disse nada e estou francamente me perguntando por que Gavin e Zoey estão pedindo conselhos. Pelo o que eu sei, ela competiu em alguns concursos locais quando criança. Dificilmente é o mesmo que ir para Nashville, que Gavin mencionou ser o novo sonho de Ella.

A menos que Delilah não tenha me contado tudo. De repente, me sinto um tolo. Porque aposto que sou o único no ambiente que não sabe a verdade sobre suas competições.

— Zoey me disse que sua faculdade foi paga por concursos — Gavin diz, quando Delilah ainda está sentada, olhando para sua taça de vinho.

Isso é definitivamente mais sério do que algumas pequenas competições. Parece que enfiaram um pedaço de pau no meu peito, se alojando ao lado do meu coração. Por que ela simplesmente não me contou? Não é como se fosse uma coisa ruim. Ela deveria se orgulhar das conquistas, não menosprezá-las. E por que Gavin sabe?

— O suficiente para pagar uma parte da minha faculdade — diz Delilah. Seus olhos se viram para mim, então pousam em Ella. — A chave é lembrar que quando você está no palco, quando está se apresentando, é você, mas também é outra pessoa. Uma... projeção de você e de quem as pessoas pensam que você é. Mas ainda precisa ser fiel a você. É uma parte de você e elas devem combinar, mas você deve se conter o suficiente para não desaparecer sob todas essas luzes e o peso das opiniões de outras pessoas.

Por um momento, há um silêncio atordoado. Delilah dá um suspiro trêmulo, então diz:

— É um trabalho, e mesmo que você o ame, não é quem você é, mas o que você faz. Lembre-se disso e você ficará bem.

Os olhos de Ella estão arregalados, como se ela não esperasse um conselho de verdade. Percebo um movimento, é Gavin e Zoey, suas mãos se encontrando na mesa, apertando quando um olhar passa entre eles. Tão fácil. Tão natural.

Eu gostaria de segurar a mão de Delilah, mas nunca tenho certeza se ela vai morder o meu pulso. Ainda assim, posso vê-la parcialmente vibrando de emoção ao meu lado, como se algo estivesse sacudindo uma porta, tentando forçá-la a abrir.

Casualmente, deslizo minha mão em direção ao colo dela, tentando encontrar a dela sem acidentalmente tocar a sua coxa ou barriga. Eu sei que ela arrancaria minha mão, então.

Mas mal cheguei lá quando seus dedos encontram os meus, agarrando e apertando com força, com um desespero que faz com que sentimentos felizes e calorosos se expandam em meu peito. Eu me sinto *necessário*.

E embora o que eu realmente queira seja tudo dela, não só os pedacinhos que ela está me jogando, eu vou pegar qualquer coisa que eu conseguir.

O resto da noite passa rapidamente e saímos quando Gavin e Zoey dizem a Ella para escovar os dentes. Ela surpreende a todos dando um abraço enorme em Delilah, um que eu tenho inveja.

— Obrigada, tia D — diz Ella. — Boa noite, tio T.

Meu coração escala pela minha garganta como se fosse uma parede de pedra, lutando para segurar as mãos e os pés enquanto eu engulo em seco. Quando Ella sai pulando pelo

corredor, de um jeito mais infantil do que eu já a vi ser, Zoey suspira, e vejo que seus olhos estão marejados. Ela abraça Delilah em seguida, então me choca com me dando um abraço.

— Obrigada — Zoey diz, então fecha sua mandíbula trêmula e segue Ella.

Gavin parece pensativo enquanto nos leva até a porta, e Delilah e eu não falamos até que meu carro esteja seguindo a estrada sinuosa pelas colinas.

— Então — eu digo como se estivesse soltando uma bomba dentro do carro, tentando iniciar uma conversa.

— Então.

— Hoje foi...

— Sim — Delilah diz. Ela joga a cabeça para trás e ri. Então ela ri um pouco mais.

Eu deveria estar fazendo a curva para sair do bairro, mas estou preso neste sinal de pare, totalmente distraído por Delilah. Eu amo a versão livre dela, quando ela solta uma risada ou um discurso verbal.

— Foi como um encontro de casal de verdade — diz ela.

Eu respondo com cuidado, sem saber pelo tom dela o que ela pensa sobre isso.

— E ninguém morreu. Nós poderíamos tornar isso tão real quanto você quiser — eu digo, meu tom leve.

— Aposto que sim — Delilah diz, zombando.

Eu sei que sou um covarde por não dizer a ela que estou falando sério. Que nada disso é falso para mim, embora possa

ter começado como um acordo. Um que eu não queria em primeiro lugar, mas agora me forneceu acesso diário a essa mulher, me deu a desculpa para estar perto dela, para tê-la sob meu teto, para conhecê-la melhor. Ao mesmo tempo, ela se sente um pouco mais distante de mim por causa dos contratos, papéis e acordos entre nós.

Eu quero pedir a ela para ser minha, de verdade, mas não tenho certeza de qual protocolo seguir para pedir uma mulher em namoro quando ela já está usando seu anel de noivado no dedo.

Um carro buzina, me fazendo pisar no freio.

— Cuidado aí, Danica Patrick — ela diz.

— Oh, você está me comparando com motoristas mulheres agora?

Delilah volta toda a intensidade de seu olhar para mim.

— O que há de errado em ser comparado a uma motorista mulher?

— Nada de errado. Danica daria voltas ao meu redor.

— Sim, ela iria.

Consigo sair do bairro, com cuidado desta vez.

— Você gosta de NASCAR?

Eu nunca entendi a atração por corridas. Ou boxe. Sou um fã de beisebol e futebol americano, o puro estereótipo americano.

— E se eu gostar?

— Acho que vou precisar que você me ensine qual é o problema.

Ela faz um som irritado. Eu amo esse som. Eu amo a irritação dela, porque não é uma irritação de verdade. É flerte. E mais do que isso, é um *sentimento real*. Eu quero que ela sinta tudo comigo.

— Eu não gosto. Mas também não gosto de futebol. Futebol americano, no caso.

— Oh, não, você é uma dessas?

Ela está rindo de novo, e eu quero dirigir em círculos pela cidade, mantendo este momento vivo. Então, viro na contramão, seguindo pela via expressa MoPac, sem destino em mente.

— Suponho que a seguir você vai me dizer que gosta de futebol inglês.

— Ei! Eu joguei futebol. — Ela me cutuca no braço. — Quero que você saiba que eu era brutal.

— Não tenho dúvidas disso. Você emoldurou todos os seus cartões vermelhos?

Delilah se mexe em seu assento, virando de lado para que ela esteja olhando para o meu perfil. Sinto uma vontade repentina de passar a mão no rosto, só para ter certeza de que não tenho molho de masala na barba ou algo assim.

— Sou brutal apenas com você — diz ela suavemente. — O que você acha que isso significa?

Eu engulo a resposta do que eu espero que isso signifique, que é que ela gosta de mim. Se eu sou o garoto puxando suas tranças, ela é a garotinha pisando no meu pé.

Eu preciso manter meus olhos na estrada, embora eu queira tanto olhar para ela. No entanto, é provavelmente melhor eu não olhar. Pode assustar e afastar esse humor verdadeiro.

— Não tenho certeza, mas espero que você não pare tão cedo. Acontece que eu amo o seu fogo.

Então, a conversa se esgota um pouco, mas não é desconfortável. Quando ela abre a janela, eu faço o mesmo. Estamos fora da rodovia agora, dirigindo por estradas montanhosas e rurais. Ela tem que saber que não estamos indo para casa, mas ela apenas relaxa com um suspiro enquanto os sons da noite enchem o carro.

Esperando não acabar com o clima, aperto o volante com um pouco mais de força e digo:

— Aquele lá foi um bom conselho. Para Ella.

Delilah murmura uma resposta evasiva. Estou surpreso quando ela fala um momento depois.

— Por que você simplesmente não faz as perguntas que estão em sua mente?

Não sou tão sutil quanto gosto de pensar. Esta mulher acaba com qualquer jogada que eu faça. Mas se ela quer que eu seja direto, talvez este seja o momento para isso. Não consigo olhar para ela, não sem sair da estrada. Eu não posso fazer mais do que

segurar a mão dela também. Ela está segura, encostada na janela aberta, o rosto envolto no escuro.

— Tenho a sensação de que você odiava os concursos, embora também pareça que você teve mais sucesso do que eu imaginava.

— Eu nunca fui Miss Alabama, para a vergonha da minha mãe.

Nós dois carregamos isso, as amargas e dolorosas frustrações por causa de terríveis figuras paternas. É a primeira vez que a ouço dizer isso, e eu fecho a minha boca, deixando-a ter o palco.

— Eu adorava os concursos. Pelo menos, a princípio. Todas as luzes, toda a atenção. Eu era um pouco carente por isso.

Quase posso imaginar Delilah como uma garotinha, se enfeitando sob as luzes, desejando que alguém se importasse com ela mais do que o show que ela fazia.

— Foi mais do que isso para minha mãe. Eu era seu... vale-refeição. Seu cofrinho, essencialmente.

Eu franzo a testa.

— Pensei que fossem programas de bolsas de estudo.

— Eles são, tecnicamente. E eles podem ser caros, pois todos saem para competir. Mas há alguns prêmios em dinheiro, além de outros endossos e acordos. Mamãe encontrou uma maneira de fazer disso seu negócio. De fazer de *mim* o seu negócio. Em mais de uma maneira.

Ela abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas então suspira, inclinando a cabeça contra a janela. Eu arrisco um

olhar, e ela está olhando para a lua crescente, que lança um brilho amanteigado em sua bochecha.

— No final, eles me deram o que eu queria, uma forma de escapar. Eu não vou voltar — ela diz suavemente, mais para si mesma do que para mim.

Estendendo a mão pelo painel, toco o que consigo alcançar, a parte interna de seu cotovelo. Ela não responde me dando a mão, mas relaxa, deixando-me puxar seu braço em minha direção. Eu traço a dobra de seu cotovelo, deslizando meus dedos sobre sua pele até ela estremecer.

Eu sei que não devo perguntar qualquer outra coisa, e ela me deu mais do que normalmente me daria, ainda que deixando um monte de espaços em branco que só posso adivinhar. Uma vez me questionei como ela poderia entender a dinâmica da minha família, as manipulações do meu pai. Percebo agora que ela e eu temos mais em comum do que jamais pensei.

Dirigimos assim por mais uma hora, sem direção, sem destino, até eu finalmente voltar para casa. Estacionando na garagem, percebo que ela adormeceu.

Sendo o mais cuidadoso que posso, consigo carregar Delilah para o andar de cima, colocando-a na cama, minha pacífica, brutal e linda noiva falsa.

Enquanto ela rola na cama, sem sequer abrir os olhos, ela murmura:

— Eu teria emoldurado meus cartões vermelhos, mas eles não me deixaram ficar com eles.

Eu pressiono um beijo na lateral do seu rosto, entre a sua bochecha e sua têmpora.

— Eu acredito nisso.

Cara Dra. Love

De: NoivoDaUrsinhaCarinhosa@DraLove.advice
Para: DraLove@DraLove.advice

Cara Dra. Love,

Minha noiva é praticamente perfeita... exceto por uma coisa. Ela ainda dorme com bichos de pelúcia.

Não estou falando de manter um ou dois bichos de pelúcia como recordação. Ela tem treze pelúcias que ela tem desde que ela era uma garotinha. E ela dorme com todas. Cada. Uma. Delas.

Estamos planejando morar juntos quando meu contrato de aluguel acabar, mas não posso dividir a cama com essas coisas. Eu juro, eles estão OLHANDO PARA MIM. Acho que eles me veem como uma ameaça.

Eu quero eles fora, mas ela disse que não quer "ferir os sentimentos deles". Eu me sinto ridículo em terminar com a minha mulher ideal por causa de bichos de pelúcia, mas eu simplesmente não consigo. Ajuda?

Assustado.

Noivo da Ursinha Carinhosa.

De: DraLove@DraLove.advice

Para: NoivoDaUrsinhaCarinhosa@DraLove.advice

Caro Noivo da Ursinha Carinhosa,

Antes de tudo, vamos esclarecer um equívoco comum: fora de *O Coelhinho de Veludo* (um dos meus livros favoritos), bichos de pelúcia não estão vivos. Eles não estão te observando. Eles não vêem você como uma ameaça.

NÃO ESTÃO VIVOS.

Ainda está me acompanhando? Excelente.

Dito isso... é um pouco estranho que sua noiva ainda tenha tantos bichos de pelúcia, muito menos queira dormir com eles. Se ela acha que se livrar deles ou colocá-los em uma prateleira vai ferir seus sentimentos, talvez você precise lembrá-la do que eu lhe disse: eles não estão vivos.

Eu nunca disse a alguém para terminar por causa de um objeto inanimado, mas honestamente, se ela estiver disposta a colocar os "sentimentos" dela à frente dos seus, talvez você precise começar uma nova busca pela mulher perfeita.

Ah, e a propósito, não existe tal coisa. De nada.

– Dra. Love

Capítulo Vinte e Três

Delilah

— AGORA, vocês sabem que eu tenho que me opor a um sequestro — eu digo, não me opondo nem um pouco enquanto Harper amarra uma venda de seda em volta dos meus olhos. Eu sei que essa ideia tinha que ter vindo de outra pessoa, porque Harpy teria usado uma bandana encharcada de suor.

— Ai. Um pouco mais folgado aí, a menos que sua intenção seja me deixar como Homero.

— Quê? — Harper afrouxa o nó, mas só um pouco.

— Não o que, *quem*. Ele era um grego cego... Ah, não importa. Para onde estamos indo, senhoritas?

Na verdade, eu não me importo para onde iremos. Eu não tinha percebido o quão carente das minhas amigas eu estava até que elas apareceram na varanda da frente de Thayden mais cedo esta noite. Eu protestei, é claro, mas isso só fez elas me carregarem até o carro.

— Thayden, me salve! — Eu gritei, mas o homem apenas sorriu da varanda da frente, com sua covinha à mostra.

— Se comporte! Lembre-se que o toque de recolher é meia-noite! — Ele acenou antes de se trancar de volta em casa.

Eu me pergunto o que ele está fazendo agora. As coisas mudaram entre nós desde o nosso jantar com Gavin e Zoey. O tempo está acabando, e pode ser isso, mas parece algo maior.

Ele fez uma piada naquela noite sobre isso se tornar tão real quanto eu quero. Foi cruel, porque percebi que quero tudo. Eu quero *ele*. Eu não quero desistir desta vida com ele. Não no final de um ano. Nunca.

Mas talvez ele não estivesse brincando. Talvez eu não seja a única que queira algo diferente de quando começamos. Algo a mais.

Estava na ponta da minha língua perguntar a ele, mas em vez disso cheguei o mais perto possível de revelar a fonte da minha maior vergonha, meu maior arrependimento. E isso sempre será um segredo. Infelizmente, um que compartilho com a única pessoa no planeta em que não posso confiar: minha mãe.

— Ei, D! — Abby puxa uma mecha do meu cabelo.

— Ai! Ei, o quê?

— Apenas certificando-me de que você aqui, não sonhando acordada com o seu pretendido. — Ela está se aproximando e eu sou grata que ninguém mais consegue ouvi-la sobre a música.

— É tão óbvio?

Abby dá uma risada alta.

— Não achei que você fosse admitir.

Somos duas.

Quando finalmente saímos do carro e as meninas arrancam a venda, estamos diante de uma casa desconhecida. Uma casa muito grande e cara. O luar brilha no lago atrás dela e quase posso ver os cifrões pendurados no ar.

Uma casa alugada para passar a noite? Eu suspeitei disso quando vi Thayden entregar uma mochila para Zoey. Mas eu estava mais distraída com a ideia de que ele tinha vasculhado minhas gavetas do que pensando em nosso destino.

Antes que eu possa fazer qualquer uma das perguntas que se formam, a porta da frente se abre.

— Entrem, senhoritas — Elizabeth chama, acenando.

Lanço um olhar feio para Abs, mas ela apenas dá de ombros.

— Ela ofereceu. E olhe para este lugar! Você acha que diríamos não? Qual é, senhorita princesinha.

Zoey me entrega a minha bolsa e o resto delas começa a tirar as coisas do porta-malas do SUV novinho em folha de Zoey.

— Bem-vinda — diz Elizabeth, me puxando para um abraço caloroso.

É difícil se acostumar com o calor dela, com a forma como ela demonstra carinho aparentemente sem pedir algo em troca. Além de um abraço.

— Espero que você não se importe que eu vá junto. Não quero impedir a sua diversão.

— Duvido que você pudesse, mesmo que tentasse. Só espero que não escandalizemos você — digo a ela.

Ela ri.

— Bobagem. Eu posso precisar de um bom escândalo. Estou feliz por você estar aqui.

— Obrigada por nos receber. E por cuidar de todo o planejamento. Você é incrível. — Eu realmente não poderia ter feito este casamento sem Elizabeth. Não apenas os pagamentos, mas todos os detalhes. Ela me manteve a par na maior parte do tempo, parecendo sentir que eu queria ter uma ideia do que estava acontecendo, mas que estava feliz em deixá-la assumir o controle. Especialmente porque lhe trouxe tanta alegria.

— Você sabe que não foi incômodo! Tem sido o meu sonho.

Ela aperta minha mão e eu engulo em seco. Há sempre aquela pequena coisinha de culpa por saber que Thayden e eu não estamos tendo um casamento de verdade no sentido tradicional. Não importa o quanto eu realmente gostaria que estivessemos.

— Agora, entre. É um crime que você ainda não tenha vindo aqui. Espero que você não estranhe.

Ela se vira, pegando a minha mão e me levando para um grande saguão com piso de madeira nobre e uma vista direta para as janelas de vidro na parte de trás, com paisagem para o lago.

— Também procurei uma caixa com as coisas de Thayden e as deixei em seu quarto para você. — Seus olhos brilham, me lembrando uma fada madrinha. — Achei que você poderia querer bisbilhotar um pouco.

Fotos de infância do meu Thayden?

— Agora sim estamos conversando.

Algumas horas depois, aproveitamos a piscina e a banheira de hidromassagem, comemos uma refeição farta e casualmente servida, e tomamos banho, retornando à grande sala em nossos pijamas, incluindo Elizabeth. Embora o conjunto de pijama de seda que ela usa pareça custar uma boa grana.

Harper se inclina sobre o encosto do sofá onde estou sentada para sussurrar em meu ouvido.

— Ei — ela sussurra. — Não deixe que isso faça você se sentir... pressionada.

Eu viro minha cabeça ligeiramente e sua boca está em uma linha séria. Séria até para ela.

— O que você quer dizer?

— Está na hora! — Sam chama, sentando-se tão perto ao meu lado que nossas coxas se roçam.

Quero pegar Harper pelo braço e exigir que ela explique, mas suspeito que estou prestes a descobrir. Tarde demais para fugir? Abby se joga do meu outro lado, sorrindo como o diabo. Sim. Tarde demais.

Zoey caminha na direção do quarto de Elizabeth, carregando uma mão cheia de sacolas de presentes.

— Não. Não, vocês não fizeram isso. — Eu tento me levantar, mas estou realmente lutando para sair do lugar. Abby pode não ser muito maior do que eu, mas ela tem força de vontade pelo menos, além de Sam do outro lado, cravando as unhas compridas na minha coxa. Eu já disse a elas, várias vezes na verdade, que não queria uma despedida de solteira. Também não há damas de honra, apenas para economizar o dinheiro de todas e tornar a cerimônia de casamento o mais simples possível. Essa é talvez a única grande coisa que eu lutei contra Elizabeth e ela me deixou vencer. Agora, eu fui enganada em uma despedida de solteira por todas elas.

— Ai! Tudo bem!

Zoey sorri, colocando os presentes no puff capitonê na minha frente, enquanto Elizabeth distribui taças de champanhe.

— Agora, a primeira regra desta despedida de solteira secreta é...

— Nada de falar sobre despedidas de solteira secretas! — Abby diz, provocando algumas risadas.

Sam continua.

— A primeira regra é SEM CARTÕES DE AGRADECIMENTO.

Minha mãe pode ter sido puro lixo, mas ela era uma mulher do sul. Cartões de agradecimento são mais do que uma expectativa. Eles apenas *são*.

— Mas...

— Não.

Estou surpresa com a firmeza de Elizabeth. Normalmente, é a geração mais velha que insiste firmemente nisso.

— Tudo bem.

— Mentira! Você concordou com muita facilidade — Abby diz.

— Imaginávamos que isso poderia acontecer — diz Zoey. — E temos um plano de contingência. Cada nota de agradecimento recebida tem um custo. Para mim, é cuidar de Ella.

Isso não é tão ruim.

— Pelo fim de semana.

— Uh...

Sam sorri para mim.

— Para mim, é lidar com minha caixa de entrada da Dra. Love por uma semana.

— Uma *semana*?

— Uma semana. A semana inteira, não apenas dias úteis. Eu recebo um influxo aos domingos.

— Taylor não lida com isso? — Sam tem uma assistente fabulosa que é tipo um membro extra oficial do nosso grupo unido.

— Eu vou dar a ela uma semana de folga remunerada. — O sorriso de Sam é perverso.

Olho para Elizabeth, percebendo de repente que Sam acabou de falar sobre sua identidade secreta. Ela segue o meu olhar, acenando com a mão desdenhosa.

— Elizabeth sabe. Está tudo bem. Agora, hora de abrir os presentes!

É só quando a primeira sacola de presentes está no meu colo, derramando glitter rosa em cima de mim, que minhas mãos começam a tremer.

— Não vai te morder — Abby diz, batendo seu ombro ossudo no meu e derramando glitter sobre o sofá.

Meus olhos se aproximam do papel de seda prateado. Aperto as laterais da bolsa, ouvindo-a amassar. Eu sei que todas elas sabem a verdade. Este casamento é uma farsa. Um acordo, como Thayden gosta de dizer. Mas ainda está muito longe do que Gavin e Zoey tinham. E pelo que Abby e Zane provavelmente terão em breve. Esses presentes me fazem sentir, mais do que nunca, uma grande fraude.

— D? — Sam pergunta.

Eu não posso olhar para ela. Não posso olhar para nenhuma delas. Respirando fundo, eu me forço a sorrir. Eu posso fazer isso.

Apenas finja que é seu aniversário.

A Delilah lógica, um pouco menos amarga do que era há um mês, aparece na hora certa. Mas não posso fingir que é meu aniversário quando tiro uma camisola de seda curta da sacola. Ou o conjunto sexy de renda preta da próxima.

Fui selada dentro de um recipiente Tupperware, ouvindo as risadas e conversas ao meu redor como se estivesse à distância. Sorrio e digo obrigada enquanto minhas mãos tocam essas coisas suaves e íntimas, destinadas a um casamento real, um relacionamento legítimo. É como se eu estivesse grudada em uma tela onde um comercial passa em loop, me lembrando daquela reunião de contrato e do que eu assinei. Eu nunca tive nada como essas camisolas lindas e sexy. Eu certamente nunca as usei para nenhum homem e não é como se eu fosse usá-las para Thayden. Eu simplesmente não entendo.

É quando eu pego uma camisola rosa, longa, mas de alguma forma ainda romântica e sexy, que eu acho difícil respirar.

A camisola cai das minhas mãos. É tão leve que espero que se desloque no ar, flutuando como uma pena. Mas apenas cai, um pequeno amontoado rosa de tecido aos meus pés.

— Eu não posso — eu digo, minha voz tremendo. — Não posso.

— Você não pode o quê? — Sam pergunta gentilmente.

Nem eu sei. Qualquer uma dessas coisas? Todas essas coisas?

— São presentes — Zoey diz. — Nós demos eles com amor. Você *pode*.

— Eu não posso aceitá-los. Eu não posso usá-los. Eu não posso mais fingir.

A sala fica quieta. Ainda estou olhando para o lindo tecido rosa, lutando contra a vontade de pegá-lo do chão. Esta

camisola bonita não merece o meu mau tratamento. Não é culpa da camisola.

Há um rangido, um arrastar de pés e uma mudança enquanto Sam se move. O doce aroma de rosas me atinge antes do braço de Elizabeth passar pelos meus ombros. Eu não consigo evitar. Meus problemas maternos me fazem inclinar para ela. Ela consegue me manter em seu braço enquanto pega a camisola e a alisa no meu colo.

— Eu já te contei sobre o décimo primeiro aniversário de Thayden?

Eu balanço minha cabeça, fungando uma vez, e pego um lenço de papel que Abby segura na frente do meu rosto triste.

— Não.

Ela estala a língua.

— Bem, eu não estou surpresa que você não tenha ouvido isso dele também. — Ela ri baixinho. — Ele queria andar de patins. Chocante, considerando que todos os seus amigos estavam brincando de laser tag e paintball. Outras coisas mais rotuladas como de meninos. Mas meu Thayden queria uma festa de patinação entre meninos e meninas.

Eu sorrio, porque de alguma forma eu consigo ver isso. Um Thayden desengonçado e adorável insistindo em uma festa de patinação.

— Tornou-se imediatamente evidente, pelo menos para mim, o porquê. O nome dela era Cassandra. Cassi, ele a chamava. Não foi até o final da noite que houve uma patinação

de casais. E meu garoto praticamente deu uma cotovelada nas pessoas para chegar até Cass.

A história ainda é adorável. Mas eu também tenho um desejo violento de rastrear Cass e dar um bom puxão no cabelo dela.

— Foi apenas uma música. Ela partiu o coração dele cerca de uma semana depois, "saindo" com outro garoto, mas não importa.

Ah, importa. E eu quero arrancar dois punhados do cabelo de Cass agora.

— A questão é que meu filho planejou um aniversário todo elaborado em torno de um único objetivo, segurar a mão de Cass durante a patinação de casais.

Eu espero por um desfecho ou uma lição de vida. Não ouvindo nenhum dos dois, eu dou de ombros.

— Então, ele realmente gostou dessa garota Cass.

Elizabeth me aperta mais forte.

— Meu filho gosta muito de *você*, querida. Todos os detalhes são apenas parte da maneira como ele se protege. No entanto, isso começou, agora é tudo parte de um plano maior. Um de verdade.

— Mas ele não queria se casar comigo. Ele disse que lhe contou isso. Fui eu que insisti que fizéssemos o contrato.

Elizabeth balança a cabeça.

— Meu filho me disse que não queria se casar com você por causa do pai. Ele não queria enganá-la ou ter algum acordo

forçado isso. Ele achava que você valia mais. Mas, quando lhe foi dada a opção de ter você de qualquer maneira que pudesse, ele aceitou. Você é a Cassandra dele. E todos os planos e papéis são apenas um disfarce.

Apesar das palavras serem doces e ajudarem a aliviar a dor, elas vêm de sua mãe. Não do próprio Thayden.

Mas ele disse a você, diz a Delilah apaixonada. *Lembra quando ele te beijou? Quando ele te contou uma história de ninar? Quando ele mencionou ser real?*

— Se você está fingindo — Sam diz, usando sua voz oficial de Dra. Love —, está fingindo que você não tem sentimentos reais pelo cara. Que você realmente não quer se casar com ele.

Sam está certa, mas isso não me faz querer tirar aquele sorriso hipócrita do rosto dela.

— Ele está tentando ser o seu Darcy — diz Abby, e minha cabeça se levanta, um rosnado ciumento em meus lábios.

Cass não é o suficiente? Tem uma Darcy também?

— Calma aí, garota — Abby diz com uma risada. — *Sr.* Darcy.

— O quê?

Zoey interrompe.

— Cheguei em casa e o encontrei assistindo *Orgulho e Preconceito* com Gavin. Thayden está trabalhando em grandes gestos.

Harper fala.

— E em pequenos.

Eu olho para Harper. Há um desafio em seus olhos. Como se ela estivesse me desafiando a ouvi-la, a acreditar em suas palavras.

— Nós temos ajudado — diz Sam, mordendo o lábio. — Não fique brava.

Estou tudo menos brava. Meu cérebro quebrou com essas revelações. Como um ovo, estou rachada e vazando gema no chão.

Embora, honestamente, não seja tão surpreendente que minhas amigas tenham ido para o Time Thayden. Eu sabia que ele estava recebendo informações privilegiadas delas. Eu só não suspeitava... disso. Um grande plano para me conquistar, de verdade.

— Eu pensei... ele disse que nunca quis se casar.

— Essa sempre foi a postura dele — diz Elizabeth. — Até recentemente. E não tem nada a ver com o contrato ou a empresa. Tem tudo a ver com você, minha querida.

Elizabeth sorri, parecendo tão orgulhosa. Tão... esperançosa.

Esse mesmo sentimento, esperança, é um barquinho de papel, balançando e inclinando na água. É alegre com seus cantos perfeitamente dobrados, movendo-se alegremente.

Mas o barco não está em um riacho. Está na água que corre ao longo da sarjeta e vejo a drenagem de esgoto à frente, pronto para sugá-lo. E são aqueles... olhos amarelos??

Eu nunca deveria ter deixado Abby me convencer a ver aquele filme de Stephen King.

Eu empurro o medo para longe e envolvo meu braço em torno de Elizabeth, dando-lhe um abraço. Eu quero acreditar nisso. Eu quero acreditar que por baixo de tudo isso, esta é apenas uma pista de patinação maior, outro conjunto de planos que Thayden estabeleceu com o objetivo de segurar minha mão. Talvez eu não seja a única a desejar que tudo isso fosse real.

Até que ele faça mais do que tentar ser o *meu Darcy*, como Abby disse, não saberei ao certo como ele se sente, ou o que isso é. Eu ainda serei o barco, em um curso rápido para o bueiro.

Mas suas palavras são reconfortantes o suficiente para me fazer abrir presentes novamente. Depois de tomar alguns goles fortificantes de champanhe.

E quando eu abro o presente de Abby por último, uma lingerie de fita adesiva que ela mesma fez, completa com um rabinho de coelho, é apenas a leveza que eu preciso para começar a respirar novamente.

Pelo menos, até eu me lembrar que não vou conseguir ver o humor e o calor nos olhos de Thayden enquanto eu saio vestindo lingerie de fita adesiva. Porque não importa o que minhas amigas e Elizabeth me digam, não consigo imaginar que isso seja real, não importa o quanto eu queira que seja.

Mas depois de abrir os presentes, saímos para relaxar, e me pego olhando para as estrelas, não fazendo um desejo, mas sim

outra promessa para mim mesma. Antes de dizermos sim, vou confessar meus sentimentos, quer ele os retribua ou não. Posso fazer papel de boba, ou arruinar a facilidade de vivermos juntos, mas nunca serei capaz de me olhar no espelho se pelo menos não der uma chance à verdade.

Capítulo Vinte e Quatro

Delilah

NÃO TENHO nenhum grande plano quando as meninas me deixam em casa na noite seguinte, após um dia deitada à beira da piscina. Amanhã é o jantar de ensaio. Nosso casamento é no dia seguinte. Normalmente, você teria o tipo de conversa que eu quero ter quando você está namorando, não... AGORA.

Durante todo o caminho para casa, tento pensar em palavras para dizer a Thayden. Não tenho nenhuma. Acho que apenas vou utilizar meus pontos fortes e improvisar. Quão difícil pode ser entrar pela porta da frente e dizer a Thayden Walker, o lindo, charmoso e *doce* milionário, que eu realmente quero me casar com ele no dia do nosso casamento?

Nada demais.

Quando elas estacionam ao lado do meio-fio da casa de Thayden, eu bato os recordes olímpicos, correndo para pegar minha bolsa na parte de trás.

— Uau. Está com pressa? — Harper pergunta.

— Algo parecido.

Eu tenho um casamento para discutir com um homem.

— Ela deve realmente sentir falta de seu homem — brinca Abby. — Vá atrás dele!

— Sim, sim — murmuro. — Obrigada pela despedida de solteira, meninas! Mesmo que eu tenha dito que não queria presentes!

— Sem cartões de agradecimento! — Zoey grita enquanto corro pela calçada. O latido estrondoso de Apollo soa de dentro e as meninas pressionam a buzina do carro um monte de vezes.

Acho que não haverá um elemento surpresa.

Pego minha chave, mas praticamente caio para dentro de casa quando Thayden abre a porta.

— Opa, calma aí — diz ele, sorrindo enquanto me pega pelo cotovelo.

Apollo abre caminho entre nós, esquecendo toda a polidez enquanto tenta enfiar a língua na minha boca. Que jeito de criar um clima, amigo.

— Volte — Thayden diz, cutucando Apollo com seu quadril. — Deixe a mulher respirar. Como você está?

Estou sem fôlego, para ser honesta. Definitivamente, é hora de exercitar um pouco de aeróbico com Harper, se correr por uma calçada me deixa cansada.

— Bem — eu digo entre suspiros. Este é realmente um começo perfeito para a conversa.

Passo um: prove o quão fora de forma você está.

Passo dois: Faça sua melhor imitação de alguém tendo uma parada cardíaca.

Passo três: Escolha respostas de uma palavra.

Passo quatro: Confesse seu amor eterno?

— Bem, entre. Vou pegar sua bolsa. Você sentiu a minha falta?

Thayden gentilmente desliza a alça do meu ombro. Seu toque me eletrifica, tornando ainda mais difícil respirar.

Posso não ter fôlego, mas tenho coragem até demais. Ou falta de autopreservação? De qualquer forma, eu decido ir com tudo, porque que homem pode resistir a uma mulher que vai atrás do que ela quer?

Eu me jogo em Thayden.

— Sim! Senti a sua falta! — Digo, basicamente virando musgo espanhol pendurado na árvore que é Thayden. Ele tropeça um passo para trás, mas consegue largar minha bolsa e envolver os braços ao meu redor.

— Bem, agora — diz ele, o sorriso largo em sua voz e sua respiração quente no meu pescoço. — Eu poderia me acostumar com esse tipo de boas-vindas.

— Você poderia? — Eu me afasto para olhá-lo e ele pisca um pouco com a expressão no meu rosto. — Quero dizer, você gostaria?

Um pequeno sulco enruga sua testa.

— Sim? Quer dizer, eu iria querer... o quê? O que você está me perguntando, Delilah?

Agora ou nunca, D. Agora. Ou nunca.

— Você gostaria *disso*? Comigo? De verdade?

Percebo que estou segurando sua camisa com os dois punhos, presa em meu aperto. Acho que a balança

desequilibrou de confiante para desesperada. Thayden abre e fecha a boca, e posso ler a confusão em seus olhos.

— Estou fazendo tudo errado — eu digo, afrouxando meus punhos e alisando a sua camisa amassada.

— Ah, eu não sei — Thayden diz, seus olhos caindo para os meus lábios. — Eu gosto de várias coisas que você está fazendo agora.

Digo o mesmo. Mas talvez ele devesse me colocar no chão se quisermos ter uma conversa civilizada. Ou apenas, você sabe, qualquer conversa. Porque agora meus olhos estão em sua boca, a memória dos nossos beijos tão fresca em minha mente.

Agora ele está se aproximando... e se aproximando...

— ESPERE! — Eu coloco um dedo em seus lábios, parando seu movimento para frente. Isso não me faz querer beijá-lo menos. Na verdade, eu só o quero mais agora que sinto seus lábios contra a ponta do meu dedo.

— Sim? — ele diz, seus lábios me fazendo cócegas enquanto ele fala contra o meu dedo.

— Ah, certo. Hum. Eu apenas...

Eu paro, percebendo de repente que a sala está brilhando. Todas as luzes estão apagadas e a casa é iluminada apenas por dezenas de velas espalhadas pelo cômodo. Isso é para mim? O pensamento me faz querer agarrar sua camisa novamente com os meus punhos e trazer sua boca para a minha.

Espere, isso foi para outra pessoa? Eu farejo, como se pudesse sentir o cheiro do perfume de outra mulher no ar.

— Você acabou de me cheirar? — ele pergunta.

— Não. Quer dizer, eu cheirei. Mas não você. Eu pensei... o que é isso? O que está acontecendo?

— Não. Você primeiro. — Ele está sorrindo, e eu nunca quis tanto arrancar aquele sorriso do rosto dele.

Eu o encaro.

— Não até você me dizer por que comprou uma loja de velas.

Ele ri.

— Você não acha romântico?

— Poderia ser. Ou talvez devêssemos esperar para ver, eu adoraria conversar com meus amigos bombeiros.

Agora, é a vez dele me encarar.

— Delilah — ele avisa, e a sensação de sua boca se movendo no meu dedo ainda está fazendo coisas indesejadas em minhas entranhas.

— Apenas responda: você fez isso para mim ou para outra pessoa?

Seus olhos brilham com um calor que ameaça me derreter.

— Só existe você. Ninguém mais.

Eu respiro fracamente, porque vou me acovardar se respirar fundo.

— Gostaria que fôssemos mais.

— Mais? — Ele está exagerando cada movimento de sua boca no meu dedo, como se ele estivesse colocando beijos não tão secretos na minha pele. — Mais o que?

— Mais do que colegas de quarto. Mais que amigos. Mais do que um casamento...

— *Arranjado.*

— Mais do que um casamento *arranjado.* — A enormidade do que estou pedindo me atinge, e de repente estou trêmula.

Thayden pressiona um beijo delicado, mas intencional na ponta do meu dedo.

— Engraçado você trazer isso à tona.

Cuidadosamente, ele me leva e me coloca de pé perto do sofá. Eu odeio não estar em seus braços, mas estou curiosa com os papéis que ele estendeu sobre a mesa de centro.

— O que é isso? — Eu pergunto, olhando para baixo com surpresa enquanto Thayden entrelaça nossos dedos.

— Isso — ele diz com um floreio —, sou eu pedindo para você renegociar nosso contrato de colega de quarto e nosso outro contrato em algo mais... permanente. Menos como colega de quarto.

Eu grito e Thayden me pega em seus braços, me girando enquanto eu cubro seu rosto de beijos. Apollo quer entrar em ação, saltando e balançando aquele rabo grande dele por todo o lugar.

Em um filme, a câmera teria capturado nós dois nos beijando, dando-nos o nosso momento feliz. A música iria aumentando. Os créditos começariam a rolar no nosso felizes para sempre.

Na vida real, Apollo derruba todas as velas da mesa, incendiando nossos contratos e nos dando um final bem diferente.

— Olá, de novo — eu digo fracamente, observando o mesmo grupo de bombeiros que conheci recentemente marchando até a casa novamente. — Eu prometo que o fogo está apagado agora!

— Ainda temos que verificar, senhora. Mais torradas?

Thayden praticamente começa a rosnar quando o homem me dá um meio sorriso. Seu rosto fica sério quando ele se vira para a casa. Eu aperto o braço de Thayden.

— Seja legal!

— Se eles querem que eu seja legal, eles deveriam parar de ser tão legais.

Eu inclino minha cabeça em seu ombro.

— Você não tem nada com que se preocupar, querido.

Thayden visivelmente se contorce e se vira para mim.

— Eu fui promovido a receber apelidos carinhosos?

Eu rio.

— Talvez. Embora eu ache que prefiro usar *tigrão* para me referir a você. Com todos os seus rosnados.

Ele se inclina, rosnando até chegar nos meus lábios. O zumbido e a vibração me fazem sorrir ao mesmo tempo em que o beijo.

Não preciso me preocupar sobre estarmos em público, embora estejamos, ou com o contrato estúpido, que tenho

certeza que queimou até torrar do lado de dentro antes que Thayden despejasse o prato de água de Apollo em cima dele. No fundo da minha mente, eu sei que precisamos conversar, e existem mais coisas para resolver até tornar esse acordo real.

Mas, por enquanto, deixo Thayden me beijar até ficar sem fôlego enquanto Apollo se encosta em nossas pernas. As estrelas às quais fiz promessas brilham no céu, e os bombeiros limpam a bagunça que fizemos dentro de casa enquanto nos beijamos descaradamente na calçada. Pelo menos até seu telefone vibrar com uma mensagem.

— Não olhe — eu sussurro contra sua boca.

Thayden geme e se afasta.

— Tenho que olhar. É Duke.

Ele franze a testa para o telefone por um momento, depois passa a mão pelo cabelo. Posso dizer pelo rosto dele o que isso significa.

— Não devo te esperar acordada? — Eu suponho.

Thayden se inclina e me beija novamente, lentamente.

— Eu tenho que ir. Amanhã deve ser o nosso último dia no tribunal. Então nós começaremos a ensaiar o casamento e, em seguida, nos casamos mesmo.

Ele está sorrindo, e eu estou cheia de admiração. Este é o mesmo homem que disse que não queria se casar. E ele quer se casar *comigo*. Em dois dias.

Fico na ponta dos pés e beijo sua bochecha barbuda.

— Cuide do seu caso e eu vou te ver pela manhã.

— Sinto muito — diz ele. — Eu não quero ir.

— Eu sei.

— Especialmente porque esses caras estão aqui — ele resmunga.

Eu rio e o empurro levemente.

— Vai lá. Não se preocupe comigo. Estou de olho em apenas um homem!

Enquanto Thayden corre para seu carro, e no meio de uma equipe de bombeiros uniformizados, sei que é verdade. Ele é tudo para mim. E em dois dias, teremos nosso felizes para sempre.

Capítulo Vinte e Cinco

Thayden

Meu julgamento infame termina cedo, no dia do meu ensaio de casamento. Pelo menos isso é uma coisa com a qual não preciso me preocupar, embora a culpa de livrar esse homem com quase nenhuma repercussão se situe como uma mancha em minha alma. Eu preciso lavar essa mancha imediatamente e me concentrar no fim de semana que vem aí, que parece ainda mais promissor depois da noite passada com Delilah.

Ainda não trocamos "*eu te amo*" nem nada, mas estamos na mesma página. E vamos nos casar. Tudo isso totalmente fora de ordem, mas quem se importa? Não precisamos seguir nenhuma lista de verificação. Ela me quer. Eu a quero. O que começou como algo que poderia ser resumido em um documento legal se transformou em muito mais.

— Você está bem? — Scott pergunta quando eu paro no escritório depois do almoço.

Com o casamento e a lua de mel prolongada que planejei secretamente, é a última vez que pisarei neste lugar por algumas semanas. Honestamente, mal posso esperar para sair daqui, e não apenas porque estou animado para passar dez dias com Delilah em St. John. Talvez nós apenas ficaremos por lá.

Compraremos uma pequena casa flutuante ou uma casa de campo e não retornaremos mais.

— Estou bem. Apenas ajeitando as últimas coisas antes desta noite. — Eu sorrio, mas Scott não sorri de volta.

— Certo. Esta noite. O ensaio.

Scott puxa a gravata, se mexendo na frente da minha mesa. Seu nervosismo paira no ar como uma nuvem de desodorante spray em um vestiário masculino do ensino médio. Honestamente, eu não quero lidar com isso agora. Não preciso de um balde de água fria. Mas eu gosto de Scott. O suficiente para que ele tenha sido selecionado como convidado do casamento.

— Tudo certo? — Eu pergunto, esperando que ele me ignore e economize qualquer drama que ele tenha para depois da minha lua de mel.

—Eu não quero dizer.

Eu fixo meu olhar em Scott.

— O que há de errado? Desembucha.

Ele morde a lateral do seu lábio por tanto tempo que estou prestes a sair, quando ele finalmente deixa escapar:

— Encontrei uma brecha.

Isso é tudo? Já passamos da fase de precisar encontrar brechas para Delilah. Eu rio, pegando minha pasta.

— Obrigado. Mas não se preocupe com isso. Delilah assinou de bom grado, o casamento está acontecendo e está tudo bem. Mais do que bem.

— Não, quero dizer, encontrei uma brecha no testamento de seu pai.

Meus membros estão densos e gelados, como se eu estivesse até o pescoço em um monte de neve.

— O quê?

— Enviei um e-mail com cópias digitalizadas, destacando o que encontrei.

Tiro o telefone do bolso, a personificação da calma, e abro meu e-mail, clicando até tê-lo bem na minha frente. A cláusula de salvaguarda. Eu realmente não leio com muito cuidado porque eu não me importo.

Mas Delilah pode se importar. Meu estômago revira. Apesar de tudo que ela disse ontem à noite, tudo isso começou com o contrato. Se isso está fora da mesa, o que muda? Isso muda algo?

Não. Não poderia. Não mudaria.

Mudaria?

Eu não vou saber até que eu pergunte a ela. E essa é a última coisa que quero fazer agora.

— Se você ler a parte destacada, o linguajar afirma...

— Eu vejo isso. Obrigado — digo a ele. — Bom trabalho.

— Você não parece feliz. Você precisa de ajuda com algo? Fazer ligações? Cancelar reservas? Estou aqui para ajudar.

— Não estamos cancelando nada.

Estamos?

Eu quero desesperadamente falar com Delilah. Eu deveria ligar para ela, dizer a ela que ela está livre se quiser. Eu ainda vou pagar seus empréstimos, é claro. O dinheiro é dela. Ela vai brigar comigo, mas eu vou insistir, chamando isso de um sinal de boa fé, já que ela estava disposta a fazer isso para que eu pudesse manter a empresa. Eu deveria ligar para minha mãe e contar a ela.

Mas eu não faço nada disso. Eu fico lá, segurando a borda da minha mesa.

— Tire o resto da tarde de folga — digo a Scott. — Você merece.

Parecendo incerto, ele balança a cabeça e sai do meu escritório. Caminho até as grandes janelas, a minha vista da pequena cidade. Eu pressiono minha testa no vidro, observando-o embaçar enquanto eu suspiro. Os prédios, as pessoas e o céu agora estão escondidos atrás da névoa da minha respiração.

De alguma forma, é a vista que faz com que a realização surja. Eu não preciso dessa vista. Eu não preciso do contrato. Eu não preciso da empresa.

Ainda preciso fazer um grande gesto, e sei exatamente qual será.

Cara Dra. Love

De: GarotaFitness@DraLove.advice
Para: DraLove@DraLove.advice

Cara Dra. Love,

Sou muito atlética e me sinto mais à vontade com roupas esportivas do que qualquer outra coisa. Meu casamento está chegando e encomendei um vestido de noiva especial que é o meu estilo. Minhas melhores amigas acham que vou perder meu noivo quando ele vir meu vestido, que é feito sob medida por uma empresa especializada em roupas esportivas.

Ainda é um vestido de noiva... apenas um que absorve a umidade e que talvez eu possa correr uma meia maratona.

Minhas amigas estão certas? Preciso me preocupar em ser deixada no altar por causa do meu vestido?

Atentamente,

Casamento da Garota Fitness

De: DraLove@DraLove.advice
Para: GarotaFitness@DraLove.advice

Cara Garota Fitness,

Honestamente? Preciso ver este vestido. Parece épico, e uma das minhas melhores amigas adoraria.

Eu sei que é contra a tradição, mas se você está preocupada, talvez seja hora de mostrar o vestido ao seu noivo. Por fim, se ele não quiser se casar com você porque você poderia correr uma maratona em seu vestido, isso é muito superficial.

Nesse caso, encontre um cara que compartilhe sua paixão por esportes e que ficaria feliz em trocar votos em calças de corrida.

— Dra. Love

De: GarotaFitness@DraLove.advice
Para: DraLove@DraLove.advice

Cara Sam,

Ponto meu! É Harper. Marquei um ponto contra você. Você está dormindo no ponto. E agora me deve um jantar. Adivinha? Nós vamos comer comida vegana, querida.

— Harpy

De: DraLove@DraLove.advice
Para: GarotaFitness@DraLove.advice

Te odeio. E eu odeio comida vegana. Meu intestino também não gosta. Além disso, esse vestido de noiva existe mesmo? Agora eu tenho que saber.

Talvez você e Chase possam finalmente ficar juntos e você possa tornar esse vestido uma realidade.

— Sam

De: GarotaFitness@DrLove.advice
Para: DraLove@DraLove.advice

Cale-se. E prepare seus intestinos.

— Harpy

Capítulo Vinte e Seis

Delilah

— Última chance de voltar atrás.

A voz no meu ouvido me faz pular. Abby ri, então para abruptamente quando eu não me junto a ela. Estamos no terraço do hotel onde vou me casar amanhã. Amanhã. Eu irei me casar.

Amanhã.

Casar.

— Espera. — Abby joga um braço em volta da minha cintura. — Você está nervosa? Está pensando duas vezes? — Saltando na ponta dos pés, ela sacode nós duas e continua antes que eu possa começar a responder. — Não me diga que você ainda está pensando demais nisso.

— Não tenho certeza se é possível pensar demais. Na verdade, eu pensei de menos.

A conversa com Thayden ontem à noite pareceu um sonho. Especialmente desde que eu não o vi pessoalmente desde então. Acho que ele e Duke cuidaram de qualquer emergência de cliente que tiveram ontem à noite e, esta manhã, ele já tinha ido embora quando acordei. É difícil não questionar as coisas quando nossa mudança de falso para real aconteceu tão rapidamente.

Eu não quero ser AQUELA GAROTA que se preocupa sem parar e fica toda carente. Mas eu tive muitas horas sozinha para começar a questionar tudo. Vou me sentir muito melhor quando vir Thayden esta noite. Eu preciso da garantia de seu sorriso e aquele olhar que ele tem em seus olhos quando me vê. Como eu não vi o que era antes? Talvez ele ainda não tenha dito a palavra com A, mas eu juro, eu já a vejo em seus olhos.

É quase como se Abby de alguma forma captasse minhas ondas cerebrais. Ela sacode nós duas novamente.

— Você ama Thayden. Ele te *ama*. Anel, votos, pode beijar a noiva, e nós festejamos como se fosse o ano de 1999. Então vocês cavalgam felizes para o pôr do sol. Fim. Simples. Sem pensar demais.

Eu tenho que rir.

— Abs, *você* está bem? Quantos flat whites[9] você bebeu esta tarde, querida?

— Não o suficiente. Estou bem. Comecei a tomar medicamento para uma urticária. Quer ver?

Abby me solta e se vira, começando a subir sua blusa. Eu agarro suas mãos, segurando ambas nas minhas.

— Não! Não preciso ver sua urticária. Mas talvez você devesse beber um pouco de água e se sentar. Onde está Zane?

---

[9] É uma bebida café com leite que se diferencia do latte por possuir uma dose maior de café.

Sinto que esta noite, Abby pode precisar de uma babá. Ela é um pouco imprevisível em um dia típico. Qualquer que seja a medicação que ela está tomando a deixou um pouco maluca.

— Vou encontrá-lo. Ele me deve um beijo. Parabéns, D. Que bom que você finalmente descobriu que vocês dois querem se casar.

Ela me beija na bochecha antes de sair correndo, provavelmente para dar uns amassos com Zane atrás de uma das grandes plantas floridas. O telhado está repleto de árvores plantadas em vasos, topiarias e paredes com trepadeiras. Parece quase um jardim campestre no céu. Luzes decorativas piscam no alto e alguns lençóis brancos transparentes foram pendurados no que será a entrada. Em vez de ter pano ou fita nas costas das cadeiras, cada cadeira tem sua própria cascata de buganvílias. O efeito é impressionante.

E caro.

— Você gostou? — Elizabeth aparece ao meu lado, entrelaçando seu braço no meu.

— É mais bonito do que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado. Obrigada. — Dou-lhe um abraço que é difícil de encerrar. Eu sinto a necessidade de realmente prolongar. — Como você sabia a minha flor favorita?

Eu me afasto, observando seu sorriso.

— Segui o exemplo de Thayden e sondei as suas amigas. E algo chamado Pinterest. Ele criou uma conta para mim.

— Pinterest! — Eu bato a palma da mão na minha testa. — Aquele homem! Eu estava me perguntando como ele sabia aquelas coisas.

— Onde ele está, aliás? — Elizabeth pergunta. — Ele está atrasado para seu próprio ensaio.

— Eu sei que ele estava finalizando o grande caso.

— Isso acabou horas atrás — diz Elizabeth. — Ele me mandou uma mensagem.

Eu sei que não deveria entrar imediatamente em modo de crise. Mas Thayden não *me* mandou uma mensagem. Agora ele está atrasado para o nosso ensaio.

Mas ele encontrou minhas pastas do Pinterest porque queria aprender as minhas coisas favoritas! Eu me pergunto quantas vezes terei que me acalmar esta noite.

Elizabeth aperta meu braço.

— Não pense besteira. Ele estará aqui.

— Como todos estão lendo meus pensamentos esta noite?

— Porque você os demonstra bem no seu rosto, querida.

Abby reaparece, não com Zane, mas com seu pai. Ela o está arrastando pelo braço e ele tem um meio sorriso em seu rosto normalmente sério.

— Elizabeth! Eu preciso que você conheça meu paidrasto — Abby diz. — Ele vai levar Delilah até o altar.

— Que bom conhecê-lo — diz Elizabeth calorosamente, apertando a mão dele.

— É um prazer conhecê-la também. — O Sr. Abramson sorri novamente, seus olhos se enrugando um pouco. Ele se vira e me dá um tapinha no ombro. — Você está pronta para isso?

— Claro que estou! Obrigada por fazer as honras.

— Só precisamos do meu filho — diz Elizabeth, olhando para o relógio. — Você teve alguma notícia dele?

— Vou verificar — eu digo.

Eu me viro, discretamente tirando meu telefone do meu sutiã. Eu sabia que deveria ter escolhido um vestido com bolsos. Faço um show franzindo a testa para a tela do meu telefone, mesmo sabendo que Thayden não mandou uma mensagem ou ligou. Meu corpo inteiro se sintonizou para sentir aquela vibração próxima ao meu coração.

— Tenho certeza que ele estará aqui em breve — eu digo, tudo menos tranquila.

— Posso apresentá-lo a alguns amigos? — Elizabeth se afasta com o Sr. Abramson em seu braço. Ela parece radiante, provavelmente como eu deveria estar agora. Em vez disso, eu provavelmente pareço como me sinto – como uma pessoa atropelada tentando se arrastar para fora da estrada antes de ser esmagada novamente. Por que Thayden não está aqui?

Cumprimento os poucos amigos de Elizabeth que não conheço, sendo grata pelo meu treinamento para concursos que me ajudou a circular por aí enquanto a preocupação está praticamente me sufocando. Boas maneiras fazem uma máscara perfeita.

Há um tumulto quando Thayden sai do elevador. Meu coração parece deslizar para o lugar certo quando seus olhos procuram os meus. Ele pisca, e tudo está certo no mundo. Eu suspiro, meus ombros afundando com alívio. Ele abraça sua mãe, dá um tapa nas costas de Gavin e troca um soquinho com Chase. Então, ele se aproxima de mim.

Seus olhos têm uma intensidade que me enraíza no lugar. Quando ele me alcança, meu coração está batendo em algum tipo de ritmo latino complexo e minha boca está seca.

— Ei — Thayden diz, segurando minhas bochechas com as mãos. Seu beijo é suave e doce, mas ele dá uma leve mordiscada no meu lábio enquanto se afasta.

— Thayden! — Eu chio. — Todo mundo está assistindo!

Seu sorriso é completamente libertino e totalmente sem vergonha.

— Eles vão assistir amanhã também. Hoje é o ensaio, e eu levo o ensaio muito a sério. Melhor tentar de novo.

Eu rio, empurrando-o para longe enquanto ele se inclina para me beijar novamente. Rindo, ele liga seus dedos com os meus.

— Desculpe por fazer você esperar! Eu tive um pequeno assunto de última hora, mas estou pronto para começar o show!

A coordenadora sai de onde ela estava escondida e leva as pessoas para o lugar. Em instantes, todos estão sentados e eu

estou no final da fila com o Sr. Abramson. Estamos no final do corredor e não consigo tirar os olhos de Thayden.

Ele está deslumbrante como sempre e me pergunto se algum dia vou me acostumar com sua boa aparência. Eu o vejo com muito mais intensidade do que eu via alguns meses atrás. Quando estou lendo agora, sempre encontro pedaços dele. Ele é meu Puck. Meu Príncipe Encantado. Meu Darcy.

O Sr. Abramson dá um leve puxão no meu braço.

— Essa é a nossa deixa.

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar. — Ele hesita, olhando para Thayden, depois de volta para mim. — Eu disse isso para Zoey e vou dizer para você. Não há vergonha em mudar de ideia agora, se você quiser. Melhor agora do que depois.

É o máximo que ele já me disse e o cuidado genuíno faz os meus canais lacrimais funcionarem a todo vapor. Eu olho para o corredor para Thayden, que está sorrindo como se simplesmente mal pudesse esperar para que eu o alcançasse.

— Obrigada por dizer isso. Mas estou pronta. — Eu uso minha mão livre para enxugar as poucas lágrimas que escapam. Pequenas traidoras.

Flutuamos pela cerimônia simples enquanto o pastor repassa as partes. É surreal olhar para Thayden, repetir votos e dizer sim. Eu rio durante a maior parte disso e ele continua tentando me beijar. Sinto que somos uma série de comédia com todas as risadas do público no estúdio.

Acabou em um piscar de olhos, e então estou no braço de Thayden, caminhando de volta pelo corredor enquanto nossos amigos e sua mãe batem palmas.

— A primeira parte está feita — Thayden diz, me conduzindo em direção ao elevador. Nosso jantar é no andar de baixo em uma das salas privadas do restaurante. — Estou pronto para a parte dois. Acha que podemos adiantar um dia?

Eu o empurro.

— Não.

— Isso é cinco minutos de tempo de carinho — diz ele.

— Não. Esse contrato queimou em um incêndio ontem à noite.

— Droga — diz ele.

Agarro seu ombro, encontrando sua orelha com os meus lábios.

— Já que você é meu noivo de verdade agora, o tempo de carinho é livre.

Ele sorri, colocando um beijo rápido na minha têmpora.

— E posso melhorar esse tempo de carinho para algo a mais? — Sua voz é provocante, mas ainda baixa e rouca.

— Sem chance. Não até amanhã à noite, tigrão.

— Hm. Mesmo que eu tenha uma surpresa para você? — ele pergunta. — Um grande gesto, digamos assim.

Meu interesse é despertado, mas eu adoro ter a vantagem.

— Vamos ver como você se comporta esta noite.

As portas do elevador se abrem e Thayden me puxa para dentro, provando meus lábios com os dele enquanto ele fecha as portas para Abby e Zane.

— Ei! — ela protesta, mas eu vejo o sorriso de Zane antes que as portas se fechem.

— Eu não tenho intenção de me comportar — Thayden sussurra contra a minha boca, me beijando inconscientemente por dez andares inteiros.

Ainda estamos rindo e nos provocando, flertando descaradamente enquanto chegamos à sala privada no andar de baixo. Ninguém mais está aqui ainda, principalmente porque nós nos apropriamos do elevador. Mas à medida que todos chegam, mal me dou conta de mais alguém. Thayden me oferece uma taça de algum tipo de vinho, mas mal consigo prová-lo. Estou muito distraída com o homem me mimando.

Com o que eu estava preocupada antes? Parece bobo. Esta noite vai ser boa e amanhã será perfeito. O sorriso de Thayden e aquele mesmo olhar de amor em seus olhos me garantem isso.

Isto é, até eu olhar para a porta quando duas mulheres familiares entram. Uma que deveria estar aqui e outra que deveria estar a milhares de quilômetros de distância.

Meu copo cai da minha mão, quebrando no chão de madeira. Thayden imediatamente pega meu braço. Mal sinto seus dedos na minha pele, que ficou fria.

— Delilah? O que foi?

Eu não consigo falar. Eu não consigo nem apontar. Meus olhos estão fixos em Elizabeth, andando pelo cômodo com minha mãe.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Thayden

ACOMPANHO os olhos arregalados de Delilah. Minha mãe está andando ao lado de uma mulher que só pode ser a mãe de Delilah. A semelhança é clara, embora sua mãe tenha uma expressão que nunca vi no rosto de Delilah. É um olhar satisfeito e soberbo, como se ela tivesse acabado de entrar em um jantar em sua homenagem. Ou talvez como se ela tivesse acabado de beber o sangue de seus inimigos. Um desses dois.

Eu nem tenho tempo para planejar uma resposta quando Abby aparece, dando a mim e Delilah um abraço desleixado.

— Vocês — ela fala arrastado, batendo na minha bochecha um pouco mais forte do que o necessário antes de beijar Delilah. — Os melhores. Vocês são os melhores. Os melhores, melhores, melhores, melhores de todos.

Abby oscila, quase nos puxando para baixo com ela. Ela beija Delilah na bochecha novamente e então tenta fazer o mesmo comigo. Ela é muito baixa e acaba esfregando o rosto no meu ombro como um gato. Eu juro, ela até faz um som de ronronar.

Eu tento afastá-la de nós, mas ela é só braços.

— Uh, ei, Abs. Boa gatinha. Agora talvez não seja o melhor momento.

Mamãe e a mãe de Delilah ainda estão se aproximando, mas foram interrompidas pelo Sr. Abramson. Eu preciso falar com Delilah antes que elas cheguem aqui, para perguntar se ela está bem ou como lidar com isso. Delilah não queria sua mãe aqui. Tem que haver uma boa razão para isso. Se for preciso, eu mesmo a expulso.

Pena que minha mãe não pareceu receber esse memorando. Eu posso sentir o cheiro de uma surpresa de Elizabeth Walker a um quilometro de distância. Ela provavelmente mandou o avião buscá-la, pensando nisso como uma espécie de presente de casamento.

Eu tento novamente, mas não consigo tirar Abby. Ela é como uma estrela do mar, grudada em nossos corpos com um milhão de braços.

— Hum, Abs? Você está bebendo álcool, docinho? — Delilah pergunta.

Abby tenta dar um passo para trás, olhando para cima com os olhos arregalados.

— Não! Quero dizer, não realmente.

Ela soluça, então ri, cambaleando para o lado, e é preciso tanto eu quanto Delilah para mantê-la em pé. Juro, vinte minutos atrás no terraço, ela parecia sóbria. Ou, pelo menos, mais no controle de suas funções motoras. Talvez eu simplesmente não tenha notado? Mas acho que teria notado. Todos na sala agora certamente notaram.

— Eu tomei vinho! — Abby sussurra. Ela coloca um dedo nos lábios. — Shh! Não conte a Zane!

Zane aparece como se ela o conjurasse. Balançando a cabeça, ele ajuda a retirar Abby.

— Zane sabe, Abs.

Abby se vira tão rápido que quase cai. Zane a pega em seus braços e ela planta um beijo desleixado em sua boca, então limpa o batom com a mão.

— Zane! Eu te amo! Eu quero me casar! — Ela grita.

— Eu sei, Abs. Nós vamos, ok? — Ele nos dá um olhar tímido por cima do ombro dela enquanto ela tenta escalar seu corpo como uma parede de escalada.

— Nós vamos nos casar! — Abby grita, jogando a cabeça para trás.

— Desculpe — diz Zane. — Eu vou acalmá-la.

— Está tudo bem — Delilah e eu dizemos ao mesmo tempo. Honestamente, eu acho que nós dois estamos felizes pela distração. Eu a puxo em meus braços, querendo que ela saiba que aconteça o que acontecer, eu estou aqui.

— Fique parado. Eu quero sentar em seus ombros, ver como é a vista. Você é tão alto! Como é ser alto?

— Abby, agora não é a hora. — Mas Zane sorri enquanto tenta mantê-la quieta.

— Você é alto. Eu sou baixa. — Ela ri, sua cabeça se inclinando toda para trás. — Está tudo bem. Eu estou com shorts de lycra por baixo. Aprendi com D. Ei, D! Veja só!

Abby puxa a parte de baixo de seu vestido para cima, felizmente revelando shorts de bicicleta pretos de comprimento médio. Tanto Zane quanto eu respiramos fundo de alívio.

— Abs? Você está bem, querida? É o efeito do remédio?

Eu ainda posso ouvir a tensão e preocupação marcadas na voz de Delilah quando ela olha para Abby, então por cima do seu ombro onde minha mãe e a mãe de Delilah quase nos alcançaram. Seu corpo inteiro fica tenso e eu aperto meu braço ao redor dela.

Zane suspira.

— Eles disseram para não misturar com álcool, um aviso que ela claramente ignorou. Tive que ir ao banheiro. Fiquei fora por três minutos. Três minutos, Abs.

Abby ri.

— Posso me meter em muitos problemas em três minutos.

Ele olha para ela, mas um sorriso ainda brinca em seus lábios.

— Claramente.

— Não fique bravo, Zane. Irei me comportar. — Ela dá um tapinha na bochecha dele. — Prometo.

— Vamos pegar um pouco de água e comida para você, Abs.

— Comida! Vamos, marujo! Em direção à mesa do buffet!

É um jantar formal sem buffet, mas tudo bem. Esperançosamente, um dos funcionários ficará com pena e dará a Zane alguns pãezinhos ou algo assim.

— Desculpe! — Zane grita por cima do ombro. Abby se moveu para o lado e está tentando dar um tapa na bunda de Zane. Eu riria, mas agora, diante de nós, estão as nossas mães. Acho que gostaria de ter a estrela do mar, Abby, de volta como escudo.

— Surpresa! — Mamãe sorri, dando um empurrãozinho para frente na mãe de Delilah. — Eu sei que você disse que ela não poderia vir, mas eu simplesmente não podia deixar você se casar sem sua mãe aqui.

— Filha querida — diz a mulher. Ela puxa Delilah para um abraço e eu, relutantemente, a deixo ir, mas a puxo de volta o mais rápido que posso. Delilah consegue dar um sorriso que está mais para uma careta. — E você deve ser Thayden. Encantada em conhecê-lo. Eu sou Verity.

Que tipo de nome é esse?

— Também — eu digo, apertando sua mão rapidamente.

Ela me estuda friamente. Estou surpreso com o quão diferente o sotaque dela é do de Delilah. Soa um pouco britânico, muito elegante e intelectual. Ela está vestida semelhante à minha mãe também. Eu pensei que Delilah tinha crescido com dificuldades financeiras, mas não parece assim se sua mãe é alguma indicação.

— Mamãe — Delilah diz, um pouco de advertência em seu tom.

A mãe de Delilah balança um dedo como se estivesse a repreendendo, e eu quero dar um tapa nele.

— Eu não posso acreditar que você ia me deixar perder isso. Falaremos sobre você ser malcriada mais tarde.

Não, elas certamente não vão. Eu não vou deixar Verity, se esse é o nome verdadeiro dela, chegar perto de Delilah novamente. Eu a aperto mais forte contra mim, tentando estabilizá-la com meu corpo. Aquele sorriso que eu odeio ainda está no lugar, aquele que é fixo e falso.

Estou quase pronto para puxá-la para trás de mim quando os olhos de sua mãe encontram os meus novamente. São olhos assustadores. São da mesma cor que os de Delilah, mas sem amor ou suavidade. Um brilho predatório os ilumina, e há algum triunfo ali também, como se causar angústia à filha é ganhar algum tipo de prêmio.

— Você é um alvo de sorte — diz ela. — Quero dizer, *cara*.

— Mamãe — Delilah sussurra. — Não.

O que a mãe dela quis dizer com *alvo*? Tipo, um alvo de um golpista? O que quer que a mãe de Delilah esteja querendo dizer, eu não estou caindo nessa. Cada movimento dela é frio e calculado. Eu sei que minha mãe teve boas intenções, mas eu quero que ela vá embora.

— Eu acho que eles estão prestes a começar a servir — minha mãe diz, enganchando o braço no cotovelo de Verity. — Reservei os nossos assentos juntos para que possamos trocar informações sobre os nossos filhos.

— Eu adoraria isso — Verity diz, virando aqueles olhos brilhantes e frios para Delilah. — Tantas coisas para colocar em dia com você.

— Mamã... — Delilah começa, mas é interrompida por Zoey, levantando sua voz sobre o barulho no cômodo.

— Por favor, tomem seus lugares. Um jantar de lagosta está pronto para ser servido, com brindes a seguir. — Zoey dá a Delilah um olhar questionador, mas D apenas balança a cabeça.

— Lagosta? — Verity pergunta, parecendo horrorizada, então lançando a Delilah um olhar acusador. — Sou alérgica a frutos do mar.

— Não se preocupe — minha mãe diz, já sinalizando para um garçom. — Nós cuidaremos de você.

— Eu não achei que você estaria aqui, mamãe — Delilah diz. Ela soa como um cachorro que foi chutado muitas vezes.

Sua voz quebra algo dentro de mim. Eu só quero cercá-la e protegê-la. Estou aliviado por estarmos na extremidade oposta à nossas mães na longa mesa. Enquanto ajudo a guiar Delilah para nossos assentos, me inclino para perto.

— Eu sinto muito. Eu não sabia — digo a ela. — Você está bem? O que eu posso fazer?

Ela dá de ombros e o desespero parece sair dela.

— O que está feito, está feito — diz ela. — Thayden. Eu preciso que você saiba...

Somos interrompidos por garçons colocando pratos na nossa frente. Eu não estou nem um pouco com fome, meu

estômago se revirando dolorosamente. Eu adoraria que a lagosta no meu prato apenas rastejasse para longe.

Gavin se inclina para perto.

— Tudo certo?

Eu olho ao redor, me certificando de que Delilah está falando com Sam do outro lado.

— A mãe de Delilah está aqui.

A testa de Gavin franze.

— E isso é uma coisa ruim?

— Parece ser, sim. — Eu passo a mão pelo meu queixo, mantendo meu olhar em Verity. Ela parece uma bomba relógio. Como Lindsay Lohan, na forma de mãe.

— Todo o resto está bem?

É difícil até mesmo lembrar os eventos do início do dia. Eu balanço minha cabeça e sorrio para Gavin.

— Ah, falando em outras notícias, encontrei uma brecha que diz que não precisamos nos casar.

Gavin estremece.

— Achei que não era mais por isso que você queria se casar.

— Não é. E eu deixei o meu emprego hoje. — Não posso deixar de me sentir mais leve só de pensar nisso. A Firma Walker tem sido como uma âncora esse tempo todo, me puxando para baixo. Só percebi o quanto quando dei meu aviso hoje. Já que estarei fora por duas semanas, sou basicamente um homem livre agora. Duke estava maravilhado e eu nem me importo.

Gavin sorri.

— Vê? Aí está. Isso é um grande gesto.

— Agora eu só tenho que contar a Delilah sobre a brecha. Apenas, você sabe, caso ela não queira se casar comigo.

Gavin me dá um tapa na parte de trás da cabeça.

— Ela não está se casando com você pelo dinheiro ou pelo contrato, idiota.

— Eu ainda preciso dizer a ela. Mas agora... — Meus olhos se movem para Verity, que está observando Delilah com uma hostilidade tão aberta que me enerva.

— Posso ter a atenção de vocês? — Zoey interrompe novamente, de pé enquanto ela tilinta o seu copo. Os garçons passam com taças de champanhe ao redor da mesa.

— Está na hora do costume de brindar aos noivos — Zoey começa.

— Eu adoro brincar! — Abby grita, e há risos enquanto Zane a empurra em seu assento, substituindo sua taça de champanhe por água.

Zoey apenas balança a cabeça, sempre imperturbável. Eu pego a mão de Delilah e ela segura a minha como se fosse tudo o que a mantém sã.

— Gostaríamos de abrir espaço, começando com...

— Na verdade, eu adoraria começar. — Verity se levanta, o pavor sobe pela minha espinha. — A mãe da noiva — diz ela, arqueando uma sobrancelha como se desafiasse alguém a contestá-la.

Zoey olha para Delilah, que é uma estátua ao meu lado. Penso em interromper Verity, mas o que eu diria? Delilah nunca me contou sobre seu passado, nunca disse mais do que algumas palavras desdenhosas sobre sua mãe. Eu adoraria pensar que Verity vai ser legal, que ela vai preencher o que são claramente algumas lacunas do tamanho de um cânion entre elas, mas o olhar em seu rosto me faz acreditar no contrário.

— É maravilhoso estar aqui hoje à noite e agradeço à família Walker pela hospedagem. Me senti muito bem-vinda, apesar de não ter recebido convite.

Há risos, pois superficialmente suas palavras parecem como as zombarias educadas que às vezes ocorrem durante os brindes. Mas não há nada educado sobre o fogo frio em seus olhos e ela está atacando mais do que zombando.

— Não tenho muito a dizer, considerando que minha filha me tirou de sua vida como quem corta as pontas duplas.

Verity faz uma pausa e o riso disperso é cada vez mais forçado. Os olhos da minha mãe estão arregalados. Dou-lhe um olhar, desejando que ela pudesse puxar a bengala de madeira e arrancar Verity do palco. Inclinando-me para mais perto, coloco meu braço ao redor de Delilah, que está tremendo.

Por que ela não se abriu? Por que ela não me contou sobre seu passado, para que eu pudesse estar preparado, para que eu pudesse protegê-la de qualquer ataque que seja?

Estou prestes a me levantar e interromper Verity quando ela ergue a taça. A sala segue o exemplo, exceto eu e Delilah.

— Vamos fazer um brinde à minha filha, a empresária. Ou, como ela pode ser rotulada com mais precisão, a golpista.

Há um arquejo coletivo na sala, e Delilah já está de pé. Estou bem ao lado dela. A fúria está queimando um buraco no centro do meu peito. Não preciso ouvir a defesa de Delilah. Não acredito em nada que saia da boca dessa mulher.

Verity ergue a taça mais alta. Eu gostaria que minha mãe tivesse um treinamento de luta livre profissional do WWE ao invés de um de debutante. Eu adoraria ver ela bater na mãe de Delilah agora.

— À Delilah! Que evoluiu de enganar as pessoas em concursos para fazer parte de uma família rica e legítima. Muito bem, filha. — Sua boca se torna um sorriso de escárnio. — Eles mereciam saber — ela sussurra, sua voz deslizando para um sotaque que é muito mais parecido com o de Delilah.

Enquanto eu observava sua mãe, ela escapou de mim. Com os braços em volta de si mesma, ela anda de costas em direção à porta. Eu bato o meu dedo do pé em uma cadeira, tropeçando enquanto tento alcançá-la. Garçons estão posicionados atrás de nós com bandejas cheias de mais taças de champanhe, e eu esbarro em um, nós dois acabando no chão, o garçom em cima de mim, o champanhe encharcando meu terno.

— Boo! Booooooo! Bobagem!

A voz de Abby chama minha atenção. Enquanto eu consigo me libertar, me levantando, eu a vejo, de pé sobre a mesa – bem, *balançando* sobre a mesa – apontando para Verity.

— Rainha das Mentiras! Rainha do Lodo! Rainha da Putrescência!

Eu reconheceria essas falas em qualquer lugar. Abby as confundiu um pouco, mas ela está citando *A Princesa Prometida*.

Mandou bem, Abs.

E onde está Zane? Ele parece que está prestes a pular da cadeira, mas seu pai o segura com uma palma da mão contra o peito de Zane. Interessante.

— Boooooo!

Quando Abby joga a primeira lagosta em Verity, o Sr. Abramson solta Zane. Não cedo o suficiente para parar o crustáceo comido pela metade. Ele atinge o centro do vestido verde de Verity, deixando uma mancha de manteiga enquanto desliza para seu colo. Verity grita, pulando de pé.

Zane a agarra, mas Abby se afasta, derramando champanhe e taças de água enquanto ela vai. Ela joga uma segunda lagosta junto com um mini recipiente de manteiga derretida. A lagosta atinge o pescoço de Verity e a manteiga envia um arco dourado pela camisa de Chase. Ele pisca duas vezes, então se vira para Abby. Ela já tem outra lagosta, enquanto Zane a agarra novamente.

A terceira lagosta acerta a bochecha de Verity.

— Sou alérgica! — Verity grita, pulando de pé e se esfregando vigorosamente com um guardanapo.

De fato, sua pele começa a ficar vermelha de raiva. Embora possa ter sido pela força do arremesso. Abby tem um braço forte.

— Bem feito para você! — Abby grita.

Estamos todos agradecidos por ela estar com shorts de lycra quando Zane a arrasta para fora da mesa enquanto ela está chutando e gritando. Um de seus saltos acaba pendurado em uma taça de água, outro na luminária acima.

De alguma forma, Abby consegue pegar outra lagosta no caminho. Para alguém debilitada por uma combinação de pílulas e vinho, Abby tem uma mira mortalmente precisa. Esta ricocheteia na clavícula de Verity.

Há definitivamente uma reação alérgica acontecendo, com manchas vermelhas aparecendo no rosto, braços e peito de Verity. Espero que não seja anafilaxia. A última coisa que Abby precisa é ser presa por agressão com uma lagosta mortal.

Quer dizer, eu também não quero que a mãe de Delilah morra. Urticária? Totalmente ok para mim. Eu ficaria de boa com furúnculos. Isso pode ser gentil demais. Uma praga seria adequada. Isso e banimento.

Aparentemente, meu senso de justiça é muito parecido com o da Idade Média.

Abby ainda está gritando enquanto Zane a arrasta para longe.

— Ninguém mexe com a minha D!

— Vocês nem sabem quem ela realmente é! — Verity grita. — Eu sou o sangue dela! Sua única família!

Zoey está totalmente de pé, uma cabeça mais alta que Verity, pelo menos.

— Não, *nós* somos a família dela.

Eu concordo plenamente. O mesmo acontece com esta pequena sala cheia de pessoas, todas agora de pé, rostos zangados voltados para Verity. Até minha mãe parece que está prestes a se tornar medieval com ela.

Eu me viro para ver a reação de Delilah, mas ela se foi.

Delilah! Ela deve ter fugido enquanto estávamos todos distraídos com as palhaçadas de Abby.

— Vá atrás dela — diz Gavin, me dando um tapa nas costas. — Vou tentar lidar com isso.

— Obrigado. — Eu corro para a porta.

Estou no meio do corredor do hotel quando dois seguranças correm em minha direção. Faço uma pausa e aponto para a porta atrás de mim.

— É a mulher de vestido verde. Ela está gritando, vocês não podem deixá-la escapar. Ela invadiu o jantar de ensaio. Definitivamente prendam-a!

— Não podemos prender pessoas, senhor — diz o primeiro homem.

— Vocês podem dar um choque com um taser?

— Definitivamente não.

— Bem, façam seja lá o que *puderem* e tirem aquela mulher de lá. Sou eu que estou pagando essa conta e quero que ela vá embora.

Eu tiro uma nota de cem dólares da minha carteira e coloco no bolso do primeiro cara.

— Sim, senhor.

E então eu estou indo. Passando pelo corredor, descendo as escadas e saindo pelas portas da frente do hotel. Chego bem a tempo de ver Delilah entrando em um carro de aplicativo no final do quarteirão.

— Delilah! — eu grito.

Mas ela já se foi.

Capítulo Vinte e Oito

Delilah

Não sei por que escolhi o banheiro de Thayden para meu colapso. A coisa mais macia em todo o cômodo é um tapete de banho, e eu desabo nele, deixando cair a cabeça entre os joelhos. Talvez ficar entre todas essas linhas ásperas e espaços inflexíveis sejam minha maneira de me punir. Ou talvez eu goste deste cômodo porque me lembra da vez que Thayden e eu caímos na banheira, e todas as noites em que escovamos os dentes ao mesmo tempo. Pequenas coisas, mas que importam muito para mim.

Elas acabaram agora? A pequena revelação de mamãe fez Thayden repensar o nosso relacionamento? Ou repensar sobre mim?

A vergonha deixa um gosto de carvão e cinzas na minha boca. Meu passado, tão feio, tão humilhante, agora foi arrastado diretamente para o meu presente. Parte de mim sabe que minhas amigas vão me amar, não importa o quê ela diga. Elas certamente bombardearam o meu telefone com ligações até que eu finalmente o desliguei. Thayden também me conhece bem o suficiente para saber que não estou o enganando ou casando com ele por dinheiro. E se ele não

conhece... bem, talvez não estivéssemos destinados a ficar juntos.

A banheira contra minhas costas é dura. Os azulejos em meus pés descalços, frios. Desconfortável é um eufemismo.

Mas eu não quero conforto. Quero superfícies duras e reluzentes, a punição das bordas frias contra a minha pele. Tudo aqui é branco ou cinza, e eu anseio pela rigidez, pela purificação.

Apollo me seguiu escada acima e geme baixinho do lado de fora da porta que leva ao meu quarto. Seu nariz funga ao longo da fresta abaixo da porta.

— Está tudo bem, grandão. Eu só... preciso ficar sozinha.

Eu ouço Apollo girar em círculos, arranhar o chão algumas vezes, e então deixar o seu corpo cair com um gemido. Posso ver sua sombra sob a porta e me conforta saber que ele está lá.

— Você nunca me julgaria pelo meu passado, não é, grandão?

Eu sei a resposta. Eu também sei que minhas amigas não julgariam. Que Thayden não julgaria. Eu não deveria ter fugido. Mas de todas as coisas que imaginei que poderiam dar errado neste fim de semana, minha mãe aparecendo do nada não tinha sido uma delas. E cara, ela sabe fazer uma cena. Causar um tumulto. Arruinar uma vida.

Ela perdeu a arte da sutileza ao longo dos anos? Na minha memória, ela usaria um veneno de ação lenta, não uma espingarda de cano serrado como a arma de sua escolha. Talvez

ela estivesse acumulando as minhas punições, deixando a lista crescer ao longo dos anos que estive fora, esperando por uma chance como essa para atacar. Suas palavras foram rápidas, inesperadas e brutais.

Levanto as palmas das minhas mãos até as minhas bochechas, sem ficar surpresa por minha pele estar molhada com lágrimas. Elas se acumularam no meu pescoço, pingaram no meu sutiã.

— Delilah!

Eu congelo ao som da voz de Thayden, seus pés se movendo rápidos nas escadas. Cada músculo do meu corpo fica tenso, se travando. Tão firme que quando subo meus joelhos para o meu peito, meu tendão de repente se contrai.

— Ai! — Eu suspiro, me contorcendo e tentando me livrar da cãibra na parte de trás da minha perna, que só parece piorar. Não vai parar, é como se alguém tivesse apertado uma prensa ao redor do músculo e estivesse apertando-o.

— Delilah? — A voz em pânico de Thayden está bem do lado de fora da porta dele do banheiro. Estou grata por termos consertado a fechadura, embora a porta chacoalhe quando ele bate com os punhos nela. — Abra! Você está machucada?

Eu gemo, mas a cãibra está começando a diminuir. Eu cavo meus dedos na parte de trás da minha perna, massageando a parte dolorida.

— Estou bem — eu grunho entre os dentes cerrados. — Apenas uma cãibra.

A batida para. Sua garganta solta um pigarro.

— Oh. Você disse cólicas? Você está menstruada?

Eu balanço minha cabeça, deixando-a cair em minhas mãos enquanto rio silenciosamente. Thayden falando sobre menstruação é o suficiente para me tirar do meu pânico. Ele está tentando ser casual, mas não combina com ele, é como um pai usando a linguagem de seu filho adolescente. Eu me pergunto se ele já conversou com uma mulher sobre menstruação antes. Aposto que não.

— Há uma bolsa térmica no armário. Você precisa de aspirina? — Ele faz uma pausa. — Absorventes noturnos? Uh, absorventes internos? Eu poderia ir à loja. Ou você usa um daqueles coletores mens...

— Eu estou com uma CÃIBRA na perna! — Eu tenho que pará-lo antes que ele termine essa frase. Como Thayden ouviu falar de um coletor menstrual? A única maneira que eu sei sobre eles é de um grupo do Facebook em que estou, que deveria ser um clube do livro, mas é, praticamente, apenas mulheres conversando sobre a vida. TODOS os aspectos da vida.

Estou chorando de novo, mas desta vez rindo junto. Ou talvez seja apenas uma sobrecarga de todas as emoções.

— Uma *cãibra* na perna? — Thayden parece aliviado e também perplexo. — Você estava... se exercitando?

— Não. Provavelmente é apenas estresse. Ou por ter sentado de uma forma estranha no chão.

— Por que você está sentada no chão?

— Era melhor do que sentar no vaso sanitário ou na banheira.

Thayden não diz nada, mas posso praticamente ouvir seu cérebro formando perguntas, como nuvens surgindo antes de uma tempestade. Provavelmente as perguntas lógicas como, *por que você está no banheiro, para começar?* Sob a porta, vejo sua sombra. Ele está andando.

— Delilah, precisamos conversar sobre o que aconteceu.

Meus olhos se fecham, soltando mais algumas lágrimas enquanto o fazem.

— Podemos simplesmente não conversar?

— Eu acho que devemos.

— Desculpe, vou ter que recusar.

Ele solta um suspiro frustrado.

— Se há alguém que entende, sou eu.

Meu rosto parece que vai explodir com o calor surgindo debaixo da minha pele de repente. Meus punhos se juntam ao meu lado, minhas unhas cortando minhas palmas.

— Você sabe como é crescer como um vale-refeição? Ter a sua mãe te submetendo em concursos para manter os bolsos dela cheios? Elizabeth ensinou a você como tirar uma carteira do bolso de trás de alguém, e como se safar de um erro se você for pego? Você aprendeu a arte de executar um golpe antes de aprender a ler? Você sabe a vergonha que esse tipo de passado traz, mesmo depois de anos?

Debaixo da porta, posso ver seus sapatos sociais brilhantes. Isso é o quão perto ele está da porta. Eu me aproximo dele.

Minha respiração parece forte e pesada no silêncio de Thayden. Eu lambo meus lábios, que parecem secos e rachados, meu batom de antes sumiu totalmente.

— A menos que você tenha um currículo criminal que eu não conheça, um que inclua aprender desde a infância com a sua mãe e seu pai, então eu acho que você não entende.

A coisa sobre desabafos é que você acha que vai se sentir melhor depois de tirá-los do peito. E há algo no ato de liberação, é como vapor em uma situação onde há pressão no encanamento. Mas não me sinto melhor agora. Apenas fraca e farta. Tão cheia de vergonha e com tantas dúvidas quanto antes.

Observo os sapatos de Thayden desaparecerem. Ele se afasta, e eu sinto cada passo como se fossem um tapa.

Eu finalmente fui muito brutal, o magoei demais. Tenho sido muito decepcionante, tanto no meu passado quanto em como estou reagindo, mesmo agora. Eu corri quando deveria ter ficado. Estou trancando a porta quando deveria abri-la. Eu o empurrei e o empurrei, e finalmente o afastei para longe demais.

Eu sei que a situação familiar dele não tem sido perfeita. Não estaríamos nesta situação sem as manipulações de seu pai. Eu vi a frustração em seus olhos por causa de seu pai, ouvi a amargura pairando em sua voz. Deveríamos estar consolando um ao

outro sobre nossas feridas causadas pelos nossos familiares. Em vez disso, eu apenas arranquei a cabeça dele.

— Sinto muito — eu sussurro, sabendo que ele provavelmente não pode me ouvir. Ele não está perto o suficiente mais.

Um som suave faz meus olhos se abrirem. Uma pilha de envelopes se espalha por baixo da porta. Meu coração salta, sabendo que Thayden ainda está lá. Ele não me deixou. Uma pequena lasca de esperança se desenrola.

— Você provavelmente reconhece isso — diz Thayden. Sua voz soa mais próxima, como se ele estivesse agachado agora. E eu juro que ouço um sorriso em sua voz. — Você sabe, de todas as vezes que você bisbilhotou quando eu não estava aqui.

Agora estou sorrindo, mesmo que seja através das lágrimas. Eu não havia pensado nesses envelopes misteriosos há semanas. O homem em si é muito mais interessante do que os segredos que ele guarda atrás das Calvin Kleins em sua gaveta.

— Por que, senhor, o que você quer dizer? — Meu tom não é tão leve ou sedutor quanto eu gostaria, mas estou fazendo o meu melhor aqui.

Sua risada é como uma chave que, ao girar, liga algum motor que ronca no meu peito.

— Não me diga que sua curiosidade não a levou à minha gaveta de roupas íntimas. *Eu conheço você*.

Essas são provavelmente as únicas *outras* três palavras que poderiam me atingir tanto. Especialmente porque são

verdadeiras. Ele me conhece. Eu escondi tanta coisa de tantas pessoas por tanto tempo. Até – não, *especialmente* – das minhas amigas mais próximas. Mas Thayden viu tudo.

Eu intencionalmente desembrulhei um pouco de mim para ele, compartilhando coisas que eu não tinha planos de compartilhar. Mais do que eu já compartilhei com as minhas melhores amigas. E esta noite, mamãe desenrolou com força os últimos pedaços de tecido que cobrem todos os meus segredos, toda a minha vergonha. Thayden conhece minha pior vergonha.

E. Ele. Ainda. Está. Aqui. Meu sorriso é tão grande que minhas bochechas doem.

— Você não pode provar nada — eu digo, mas estou me inclinando para frente, tocando em um envelope branco, passando a parte debaixo da minha unha pelo canto.

— Gostaria que você lesse — diz Thayden. Então, em um tom de provocação —, eu sei que você quer.

Eu quero. Tanto. Apesar de toda a sobrecarga emocional desta noite, a gatinha em mim quer perder outra de suas sete vidas para a curiosidade que me é despertada, rasgando cada envelope com minhas garras e dentes e desenterrando os segredos que estão dentro.

Hesito, juntando os envelopes em uma pilha, contando-os. Agora são onze. Meu interesse fica aguçado. Onze?

Eu corro minha língua sobre meus dentes, então sobre os meus lábios.

— Isso são... cartas?

Há um baque suave e um suspiro do outro lado da porta. Imagino Thayden sentado com as costas contra a parede, afrouxando a gravata e tirando os sapatos.

— Sim. Eu as escrevi para mim mesmo. A maior parte em grandes eventos ou comemorações. Acontecimentos marcantes como a formatura do ensino médio, ao conseguir o meu primeiro estágio, ao ser aceito na faculdade de direito, passar na prova da Ordem dos Advogados. — Ele faz uma pausa. — São as coisas que eu gostaria que meu pai tivesse me dito, mas nunca disse.

Esfrego a mão no meu esterno, tentando aliviar a dor que sinto por Thayden.

— Thayden... — É tudo o que consigo dizer.

— Leia — diz ele. — Eu quero que você as leia.

Recolho as cartas, que quase não pesam nada nas palmas das mãos, mas que são pesadas como uma âncora.

— Não tenho certeza se consigo agora, afinal. Mas eu irei, eu prometo.

Não há como me impedir de abri-las agora que me foi me dado permissão. Mas neste momento tudo está muito cru. Muito real.

Eu me levanto, segurando as cartas em uma mão e pressionando a outra palma contra a porta. Ouço Thayden se mexer do outro lado, então a sombra se move sob a porta enquanto seus pés se alinham com os meus. Juro que posso

senti-lo através da porta quando ele se inclina contra ela, um suave chiado de madeira e uma leve vibração. Estamos tão perto, mas tão longe.

Ele está ali. Bem... *ali*. Eu empurro minha palma e testa com mais força contra a porta.

— Eu preciso te dizer uma coisa — Thayden diz, fazendo o meu coração vacilar. Nenhuma boa conversa começa com essas palavras.

— Ok.

— É mais do que uma coisa, na verdade. — Ele suspira, e eu gostaria de poder sentir a sua suavidade contra a minha pele.

— Por favor, apenas me diga o que for. Não me faça esperar.

— Encontrei uma brecha no contrato do meu pai. Não preciso me casar para manter a empresa.

O cômodo de repente está tão frio, como se todos os azulejos e superfícies de metal tivessem congelado. Eu sinto o gelo subindo de onde meus pés tocam o azulejo frio, a geada deslizando pelas minhas pernas, passando pelos meus quadris, envolvendo meu coração e se espalhando para as pontas dos meus dedos.

Eu mordo meu lábio.

— Está bem, então. Nós podemos apenas...

— Eu não ia te contar. Eu não queria te contar.

Por um momento, essas palavras dão voltas em minha mente. Estou tentando fazê-las ficarem quietas para que eu possa examiná-las.

— Por quê?

— Eu estava nervoso, pensando que você não iria querer se casar comigo se não precisasse.

Quando não falo, principalmente porque uma dor no peito roubou minha capacidade de fazê-lo, Thayden continua.

— Então, eu decidi que era estúpido não confiar em você. Nós dois dissemos que queremos que isso seja real. É por isso... — Ele faz uma pausa. — Que eu estou saindo da empresa.

De todas as coisas que ele disse, esta não deveria chamar a minha atenção, mas chama.

— Você *o quê*?

— Eu preciso que você saiba que eu não estou me casando com você porque eu preciso. Não estou fazendo isso por causa do meu pai e também não estou *evitando* fazer isso por causa do meu pai. Não confio nas minhas próprias motivações onde ele está envolvido, então estou apenas o tirando da equação. Eu estou fora do jogo dele. Não estou jogando mais.

— Thayden, você não precisava desistir da sua empresa!

— Eu precisava — diz ele com firmeza. — Tanto por mim quanto por você. E me sinto muito melhor. Eu me sinto *livre*. Eu já avisei a diretoria e é oficial, assim que eu voltar da nossa lua de mel.

Lua de mel?

— Ah, sim. — Eu posso ouvir o sorriso em sua voz agora, como se estivesse apenas começando a aparecer. — Já que estou confessando, posso muito bem contar tudo. Reservei uma lua

de mel para nós. Você me disse que nunca teve uma viagem de férias de verdade. Você vai adorar. Assim que você terminar de ficar brava por eu ter feito isso quando você me disse para não fazer.

— Você estava planejando me drogar e me sequestrar?

Ele ri.

— Eu estava esperando que você fosse de bom grado, mas...

— Eu não sei o que dizer.

Thayden respira fundo, alto o suficiente para que eu possa ouvi-lo enquanto imagino seus ombros subindo com a inspiração.

— Delilah, eu sei que sou uma bagunça. Eu não sou o melhor homem do mundo. Eu não sou o que você provavelmente imaginou em um marido. Eu sei que te deixo louca às vezes, mas eu quero passar o resto da minha vida descobrindo como ser um homem que te merece, mesmo que eu cometa um erro toda vez.

Tudo em mim parece muito sensível, muito consciente. O branco da porta parece mais branco, é um brilho intenso e doloroso. Eu tenho que fechar meus olhos contra ele. O som do ar condicionado ligado é muito alto, o ar é gelado enquanto sussurra sobre meus braços e pescoço nu. Imagino o rosto bonito de Thayden, cabisbaixo contra o outro lado desta porta, mordendo o lábio enquanto espera que eu responda.

Eu sei o que tenho que dizer, o que eu *quero* dizer e, ainda assim, fazer os meus lábios se moverem exige esforço.

— Eu te amo.

Minha voz é forte e clara e sei que Thayden deve ter me ouvido, mas antes que ele possa responder, digo novamente para ter certeza de que ele sabe. E então novamente. Cada vez fica mais fácil, meu peito fica mais leve.

— Eu te amo. Eu te *amo*.

Há uma rápida inalação de ar e a porta range e geme, como se Thayden estivesse tentando passar por ela.

— Você... me ama? — Ele fala em uma expiração e há um tom de admiração, como se ele estivesse na beira de um penhasco, admirando uma vista de tirar o fôlego.

Eu falo através de um sorriso.

— Eu tentei não amar.

Então ele ri de novo e eu tenho certeza de que é meu som favorito no mundo.

— Eu também te amo, Delilah Hart. Mas eu queria ter dito isso primeiro — ele choraminga de brincadeira.

Estou sorrindo, me contorcendo um pouco contra a porta.

— Você já disse. Tudo o que você disse agora foi um eu te amo. Tudo o que você tem feito por mim, até mesmo as coisas das quais eu reclamei e disse que não queria, você estava me dizendo esse tempo todo, não é?

— Sim. À maneira de um covarde.

— Você não é um covarde.

— Eu poderia ter simplesmente dito.

Estou balançando a cabeça.

— Não. Você não poderia ter dito. Eu não teria ouvido você, não teria acreditado em você. Não até agora.

— Por que agora?

Eu olho para as cartas. Estou fazendo o meu melhor para mantê-las intactas, mas elas estão amassando um pouco por estarem sendo agarradas pelo meu punho e pressionadas contra o meu corpo.

— Você viu a minha parte feia — digo a ele, imaginando o rosto presunçoso de mamãe. — Ela inteira. E você ainda está aqui.

— Não há nada feio em você, Delilah.

Eu zombo e ele bate na porta levemente, talvez com a palma da mão. Eu sinto em todas as partes do meu corpo que estão tocando a porta.

— Abby jogou lagostas em sua mãe — diz ele.

— O quê? — Estou lutando para acompanhar a mudança de assunto nessa conversa. — Ela... o quê? Mamãe é alérgica.

— Ela provavelmente vai ficar bem. De qualquer jeito, ela mereceu isso.

— Mas ela não mentiu, Thayden.

— Você não pode me dizer que se culpa pelo que sua mãe a forçou a fazer quando criança. Isso foi abuso, Delilah. Manipulação. Não é quem *você* é.

Eu sei disso. Eu sabia *disso*. Mas ouvir Thayden confirmar isso faz meu coração se sentir mais leve. Eu me sinto... absolvida.

— Todo mundo defendeu você — Thayden diz, e agora meus olhos estão queimando novamente. — Eles disseram que eram sua família.

— Sério? — Minha voz é um chiado embaraçoso.

— Sério. Abby estava em cima das mesas, jogando lagostas enquanto Zane a perseguia. Foi uma visão gloriosa.

Meu sorriso é enorme e posso sentir as lágrimas escorrendo pelos cantos dos olhos. Eu não me importo nem um pouco.

— Eu sei que ela mesma quer te contar, mas minha mãe sente muito. Ela queria fazer algo legal.

— Eu sei que ela queria. Não estou brava com sua mãe. A minha já se foi?

— Sim. Me certifiquei de que pagássemos uma passagem de ônibus e chamei o Sr. Abramson para ter certeza de que ela embarcaria. Delilah?

— Sim?

— Eu tenho que te perguntar uma coisa, porque eu realmente nunca perguntei. — Thayden bate na porta novamente, dessa vez com mais delicadeza. — Delilah Hart, você quer se casar comigo?

Estou sorrindo que nem boba.

— Hum. Preciso consultar minha agenda. Quando você estava pensando em fazer isso?

— Talvez amanhã? Depois do almoço, se você estiver livre.

— Eu provavelmente poderia limpar minha agenda. Claro, isso poderia funcionar.

— *Claro*, você vai se casar comigo?

— Aham.

— *Aham*? Talvez eu devesse esperar por uma mulher que diria sim. Ou Absolutamente. Definitivamente.

— Ah, não, você não vai, Thayden Walker. Não há como voltar atrás, senhor. Você propôs. Eu respondi. Vai acontecer. Amanhã. Depois do almoço.

— Tudo bem.

— Tudo bem.

Tenho uma imagem mental repentina, Thayden e eu com cabelos grisalhos, um pouco curvados. Talvez haja até um andador envolvido, do tipo com bolas de tênis nas pontas. Estamos andando lado a lado, discutindo se o céu é azul. Ele diz alguma coisa espertinha, mostrando aquela maldita covinha. Eu o cutuco com um dedo enrugado e nós dois rimos.

Eu quero *tanto* esse futuro que o suor começa a escorrer nas minhas costas.

Eu toco a maçaneta, abrindo a fechadura. Meu coração bate atrás das minhas costelas, buscando liberação. Preciso vê-lo, sentir seus braços em volta de mim, consolidar toda essa conversa com ação.

Mas quando vou girar a maçaneta, há resistência. Eu dou uma pequena sacudida.

— Não. — A voz de Thayden é um silvo.

— E por que não? — Estou indignada e pareço uma criança fazendo birra.

— Por que não? Porque estou prestes a entrar por esta porta, pegar você e jogá-la na minha cama.

Ah, cara. Eu não odeio o som disso. Eu só odeio a porta entre nós e sua resistência.

— Thayden — eu choramingo.

Ele está bem ali, tão perto, e minha pele está viva e dolorida. Eu preciso de suas mãos na minha cintura ou no meu cabelo, seus lábios nos meus. Eu preciso cheirá-lo, sentir seus sussurros na minha pele. Quero ver o amor em seus olhos, um olhar que já conheço, e finalmente reconhecê-lo pelo que é.

— Não vai acontecer — diz Thayden.

Dou uma sacudida raivosa na maçaneta, sorrindo quando ele faz um som de rosnado.

— Pare com isso — diz ele.

— Por quê? Por que não podemos apenas... nos beijar? — Estou quase sem fôlego com a memória de nossos poucos beijos e aquela sensação de dor na minha pele se intensifica. — Eu preciso *ver* você.

— Não.

— Apenas um abraço?

— Delilah, em vinte e quatro horas, *sim*. Para tudo isso. Agora mesmo? Eu quero poupar tudo até dizermos verdadeiros "eu aceito". Eu quero que a primeira vez que eu jogar você na minha cama – a primeira de muitas vezes que virão – seja quando você compartilhar meu sobrenome.

Estou tão emocionada com as palavras. Elas me fazem querer pegar uma marreta e acertá-la na porta. Com a adrenalina correndo em mim, acho que poderia *jogá-lo* na cama. Mas ele está certo e, por mais que eu queira explodir pela porta, eu posso esperar.

— Tecnicamente, eu não vou compartilhar seu sobrenome até que eu registre a papelada — eu digo a ele.

— Delilah — ele rosna.

Eu rio.

— Você soa como o grande lobo mau. Por que você não assopra um pouco e vê o que pode fazer com essa porta aqui?

— Em vez disso, por que não digo meu adeus? Vou ficar com minha mãe esta noite.

— Muita tentação em casa? — Eu provoco, mordendo meu lábio.

— Exatamente isso — diz ele, completamente sério.

Eu chacoalho a maçaneta novamente, incapaz de me impedir de provocar o homem. Ele faz um som frustrado que está entre um rosnado e um gemido. É um *geminado*, um som que é a cara de Thayden. Eu deveria patentear uma marca registrada, então presenteá-lo com a papelada dela em seu aniversário.

— Quando é seu aniversário? — eu deixo escapar.

— O quê?

— Eu... não posso me casar com você se não souber as informações importantes.

Ele ri baixinho.

— 11 de fevereiro.

Eu espero um momento.

— Você não quer saber o meu?

— 7 de novembro. Você é uma escorpiana. E sim, eu já tenho o seu presente.

— Thayden Walker, você é um stalker.

— Eu sou. E você pode apostar que se você não aparecer amanhã na hora, eu vou persegui-la até o dia em que você morrer.

Estou sorrindo quando me viro, colocando minhas costas contra a porta, desejando que ele estivesse envolvendo um braço ao redor de mim e me puxando para perto.

— Não consigo decidir se essa é a coisa mais assustadora ou romântica que já ouvi. — Faço uma pausa, ainda sorrindo. — Promete?

Ele espera um instante, então diz com um rosnado gutural:

— Prometo.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Delilah

EU OLHO para o vestido em choque. *O* vestido.

Elizabeth sorri, estendendo-o para mim no cabide almofadado.

— Pegue. É seu.

Eu quero protestar. Eu não sei exatamente quanto isso custou, mas eu não quero saber.

— Elizabeth! Você não deveria ter feito isso! Não, é sério. Estou falando sério. Mas estou tão feliz que você fez.

— Você estava linda demais nele para eu não fazer. Espero que não se importe.

— Me importar? Estou emocionada. Obrigada.

Eu penduro o vestido na arara ao lado do vestido considerado como segundo preferido que comprei em algum centro comercial de noivas. Ele parece se encolher, como se estivesse envergonhado de ser visto ao lado do seu correspondente de alta-costura.

Eu balanço minha cabeça.

— Você e seu filho... vocês são feitos do mesmo tecido. Quando você fez isso?

— No dia em que você experimentou.

Eu levanto minha cabeça.

— Você está falando sério?

Os olhos de Elizabeth suavizam.

— Eu precisei. Era *o* vestido para você. Como mágica. Eu soube no momento em que o vi. Eu também sabia que você não queria aceitar, então eu comprei escondida.

Eu quero recusar o presente caríssimo. Mas não posso. Me lembro da sensação do vestido deslizando sobre meu corpo e como ele parecia no espelho. É o meu vestido dos sonhos. E, apesar de que teria sido bom o que eu comprei na grande rede de lojas de casamentos, este será a perfeição.

Eu envolvo meus braços em torno de Elizabeth, e ficamos assim por alguns segundos. Eu sei que ela está tão emocionada quanto eu, porque posso sentir sua respiração trêmula. Eu a aperto com mais força.

— Espero que você saiba que eu a considero como uma filha. E hoje, oficializamos isso. De *verdade*.

Suas palavras são demais. Eu tento segurar as lágrimas. Não está rolando. Eu sou como uma represa – um vazamento e a coisa toda já era. Estou usando tudo à prova d'água, mas ainda assim.

— E, Delilah? Sinto muito por aquela mulher. *Verity*. — Ela diz o nome com tanto veneno. É estranhamente validante.

Eu dou um tapinha no ombro dela.

— O nome verdadeiro dela é Trixie.

Elizabeth se afasta, já rindo. Ela cobre a boca.

— Trixie? Abreviatura de...?

— Trixie. — Eu mordo meu lábio enquanto Elizabeth ri.

Eu deveria sentir alguma coisa, por falar assim sobre mamãe. Mas depois de conversar com Thayden ontem à noite e saber como as pessoas da minha vida me defenderam, consegui me desapegar. Eu gostaria de ter tido algum tipo de experiência feliz e normal na infância. Mas eu não tive. Em vez disso, tenho um grupo de amigos incríveis, um noivo com quem mal posso esperar para me casar e sua mãe, que já mostrou mais amor por mim em seis semanas do que mamãe mostrou em toda a minha vida.

Elizabeth me dá um beijo na bochecha e um aperto rápido.

— Eu vou sair daqui. Acho que deveria estar longe quando você colocar este vestido. Apenas, considerando a última vez. — Ela pisca.

Eu rio.

— Acho que você acabou comprando um vestido naquele dia, afinal.

Ela tosse, seus olhos se desviando.

— Sim. Eu comprei *um* vestido.

— Elizabeth. — Eu agarro o braço dela. — Você comprou *um* vestido, como em um vestido? Por favor, não me diga que você teve que comprar o que nós rasgamos.

Rindo e acenando com a mão, ela se afasta de mim.

— Ok, eu não vou te dizer!

— Elizabeth!

— É só dinheiro, querida! Acostume-se a ser mimada. — E então ela se foi.

Eu balanço minha cabeça, soltando um suspiro e tentando não pensar em quanto dinheiro ela gastou naquela boutique de noivas. Agora, eu tenho três vestidos de noiva para mim. Ridículo.

Abby aparece do nada, ofegante com meu vestido novo.

— Esse vestido é lindo! — Ela circula a arara, olhando cada pedaço do tecido com algo parecido com luxúria.

— Apenas pense, você pode ser a próxima — digo a ela. — E se você quiser um que já está pago, pode ficar com o meu outro.

— Obrigada, mas não — diz Abby. Suas sobrancelhas rapidamente se erguem. — Desculpe! É só que... esse outro é muito feio.

Eu reviro os olhos, escolhendo não me ofender porque ela está certa. E posso admitir isso agora que tenho o vestido certo.

— Como você está se sentindo hoje? Depois da sua grande noite?

Na noite anterior, todas as garotas, menos Abby, apareceram na casa de Thayden depois que ele saiu. Aparentemente, ela desmaiou instantes depois de seu grande show e estava roncando antes de a deixarem em casa.

Abby parece horrorizada.

— Eu sinto muito. Eu não achei que o aviso sobre não misturar medicamento com álcool fosse sério. Você está brava?

Eu rio.

— Brava? Não. Obrigada. Eu só queria poder ter visto.

— Sam filmou a coisa toda — ela sussurra, enquanto a porta da suíte se abre quando Zoey, Harper e Sam se empilham com mais sacolas de roupas. Abby sai correndo, e eu faço uma nota mental para pegar emprestado o telefone de Sam mais tarde.

— Eu tenho nossos vestidos — Sam cantarola. As meninas começam a abrir as sacolas de roupas.

— Ei, D. O que você acha? — Abby pergunta.

Eu me viro, piscando em surpresa para as minhas amigas, que vestiram vestidos combinados em tons de rosa, Abby no mais vivo e o vestido de Harper em um tom leve.

— Ei! O que é isto?

Zoey envolve um braço ao redor da minha cintura, descansando a cabeça na minha. Ela é alta o suficiente para que sua bochecha fique bem no topo da minha cabeça.

— Eu sei que você disse que não queria ter damas de honra, mas nós não íamos deixar você ficar lá sozinha. Estaremos sempre ao seu lado.

Eu abano meus olhos com as mãos, como se isso fosse segurar as lágrimas.

— Eu não queria chorar hoje, pessoal!

Zoey balança a cabeça.

— E você realmente pensou que não iria?

— Bem, não. — Eu rio e fungo, limpando o nariz da maneira mais vergonhosa. Harper joga uma caixa de lenços em

mim, que tenho a sorte de conseguir pegar. — Eu só não pensei que seria *tanto*.

Sam toca meu braço.

— Você está bem com nós termos feito isso? Quero dizer, todas nós trouxemos outros vestidos. Só para garantir. É o *seu* dia.

Estou balançando a cabeça antes mesmo dela terminar.

— Não. Eu amo isso. Eu amo vocês.

Isso, como eu sabia que aconteceria, causou um abraço em grupo que fez Harper revirar os olhos. Mas ela ainda envolve um braço em volta de mim, suspirando pesadamente. Acho que o fato de termos feito ela usar dois vestidos de dama de honra em poucos meses está começando a desgastá-la. Ela me dá dois tapinhas na bunda quando nosso grupo se separa. O que, para as atletas, significa boa partida, então acho que para Harpy, é como desejar felicidades.

Zoey bate palmas.

— Você vai se atrasar se não colocarmos seu vestido, D. Adianta.

— Mandona, mandona — Abby diz, estalando a língua. — Isso é influência de Gavin.

— Eu não me importo que mandem em mim, querida. Hoje, preciso de todos os comandos que você puder me dar. Sinto que estou vivendo um sonho.

— Você parece um sonho — diz Sam.

O vestido mágico se ajusta perfeitamente ao redor das minhas curvas enquanto Zoey o fecha. Eu tenho meu cabelo feito, meio preso com ondas caindo soltas pelas minhas costas, e minha maquiagem está finalizada. Eu só preciso do véu e estarei pronta.

Risque isso, eu penso, enquanto Sam me ajuda a prender o véu no lugar. Estarei pronta quando chegar ao altar e estiver ao lado do meu não-mais-falso noivo.

Thayden

Estou andando pela suíte, pronto para continuar assim quando mamãe bate na porta e enfia a cabeça dentro do quarto. Estou aliviado por pelo menos uma pequena distração. Eu odeio esperar. Especialmente hoje. Devíamos ter planejado um casamento pela manhã.

Se alguém tivesse me dito há dois meses que eu estaria impaciente para caminhar até o altar, eu teria rido até ter um aneurisma.

E, no entanto, aqui estou eu. Me casando mais rápido do que eu sugeriria que alguém se case. Mas eu *sei* que é certo.

— Você está linda, mãe — eu digo, dando-lhe um abraço. Ela realmente está e, por um momento, fico triste, pensando nela sozinha, sentindo falta do meu pai. Por que ela o amava,

eu não posso dizer o mesmo, mas ela amava, e eu odeio que ela esteja sozinha agora.

Gavin e Chase acenam enquanto Scott sorri do sofá, ainda parecendo um pouco chocado por eu ter pedido a ele para estar aqui. Quase tão chocado quanto quando pedi a ele para deixar a Firma Walker e começar de novo comigo. Mas ele estava bastante ansioso para fazer as duas coisas.

Os olhos da mamãe brilham quando ela dá uma olhada em mim.

— Eu real e verdadeiramente não sabia se viveria para ver este dia, Thayden Walker. Estou tão feliz que eu vivi. Ela parece incrível. Se prepare. — Ela chama Gavin e Chase. — Estejam prontos para levantá-lo do chão, meninos.

— Sim, senhora — Gavin diz com um sorriso de quem conhece o sentimento.

O sorriso de mamãe cresce.

— Eu tenho algo para você. Eu tenho guardado isso há um tempo.

Revirando em sua bolsa, ela tira um envelope. Reconheço a caligrafia do meu pai do lado de fora e meu estômago dá uma guinada. A sensação é breve, e então estou firme novamente.

— O que é isto?

Mamãe está lutando contra as lágrimas, uma batalha perdida.

— Ele me fez prometer te dar isso no dia do seu casamento. — Ela pressiona o envelope contra o meu peito.

Uma carta do meu pai. Penso em todos os envelopes que enfiei debaixo da porta ontem à noite, nas cartas que gostaria que ele tivesse escrito.

Aqui está uma real, dele, e não sinto o que imaginei que sentiria. Estou curioso, mas meus sentimentos são em grande parte abaixo do esperado. Sobretudo, eu sofro por mamãe, pelo quanto ela investiu nele.

Ela me beija na bochecha.

— Vou deixar você com isso. Vejo vocês em alguns minutos, rapazes!

Alguns minutos depois, eu ainda estou lá, quando Gavin bate a mão no meu ombro.

— Está quase na hora. Você precisa ler isso?

— Não tenho certeza se quero.

— Então não leia — diz Gavin. — Se for dele, isso tornará o dia de hoje melhor ou pior?

Eu penso sobre isso por um momento, então percebo algo que me assusta.

— Não vai importar. — Enfio o envelope em uma das minhas malas. — Não importa nem um pouco.

Ou meu pai escreveu uma carta sincera de amor e arrependimento ou um grande "eu avisei". Aposto o meu dinheiro no segundo. E pela primeira vez na minha vida, não me importo com sua rejeição nem preciso de sua aprovação. O que quer que meu pai tenha dito pode esperar.

Vou me casar com o amor da minha vida. Isso é tudo que importa.

E de repente, as horas que passaram lentamente antes do casamento se transformam em rápidos momentos. Chegou a hora de pegar o elevador até o terraço e eu tomo meu lugar na frente, hoje com Gavin de pé comigo. Não sei por que fizemos a mudança e, francamente, não me importo. Eu só preciso de Delilah.

Gavin se inclina atrás de mim.

— Respire. Apenas respire, amigo.

Eu não estou respirando? Eu sinto que estou respirando. Talvez eu dev...

Todos os pensamentos desaparecem. Delilah está no final do corredor, tão linda que preciso de todo o meu autocontrole para não correr até ela. Não consigo desviar o olhar enquanto ela desliza em minha direção como uma espécie de sonho.

Seu sorriso quebra um pedaço do meu coração. Estou estendendo ele para ela, sem saber por que ela iria querer uma oferta tão baixa, mas ela ainda está vindo em minha direção. E, então, ela está aqui, de pé, diante de mim, sorrindo.

— Você deveria pegar a minha mão, tigrão. — Seu sorriso é aquele que eu mais amo nela, aquele que ela usa quando está me dando trabalho.

— Oh! — Eu me aproximo e o Sr. Abramson, seu pai substituto, aperta a minha mão, inclinando-se antes de soltar.

— Ela pode não ser minha filha, mas a machuque e eu vou me certificar de que você conheça a minha espingarda.

Gavin sufoca uma risada atrás de mim. Aposto que ele recebeu uma ameaça semelhante quando se casou com Zoey.

Eu pego a mão de Delilah, sentindo que finalmente achei meu lugar. Palavras são ditas, votos são trocados e, apesar de tudo, mantenho meus olhos nos dela. À luz do sol, enquanto usa um vestido de noiva e segura minha mão, seus olhos são do azul mais brilhante de todos.

Eu não quero apagar nem um momento disso e espero que cada segundo fique na minha memória para sempre. E, no entanto, estou impaciente e ansioso pelo momento perto do final em que vou beijá-la.

O pastor sorri com o meu anseio.

— Agora você pode beijar sua noiva.

Não há hesitação. Sem contenção. Ok, tudo bem, um pouquinho de contenção, só porque temos uma audiência. Segurando a cabeça de Delilah, eu a inclino para trás levemente, minha outra mão deslizando para trás para segurar sua cintura. Ela é minha. E, como prometi, vou amá-la, respeitá-la e honrá-la, deste momento até meu último suspiro.

Meus lábios se movem contra os dela, transmitindo meus sentimentos o máximo que posso sem me envergonhar na frente de nossos convidados. Minha *mãe* está assistindo.

Ela também está assobiando por entre os dedos quando eu finalmente quebro o beijo. Do seu lugar ao lado dela, até o Sr. Abramson abre um sorriso.

Nossos amigos gritam e aplaudem e, mesmo enquanto estamos sorrindo, eu me esforço para beijá-la novamente.

— Eu te amo, Sra. Walker — eu digo entre beijos.

— E eu te amo, Sr. Walker. Agora, vamos sair daqui. Quanto mais cedo terminarmos com este casamento, mais cedo poderei fazer o que quero com você.

Ainda estou rindo enquanto caminhamos de volta pelo corredor, nossos amigos e familiares aplaudindo. Eu não afrouxo nem um pouco o meu aperto sobre ela e não pretendo fazer isso tão cedo. Tenho tudo o que nunca soube que queria e tudo o que preciso. Bem aqui. Com *ela*.

Epílogo

Delilah

No momento em que chegamos ao nosso quarto de hotel, deixamos nossas toalhas e bolsa de praia caírem e Thayden desliza os braços em volta da minha cintura. Seu peito e braços ainda estão úmidos e ele cheira ao oceano. Sinto o grão de areia roçando contra a minha pele. Ele beija o ponto bem abaixo da minha orelha e eu estremeço.

— Olá, esposa — diz ele em seu grunhido habitual. O efeito em mim é o mesmo de sempre: meu corpo entra em erupção.

— Sim, marido?

— Eu te amo.

— Eu *te amo*.

Quando ele me gira, seus olhos verdes estão escuros, mas iluminados com diversão.

— Preciso tomar banho. Tenho areia em partes que não devem ser mencionadas.

Eu rio quando seus lábios se fecham nos meus.

— Elas ainda não são mencionadas se você as mencionar chamando-as de partes que não devem ser mencionadas?

— Hmm — ele diz contra meus lábios, me beijando de novo e de novo até que minhas pernas estão bambas. — Uma

questão que vale a pena considerar. — Seus olhos brilham. — Espere! Eu tenho que te dar seu presente de aniversário!

— Thayden — eu chamo enquanto ele vasculha sua mala no grande closet da suíte. — Você não precisava fazer isso! Esta viagem foi um presente e tanto.

— Silêncio, você — diz ele, voltando não com uma sacola de presente, mas com um envelope pardo e um sorriso largo. — Não é um presente tradicional. — Ele o aperta contra o peito, como se não fosse dar para mim.

Eu estendo a mão.

— Me dê.

— Eu pensei que você disse que eu não precisava fazer isso — ele brinca.

— Thayden Maldito Walker! — Ele adora quando eu ajo como se *maldito* fosse o nome do meio dele. Especialmente depois que contei a ele sobre todos os nomes que costumava usar na minha cabeça para ele. Embora ele não gostasse muito de Lúcifer.

Thayden ri, o que era a minha intenção, porque eu arranco a pasta de suas mãos, já começando a abrir o fecho. Eu pego uma pilha de papéis e gemo.

— Achei que tínhamos dito que não haveria mais contratos!

Lentamente, ele balança a cabeça, agora parecendo nervoso de repente.

— Olhe direito.

Eu olho, e a respiração deixa meus pulmões com uma longa expiração.

— São inscrições — eu sussurro.

— Para todas as faculdades que eu pensei que você gostaria de aplicar para o seu doutorado.

Eu olho para ele, meus olhos arregalados em choque.

— Mas, nenhuma delas é em Austin. Não são nem mesmo no Texas!

Thayden balança para trás nos calcanhares, de alguma forma parecendo tanto nervoso quanto satisfeito consigo mesmo.

— Eu vou aonde você quiser ir, D. Eu posso advogar em qualquer lugar. Desde que eu esteja com você.

As inscrições caem no chão enquanto eu envolvo meus braços ao redor dele, apertando-o em um abraço esmagador.

— Obrigada — eu sussurro contra seu pescoço. — Obrigada. É o melhor presente de aniversário de todos os tempos.

Thayden me afasta de seu corpo e dá um último beijo na minha bochecha

— Agora, ligue para suas amigas! Você tem um intervalo de dez minutos até que as coisas possam ficar muito interessantes para os olhos e ouvidos delas — ele brinca.

Eu rio e jogo um chinelo nele, mas ele apenas corre para dentro do banheiro. Ouço o chuveiro sendo ligado.

Empilhando as inscrições ordenadamente, eu as deslizo de volta no envelope, sentindo um calor que vai das pontas do meu cabelo até as solas dos meus pés. Thayden Maldito Walker me *ama*. Muito. Eu sou a garota mais sortuda do mundo!

Eu ligo para Sam. As meninas estão almoçando hoje no novo apartamento onde Sam, Abby e Harper moram. É meu aniversário e eu prometi a elas antes de viajar que ligaria.

Eu sou ridícula por sentir falta das minhas melhores amigas a ponto de conversar por chamada de vídeo na minha lua de mel? Pode ser. Mas eu não me importo. Uma coisa que eu percebi no casamento é que elas não são apenas amigas. Elas são *família*.

— Feliz Aniversário! — Elas gritam em uníssono assim que a chamada de vídeo é conectada.

Abby abre caminho na frente da câmera, me dando uma visão aproximada e pessoal de suas narinas.

— Como está sendo a sua primeira viagem de férias de verdade? Thayden está realmente mimando você? Se não estiver, me conte e eu irei aí causar algum dano.

— Estou sendo mais do que devidamente mimada. Gente! Eles nos servem bebidas na praia! Em abacaxis! Ganhei uma massagem em uma cabana!

— Aposto que não é tudo que você ganhou em uma cabana! — Abby grita. Mesmo fora de vista, ela é, de alguma forma, a mais presente em qualquer sala.

— Eu não vou confirmar nem negar tais alegações — eu digo, esperando que o rubor não seja evidente em minhas bochechas.

— Confirmado! — Thayden grita do chuveiro.

— THAYDEN! — eu grito.

As meninas estão morrendo de rir e eu tenho que largar o telefone para abanar minhas bochechas. Quando eu o pego de volta, dou-lhes o meu olhar mais feroz. Posso ficar em terceiro lugar atrás de Zoey e Harper quando se trata de olhares desagradáveis, mas o meu faz o seu trabalho.

— Eu vou desligar se vocês não me prometerem que vão deixar esse assunto para lá. Agora, como está Apollo?

Embora Elizabeth esteja cuidando dele, Harper e as outras se ofereceram para levá-lo para passear ou ao parque dos cães.

— Seu primogênito está bem! — Harper grita. — Não tenho certeza se ele sente a sua falta. Ele pode precisar vir morar comigo.

— Sem chance. — Ouço o chuveiro sendo desligado, o que significa que é a minha vez. Queríamos chegar em um happy hour em vinte minutos.

— Eu tenho que ir, senhoritas. Só quero agradecer a vocês novamente por tudo. Estou com saudades e amo vocês!

Sam me manda um beijo, Zoey acena, e Harper reaparece um pouco antes de eu desligar o telefone.

Bem a tempo também, quando Thayden grita:

— Ei, D? O que é essa coisa de fita adesiva... ah! Tem um rabinho de coelho! Ahhh, Delilah! — Sua voz assume um tom cantante.

Acho que podemos esquecer o happy hour. Pelo menos, o happy hour em público. Rindo, eu corro para o chuveiro. Porque eu também preciso tirar a areia das minhas partes que não devem ser mencionadas.

Harper

Levamos um pouco de tempo para percebermos que Delilah não desligou a chamada de vídeo. A voz de Thayden soa ao telefone.

— Ei, D? O que é essa coisa de fita adesiva... ah! Tem um rabinho de coelho! Ahhh, Delilah!

Sam deixa o telefone cair e grita.

— Ela não desligou! Ela não desligou!

Zoey pega o telefone e termina a ligação enquanto Abby aplaude.

— Eba! Ela está usando a minha lingerie de fita adesiva! Talvez eu devesse começar uma linha de roupa com fita adesiva.

Eu gemo.

— Chega de conversa sobre lingerie.

— Roupa esportiva com fita adesiva?

— Você tem alguma ideia de quanto ela ficaria suada? — Eu pergunto. — Impossível. A fita adesiva teve seu dia com as carteiras e outras coisas. Desapega, Abs.

— Tudo volta — argumenta Abby. — As calças boca de sino se tornaram jeans flare. Leggings eram sucesso no início dos anos 90 e agora são novamente. Gargantilhas! Macacão!

Deixo Zoey pegar os pedaços dessa discussão enquanto começo a preparar uma salada. Eu preciso voltar em meia hora para a academia para uma sessão. Abro a porta ao lado do micro-ondas, ainda esperando ver pratos e tigelas. Mas este é o armário de canecas de café. Não consigo me acostumar com esse apartamento novo e estúpido.

E em breve, serei apenas eu. Uma por uma, minhas amigas se apaixonaram em sequência como efeito dominó.

Eu serei a última mulher de pé. Não é algo que eu me questiono ou até mesmo algo que eu lamento mais. Não, eu me resignei ao meu próprio destino solitário, desde o ensino fundamental. Não vai mudar tão cedo.

Meu telefone vibra e eu o puxo do bolso lateral da minha calça de ginástica.

Chase: estou entediado

Harper: o que há de novo nisso?

Chase: o que você tá fazendo?

Harper: Acabei de desligar uma chamada de vídeo com D.

Chase: ela está ligando da lua de mel??? Acho que não está indo bem.

— Harpy! O que você está fazendo? — Sam pergunta.

Abby faz um som de beijo.

— Enviando mensagens para o *namorado* dela.

— Ele não é meu namorado. — A resposta é automática. Enraizada. Uma resposta muscular involuntária.

Ultimamente, porém, há uma amargura que vem com ela. Como se toda vez que eu digo isso, uma nova parte de mim murcha e morre.

É verdade, no entanto. Eu preciso me agarrar a isso. Chase não é, e nunca poderá ser, o meu namorado. Quanto mais cedo as várias partes do meu corpo receberem esse memorando, melhor. Mas parece que ultimamente elas estão todas se rebelando contra o meu córtex cerebral e o conhecimento muito real de que isso não pode e não vai acontecer.

Harper: Ela parece bronzeada e feliz. E acidentalmente deixou a chamada de vídeo aberta... confie em mim. Está tudo bem. Havia fita adesiva envolvida.

Chase: TMI[10]

Harper: LOL[11]

---

[10] "Too Much Information", muita informação.

[11] "Laugh Out Loud", rindo alto.

Chase: TFS[12]

Harper: VIP[13]

Chase: Eu fiquei sem abreviações de três letras

Harper: BRB[14]

Harper: G2G[15]

Harper: FYI[16]

Harper: IMO[17]

Harper: AMA[18]

Chase: tudo bem, eu vou te perguntar uma coisa. Quer ir jantar?

Faço uma pausa, o telefone de repente parecendo pesado em minhas mãos. A resposta deveria ser fácil. Eu já estou jantando. É a noite das garotas, uma ocasião cada vez mais rara hoje em dia.

Mas não consigo evitar pensar... e se?

E se Chase estivesse me convidando não apenas para jantar, mas para um encontro?

E se eu disser sim?

---

[12] "Thanks For Sharing", obrigado por compartilhar.
[13] "Very Important Person", pessoa muito importante.
[14] "Be Right Back", volto já.
[15] "Got to Go", tenho que ir.
[16] "For Your Information", para a sua informação.
[17] "In My Opinion", na minha opinião.
[18] "Ask Me Anything", me pergunte qualquer coisa.

Harper: Não posso. Vou trabalhar.

Chase: Você trabalha demais.

Harper: Eu sei. Você pode passar lá?

Chase: Talvez.

E assim, meu humor melhora. Era só o que me faltava. Eu não posso esperar por Chase ou desejá-lo. Ele precisa encontrar uma ótima garota que possa sossegar e ter o tipo de vida que eu sei que ele quer. Eu não sou essa garota. Vai me matar quando ele encontrar alguém, mas Chase merece. Então eu vou me afastar e ser apenas aquela garota com quem ele costumava sair. Meu telefone vibra novamente.

Chase: Talvez pudéssemos jantar depois?

Olho para o meu telefone, lembrando da conversa com Delilah antes de seu encontro com Thayden. Aquele que ela continuava chamando de jantar. Isso é um jantar? Ou um encontro?

O que eu quero que seja?

Antes que eu possa responder honestamente à pergunta, eu digito, meu coração batendo forte enquanto faço. É apenas uma palavra, mas parece algo maior.

Sim.

FIM

Uma nota de Emma

Cada livro que escrevo é uma alegria e uma luta. Quem faz valer a pena todo o trabalho são VOCÊS.

Eu realmente quero dizer isso. Sem leitores aparecendo, me mandando mensagens sobre os livros, deixando resenhas – essa seria uma profissão muito vazia.

NÃO ME ENTENDA MAL! Adoro escrever por si só. Mas só parece completo por causa de vocês.

Este livro... bem. Foi uma luta difícil. Eu nunca escrevi um romance de mentira. *(Embora eu tenha tido um no acampamento de verão antes da 8ª série que, assim como nos livros, se tornou real... por uma semana. Tiro o chapéu para você, John Smithdeal. Você teve TALENTO).* Eu me esforcei mais do que imaginava para fazer todo o arranjo falso e as provocações.

Eu AMO Delilah e Thayden e, se você não leu como eles se conheceram em *Falling for Your Boss*, é um encontro ótimo e fofo.

Eu também amo Apollo, que é praticamente baseado em nosso Dogue Alemão, Vader. Ele era o do modelo da capa, embora meu ilustrador (@simplydylandesigns no Instagram) tenha mudado para mim a sua cor para cinza, porque um cachorro

preto gigante não se destaca. Mesmo em fotos, às vezes ele parece um grande borrão.

Para os meus leitores que estão comigo há muito tempo e leram meus outros livros, eu queria fazer uma nota e uma promessa. Meus livros sempre foram (e serão) sem sexo nos capítulos ou na linguagem. É a linha que tracei para mim ao escrever, por minhas próprias razões pessoais.

Dito isso... **a comédia ultrapassa os limites**. Sempre. Limites diferentes dependendo da comédia, mas isso é uma das coisas que a torna eficaz. Nas minhas comédias românticas, eu posso forçar alguns limites.

Eu sempre vou me ater ao que me sinto confortável e vou manter as coisas no papel que estão na minha linha pessoal. Eu mantenho VOCÊS, meus leitores, em mente.

Mas também costumo sentir que algumas coisas podem (e talvez devam) ser discutidas com franqueza ou usadas para aliviar as coisas. Coisas como menstruação, nossos corpos e, às vezes, até sexo.

Eu realmente debati sobre a cena aqui com o reverendo Billy Blanks e fiz com que outras pessoas lessem para obter um feedback. Uma razão pela qual eu queria mantê-la *(além do fato de que ela toda ME fez rir)* foi porque eu acho que é importante para os casais discutirem essas coisas com franqueza. Isso é IMPORTANTE! Especialmente para as

mulheres. Talvez NÃO com um reverendo estranho da internet. E provavelmente NÃO com páginas para colorir.

Então, embora essa cena possa ter ultrapassado alguns dos limites para os leitores acostumados com meus livros ou outros livros na categoria pura e saudável da livraria, fui muito intencional em incluí-la.

Não quero ofender ninguém em meus livros, e sempre vou pensar muito sobre o que está nas páginas. Nossas falas podem não ser as mesmas *(e alguns de vocês podem ter falas que vão muito além das minhas e eu estou feliz que você esteja lendo também!)*, mas eu só queria garantir a você que, embora possamos ter uma "maravilha de um peito", discutir menstruação, ou ter uma página para colorir para adultos, não vou ser explícita. Não estou querendo chocar. Eu sempre serei intencional sobre o que acontece em meus livros com VOCÊS em mente, mesmo que não tenhamos exatamente as mesmas falas.

Muito obrigada por lerem e espero que vocês terminem essa série comigo! *The Twelve Holidays* é um pequeno desvio, seguindo a assistente de Sam, mas você conhecerá Chase melhor no final, e a linha do tempo combinará com o livro *Falling for Your Best Friend*, de Harper e Chase.

Algumas coisas que já aconteceram de verdade e estão no livro:

- Uma vez eu fiquei presa em um vestido em um provador sozinha. Eu saí sem rasgá-lo, mas eu estava uma bagunça, estressada e suada.

- Também fiquei com a perna presa numa bota alta numa sapataria. (#problemasdepanturrilhalarga) Uma funcionária de 16 anos com um rubor nas bochechas teve que me ajudar, a encantadora universitária mais velha. Um gerente acabou tendo que vir e eles literalmente tiveram que arrancar a bota de couro da minha perna com algum tipo de alicate. Felizmente, o zíper ficou preso, então não tive que comprá-las.

- Minha melhor amiga me fez uma lingerie de fita adesiva para o meu casamento. Sem rabinho de coelho. Eu me recusarei a responder se meu marido gostou. Um salve para Ginny!

Além disso, muitas das ideias da Cara Dra. Love vêm de leitores do meu grupo no Facebook. Se você não está lá, você deveria participar! (https:/www.facebook.com/groups/emmastclair) Muito obrigada a Patty, Jaclyn, Brittany, Kathy e Dayna por alguns dos e-mails que estão neste livro!

Ah, e você verá mais do vovô Gosling em um livro futuro...

Boa leitura e obrigada por estar aqui!

— emma

Agradecimentos

UM GRANDE obrigada à melhor equipe de ARC e aos revisores de erros de digitação de todos os tempos! (Além disso, é incrível que eu tenha uma revisora remunerada chamada Judy e duas leitoras ARCs chamadas Judy.)

Obrigada a Ruth, Lisa, Vivian, Lissa, Marsha, Rita, Judy, Jillian, Priscilla, Judy, Devon, Lyn, Sandra e Patty (que deram tanto apoio de tantas maneiras!).

Eu sempre sinto que meus livros fedem até vocês lerem. E vocês têm o melhor feedback de todos os tempos!

Um grande obrigada ao meu primo de segundo grau (acertei?), Walter Yates Boyd, por me falar sobre as coisas jurídicas com relação ao testamento e estipulações. Isso me convenceu a NÃO me aprofundar muito com essa coisa toda. Também apreciei todas as conversas sobre o trabalho que você está fazendo com cinema e teatro! Uma inspiração total.

Obrigada a Aspen, Gigi, Rachel, Patty, Laura e Summer por lerem minha cena do reverendo Billy Blanks e me ajudarem a mantê-la divertida e exagerada sem passar dos limites. Agradeço também ao meu marido, Rob, por me deixar escandalizá-lo constantemente. :)

Obrigada a Judy da Judy's Proofreading por ser minha última linha de defesa contra erros de digitação! Exceto quando eu adiciono capítulos inteiros depois de você conferir... risos.

Amo todos vocês!

— Emma